

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**POLLYANNA HONORATA SILVA**

**NOTÍCIA: A VARIAÇÃO DE UM GÊNERO MEDIADA PELO CONTEXTO**

**UBERLÂNDIA/2016**

POLLYANNA HONORATA SILVA

**NOTÍCIA: A VARIAÇÃO DE UM GÊNERO MEDIADA PELO CONTEXTO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Curso de Doutorado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa 2: Linguagem, texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

**UBERLÂNDIA/2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S586n Silva, Pollyanna Honorata, 1980-  
2016 Notícia : a viação de um gênero mediada pelo contexto / Pollyanna Honorata  
Silva. - 2016.  
265 f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Travaglia.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.  
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Notícias populares (Jornal) - Teses. 3.  
Contexto (Linguística) - Teses. I. Travaglia, Luiz Carlos. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Linguísticos. III. Título.

---

CDU: 801

## **Notícia: a variação de um gênero mediada pelo contexto**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - Curso de Doutorado do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa 2: Linguagem, texto e discurso

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia

**Tese defendida e aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela banca examinadora constituída pelos professores:**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Travaglia – UFU (Orientador)

---

Profa. Dra. Ana Lúcia Tinoco Cabral – UNICSUL

---

Prof. Dr. Acir Mário Karwoski - UFTM

---

Profa. Dra. Maria Aparecida Resende Ottoni – UFU

---

Profa. Dra. Elisete Maria de Carvalho Mesquita – UFU

**À minha mãe**, que desde o início incentivou seus filhos a trilharem o caminho acadêmico,  
que há quatro anos vive e sente as dificuldades e os empecilhos da finalização deste trabalho,  
sem a qual essas páginas não seriam escritas....

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, Cleide e Eurípedes, por não deixarem que eu me esquecesse da ação de Deus em minha vida e não perdesse as forças para prosseguir.

À minha pequena Anna Clara, minha luz e fonte de vida.

A minhas amigas, Lucilene e Ana Cristina, pelo cuidado e carinho incondicionais com minha pequena, nos momentos em que eu não podia estar presente.

Ao professor Luiz Carlos Travaglia, pela orientação de excelência em minha trajetória acadêmica e pela compreensão e apoio diante das dificuldades pessoais enfrentadas durante o curso.

Às professoras Elisete Maria de Carvalho Mesquita e Maria Aparecida Resende Otonni, pelas contribuições ao trabalho desde o projeto e auxílio nas referências bibliográficas.

À professora Simone Hashiguti, pela orientação em área complementar e contribuição para minha formação.

Aos docentes da área de Língua Portuguesa da Escola de Educação Básica da UFU, pelo apoio à diminuição de minha carga horária durante os anos letivos de 2015 e 2016.

Aos funcionários do PPGEL, na figura de Maria Virgínia, pelo apoio e prontidão no auxílio em todas as etapas do curso.

A Carlos Sventickas, por me mostrar o tamanho da minha força.

**RESUMO:** Este trabalho pretende contribuir com os estudos situados na Linguística Textual, no que se refere à descrição e caracterização dos gêneros textuais, definidos a partir da teoria de Travaglia (2007) e Bakhtin (1997). A partir do pressuposto de que os **gêneros variam, já que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1997)**, temos como pergunta básica da pesquisa: por que as notícias, entendidas como um gênero específico, possuem variações em sua composição? Para responder a essa pergunta, tomamos como *corpus* analítico notícias do jornal a *Folha de S. Paulo*, integrantes dos cadernos que constituem esse jornal. Quando necessário, com a finalidade de comparação de contextos, analisamos também notícias de outros jornais. Temos como objetivos da pesquisa: verificar a relação entre as notícias e o contexto de interação em que estão inseridos jornalistas e leitores/público-alvo; analisar a relação entre o contexto e as variações estruturais (superestrutura e outros aspectos), linguísticas e de outras naturezas que acontecem no gênero notícia, buscando sua relação com o(s) contexto(s); analisar as categorias de superestrutura do gênero notícia que estão presentes no *corpus*, relacionando a presença de variação dessas categorias às categorias de contexto constantes do referencial teórico adotado; verificar quais categorias do contexto são mais relevantes na composição da notícia e nas suas variações. Assumimos a hipótese de que a variação da notícia ocorre em decorrência do contexto, entendido como um modelo de contexto, conforme teoria sociocognitiva proposta por Van Dijk (2012). Segundo o autor, a situação social em sua totalidade não corresponde ao contexto de comunicação, o qual é entendido como um modelo mental constituído por categorias que expressam os aspectos mais relevantes da situação social para a produção e compreensão do discurso. Essa definição de contexto integra elementos cognitivos, como os modelos mentais subjetivos; e sociais, os quais correspondem ao conhecimento cultural adquirido pelos interlocutores no convívio social. Nessa perspectiva, Van Dijk (2012) propõe como categorias contextuais básicas do modelo de contexto: 1. Ambiente, 2. Eu-mesmo, 3. Participantes e 4. Ações/Eventos. A categoria Eu-mesmo é central, pois refere-se ao produtor do discurso, com suas ideologias, objetivos e intenções comunicativas, elementos responsáveis por grande parte das variações do discurso. Em nossos resultados, mostramos que as categorias que influenciam a variação da notícia são: Eu-mesmo, como os objetivos do jornalista no nível micro, e Ambiente, também no nível micro, sendo esta última responsável pela definição do conteúdo temático (BAKHTIN, 1997, e TRAVAGLIA, 2007), principalmente, das notícias dos cadernos de *Turismo*. Em termos de variação nos elementos de superfície linguística e estrutura composicional (TRAVAGLIA, 2007), temos como principais resultados: a notícia torna-se predominantemente descritiva ou dissertativo-argumentativa (e não narrativa), quando o objetivo do Eu-mesmo no nível micro é vender o objeto noticiado, e não divulgar um acontecimento à população. Além disso, quanto mais relevante no modelo de contexto é o objetivo de vender, as categorias de superestrutura textual que mais aparecem são Comentários e Detalhes do Evento Principal (EP), o que nos mostra uma configuração de notícia bastante atípica, já que a notícia prototípica inicia-se com o *Lead*, seguido de Background, e geralmente apresenta poucos comentários. Além do objetivo de vender, mostramos na análise outros objetivos relacionados à categoria Eu-mesmo que influenciam variações na composição da notícia, a saber: de orientar/aconselhar; de marcar um lugar ideológico; de comentar um evento cultural e de comentar um evento esportivo. Mostramos também, em nossa análise, como muitas variações na notícia estão relacionadas à lógica de mercado e à submissão do Jornalismo aos interesses do capital, conforme aponta Marshall (2005).

**PALAVRAS-CHAVE:** Notícia; Contexto; Variação.

**ABSTRACT:** This paper aims to contribute to the studies located in Textual Linguistics, regarding the description and characterization of genres, defined by Travaglia (2007) and Bakhtin (1997)'s theory. From the assumption that genres vary, since they are "relatively stable types of utterances" (BAKHTIN, 1997), we have the basic research question: why is that the news, understood as a specific textual genre, have variations in their composition? To answer this question, we take as an analytical *corpus* the newspaper *Folha de S. Paulo*'s news. When necessary, for the purpose of comparison contexts we also analyze other newspapers. We have as goals of the research: to verify the relationship between the news and the context of interaction in which journalists and readers / audience are inserted; to analyze the relationship between the context and structural variations (superstructure and other aspects), linguistic and other kinds which can be found in the news, seeking its relationship with the (s) context (s); to analyze the categories of superstructure in the *news* which are present in the *corpus*, relating the presence of variation in these categories to the categories of theoretical framework adopted in the context; to check in which context categories are more relevant in the composition of news and its variations. We take the assumption that the variation of news occurs due to context, understood as a context model, as sociocognitive theory proposed by Van Dijk (2012). According to the author, the social situation in its totality does not correspond to the communication context, which is understood as a mental model that consists of categories that express the most important aspects of the social situation for the production and comprehension of speech. This definition of context integrates cognitive elements such as subjective mental models; and social, which correspond to the cultural knowledge acquired by partners in social interaction. In this perspective, Van Dijk (2012) proposes as basic contextual categories of context model: 1. Environment 2. I-myself, 3. Participants 4. Actions / Events. The category I-myself it is central, because it refers to the producer of the speech, with their ideologies, objectives and communicative intentions, elements responsible for much of the variations of speech. Our results show that the categories that influence the variation in the news are: I-myself, as the journalist's goals at the micro level, and the environment, also at the micro level, the latter being responsible for defining the thematic content (BAKHTIN, 1997 and TRAVAGLIA, 2007b), mainly from the news of *Tourism* folder. In terms of variation in the elements of linguistic surface and compositional structure (TRAVAGLIA, 2007b), we have as main results: the news becomes predominantly descriptive or argumentative, argumentative (not narrative) when the purpose of the I-myself even at the micro level, it is to sell the reported object, not disclose an event to the population. Additionally, the more relevant in the context model is the goal of selling the categories of textual superstructure that appear the most are *Comments* and *Details of Main Event*, which shows a rather atypical news configuration, since the news prototypical starts with the *Lead*, followed by background, and usually shows few comments. Besides the purpose of selling, the analysis showed other objectives related to the category – I-myself influencing variations in the composition of news, namely: to guide / advise; to schedule an ideological place; to comment on a cultural event and comment on a sporting event. We also show in our analysis that many variations in the news are related to market logic and submission of Journalism to the interests of capital, as shown by Marshall (2005).

**KEY-WORDS:** News; Context; Variation.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	10
<b>2. Gêneros Textuais - delimitando a abordagem de gênero da pesquisa</b> .....	20
2.1 <b>Elementos caracterizadores dos gêneros textuais</b> .....	24
2.2 Conceito do gênero notícia .....	46
<b>3. Contexto: uma abordagem sociocognitiva</b> .....	65
3.1 <b>Categorias Contextuais</b> .....	78
3.1.1 Ambiente .....	79
3.1.2 Participantes .....	82
3.1.3 Eu-Mesmo .....	83
3.1.4 Ações/Eventos .....	85
3.2 <b>As categorias contextuais e suas relações</b> .....	88
3.3 <b>Conhecimento e modelo de contexto</b> .....	90
3.4 <b>O processamento dos modelos de contexto</b> .....	93
3.5 <b>Contexto e variação</b> .....	96
<b>4. Argumentação, Publicidade e Notícia</b> .....	99
4.1 <b>Argumentos quase lógicos</b> .....	105
4.2 <b>Argumentos fundamentados na estrutura da realidade</b> .....	109
4.3 <b>Argumentos fundadores da realidade</b> .....	111
<b>5. Metodologia</b> .....	113

<b>6. Variações da notícia</b> .....	119
6.1 Variação em decorrência da categoria Eu-mesmo – Objetivos.....	122
6.1.1 Variação em decorrência do objetivo de vender.....	123
6.1.2 Variação em decorrência do objetivo de aconselhar/orientar .....	140
6.1.3 Variação em decorrência do objetivo de comentar um evento cultural .....	167
6.1.4 Variação em decorrência do objetivo de comentar um evento esportivo.....	179
6.2 Variação em decorrência da categoria Eu-mesmo – lugar ideológico .....	194
6.3 Variação em decorrência da categoria Ambiente.....	213
<b>7. As variações e suas relações</b> .....	223
<b>8. Considerações Finais</b> .....	231
<b>9. Bibliografia</b> .....	234
<b>ANEXOS</b> .....	238

## 1. INTRODUÇÃO

Situada no campo teórico da Linguística Textual, essa pesquisa assume, primeiramente, uma concepção de língua e linguagem pautada no uso e não na abstração de um sistema e regras. Assumimos, portanto que

[...] a verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação verbal constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem (BAKHTIN, 2004, p. 123).

Essa concepção dialógica da linguagem, fundamentada no processo de interação verbal, implica não considerarmos o texto como um depósito de significados prontos a serem decodificados, ou como uma mera expressão individual de uma informação. Adotar essa concepção significa que vemos o texto na perspectiva de gêneros, exercendo uma função na sociedade, num determinado momento histórico e estabelecendo a interação entre os interlocutores. Significa ainda que os gêneros são mais que sentenças linguísticas, são reflexos das esferas de atividades da qual fazem parte, e possuem uma função social, conforme abordaremos no referencial teórico.

Sob essa ótica de análise, desenvolvemos uma pesquisa em que analisamos como o gênero notícia se configura dentro da esfera de atividade social da qual faz parte, evidenciando os aspectos contextuais que influenciam, principalmente, a superestrutura textual, assim como outros aspectos constitutivos da notícia – como seu conteúdo temático e os elementos da superfície linguística. Para isso, analisamos notícias do jornal *A Folha de S. Paulo*, presentes em seus diferentes cadernos constituintes: *Poder, Mundo, Ilustrada, Esporte, Tec, Turismo, Saúde, Cotidiano, Mercado e Infovest*.

Com essa pesquisa, procuramos mostrar, a partir da língua em funcionamento na esfera jornalística, a dinâmica e a instabilidade do gênero, apontando de que maneira o contexto influencia a constituição das notícias, principalmente a estrutura composicional, o estilo verbal e o conteúdo temático.

Esse trabalho **justifica-se**, além de seus objetivos, pela necessidade e relevância de um estudo situado na Linguística Textual que estabeleça uma relação entre o tão comentado contexto e o co-texto, na constituição do gênero. De acordo com Koch (2002):

Há um consenso relativo sobre o fato de que, sob a noção de contexto, se oculta a hipótese de que nenhuma análise linguística, de qualquer ordem que seja, pode ser feita sem levar em conta ou fazer intervir, em algum momento, elementos exteriores aos dados ou fatos linguísticos analisados. Isto é, de que é possível considerar as unidades linguísticas isoladamente, mas que tal análise é insuficiente e que é preciso levar em conta outra coisa do exterior, isto é, o contexto. Isto significa fazer uma análise dos elementos não de forma isolada, mas em agrupamentos, em combinação, em funcionamento com outros elementos (KOCH, 2002, p. 25).

Esse elemento extralinguístico começou a ser evidenciado com a influência da Pragmática nos estudos do texto, o que se deu, segundo Fávero e Koch (1988), na terceira fase/momento dos estudos textuais.

Segundo as autoras, podemos enumerar três momentos na Linguística Textual. No primeiro, ainda encontramos a análise do texto visto como um conjunto de enunciados ou sequências de enunciados e não há a tomada do texto como unidade de análise e ponto de partida das pesquisas. No segundo momento, ocorre a construção das gramáticas textuais, quando foram estabelecidas as tarefas: a) verificar os princípios de textualidade, b) definir critérios de delimitação de textos; e c) diferenciar vários tipos de textos. No terceiro momento, a Pragmática é inserida nas pesquisas referentes ao texto. Torna-se necessário, então, o conhecimento das condições de produção, recepção e interpretação do texto.

Situando-se nesse terceiro momento, essa pesquisa procura mostrar os fatores sociais como elementos de textualidade, estabelecendo uma relação entre os elementos linguísticos ou marcas textuais e os elementos contextuais. Além disso, procuramos evidenciar quais elementos/categorias do contexto influenciam, de fato, na composição do gênero em estudo.

Outra **justificativa** de nosso trabalho está relacionada à escassez de estudos que abordem os gêneros presentes no jornal sob uma perspectiva da composição desses gêneros, relacionando seus elementos linguísticos e contextuais de textualidade. O que podemos perceber é que alguns estudos da área de Comunicação, como os de Melo (1992) e Medina, J. (2001) **dão relevância apenas aos aspectos que estão “fora” das marcas textuais.**

Isso ocorre, principalmente, devido ao objetivo primordial dos profissionais de jornalismo, que é atingir o leitor. Segundo Medina, J.<sup>1</sup>

A classificação dos gêneros decorre das necessidades e das exigências dos leitores e, ao mesmo tempo, da organização e do desenvolvimento das empresas jornalísticas (não esqueçamos que, até bem pouco tempo, o jornalismo era considerado um gênero literário) (MEDINA, J., 2001, p.51).

Desse modo, os jornalistas fazem uma análise dos gêneros do jornal levando em conta o tipo de leitor a que se destinam e o objetivo imediato do texto (entretenimento, informação, opinião, divulgação etc).

A maneira como alguns teóricos da Comunicação classificam os gêneros do jornal nos mostra a ausência de critérios que relacionam os elementos linguístico-composicionais aos elementos contextuais. Segundo Coimbra (1993, p. 9), os estudos sobre o jornal valorizam “apenas a sua primeira face. Isto parece natural dada a natureza essencialmente política (voltada para a *polis*) da atividade jornalística, dentro da qual o texto – como o som ou a imagem – é um instrumento”.

Haveria ainda uma segunda face do texto que se refere ao pressuposto seguido pelo autor de que existe uma dupla face no texto escrito: a primeira está relacionada ao contexto extraverbal, já a segunda refere-se à sua estrutura interna.

Na análise de textos teóricos do jornalismo, Bonini (2003) destaca alguns autores e afirma que, em todos eles, embora em alguns haja a referência a um conceito de gênero (como o proposto por Bakhtin), não há a discussão e análise do termo. Além disso, os famosos manuais de redação e estilo produzidos por jornais pouco nos mostram a composição dos gêneros. Como afirma o autor,

Os manuais de ensino de jornalismo, portanto, pouco podem nos informar sobre os vários gêneros que compõem o jornal, pois esta discussão não é feita, o conceito de gênero é empregado de modo intuitivo e a variedade abordada é pequena e sempre restrita aos textos mais típicos no meio (BONINI, 2003, p.7).

Desse modo, apesar das grandes contribuições das pesquisas em Comunicação sobre os gêneros jornalísticos, estas pesquisas não abordam a notícia como um gênero textual, apontando seus elementos constituintes, bem como as relações desses elementos e seu contexto de produção.

---

<sup>1</sup> Há dois autores: C. Medina e J. Medina, por esta razão estamos colocando a letra do nome para distinguir.

Assumimos o pressuposto de que a notícia, como qualquer gênero textual, possui uma variabilidade, ou seja, apesar de apresentar uma composição mais ou menos fixa e pré-determinada, nem sempre se **realiza da mesma maneira, haja vista o caráter “relativamente estável”** (Bakhtin, 1997) dos gêneros textuais.

Algumas notícias dos cadernos culturais, de esporte e de tecnologia, por exemplo, às vezes não possuem o *Lead*, e as informações sobre *o quê, quem, quando, onde, como e por quê?* não são as mais importantes. Isso ocorre porque o mais relevante pode ser comentar a constituição artística de uma peça teatral, comentar a atuação de um jogador ou comentar a viabilidade do lançamento de um aparelho tecnológico. No anexo 1, por exemplo, em uma notícia de tema cultural (“Guerra e ansiedade afligem personagens de ‘Mad Men’”), do caderno *Ilustrada*, não há *Lead* e a primeira categoria da superestrutura realizada é o Comentário.

Já as notícias dos temas de política e economia, por exemplo, possuem uma estrutura composicional mais prototípica, ou seja, desenvolvem a maioria das categorias da superestrutura da notícia, propostas por Van Dijk (1986), na ordem de relevância postulada por esse autor.

A análise das notícias que não tratam de tema político/econômico nos mostra a fragilidade de alguns conceitos que são vistos na sociedade como bem definidos e isentos de questionamentos. O conceito de notícia parece simples e bem delimitado para a maioria dos usuários da língua e também para muitos linguistas e outros estudiosos; porém, quando de fato olhamos para as características que identificam ou que deveriam identificar esse gênero, surgem várias questões e dúvidas quanto à inserção ou não de certos textos na categoria de notícia.

Desse modo, nosso pressuposto é que existem notícias que não são constituídas de maneira prototípica, mas apresentam outras formas de realização da notícia, conforme abordamos em nossa dissertação de Mestrado (Cf. Silva, 2007), quando as chamamos de **“faces” da notícia**, que são: 1. Sub-retranca, 2. Chamada, 3. Frases, 4. Notas e *Fait-divers*, 5. Memorial e 6. Texto-legenda.

A **Sub-retranca** (anexo 2 – **“Golpista mentiu para os próprios advogados”**) é uma notícia relacionada a uma notícia principal, da qual realiza uma categoria específica como Background ou Comentário<sup>2</sup>, geralmente em uma configuração específica, como o formato *Box* e a presença de título. Essa definição se confirma em Van Dijk (1986), que postula a

---

<sup>2</sup> Background e Comentário são categorias da superestrutura da notícia, dentre outras, conforme abordaremos no capítulo 2.

existência de um texto que realiza categorias de outro texto noticioso, como o Editorial, que, segundo o autor, é responsável pela categoria de Comentários, inserindo as expectativas e avaliações do jornal a respeito de um ou mais eventos.

Segundo Leandro Marshall (2003), teórico da Comunicação, o jornalismo pós-moderno incorporou várias técnicas de produção e organização do jornal que estão relacionadas à linguagem audiovisual, em que predomina o uso da imagem. Segundo o autor,

O jornal impresso transforma-se em nossa época em um festival de signos e ícones, buscando atrair e estimular a atenção dos consumidores. A técnica é simples: quanto mais o jornal for parecido com um videoclipe, maior a eficácia do produto. Assim, as notícias viram fragmentos, entremeados de fotos, infográficos, tabelas, olhos, linhas de apoio, ilustrações, **retrancas** etc (MARSHALL, 2003, p. 49 – grifo nosso).

A Sub-retranca, ou retranca como nomeia Marshall (2003), funciona como uma estratégia de fragmentação da notícia, técnica que está relacionada à mercantilização do jornalismo, conforme abordaremos no capítulo 4. Como desenvolve uma categoria específica da notícia à qual está vinculada, a Sub-retranca possui o mesmo fato principal da notícia a que se relaciona.

A **Chamada** (anexo 3 – “**Mulher de preso é sequestrada**”) é uma notícia curta, que aparece geralmente na capa ou página 1 do jornal e que alerta os leitores sobre os principais textos do jornal, fazendo referência a tudo aquilo que o editor da página 1 ou da capa dos cadernos considera ser importante e merecedor de destaque.

As Chamadas são

[...] uma espécie de notícia porque relatam, embora resumidamente, um fato/acontecimento, além de atenderem aos outros critérios de definição de notícia; diferenciando-se da *notícia-típica* pela sua localização (sempre nas capas das revistas, dos jornais ou dos cadernos destes), pela presença de imagem (embora não em todos os casos) e por conter a indicação, ao final, da localização da notícia anunciada. Pelo fato de terem também a função de chamar a atenção do leitor para vários fatos e acontecimentos, as chamadas são bastante breves e, geralmente, são constituídas de um título ou manchete (com menos recorrência há uma Linha Fina e/ou Chapéu) (SILVA, 2007, p.126).

Esse tipo de notícia pode ser bastante breve (apenas com Manchete e Evento Principal), como mais elaborada (com Manchete, Linha Fina, Evento Principal, Detalhes do Evento Principal, Evento Secundário, Comentário e Consequência).

Sobre a variação de notícia que denominamos de **Frases** (anexo 4), referem-se a citações entre aspas sobre um determinado assunto, seguida do nome, idade e profissão de quem proferiu e, às vezes, um pequeno comentário sobre a situação em que a frase foi emitida.

Consideramos essas frases uma espécie de notícia indireta porque, em vez de o jornalista registrar a fala de alguém com discurso indireto, ele a escreve na íntegra, em discurso direto, o que revela um descompromisso do jornal com o conteúdo veiculado. O que difere as Frases das notícias típicas é

**a presença de um discurso direto, como se o “jornalista-narrador”, em seu relato, abrisse dois pontos antes da frase, que inclusive aparece sempre entre aspas. Desse modo, a macroproposição semântica narrativa que expressa o EP<sup>3</sup> de um frase será sempre um discurso indireto, pois a elaboração do resumo dessa espécie de notícia corresponde a “dizer” o que alguém disse.**  
(SILVA, 2007, p. 129).

Quanto à estrutura composicional, propusemos que essa variação da notícia possui uma superestrutura composta pelas seguintes categorias:

1. **Comentário 1 (obrigatória)** – em que uma pessoa de destaque faz um pronunciamento, que aparece entre aspas.
2. **Situação (obrigatória)** – há uma descrição de quem pronunciou a frase, com nome, profissão, idade, local de nascimento e circunstâncias de produção da frase.
3. **Comentário 2 (pode aparecer ou não)** – o jornalista faz um comentário a respeito da fala da categoria 1.

Outra variação que propusemos em nossa dissertação de Mestrado foi o que chamamos de **Notas** e **Fait-divers** (Anexos 5 e 6). Estes referem-se a pequenas notícias que dão a conhecer um fato/acontecimento um pouco fútil, em confronto com fatos vistos como importantes por dizerem respeito às diretrizes políticas de uma determinada região ou à economia do país.

As **Notas** são pequenas notícias, publicadas em seções específicas (de jornais e revistas) e com títulos ou subtítulos, que possuem um conteúdo que expressa o relato de um

---

<sup>3</sup> A sigla EP é abreviação de Evento Principal, uma categoria da superestrutura da notícia, conforme explicaremos no capítulo 2.

fato/acometimento político ou econômico, por exemplo, e não uma curiosidade ou uma futilidade.

Embora tenhamos constatado a regularidade das Notas e dos *Fait-divers* em seções e cadernos específicos, esses textos não possuem um lugar de ocorrência muito fixo, pois podem ser editados em qualquer caderno de um jornal ou em qualquer espaço das revistas. Quanto à superestrutura, esses textos têm sempre uma Manchete ou título (às vezes um subtítulo) e, geralmente, realizam as categorias de *Lead* e Evento Principal.

Assim como a Sub-retranca, os *Fait-divers*, segundo Marshall (2003), também estão relacionados à submissão do jornalismo pós-moderno à lógica de mercado, o que leva à desvalorização da informação, a qual é tratada como uma mercadoria. O autor afirma que

Os *fait-divers* contemporâneos levam à neutralidade da informação, à apatia cívica e moral dos cidadãos. A crítica e as reportagens que promovem a reflexão e a consciência dão lugar a banalidades e mexericos com maior potencial de mercado. Num fenômeno silencioso, a sociedade perde paulatinamente a capacidade de indignação e protesto diante das anormalidades da realidade (MARSHALL, 2003, p. 49).

Outra variação de notícia refere-se ao que denominamos de **Memorial**: a publicação de notícias antigas, datadas de cinquenta anos atrás ou de um século. Esses textos têm a função de rememorar fatos que marcaram uma determinada época, em um determinado local. Essa variação da notícia possui um espaço específico de publicação e trata-se de notícias antigas que são publicadas novamente, com o objetivo de lembrar o que estava acontecendo na data de publicação do jornal, mas há alguns anos.

O que diferencia o Memorial (Anexo 7 – “**João XXIII condena a corrida armamentista**”) de uma notícia mais típica é o fato de seu conteúdo semântico, seu Evento Principal, assumir um caráter histórico, não se trata de um fato/acometimento contemporâneo, futuro ou remoto, mas o evento divulgado torna-se um marco histórico, tanto para o local onde ocorreu quanto para o jornal que o publica. O que importa não é a realização de uma categoria ou outra ou a ordem de realização dessas categorias da superestrutura da notícia. Seja qual for a estrutura composicional dessa espécie de notícia, ela se define pelo status histórico que adquire com a sua publicação.

A última variação de notícia que descrevemos em nossa dissertação é o que chamamos de **Texto-Legenda** (Anexo 8). O Manual de Redação e estilo do Estado de S. Paulo (1990, p. 74-75) traz o seguinte conceito para o verbete texto-legenda:

Como é ao mesmo tempo, uma notícia e uma legenda, deve, por isso, descrever a fotografia e relatar o fato ao leitor, em linguagem direta e objetiva. Recomenda-se que o texto-legenda preencha de três a cinco linhas de lauda. Em casos excepcionais, admite-se um pouco mais e, raramente, menos. Não existe parágrafo no texto-legenda, nem inicial nem intermediário. O ideal é que o texto-legenda contenha pelo menos duas frases, a primeira descritiva e a segunda, complementar e informativa. Como título, reproduza algum pormenor da notícia ou mesmo a sintetize (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO DO Estado de S. Paulo, 1990, p. 74-75).

O texto-legenda é uma notícia que se caracteriza pela presença de uma foto e um texto que a explica e relata o fato/evento noticiado e pode, oportunamente, funcionar como Chamada.

Assumimos, portanto, que a notícia varia, conforme já constatamos em nossa pesquisa de Mestrado, pois os gêneros são **“relativamente estáveis”** (Bakhtin); porém, existem certas padronizações, certos elementos constitucionais desse gênero que ainda nos possibilitam nomeá-lo.

O texto de (1), por exemplo (extraído de SILVA, 2007), apesar de possuir uma configuração na página do jornal típica de um texto noticioso, com título ou Manchete, Linha Fina, foto com legenda, lugar específico para autoria e texto em colunas; não possui um Evento Principal, um acontecimento. Na verdade, o texto apresenta uma dica de como os pais devem agir com os filhos adolescentes quando estes querem mais liberdade para ir a festas, por exemplo. Isso fica claro na pergunta que é realizada no final da Linha Fina: *Como agir com os filhos adolescentes?*

# Liberdade com limites

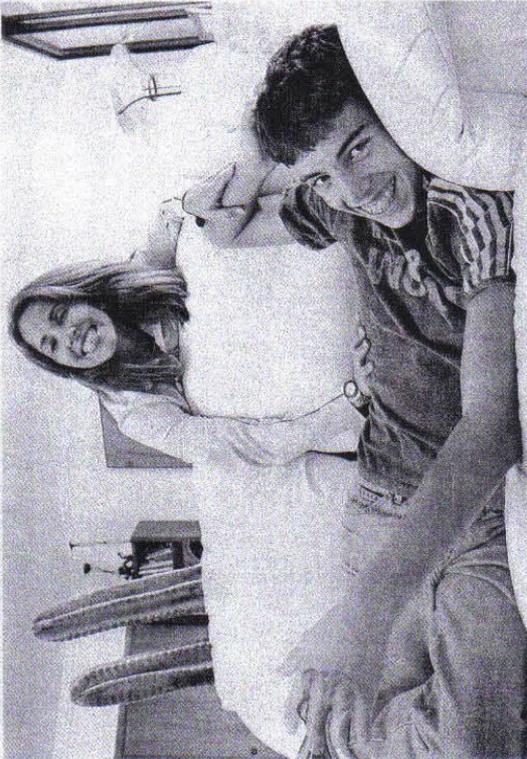
## Vigilância cerrada é prisão e liberdade em excesso vira negligência. Como agir com os filhos adolescentes?

### EDUCAÇÃO

Vera Fiori

Gabriel, de 17 anos, não sabe, mas a sua mãe, Karina (nome fictício), o segue em shoppings, lan houses, cinemas, restaurantes. Faz questão de ser a motorista da turma, não importa se a balada acabar às 3 ou às 5 da manhã. O seu medo é que ele trapaceie, por mais que compraxatamenteo combinado quanto aos locais e horários. "Até hoje, nunca aconteceu nada. O problema são os amigos", justifica-se.

Mas desconfiança e vigilância excessivas, como no caso acima, não são uma invasão de privacidade? Segundo o psiquiatra e escritor Içami Tiba, que acaba de lançar o livro *Adolescentes: Quem Ama, Educa!* (Integrare Editora, R\$ 39,90), se o filho vai bem nos estudos, cumpre os horários estabelecidos pelos pais nos fins de semana, extrapolando vez ou outra na volta da balada, não há por que projetar uma desgraça. "Já no caso oposto, se vai mal na



MARCOS MENDES/AE

**NEM ADULTOS NEM BEBÊS** - A apresentadora Lucília Pinto faz acordos com o filho Thomas, de 14 anos

de, isso é negligência. Mas nem sempre os problemas são visíveis e cabe à família lidar nas entrelinhas. "Frases como: fulano fumou maconha ou bebeu demais", fulana 'ficou' com alguém, enquanto o filho ou filha nega de pés juntos que jamais fez tais coisas, pode significar que ele ou ela esteja andando com amigos que usam drogas ou bebem", alerta o psiquiatra.

Embora em seu consultório alguns pais se autoproclamem os melhores amigos dos filhos, eles não podem confundir os papéis, sob risco de perderem a au-

toridade na hora de cobrar uma atitude que reprovam. Sobre horários, o que pode e o que não pode, os pais devem pontuar e chegar a um acordo mútuo sobre a melhor forma de resolver impasses. "Em geral, a mãe cuida do bem-estar do filho e joga a segurança para o pai, mas deveriam pensar juntos, como numa equipe", orienta Tiba, que destaca a importância de estimular a responsabilidade desde a tenra infância, em pequenas coisas, como manter o quarto em ordem ou amarrar o caderço do tênis sozinho.

**BOAS DICAS**  
Muitas mães gostariam de ter o emprego de Lucília Pinto. No seu programa *Tamazaho Família*, na TV Cultura, a apresentadora recebe renomados educadores, que debatem assuntos ligados ao universo infanto-juvenil. "Confesso que uso muitas dicas em casa." Segundo ela, não adianta tratar os adolescentes como bebês e nem fazer tudo o que pedem, porque, apesar do tamanho, eles não têm maturidade. Ela lembra, por exemplo, da vez em que Thomas, de 14 anos, pegou o seu carro novinho em folha escondido e bateu na garagem. "Foi uma coisa dura. Teve a repercussão financeira e, pior, a confiança foi traida." Além da bronca, o jovem teve de ajudar a pagar o conserto.

### Içami Tiba diz que se deve estimular a responsabilidade desde a infância

Tirando o episódio do carro, Lucília não tem do que reclamar, pois o filho cumpre a risca os combinados. "As baladas em casas noturnas são proibidas, assim como emendar programas. Ele só vai a festas em casas de amigos e em buffets que tenham a supervisão de adultos. Deixo que volte de táxi para mostrar que tem autonomia." Conversar, ser amigável - mas sem ser amiguinha -, se interessar pelo círculo de amizades do filho, segurar ela, ajudar e muito

Diante dessas constatações, temos a **hipótese** de que as variações na realização da notícia ocorrem devido à influência do contexto, especificamente em função de uma série de categorias contextuais que explicaremos adiante, como os objetivos e ações do locutor da notícia. Assumimos também a **hipótese** de que as variações no gênero notícia ocorrem mais notadamente quando se tem a atuação de categorias contextuais no nível mais micro, o que explicaremos no referencial teórico.

Ao longo da pesquisa, procuramos responder às seguintes **questões**:

1. De que maneira o contexto influencia as notícias do jornal impresso?
2. Como a composição das notícias, entendidas como gêneros, reflete o contexto em que estão inseridos leitor e jornalista?
3. Se os gêneros são reflexos de atividades e esferas sociais, de que maneira podemos perceber esse aspecto social na constituição do gênero notícia?
4. Por outro lado, como podemos perceber os aspectos contextuais/sociais a partir da notícia impressa no jornal?

Essas são questões que norteiam nossa busca pelas influências contextuais na composição do gênero notícia e que estão relacionadas aos objetivos abaixo:

- Verificar a relação entre as notícias e o contexto de interação em que estão inseridos jornalistas e leitores/público-alvo.
- Analisar a relação entre o contexto e as variações estruturais (superestrutura e outros aspectos), linguísticas e de outras naturezas que acontecem no gênero notícia, buscando sua relação com o(s) contexto(s).
- Analisar a estrutura composicional, o estilo verbal (características de superfície linguística, como léxico), o conteúdo temático, a função sociocomunicativa e as condições de produção; a fim de verificar a influência do contexto na variação da notícia.
- Analisar as categorias de superestrutura do gênero notícia que estão presentes no *corpus*, relacionando a presença dessas categorias às categorias de contexto constantes do referencial teórico adotado.
- Verificar quais categorias do contexto são mais relevantes na composição da notícia e nas variações desse gênero, respondendo à pergunta: por que as notícias variam?

## 2. GÊNEROS TEXTUAIS - DELIMITANDO A ABORDAGEM DE GÊNERO DA PESQUISA

Esta pesquisa, conforme apontamos, filia-se aos estudos da Linguística Textual, especificamente ao terceiro momento dessa ciência, em que questões pragmáticas são inseridas na análise do texto, o qual entendemos como

[...] toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc), isto é, qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos (FÁVERO & KOCH, 1988, p.25).

Essa concepção está mais adequada ao nosso trabalho, uma vez que abrange, além da linguagem verbal escrita, outras formas de linguagens, como as imagens, fotos, gráficos, infográficos, tabelas e outros signos que podem aparecer na composição da notícia.

Além disso, não entendemos o texto como um depósito de significados prontos a serem decodificados da mesma maneira por vários interlocutores, mas como algo que é construído no momento de interação verbal e estabelecendo uma determinada função de comunicação. Isso implica considerarmos o texto como gênero, ou seja, como algo além de meras sequências linguísticas, mas como sequências linguísticas que revelam todos os envolvidos no processo de comunicação: produtor, leitor, objetivos de comunicação e contexto histórico/social.

Na vasta literatura que encontramos sobre o termo gênero textual, os autores ressaltam o aspecto social/contextual que é constituinte dessa categoria. Considerado o precursor das discussões, Bakhtin (1997, p. 279) **conceitua os gêneros como “tipos de enunciados relativamente estáveis”** e afirma que

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra **esfera da atividade humana**. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma **dessas esferas** (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Bakhtin associa o gênero a um tipo de enunciado e, conseqüentemente, a uma esfera social, já que os enunciados surgem em uma determinada atividade social humana. Nessa **concepção, a expressão “tipos de enunciados” está relacionada a uma tipificação social de** formas de interação verbal, ou seja, a enunciados que possuem uma certa regularidade de composição devido ao fato de emanarem de determinada esfera da atividade humana. É o que explica Rodrigues (2005) na citação abaixo:

Analisando o desenvolvimento conceitual dos gêneros em Bakhtin, pode-se dizer que sua noção de gênero como tipo de enunciado não é a das sequências textuais, nem o resultado de uma taxionomia ou princípio de classificação científica, mas uma tipificação social dos enunciados que apresentam certos traços (regularidades) comuns, que se constituíram historicamente nas atividades humanas, em uma situação de interação relativamente estável, e que é reconhecida pelos falantes (RODRIGUES, 2005, p. 164).

O termo “tipo” não se refere a um princípio de classificação de gêneros, mas a uma certa regularidade dos enunciados, em decorrência de uma regularidade da situação de interação da qual emanam. O gênero não é uma entidade abstrata, pois se concretiza no momento da interação, que ocorre dentro das esferas sociais, as quais possuem suas ideologias e das quais surgem os enunciados, que são marcados historicamente.

**Já o termo “relativamente” presente na definição bakhtiniana nos mostra a** dinamicidade do gênero, uma vez que ele não é fixo, pronto e “engessado”, mas varia e sofre modificações, pois é histórico e social, ou seja, é formulado em um determinado momento, dentro de uma determinada atividade social, apesar de apresentar uma certa padronização que nos permite seu reconhecimento e composição.

Nossa pesquisa pauta-se, como já afirmamos no item 1, nessa dinamicidade do gênero, pois assumimos o pressuposto da variabilidade. Percebemos na análise das notícias do jornal o valor **do termo “relativamente”, pois as** notícias possuem mudanças em sua composição, apesar de possuírem aspectos composicionais que nos permitem defini-la como tal.

Outra característica da concepção bakhtiniana é a composição do gênero por três aspectos: a estrutura composicional - que aqui estamos relacionando à superestrutura textual - o estilo verbal e o conteúdo temático:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção

composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação (BAKHTIN, 1997, p. 280).

O conteúdo **do gênero corresponde ao “objeto discursivo e sua finalidade”** (RODRIGUES, 2005, p. 167), ou seja, o tema, marcado ideologicamente, que é tratado na interação verbal e que possui estreita relação com a esfera social da qual emana, assim como os outros elementos do gênero.

A construção/estrutura composicional **pode ser entendida como “os elementos das estruturas comunicativas e semióticas compartilhadas pelos textos pertencentes ao gênero”** (ROJO, 2005, p. 196). Esse aspecto abrange uma série de elementos que compõem o gênero e que devem ser interpretados à luz da atividade de interação constitutiva e constituinte do gênero, ou seja, não se trata de características compositoras do enunciado tomadas isoladamente.

O estilo verbal relaciona-se às marcas linguísticas que compõem o gênero, como itens **lexicais, recursos fraseológicos e a gramática da língua, que “mostram” a esfera social e que carregam “traços da posição enunciativa do locutor”** (ROJO, 2005, p. 196).

O fundamental na teoria de Bakhtin é associarmos os três elementos caracterizadores do gênero, visto como um tipo de enunciado, à função ideológica da esfera de atividade humana da qual faz parte e na qual estão engajados os interlocutores no processo de interação verbal.

Além de Bakhtin, pautamo-nos em Travaglia (2007b), que propõe que o gênero se caracteriza por exercer uma função social específica de comunicação. Desse modo, em cada gênero há uma função sociocomunicativa, cuja explicitação é bastante complexa e às vezes pode se dar pelo ato de fala<sup>4</sup> exercido pelo gênero. Por exemplo, o gênero “comunicado” é **definido pelo ato de “dar conhecimento de algo a alguém”** (TRAVAGLIA, 2002, p. 152) e o gênero “certificado” é **definido por “dar fé da verdade de algo”** (TRAVAGLIA, 2002, p. 152).

Essa definição de gênero insere-se em uma teoria geral de tipologia textual, cuja base consiste na existência de quatro classes de texto, de naturezas distintas, cuja diferenciação é fundamental para a análise das categorias de texto existentes na sociedade. Segundo Travaglia, a não distinção dessas classes de textos seria responsável pelos problemas de construção de algumas teorias tipológicas existentes, da relação entre essas tipologias, da

---

<sup>4</sup> A teoria dos atos de fala aqui seguida é a proposta por Austin (1990).

classificação de textos e da relação entre diferentes classificações que um mesmo texto pode receber. Uma categoria de texto é um termo que designa

[...] qualquer classificação que uma sociedade ou cultura deem a um texto, tipologizando-o. O elemento tipológico<sup>5</sup> identifica uma classe de textos que têm uma forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções, etc., mas distintas das características de outros elementos tipológicos, o que permite diferenciá-los. São exemplos de elementos tipológicos em nossa sociedade e cultura brasileiras: descrição, dissertação, injunção, narração, argumentação *stricto sensu*, predição, romance, novela, conto, fábula, parábola, caso, ata, [...] (TRAVAGLIA, 2004, p. 147).

As três naturezas das categorias de textos propostas por Travaglia (2007b) são: **tipo, gênero e espécie**; que são chamadas pelo autor de **tipelementos**, termo genérico utilizado para se referir a qualquer um desses elementos. Travaglia (2009) propõe ainda a existência de um quarto tipelemento: o subtipo. Cada uma dessas categorias de texto é caracterizada por meio de cinco parâmetros, a saber: a) conteúdo temático, b) estrutura composicional, c) características de superfície linguística, d) objetivos e funções sociocomunicativas, e) condições de produção.

Esses elementos, segundo Travaglia (2007b), são responsáveis pela caracterização e funcionamento dos gêneros, dos tipos e das espécies. Neste trabalho, nosso foco está centrado no que se refere à composição do gênero notícia, lembrando ainda, de acordo com o autor, que essa categoria textual é composta por tipos e espécies.

Enquanto a teoria de Travaglia (2007b) propõe que os gêneros serão caracterizados com base em cinco parâmetros, na teoria bakhtiniana o gênero é caracterizado pelos três elementos citados. Acreditamos na possibilidade de um diálogo entre as propostas de Travaglia (2007a, 2007b e 2009) e Bakhtin (1997, 2004), resguardando-se as especificidades terminológicas e teóricas decorrentes do contexto de produção e da historicidade de cada teoria.

Ambos os autores relacionam as características concretas do gênero, as marcas linguísticas, às suas funções dentro do texto e a aspectos sociais, que são fundamentais para a compreensão do funcionamento e da composição do gênero. Acreditamos que as características de superfície linguística podem ser relacionadas ao estilo verbal que compõe o

---

<sup>5</sup> Como a teoria de Travaglia (2004) para tipologias textuais encontra-se em construção, o termo elemento tipológico, citado pelo autor em 2004, hoje recebe a denominação de categorias de texto.

tripé bakhtiniano, e a estrutura composicional, proposta em Bakhtin, constitui-se de vários elementos propostos por Travaglia (2007b), que serão abordados no próximo item.

## **2.1 Elementos caracterizadores dos gêneros textuais: conteúdo temático, estrutura composicional, elementos da superfície linguística, função sociocomunicativa e condições de produção.**

O **conteúdo temático**, para Travaglia (2007b), está relacionado

[...] ao que pode ser dito em uma dada categoria de texto, à natureza do que se espera encontrar dito em um dado tipo, gênero ou espécie de texto, o que, obviamente tem de estar ligado a um tipo de informação. As características relativas ao conteúdo temático nos levam, em princípio, ao que devemos dizer ao produzir a categoria ou ao que esperar na leitura/compreensão de uma categoria (TRAVAGLIA, 2007b, p. 43).

O autor exemplifica dizendo que o gênero aceite tem como conteúdo a declaração de que alguém ou uma instituição aceita algum convite que foi feito por alguém ou instituição. Nas notícias, o conteúdo esperado está relacionado a algum fato/acontecimento importante, ou seja, digno de ser noticiado e que pode fazer referência a várias esferas sociais (economia, política, lazer, cultura, esporte, entretenimento, desenvolvimento tecnológico etc). Essa relevância deve ser considerada em vários níveis, pois aquilo que pode ser digno de notícia em uma determinada cidade ou região pode não o ser se considerarmos um jornal que tem circulação nacional.

Ao produzir uma notícia, o jornalista possui em seu modelo de contexto informações sobre fatos e acontecimentos que podem se tornar notícia (conhecimento profissional), bem como informações relacionadas a fatos e acontecimentos que já foram divulgados pelo jornal. Essas informações prévias, que iniciam o processo de produção do gênero a partir de um modelo mental, serão analisadas detalhadamente no capítulo 3, em que abordaremos a definição sociocognitiva de contexto e suas categorias composicionais.

Sobre o conteúdo de uma notícia, Van Dijk (1986), ao comentar sobre o conhecimento intuitivo que todo falante tem sobre a composição desse gênero, afirma (grifo nosso):

News reports are about **past events** of a public nature, and often feature well-known **political or social actors**. We also know that news reports in the press are specifically marked as such, for instance by lay-out, headlines, place in the newspaper, and sometimes by category labels, such as "International News" or "Domestic News" ("Home News") on top of the Page (VAN DIJK, 1986, p. 160).<sup>6</sup>

Segundo o autor, sabemos reconhecer uma notícia em um jornal devido aos elementos acima, ou seja, reconhecemos que quando há um texto sobre acontecimentos passados envolvendo pessoas conhecidas no âmbito político e social identificamos esse texto como uma notícia. Além disso, esse gênero possui características de organização na página do jornal (layout) - como texto em colunas - títulos (*headlines*) e **expressões denominadas de “chapéu”** no topo da página, identificando o assunto geral do texto.

Neste trabalho, mostramos que nem sempre as notícias são sobre política e eventos passados (“past events”), mas podem se referir, também, a outros temas e a eventos futuros, trazendo na sua superfície linguística as marcas desse tempo, como verbos e marcadores temporais que se referem a um momento posterior ao da publicação da notícia.

Acreditamos que a associação do conteúdo temático da notícia apenas ao campo semântico da política e economia está relacionada ao surgimento da notícia e da própria imprensa. Leandro Marshall, na obra *O Jornalismo na Era da Publicidade*, propõe uma releitura da História da imprensa e do jornalismo, afirmando que a maioria dos historiadores e jornalistas constrói uma visão mítica sobre o surgimento do jornal, em detrimento da verdadeira causa do seu aparecimento: a mercantilização e o capitalismo. O autor afirma:

A maioria das obras sobre a história da imprensa e do jornalismo mais relata e exalta do que analisa a natureza e a dimensão dos fenômenos mercantis, determinadamente capitalistas, que moldaram e constituíram o que a imprensa veio a se tornar.

[...]

[...] é necessário recuperar-se a compreensão de que a história da imprensa e do jornalismo encerra, em sua essência, o modo de produção da sociedade capitalista. Esse é o eixo central. A imprensa periódica surgiu em decorrência da necessidade de informação mercantil na florescente sociedade capitalista e, portanto, veio a suprir objetivamente a necessidade do capitalismo (MARSHALL, 2003, p. 64).

O autor defende a tese de que o jornalismo atual está submetido à Publicidade e às estratégias de marketing, em detrimento da divulgação da informação e do interesse dos

---

<sup>6</sup> As notícias são sobre eventos passados de natureza pública, e muitas vezes apresentam atores políticos e sociais bem conhecidos. Sabemos também que as notícias na imprensa são especificamente identificadas como tal, por exemplo, pelo lay-out, manchetes, lugar no jornal, e às vezes por rótulos de categoria, como "News International" ou "Domestic News" ("Home Notícias") no topo da página (van Dijk, 1986, p. 160).

leitores. Para Marshall (2003), a submissão ao capital e aos desejos de empresários é tamanha que há, inclusive, a venda de notícias e o forjamento da informação para beneficiar determinados grupos sociais. Ao analisar vários teóricos que escreveram sobre o assunto, **Marshall cita Chaparro, que descobriu que “a adesão do jornalismo brasileiro à lógica de mercado e do consumo é particularmente clara nos jornais de São Paulo, numa tendência que a Folha de S. Paulo lidera” (Chaparro, 1995, apud Marshall, 2003, p. 25).**

Ao retomar a trajetória histórica da imprensa, Marshall cita vários autores que, acreditamos, associam o surgimento da notícia a relatos de acontecimentos sobre política e economia. Sobre as Actas, surgidas em Roma cerca de cinco séculos antes do nascimento de Jesus, que seriam o embrião de uma publicação periódica aos moldes de um jornal, o autor cita Stephens:

Os maiores acontecimentos políticos e militares de Roma parecem ter recebido cobertura adequada nesses incipientes boletins informativos. Estes focalizavam, de acordo com aqueles que tinham a oportunidade de lê-los, anúncios governamentais, notícias das cortes de justiça, nascimentos, falecimentos, casamentos, cerimônias oficiais e projetos de construção (STEPHENS, 1993, p. 146 apud Marshall 2003, p. 66).

Depois das Actas surgiram, na Europa, as folhas e as cartas, no século XIV, que eram **relativamente periódicas e tinham a função de “irradiar as informações mais relevantes do mundo europeu” (Marshall, 2005, p. 67).** No século XV, com a invenção da prensa de tipos móveis pelo alemão Johann Gutenberg, o jornal pôde ser produzido em escala industrial, atendendo à necessidade de informação da crescente sociedade mercantil. A partir das notícias, os comerciantes obtinham informações, por exemplo, sobre a comercialização de produtos e lucros possíveis com determinada negociação, ou seja, os comerciantes podiam antecipar acontecimentos e prepararem-se **para a obtenção de maior lucro possível. “O novo mundo e seu modelo baseado em um vigoroso crescimento econômico exigiam que se espalhassem estruturas para a disseminação dos acontecimentos. A informação era um combustível vital para a engrenagem dessa nova sociedade” (MARSHALL, 2003, p. 68).**

Surgiam, então, os primeiros jornais e as primeiras notícias, com conteúdos mais relacionados à economia e à política, apesar da existência de publicações sobre fatos mais cotidianos e fofocas. No século XVI, na Europa, **“circulavam boletins com informações de caráter político e econômico” (Giovanni, 1987, p. 147 apud Marshall, 2005, p. 70) e os impressos eram direcionados, principalmente, aos mercadores, sendo contemplados também assuntos não comerciais relacionados às guerras e à corte.**

Até o século XX, a imprensa, o jornalismo e a notícia vêm sofrendo transformações, sempre arraigadas à lógica do capital propulsor do seu surgimento. O que pretendemos ressaltar na história da imprensa retomada por Marshall (2003) é a associação dos primeiros indícios de notícia a temas relacionados à economia e à política. Atualmente, analisando as publicações dos jornais, percebemos claramente a diversidade de temas que compõem as notícias, e acreditamos e que essa diversidade de temas e de cadernos dos jornais estão a serviço da lógica capitalista, em que o jornal não deve apenas informar, mas acima de tudo vender. Como afirma o autor:

Diante das premissas do capitalismo, os novos empresários da informação descobriram que nem toda notícia, embora útil ou importante, ajudava a vender a mercadoria. Mais do que simplesmente arrolar os fatos do dia, para eles, os jornais deveriam oferecer novidades interessantes, curiosas, impactantes (ser, enfim, mercadorizadas), para poder despertar o interesse dos leitores e alimentar a engrenagem do capital. (MARSHALL, 2003, p. 75).

Desse modo, o conhecimento intuitivo citado por Van Dijk (1986) sobre o gênero notícia, que relaciona esse gênero a relatos de fatos importantes sobre política e economia, refere-se ao que neste trabalho chamamos de notícia típica ou prototípica, as quais possuem como conteúdo temático eventos geralmente passados relacionados, principalmente, a política/economia e autoridades que atuam nessa esfera da sociedade. Porém, apesar de grande parte dos estudos linguísticos sobre notícia fazerem referência apenas àquelas que possuem essa temática, existem também notícias com conteúdo temático diversificado, como uma competição esportiva e um lançamento de livro, por exemplo.

Quanto à **estrutura composicional**, a teoria de Travaglia (2007b) nos fornece muitos elementos para a compreensão do funcionamento desse parâmetro na caracterização dos gêneros. Segundo o autor, “o primeiro critério a lembrar é a **superestrutura**, de importância **fundamental na caracterização de categorias de texto**” (TRAVAGLIA, 2007b, p. 49). A superestrutura é definida como

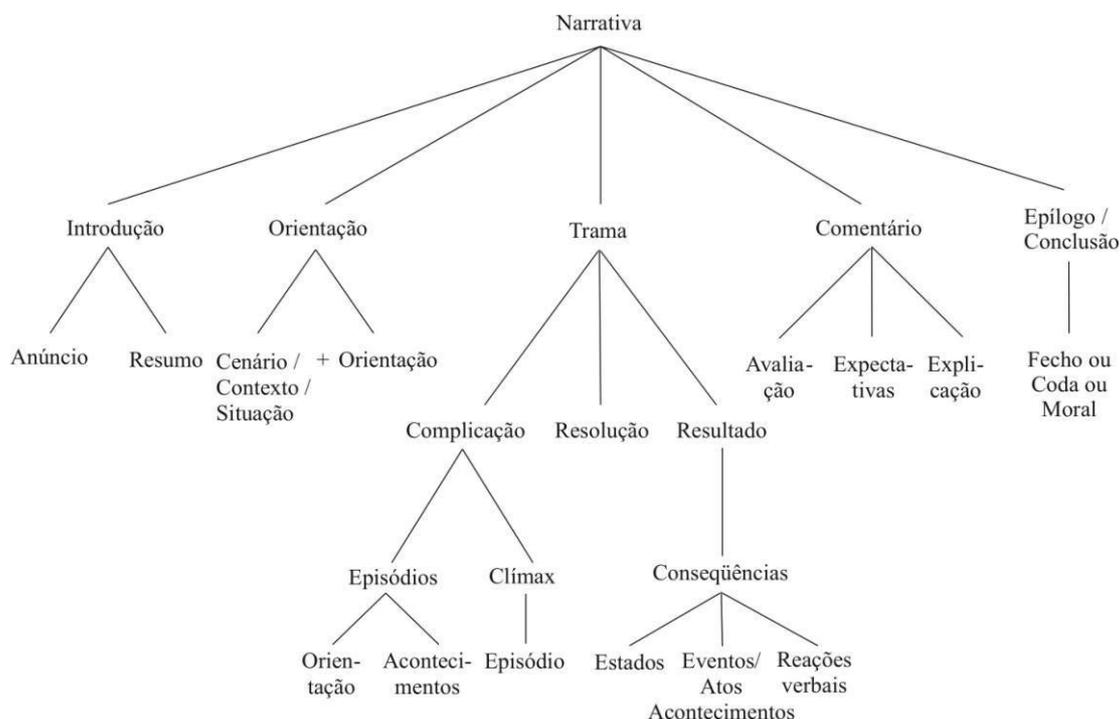
Uma espécie de esquema (modelo cognitivo global) formal, abstrato, de caráter convencional e, portanto, dependente da cultura. Normalmente envolve uma sequência esquemática e características de linguagem, de recursos retóricos ou estilísticos (TRAVAGLIA, 1991, p. 287).

As superestruturas textuais relacionam-se diretamente aos tipos textuais e aos gêneros e possuem categorias convencionais, que são responsáveis pela estruturação dos textos e que

podem ser obrigatórias ou não, recursivas ou não. Para cada tipo de texto, portanto, há uma superestrutura correspondente e, como os gêneros são constituídos necessariamente pelos tipos, são compostos também por uma superestrutura.

As superestruturas para os tipos narrativo, descritivo, dissertativo, argumentativo e injuntivo são explicadas abaixo conforme esquemas prototípicos para cada tipo.

### Esquema 1 – Superestrutura do tipo narrativo



A superestrutura acima foi proposta por Travaglia (1991), que a partir de uma revisão da literatura propôs as seguintes categorias para a narração da espécie história<sup>7</sup>:

- 1) **Introdução** - pode conter: a) um **anúncio** (“esta é a história de...”, “Vamos contar agora os fatos que se sucederam/o que aconteceu...”) e b) um **resumo**, que sintetiza os acontecimentos mais importantes;
- 2) **Orientação** - pode ser composta de: a) **cenário, contexto ou situação**, que descreve e especifica os personagens, o lugar e o tempo. É essencialmente descritiva; b) **orientação propriamente dita**, que especifica as ações e comportamentos que são referência para a trama;

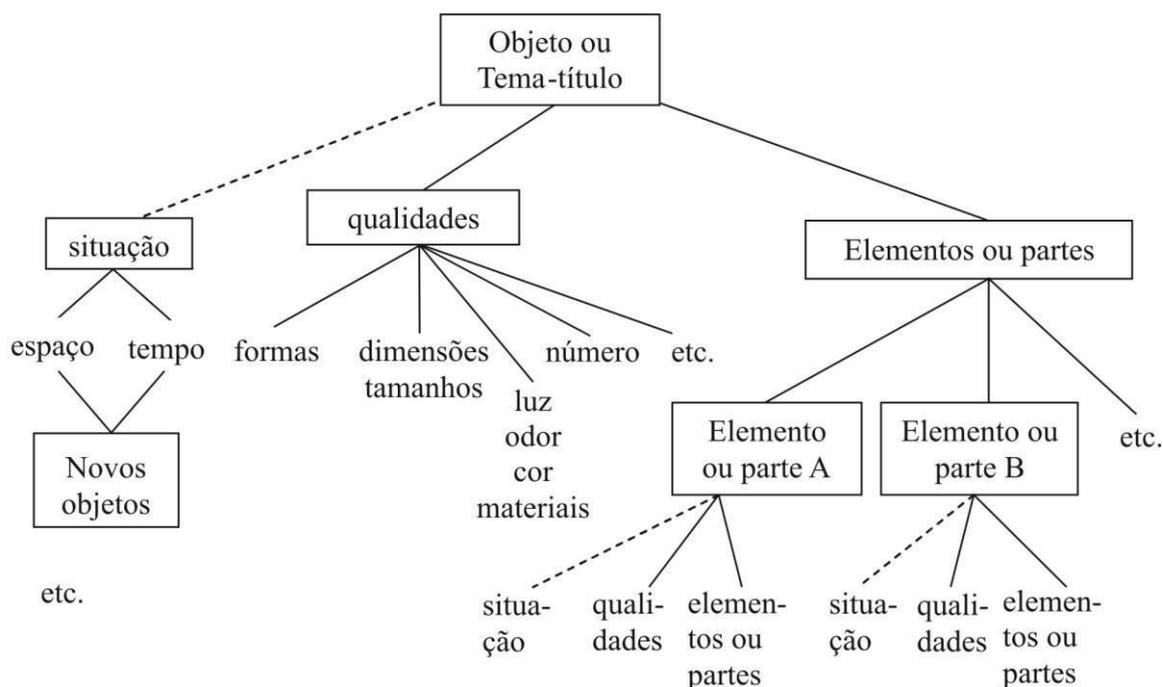
<sup>7</sup> Segundo a teoria tipológica de Travaglia, o tipo narrativo pode se relacionar a duas espécies: 1 história – quando o conjunto dos acontecimentos caminham para um resultado/desfecho, e 2. não-história – quando os fatos narrados não conduzem a narrativa para um resultado.

- 3) Trama ou ação** - que contém: a) **complicação** (acontecimentos, principais ou secundários, que compõem os episódios e podem ou não vir acompanhados de orientação e precedem a resolução e podem evoluir para um clímax), b) a **resolução** (também composta por acontecimentos) e, às vezes, c) **o resultado**, que corresponde às consequências da complicação e resolução e pode ser representado por: estados, eventos/acontecimentos/atos ou reações verbais;
- 4) Comentários** - podem ser de três naturezas: **a) avaliação**, em que há a exposição de um ponto de vista, **b) explicação**, em que há uma justificativa, uma explicação sobre os acontecimentos e seus personagens (ambas dissertativas) e **c) expectativa**, que corresponde a um texto preditivo, uma vez que se refere a eventos futuros, que se espera que ocorram a partir do que foi narrado;
- 5) Epílogo ou conclusão** - marca o término da narração e pode ser: a) **coda**, que é dissertativa e **promove uma volta ao início da enunciação, como os exemplos: “Aí, até hoje não posso vê aquela mulher viu”;** “E foi mesmo por milagre de Deus é que nasceu, senão não nascia, viu”;
- b) moral**, que também é dissertativa e insere uma “lição de vida”, **uma conclusão prática que é depreendida de toda a narração, como os textos: “Quem ama o feio bonito lhe parece.” (A águia e a coruja); “Quem desdenha quer comprar.” (A raposa e as uvas);** e o c) **fecho**, que explicita o fim do texto e é sempre narrativo, na forma do pretérito perfeito do indicativo, como nos exemplos: **“Acabou-se a história do tuim.”; “E pôs-se a fábula em ata”; “E o que tinha de ser contado o foi.”**

Ressaltamos que os textos narrativos podem expressar narrações que podem ser presentes, passadas ou futuras, conforme a relação entre o tempo de enunciação e o tempo referencial que será mostrada no quadro 1.

Para o texto descritivo, Travaglia (1991) adota algumas modificações para a proposta de Ricardou (1973, apud Travaglia 1991) e Adam e Petijeam (1982, apud Travaglia, 1991), propondo as seguintes categorias, cujas definições são extraídas de Neis (1986, apud Travaglia, 1991):

Esquema 2 – Superestrutura do tipo descritivo



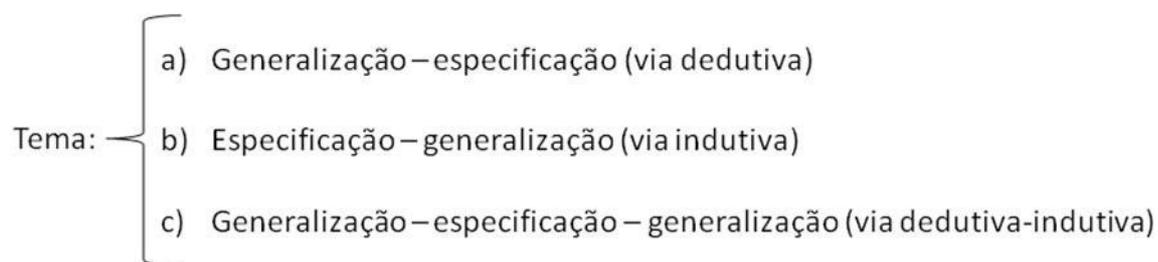
De acordo com Travaglia (1991), as categorias da superestrutura da descrição podem ser explicadas da seguinte maneira:

- 1 - A situação do objeto-tema no espaço e/ou no tempo, situação essa que pode, por sua vez, fazer surgir novos objetos, ou seja, subtemas, suscetíveis de se transformarem em matéria de descrição;
- 2 - As qualidades do objeto-tema, quer sejam físicas, tais como dimensões, formas, cores, quantidades, etc., quer sejam psíquicas, morais, intelectuais, etc.;
- 3 - Os elementos, ou partes que compõem o objeto e que também podem, como subtemas, passar a constituir matéria de descrição (NEIS, 1986 apud TRAVAGLIA, 1991, p. 50).

Percebemos nessa superestrutura que os elementos ou partes tornam as categorias do texto descritivo recursivas, **uma vez que promovem uma “volta” à categoria da situação.**

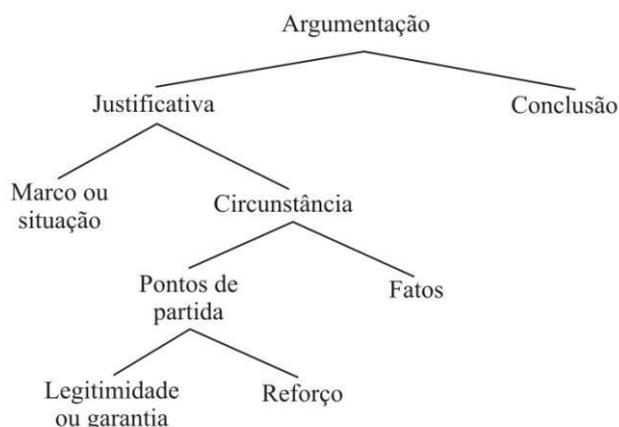
O tipo dissertativo na perspectiva teórica adotada neste trabalho corresponde ao tipo expositivo proposto por Fávero e Koch (1987), que postulam as seguintes categorias esquemáticas:

## Esquema 3 – Superestrutura do tipo dissertativo



Sobre a superestrutura do texto argumentativo, é constituída, segundo Van Dijk (1983), basicamente pelas seguintes categorias: a) hipótese, b) argumentos e c) conclusão, que podem ser visualizadas no esquema hierárquico:

## Esquema 4 – Superestrutura da argumentação



Enquanto o **reforço** é uma explicação da **legitimidade** (a qual pode estar implícita, quando pertencente ao conhecimento de mundo), sendo esta constituída por regras que autorizam as conclusões, o **marco** é a situação válida para ambas as categorias. Segundo Van Dijk (1983),

[...] debe existir uma base para la relación de as conclusiones y para la relación semântica condicional entre circunstancias em las que se basa la conclusión. Uma categoria de este tipo **podría denominarse ‘garantía’ o ‘legitimidad’ que ‘autoriza’ a alguien a llegar a uma conclusión determinada**  
 [...]

Puesto que aqui nos ocupamos de uma base general para la argumentación, denominaremos esta categoria la LEGITIMIDAD de la argumentación (VAN DIJK, 1983, P. 159).

A legitimidade, portanto, corresponde aos valores e regras sociais que nos permitem iniciar uma argumentação e que legitimam a conclusão da tese. O autor toma como exemplo **as sentenças: “Pedro tirou quatro. Logo, foi reprovado no exame”**. Só podemos chegar à conclusão de que Pedro foi reprovado devido à existência de um sistema avaliativo escolar em que quatro não é suficiente para aprovação; essa regra social, de determinado ambiente social, é a legitimidade da argumentação.

De modo geral, o texto argumentativo tem em sua superestrutura uma tese (ideia ou ação para a qual se quer a adesão ou aumento de adesão por parte do interlocutor) e argumentos a favor ou contra (contra-argumentos) a tese. Pode haver ou não uma tese inicial modificada ou confirmada pelo texto e ainda teses intermediárias. Tudo depende da complexidade e objetivos do texto.

Tanto na especificação (categoria do tipo dissertativo mostrado acima) quanto nos argumentos (tipo argumentativo), podemos encontrar uma descrição, uma dissertação ou uma narração, que podem aparecer como exemplos.

Segundo Travaglia (1991), quando temos um texto argumentativo narrativo, como a fábula, a justificativa será a narração e a conclusão será a moral, podendo ser explicitada ao leitor apenas a justificativa, deixando a conclusão para ser inferida. Ainda segundo o autor, a injunção é muito usada na conclusão do tipo argumentativo.

Quanto à superestrutura do texto **injuntivo**, Travaglia (1991) propõe três categorias que abrangem, se não todos, a maioria dos textos dessa natureza, acrescentando e inovando a estrutura desse tipo de texto, já que a escassa literatura a respeito parece não inserir todas as categorias de textos injuntivos, como podemos observar em Fávero e Koch (1987), que postulam o esquema abaixo:

Esquema 5 – Superestrutura da injunção

Tema: Ação1 + Ação 2 + Ação 3 +....+ Ação n = resultado ou produto

Essa superestrutura só se aplica a textos que envolvem ações planejadas, como receitas culinárias e manuais de instrução de uso ou montagem de aparelhos diversos, não sendo

pertinente a outros textos também injuntivos, como os horóscopos. O autor propõe as seguintes categorias de superestrutura para a injunção:

**1) Elenco ou descrição:** em que se apresentam os elementos a serem manipulados na ação a ser feita. Pode-se dar apenas uma lista desses elementos (v. ingredientes das receitas culinárias) ou pode-se listá-los e descrevê-los, como nos manuais de instrução em que, comumente, a descrição é substituída por fotos ou desenhos com indicação dos nomes das partes, seguida ou não de indicação de sua função;

**2) Determinação ou incitação:** em que aparecem as situações a cuja realização se incita ou por determinação ou desejo. Aqui teríamos a injunção em si;

**3) Justificativa, explicação ou incentivo:** em que se dá razões para a realização das situações especificadas na determinação (TRAVAGLIA, 1991, p. 293).

Segundo o autor, a única categoria obrigatória é a determinação, que todavia pode não ser explicitada, mas nesse caso pode ser inferida com base na justificativa que é apresentada. Essas partes do texto injuntivo não possuem uma ordem fixa, podendo se intercalar.

Alguns gêneros, segundo Travaglia (2007b), podem incluir na superestrutura algumas características, como personagens típicos, o que ocorre em narrativas relacionadas à espécie história. O autor cita como exemplo os contos de fadas, cujos personagens prototípicos são: reis, rainhas, princesas, bruxas, príncipes e sapos, objetos maravilhosos etc. No caso das notícias, explicaremos no capítulo 6 a relação entre personalidades do âmbito esportivo e as notícias do caderno *Esporte*, em que predominam a dissertação e a argumentação.

Além da superestrutura, a organização das palavras no texto e a composição/organização dos versos (no caso do gênero poema) são elementos que, quando se mostram essenciais para a existência de determinado gênero, são aspectos necessários e caracterizadores. Conforme Travaglia (2007b),

Além da superestrutura, outros elementos de estruturação do texto são considerados como critérios dentro do parâmetro da estrutura composicional. [...]

Estas características relativas:

- 1) à disposição de elementos do texto, como no caso das letras iniciais dos versos no acróstico e das palavras em poemas figurativos;
- 2) a elementos de versificação, tais como: a) número de versos e tipos de verso quanto ao número de sílabas métricas e o ritmo (heróico, alexandrino, sáfico, redondilha maior, redondilha menor, octossílabo, etc.); b) número de estrofes e tipo de estrofe quanto ao número de versos (dístico, quadra/quarteto, quintilha, oitavas, etc); c) esquemas de rimas (emparelhadas, alternadas, continuadas, etc.) e tipos de rima (consoante, toante, interna,

etc.); quando seu uso for obrigatório ou altamente frequente na categoria de texto, seriam incluídas entre os elementos caracterizadores dentro do parâmetro da estrutura composicional. (TRAVAGLIA, 2007b, p. 54-55).

Percebemos características descritas no item 1 da citação acima em algumas notícias de cadernos específicos, como o de *Tecnologia*, que possui a Manchete e a Linha Fina em **fonte e cores diferentes de outros cadernos que possuem um tom mais “sério”, como o caderno Poder**.

Outro elemento caracterizador do gênero na estrutura composicional é a sua composição por tipos e espécies. Um **tipo** de texto é visto por Travaglia (2007b) como uma categoria de texto definida pela perspectiva assumida pelo produtor do texto.

Uma das perspectivas apontadas pelo autor é aquela em que o enunciador se coloca em relação ao objeto do dizer na perspectiva do conhecer/saber ou fazer/acontecer inserido ou não no tempo e/ou espaço. Dessa postura derivam os tipos que são nomeados por **descrição, dissertação, narração e injunção**. A relação entre esses tipos e a perspectiva do produtor para estes quatro tipos de texto está detalhada no Quadro 1 a seguir, extraído de Travaglia (2007a, p. 6).

Quadro 1 – Relação entre tipos textuais e a perspectiva do produtor.

	<b>Descrição</b>	<b>Dissertação</b>	<b>Injunção</b>	<b>Narração</b>
Perspectiva do produtor do texto	Enunciador na perspectiva do espaço em seu conhecer.	Enunciador na perspectiva do conhecer, abstraído do tempo e do espaço.	Enunciador na perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação.	Enunciador na perspectiva do fazer/acontecer inserido no tempo.
Objetivo do enunciador	O que se quer é caracterizar, dizer como é.	Busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações.	Diz-se a ação requerida, o desejada, diz-se o que e/ou como fazer, incita-se à realização de uma situação.	O que se quer é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos como os episódios, a ação / o fato em sua ocorrência.
Forma como se instaura o interlocutor	<b>Como “voyeur” do espetáculo.</b>	Como pensante, raciocina.	Como aquele que realiza aquilo que se requer, ou se determina que seja feito ou	Como assistente, espectador não participante, que apenas toma conhecimento

			aconteça.	do(s) episódio(s) ocorrido(s).
Tempo referencial <sup>8</sup>	Simultaneidade das situações.	Simultaneidade das situações.	Indiferença à simultaneidade ou não das situações.	Não simultaneidade das situações, portanto sucessão.
Relação entre o tempo de enunciação e o referencial.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.	O tempo referencial é sempre posterior ao da enunciação.	O tempo da enunciação pode ser posterior, simultâneo ou anterior ao tempo referencial.

Para Travaglia (1991 e 2007b), a perspectiva do produtor do texto pode ainda estar relacionada à imagem que ele faz do seu receptor, o qual pode ser visto como alguém que concorda ou não com o que está sendo dito. Nesse caso, pode haver o discurso da transformação (quando não há concordância) ou da cumplicidade (quando há concordância), estabelecendo-se, respectivamente, os tipos **argumentativo “stricto sensu”** e **argumentativo não “stricto sensu”**.

Essa nomenclatura que opõe a argumentação *stricto sensu* à não-*stricto sensu* nos deixa claro que o autor parte do princípio de que todo texto pode ser considerado argumentativo (no sentido “lato”), **na medida em que nenhum gênero surge sem nenhum propósito ou objetivo.**

O quadro abaixo nos mostra exemplos de gêneros e tipos dominantes em sua constituição. O tipo que na maioria dos estudos está associado à notícia é a narração, porém, em nosso trabalho verificamos que esse tipo textual é dominante nas notícias mais prototípicas, cujo conteúdo é um fato/acometimento relacionado à política e economia.

Quadro 2 – Relação entre gêneros e tipos predominantes (Travaglia, 2007b, p. 19)

Tipo	Exemplos de gêneros necessariamente compostos por um tipo em termos de dominância
Descritivo	Até 2003, não observáramos nenhum gênero necessariamente descritivo. Atualmente incluímos a qualificação e o classificado.

<sup>8</sup> Tempo referencial é o tempo de ocorrência no mundo real em uma sucessão cronológica.

Dissertativo	Tese, dissertação de mestrado, artigo acadêmico-científico, editorial de jornal, monografia, conferência, artigo de divulgação científica, etc.
Injuntivo	Mensagem religiosa-doutrinária, instruções, manuais de uso e/ou montagem de aparelhos e outros, receitas de
Narrativo	Atas, notícias, peças de teatro, romances, novelas (literárias, de rádio e TV), contos, contos de fadas, fábulas, apólogos, parábolas, mitos, lendas, anedotas, piadas, fofoca, caso, biografia, epopéia, poema heróico, poema burlesco, etc. Podem ser incluídos aqui os gêneros em que há fusão com o tipo dramático: comédia, tragédia, drama, farsa, auto, esquete, ópera, vaudeville, etc.
Preditivo	Boletins meteorológicos e astronômicos, profecias, programas, etc.
Humorístico	Piada, comédia, farsa, esquete humorístico, etc.
Lírico	Espécies: Soneto, madrigal, ditirambo, elegia, poemas bucólicos (écloga, idílio), haicai, ode, acróstico, balada, epitalâmio, hino, vilancete, acalanto, barcarola, canto real, trova.

O quadro acima relaciona a notícia ao tipo narrativo, porém, nas notícias de conteúdo cultural, tecnológico, turístico, dentre outros, surgem outras tipologias textuais como dominantes, como a descrição, a dissertação, argumentação e a injunção.

Os tipos podem se cruzar ou se conjugar em um gênero. No primeiro caso temos um texto dissertativo-argumentativo, por exemplo, em que há a atuação de duas tipologias **distintas. Já na conjugação, os tipos de uma mesma tipologia “aparecem lado a lado na composição do gênero” (TRAVAGLIA, 2007b, p. 43), podendo um tipo ser dominante ou não, como na bula de remédio, em que há trechos descritivos, injuntivos, narrativos e descritivos sem a dominância de nenhum deles.**

**Travaglia (2007b) propõe ainda o intercâmbio de tipos, que ocorre “em uma situação de interação em que se esperava um tipo ou gênero, tendo em vista o modo de interação que**

**se estabelece e que exigiria uma dada categoria de texto, ocorre outra categoria”**

(TRAVAGLIA, 2007b, p. 43). Há um intercâmbio de tipo, por exemplo, quando um locutor usa a descrição, como na oração **“Estou com muita sede”, no lugar da injunção, “Pegue um copo de água, por favor”, para expressar um pedido.**

Além do tipo, a **espécie** é considerada por Travaglia (2007b) como um tipelemento (natureza das categorias de texto) que também entra na composição dos gêneros. Ela é definida por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística; bem como por aspectos de conteúdo. Por exemplo, o soneto é um gênero cuja definição está necessariamente relacionada a sua forma, já que é uma composição de quatorze versos, organizados em dois quartetos e dois tercetos.

Em relação a espécies definidas pelo conteúdo, temos as narrações história (quando os fatos, os acontecimentos, são encadeados entre si e direcionados para uma resolução, um resultado) e as narrações não-história (quando os acontecimentos estão lado a lado no texto e não se direcionam para um resultado).

Por fim, temos como elemento da estrutura composicional as **diversas linguagens** utilizadas nos gêneros, que nos remetem à noção de multimodalidade, cada vez mais presente na sociedade, em que a comunicação está mediada e influenciada pelos sofisticados aparelhos eletrônicos – computadores, celulares, tabletes etc.

Nessa era digital, surgem novas formas de relacionamentos pessoais, novas relações de trabalho e novas formas de construção do conhecimento, diferente do tradicional conhecimento linear e sequencial. **Essas transformações sociais propiciam uma “nova comunicação”, ou uma “comunicação tecnologizada”<sup>9</sup>**, em que a primazia da linguagem verbal cede lugar à linguagem visual. Segundo Kress (2000),

Technologies of information lend themselves to visualization, the phenomenon in which information initially stored in written form is **‘translated’ into visual form, largely because** the transport of information is seen as more efficient in the visual rather than in the verbal mode (KRESS, 2000, p. 183).<sup>10</sup>

**Cada vez mais estamos “embebidos” em símbolos e ícones, de diversas cores e formatos,** que nos exigem uma nova forma de interpretação da linguagem, que integra ao

<sup>9</sup> Termo utilizado por Montemor, 2010, p. 471.

<sup>10</sup> Tecnologias de informação prestam-se para a visualização, fenômeno no qual a informação inicialmente armazenada em forma escrita é traduzida em forma visual, em grande parte porque a transmissão da informação é vista como mais eficiente na modalidade visual do que no modo verbal. (KRESS, 2000, p. 183).

texto verbal imagens que são imprescindíveis à compreensão da mensagem e a uma efetiva comunicação na sociedade.

Na internet, a exploração dos recursos visuais é propiciada por esse suporte virtual, que possibilita ao leitor o contato com cores vibrantes, imagens em movimento e às vezes acompanhadas de som. Muitos gêneros presentes no jornal e na revista impressos ganham mais movimento e cor com o advento da web, como as notícias, que podem ter links para vídeos, fotos com cores mais intensas e gráficos que se movimentam. O texto-legenda, gênero jornalístico, se torna mais visual na internet, com o acréscimo dos movimentos e do som.

Como apontamos acima, esse contexto tecnológico em que vivemos propiciou, ou deixou-nos mais evidente, os aspectos multimodais dos gêneros textuais. Segundo Kress (2000), todo texto (oral e escrito) é multimodal, inclusive aqueles em que aparentemente só aparece linguagem verbal. Para o autor, existe a necessidade de uma nova teoria que aborde a questão da multimodalidade, uma vez que pelo olhar das teorias existentes ainda há uma separação entre o que é linguístico e extralinguístico, negando uma interpretação que integre os dois modos de linguagem:

Present theories are inadequate both because they are founded on an understanding of one (multi) mode – language- alone, and because that understanding misconstrues the fundamental characteristics of human semiosis anywhere and at all times. The need for this agenda exists equally in industry and in education; in intranational as in international communication (KRESS, 2000, p. 183).<sup>11</sup>

O autor sinaliza para uma nova leitura/interpretação, o que ele chama de “**meaning making**”, **uma teoria cuja base epistemológica seja a integração da multimodalidade** ao texto, já que este representa uma multiplicidade de modos, cuja organização está relacionada à materialidade da sua semiótica. Os sons, por exemplo, se desenvolvem em uma sequência e temporalidade; já as imagens se utilizam da espacialidade e simultaneidade dos objetos/pessoas. Sendo assim, a semiótica do modo verbal de comunicação possui uma organização diferente da semiótica do modo visual.

Assumimos aqui a proposta de Kress (2000), que considera a multimodalidade constitutiva da própria linguagem. Desse modo, mesmo em um texto que só possui linguagem verbal, a multimodalidade está presente na escolha do tipo, do tamanho e das cores da fonte,

---

<sup>11</sup> As teorias atuais são insuficientes, tanto porque elas se baseiam em uma compreensão de uma única modalidade da linguagem, quanto porque esse entendimento ignora as características fundamentais da semiose humana em qualquer lugar e em todos os momentos. A necessidade desta agenda existe igualmente na indústria e na educação; na comunicação intranacional e internacional (KRESS, 2004, p. 183).

por exemplo. Em nossa análise, percebemos que os diferentes cadernos possuem uma identidade visual característica, determinada a partir de cores e tamanho das fontes. O caderno *Esporte*, por exemplo, é identificado pelas cores azul e laranja, enquanto que o *Cotidiano* e o *Saúde+ciência* são identificados com as cores azul e vinho.

Além da tipologia e das cores das fontes utilizadas nos vários cadernos, o uso de infográficos, um elemento da estrutura composicional relacionado ao uso de várias linguagens, marca muitas variações da notícia. Segundo Aragão e Carvalho (2012, p. 166), sob a perspectiva do design gráfico, “infográfico é um artefato produzido no intuito de comunicar uma mensagem que compõe uma interpretação de dados quantitativos, espaciais, narrativos e/ou cronológicos, contextualizados visualmente através da integração de texto, imagens e/ou formas.”

As autoras chegam a essa definição a partir da consideração de dois elementos na composição do infográfico: a linguagem visual, que integra linguagem verbal, imagem e forma; e os gráficos e seus possíveis conteúdos, definidos pelos estudos em infografia. As autoras adotam a seguinte tipologia para o conteúdo dos infográficos:

Espacial – diz respeito a quaisquer informações ligadas à localização, sejam mapas, demais locais ou áreas de objetos.

Cronológico – aqueles que demonstram informações sobre tempo, estático (horário, estações, ano, mês) ou sua passagem.

Quantitativo – lidam com dados mensuráveis, sua exposição e/ou comparação.

Narrativo – abordam uma sequência de acontecimentos, utilizando os tipos anteriores e/ou a combinação deles (ARAGÃO; CARVALHO, 2012, p. 166).

Sobre a linguagem visual, Aragão e Carvalho (2012) concordam com alguns autores que propõem várias funções semânticas para as unidades que compõem o todo dessa linguagem, a saber:

**Mostrar “quem”:** Indicar pessoas envolvidas e as informações que forem relevantes sobre ela, como emoções, atitudes, identidade, etc, através da representação física da personalidade em questão, representação de algo do interesse desta pessoa e a representação de sua profissão. As três representações são feitas com imagens.

**Mostrar “o que”:** Indicar objeto ou local e descrever a aparência de objetos físicos. Abaixo, há três sugestões de uso, associar a imagem de um objeto com a sua descrição verbal, mostrar a aparência de algo através da exposição de suas perspectivas, utilizando imagem e forma; e, por fim, apontar uma parte do objeto, para indicar sua representação completa, fazendo uso de imagem e formas.

**Mostrar “o que há dentro”:** Permitir visualização do interior de objetos. Pode ser feita, por exemplo, com uma representação em perspectiva do objeto, que permita uma abertura no mesmo; com a visualização do interior através de cortes laterais, longitudinais, etc; e através da transparência de sua camada externa, representada por traços (*wireframe*) (ARAGÃO e CARVALHO, 2012, p. 166).

As imagens abaixo ilustram as três funções semânticas da linguagem visual presentes na citação acima.

Fig 1. Exemplos das funções semânticas de mostrar quem, mostrar o que e mostrar o que há dentro, extraídos de Aragão e Carvalho (2012, p.167).



Além dessas funções, as autoras citam outras, como: “mostrar onde”, “mostrar quando”, “mostrar como funciona”, “mostrar como fazer”, “mostrar movimento”, “mostrar qual”, “mostrar exemplos”, “mostrar conceitos”, “mostrar comparações” e “mostrar comparações quantitativas”, as quais podem aparecer isoladas, conforme mostram as figuras 2, 3 e 4, ou simultaneamente.

Fig 2. Exemplos das funções semânticas de mostrar onde, mostrar quando e mostrar como funciona, extraídos de Aragão e Carvalho (2012, p.167).



Fig 3. Exemplos das funções semânticas de mostrar como fazer, mostrar movimento e mostrar qual, extraídos de Aragão e Carvalho (2012, p.167).



Fig. 4. Exemplos das funções semânticas de mostrar exemplos, mostrar conceito, mostrar comparação e mostrar comparação quantitativa, extraídos de Aragão e Carvalho (2012, p.168).



Em muitas notícias dos cadernos *Esporte e Ilustrada*, há a linguagem visual com as funções de mostrar o que, mostrar quando e mostrar onde, resumindo as principais informações do EP, quando há a divulgação de determinado evento esportivo ou cultural.

Em relação aos **objetivos e funções sociocomunicativas**, Travaglia (2007b) propõe a seguinte explicação para os tipos textuais da tipologia que destacamos porque é importante em nosso estudo (Cf. também o quadro 1):

- a) na descrição visa-se, ao caracterizar, dizer como é o objeto do dizer;
- b) na dissertação busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações;
- c) na injunção objetiva-se dizer a ação requerida, desejada, e dizer o que e/ou como fazer e assim incitar o alocutário à realização da situação;
- d) na narração o objetivo é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência (TRAVAGLIA 2007b, p. 60).

Para Travaglia (2007b), estabelecer as funções e objetivos dos gêneros nem sempre é uma tarefa fácil, devido às dificuldades em se estabelecer os propósitos e funções de muitos gêneros na sociedade, pois podem variar de acordo com o momento histórico e aspectos sociais/culturais. Um caminho possível é a definição de algumas funções sociocomunicativas a partir do ato de fala, como nos mostra o quadro a seguir, extraído de Travaglia (2002, p. 152).

Quadro 3 – Gêneros definidos por atos de fala.

	<b>Grupo de Gêneros</b>	<b>Função Básica Comum</b>
01	Aviso, comunicado, edital, informação, informe, participação, citação	Dar conhecimento de algo a alguém
02	Acórdão, acordo, convênio, contrato, convenção	Estabelecer concordância
03	Petição, memorial, requerimento, abaixo assinado, requisição, solicitação	Pedir, solicitar
04	Alvará, autorização, liberação	Permitir
05	Atestado, certidão, certificado, declaração	Dar fé da verdade de algo
06	Ordem de serviço, decisão, resolução	Decidir, resolver
07	Convite, convocação, notificação, intimação	Solicitar a presença
08	Nota promissória, termo de compromisso, voto	Prometer
09	Decreto, decreto-lei, lei, resolução	Decretar ou estabelecer normas
10	Mandado, interpelação	Determinar a realização de algo
11	Averbação, apostila	Acrescentar elementos a um documento, declarando, corrigindo, ratificando

Podemos observar um ato de fala realizado na notícia, que está relacionado a noticiar, informar, dar a conhecer um fato a um público previamente estabelecido em cada jornal, cada caderno e cada notícia. Esse ato de fala, mais geral e abrangente, está inserido em um contexto macro, levando em consideração jornalistas que atuam na esfera social de um determinado jornal-instituição.

Temos ainda um ato de fala no nível mais micro, relacionado a categorias do modelo de contexto também no nível mais micro, como objetivos mais específicos relacionados à ação de venda, orientação e aconselhamento, conforme abordaremos mais adiante. Esse ato de fala micro, na perspectiva sociocognitiva aqui adotada, está relacionado às Ações (categoria

contextual que será explicada no capítulo 3) também no nível mais micro, que pode ser: vender um produto ou um lugar, orientar sobre saúde, divulgar uma peça teatral, livro, filme, dentre outras.

Sobre as características de **superfície linguística**, Travaglia (2007b) afirma:

As características da superfície linguística do texto, a que Bakhtin (1992) chamou de estilo, são elementos composicionais de formulação da sequência linguística, do que muitos chamam de superfície linguística. Essas características podem referir-se a qualquer plano da língua (fonológico, morfológico, sintático, semântico, pragmático) ou nível (lexical, frasal, textual). (TRAVAGLIA, 2007, p. 62).

[...]

É preciso que fique claro que a caracterização por meio desse parâmetro não se refere pura e simplesmente ao recurso linguístico utilizado, mas também a sua relação com as propriedades da categoria. Estamos chamando de propriedades, por exemplo, as perspectivas definidoras dos tipos, a instauração de locutor e alocutário enquanto enunciadores (produtores de uma enunciação contextualizada e condicionada pelos contextos de situação e sócio-histórico-ideológico, por objetivos de interação, etc., enfim, considerando-se as condições de produção), os objetivos/funções das categorias de texto, os objetivos/funções definidores de gêneros, etc (TRAVAGLIA, 2007b, p. 63).

O autor exemplifica mostrando o uso de expressões que marcam o tempo em gêneros que possuem o tipo narrativo como predominante, pois a noção temporal é reforçada com esses marcadores, além do uso dos tempos verbais. Travaglia (2007b) cita o uso de: a) datas - em 1980; b) expressões - era uma vez; c) advérbios e adjuntos adverbiais; d) nomes indicadores de tempo - semana, mês, dia, ano; dentre outros recursos.

Ressaltamos que, nas notícias, as expressões temporais são precisas e determinadas, pois marcam o tempo cronológico do fato noticiado ou de acontecimentos relacionados a esse fato. Além disso, o uso dos elementos da superfície linguística, em qualquer plano ou nível, deve ser analisado na correlação com as funções que exercem e com as características da categoria de texto, seja o tipo ou o gênero. Essa relação será mostrada em nossa análise, por exemplo, em algumas notícias cujos elementos linguísticos ligados ao tipo narrativo possuem uma função mais argumentativa do que sequenciadora de fatos.

Por fim temos as **condições de produção** como elemento caracterizador das categorias de texto. Nesse parâmetro Travaglia (2007b) insere aspectos relacionados a **quem**

**produz, para quem, quando, onde (lugar), o suporte e o serviço**<sup>12</sup>. As características de quem produz e de onde produz nos remete ao que Bakhtin nomeou de esfera de atividade humana, a qual entendemos relacionar-se também ao que Swales (1990) define como Comunidade Discursiva, termo que, segundo o autor, **tem sido usado pela “perspectiva social” que confere ao** processo de escrita.

Para definir Comunidade Discursiva, Swales (1990) propõe seis características que, ressalta, são necessárias e suficientes para identificar um grupo de indivíduos como uma comunidade discursiva. Essas características são:

- 1.A discourse community has a broadly agreed set of common public goals;
- 2.A discourse community has mechanisms of intercommunication among its members;
- 3.A discourse community uses its participatory mechanisms primarily to provide information and feedback;
- 4.A discourse community utilizes and hence possesses one or more genres in the communicative furtherance of its aims;
- 5.In addition to owning genres, a discourse community has acquired some specific lexis;
- 6.A discourse community has a threshold level of members with a suitable degree of relevant content and discursal expertise (SWALES, 1990, p. 24-27).<sup>13</sup>

Acreditamos que podemos considerar os textos produzidos nos jornais, principalmente as notícias, como pertencentes a uma determinada comunidade discursiva porque:

1. Os indivíduos pertencentes a essa comunidade possuem um objetivo público em comum, como divulgar fatos/acontecimentos, transmitir informações;

2. Existem mecanismos de comunicação entre jornalistas, como os chamados *releases*, que são uma espécie de pauta escrita na assessoria de imprensa de um jornal, a fim de informar os repórteres sobre algo que esteja ocorrendo, possibilitando a ida destes ao local do acontecimento;

---

<sup>12</sup> Neste trabalho, não abordaremos a distinção entre suporte e serviço, nem trataremos desses aspectos nas condições de produção da notícia, uma vez que esse gênero, em nosso *corpus*, possui um único ambiente como suporte: o jornal impresso.

<sup>13</sup>

1. Uma comunidade discursiva possui um conjunto de objetivos públicos comuns;
2. Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
3. Uma comunidade discursiva usa seus mecanismos de participação primariamente para fornecer informação e **“feedback”**;
4. Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros no desenvolvimento comunicativo de seus objetivos;
5. Além de gêneros próprios, uma comunidade discursiva adquire um léxico específico;
6. Uma comunidade discursiva possui membros com um grau adequado de conteúdo relevante e capacidade discursiva. (*Tradução nossa*)

3. Jornalistas utilizam seus mecanismos de participação (como reuniões) para fornecer informações e retorno (*feedback*);

4. Para o desenvolvimento comunicativo de seus objetivos, os jornalistas utilizam-se de vários gêneros;

5. A linguagem jornalística possui certas especificidades;

6. A comunidade constituída por jornalistas possui indivíduos especializados, com um grau adequado de conteúdo da área e capacidade discursiva para o exercício da profissão.

Portanto, quem produz uma notícia é um jornalista, que está inserido em uma determinada esfera de atividade profissional, ou seja, faz parte de uma determinada Comunidade Discursiva, a jornalística. As características relacionadas ao receptor (para quem se produz) podem ser percebidas na antecipação que o jornal faz do perfil de seus leitores, assim como os aspectos relacionados ao tempo (quando) em que se produz.

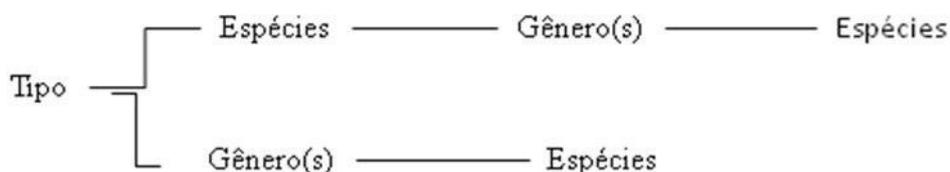
A teoria de Travaglia (2007a, 2007b) adotada reconhece as diferentes naturezas das categorias de texto, não colocando num mesmo plano de classificação/comparação textos que possuem especificidades também de naturezas distintas, o que gera uma classificação mais clara, objetiva e coerente.

Por exemplo, a Teoria Literária postula como um gênero o chamado narrativo. Porém, parece que essa classificação mistura categorias de texto de naturezas distintas. Enquanto o termo *narrativo* está relacionado à perspectiva do produtor do texto (fazer/acontecer), estabelecendo um modo de interação, o *gênero* está mais relacionado à função social do texto, refletindo, por exemplo, aspectos da atividade profissional de uma determinada esfera de atividade humana. Desse modo, entendemos que **não podemos aplicar a definição “gênero narrativo”, pois estes termos possuem naturezas distintas, não sendo coerente sua colocação sob o mesmo prisma de análise.**

Para Travaglia (2007b), as espécies se vinculam tanto a tipos quanto a gêneros, no primeiro caso, há, por exemplo, a narrativa (tipo) história (espécie) e, no segundo, os romances (gênero) policiais, eróticos, históricos, de ficção científica, etc (espécies), por exemplo. Os gêneros se vinculam a tipos, seja diretamente ou através de uma espécie do tipo.

Essas inter-relações não devem ser feitas de um ponto de vista hierárquico, uma vez que não há hierarquia entre tipo/subtipo, gênero e espécie. As inter-relações exploradas neste trabalho não esgotam o assunto abordado pelo autor, mas são suficientes para nosso propósito. O esquema abaixo, extraído de Travaglia (2007), nos mostra essas relações.

Esquema 6 – Inter-relações entre as categorias de texto.



Para Travaglia (2007b), o que circula/funciona na sociedade são os gêneros, que são constituídos por tipos e espécies. Ou seja, tipos e espécies constituem os gêneros e existem neles; refletindo uma hierarquia do ponto de vista do funcionamento dessas três categorias de texto.

No próximo item, propomos uma caracterização da notícia, a partir das definições de gênero de Bakhtin – conteúdo temático, estilo e estrutura composicional - e Travaglia (2007b) – conteúdo temático, estrutura composicional, elementos da superfície linguística, objetivos/ funções sociocomunicativas e condições de produção.

## 2.2 O conceito do gênero notícia

Apesar de não assumirmos embasamento teórico centrado exclusivamente na teoria da Comunicação sobre a definição de notícia, acreditamos pertinente traçar aqui uma breve explanação de como alguns teóricos lidam com a caracterização da notícia, evidenciando, principalmente, o tratamento dado em relação ao conteúdo desse gênero.

Beltrão (1980, apud Bonini 2003) e Melo (1992) classificam a notícia como um gênero informativo, em oposição a opinativo, em que se inscreve o editorial, por exemplo. Nesse contexto, a notícia deve informar sem opinar, uma preocupação constante na prática jornalística e reforçada nos manuais de redação e estilo, que pressupõem a escrita de um texto objetivo e imparcial, características que devem ser entendidas do ponto de vista de uma gradação; pois, se considerarmos a argumentação constitutiva da própria linguagem, temos textos mais e menos opinativos/argumentativos.

Além disso, conforme abordaremos adiante, a produção da notícia é mediada pela categoria contextual denominada Eu-mesmo, a qual abrange questões ideológicas

constituintes do próprio jornalista e do jornal–instituição em que está inserido. Desse modo, a simples escolha do que será notícia, bem como toda a composição desse gênero em todos os aspectos (estrutura composicional, estilo, conteúdo etc), sofre influência da ideologia assumida na sua esfera de produção. O quadro abaixo nos mostra a divisão dos gêneros jornalísticos segundo análise de Bonini (2003).

Quadro 4. Organização dos gêneros jornalísticos segundo Melo (1985, 1992, apud Bonini 2003) e Beltrão (1969, 1976, 1980, apud Bonini 2003)

Beltrão	Melo
<p><i>a) jornalismo informativo</i></p> <p>1. notícia</p> <p>2. reportagem</p> <p>3. história de interesse humano</p> <p>4. Informação pela imagem</p> <p><i>b) jornalismo interpretativo</i></p> <p>5. reportagem em profundidade</p> <p><i>c) jornalismo opinativo</i></p> <p>6. editorial</p> <p>7. artigo</p> <p>8. crônica</p> <p>9. opinião ilustrada</p> <p>10. opinião do leitor</p>	<p><i>a) jornalismo informativo</i></p> <p>1. nota</p> <p>2. notícia</p> <p>3. reportagem</p> <p>4. entrevista</p> <p><i>b) jornalismo opinativo</i></p> <p>5. editorial</p> <p>6. comentário</p> <p>7. artigo</p> <p>8. resenha</p> <p>9. coluna</p> <p>10. crônica</p> <p>11. caricatura</p> <p>12. carta</p>

Percebemos nos autores acima a divisão dos textos dos jornais, basicamente, entre aqueles que expressam opinião e aqueles que seriam isentos de um ponto de vista. Segundo Lage (2006, p. 19), a notícia se **define como** “o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou **interessante**”.

O autor reforça que essa definição implica que a notícia é uma exposição de acontecimentos, e não exatamente uma narração, já que em uma narrativa os fatos e acontecimentos aparecem no texto na mesma ordem cronológica em que teriam ocorrido. Concordamos que a notícia é um relato de fatos, mas não podemos concordar com a posição sobre a ordenação dos fatos adotada por Lage, pois os dados empíricos não a corroboram e a maioria dos estudos sobre narrativa não fazem essa exigência.

A lógica da notícia não segue uma sequência temporal dos fatos, mas possui uma sequência a partir do fato mais importante para o menos importante, em esquema de pirâmide invertida, como afirmam muitos teóricos da Comunicação. Para explicar essa diferença, Lage (2006) analisa a seguinte sequência de fatos:

1. abre os olhos;
2. consulta o relógio de cabeceiro;
3. levanta-se;
4. vai ao banheiro;
5. escova os dentes;
6. lava o rosto;
7. ouve a campainha da porta;
8. enxuga-se às pressas;
9. sai do banheiro;
10. caminha até a porta;
11. destranca a fechadura;
12. abre a porta;
13. vê um homem caído na soleira;
14. corre o olhar em torno;
15. constata que não há ninguém mais no corredor;
16. abaixa-se;
17. toca o homem com os dedos;
18. sente que o corpo está frio e rígido;
19. percebe que é um cadáver;
20. corre para o telefone;
21. disca o número da central de polícia. (LAGE, 2006, p. 21-22)

Certamente, a pessoa que irá relatar o ocorrido à polícia não irá começar pelo fato de que ela acordou, abriu os olhos, olhou o relógio e assim por diante; mas pelo fato principal: há um cadáver em sua porta. Esta é a informação mais importante e que irá definir também a importância de outros eventos, como não haver ninguém do lado de fora quando a porta foi aberta pela pessoa que encontrou o cadáver.

Observa-se, assim, que na notícia a apresentação dos fatos se dá a partir da seleção dos eventos pelo produtor do texto, para então noticiar os acontecimentos na ordem decrescente de importância.

Percebemos nessa teoria uma definição de notícia cujo aspecto primordial reside no recorte que é feito pelo jornalista de um evento ou de uma fonte textual, aspecto que não é evidenciado nos outros teóricos citados acima. Para Lage (2006), cabe ao produtor do texto selecionar os eventos, ordená-los e então escrevê-los na notícia. É quase impossível garantir total imparcialidade ao texto noticioso, uma vez que a notícia expressa um recorte da

realidade, feito a partir de uma interpretação subjetiva, mediada por questões ideológicas. O próprio autor sinaliza essa subjetividade ao afirmar:

O universo das notícias é o das aparências do mundo. O noticiário não permite o conhecimento essencial das coisas, objeto do estudo científico, da prática teórica, a não ser por eventuais aplicações a fatos concretos. Por detrás das notícias corre uma trama infinita de relações dialéticas e percursos subjetivos que elas, por definição, não abarcam (LAGE, 2006 p. 24).

Porém, ao comparar a produção e a divulgação da notícia ao sistema de comunicação elaborado pelo linguista Roman Jakobson, Lage (2006) volta a reforçar o caráter objetivo e referencial da notícia, afirmando que “a retórica da notícia é referencial, por definição. [...] O modo verbal da notícia é, portanto, o indicativo, enquanto, nos anúncios, predomina o imperativo” (LAGE, 2006, p.26).

Não acreditamos nem na retórica referencial, nem no fato de ser o indicativo o modo verbal da notícia, a não ser nas notícias mais prototípicas; pois várias notícias, como a do exemplo (2), mostram-nos uma Manchete bastante subjetiva, com uma aparente objetividade, e o uso do modo imperativo.

A notícia do exemplo (3) mostra-nos uma valoração positiva das Malvinas, ao registrar em sua Manchete e Linha Fina que este lugar tem atrações além daquelas que retratam a guerra ocorrida no local. O Evento Principal (“Malvinas possuem passeios que vão além de imagens da guerra”) mostra um recorte que valoriza o lugar e procura convencer os leitores de que pode ser bastante agradável um passeio por lá.

A sensação de objetividade advém da estrutura sintática da Manchete: “Passeios mostram que Malvinas estão além da imagem da guerra”. O uso de um léxico impessoal **(Passeios) como agente do verbo “mostrar” induz a uma relação óbvia entre Malvinas e passeios interessantes**, uma vez que não é uma pessoa que está afirmando as opções turísticas do local, mas isso é algo comprovado/constatado pelos passeios oferecidos. Cabem aqui as perguntas: quem acha interessante uma arquitetura britânica? Quem gosta de carne de carneiro e peixes? Quem se interessa por pinguins imperiais?

Essas são atrações descritas na notícia e que revelam o ponto de vista de quem escreveu e/ou o interesse do jornal-instituição em promover/vender esse local, o que pode ser percebido nos dois parágrafos iniciais da notícia (exemplo 2), que não trazem o *Lead*, mas uma avaliação positiva do lugar e uma tese que será defendida ao longo da notícia, a saber: apesar da evocação negativa das ilhas Malvinas, geralmente associada à guerra, o arquipélago

possui atrativos turísticos que superam as recordações das batalhas. Há, portanto, uma tentativa de desconstruir uma imagem negativa e associada à guerra.

(2)

a) A associação mais comum que a maioria das pessoas faz quando se fala das ilhas Malvinas não é muito positiva. O lugar evoca, inevitavelmente, guerra, sangue, disputas e rancores (1º parágrafo).

b) Porém, esse arquipélago, localizado a 20 km da Patagônia argentina, oferece atrativos singulares aos que se aventuram a enfrentar o frio e o isolamento dessas terras (2º parágrafo).

(3)

10 turismo ★★ ★ QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Passeios mostram que Malvinas estão além da imagem da guerra

Arquipélago a 500 km da Argentina reúne opções de turismo gastronômico e de aventura

**Com casas baixas ao redor do porto, a capital, Stanley, lembra uma típica cidade britânica litorânea**

A associação mais comum que a maioria das pessoas faz quando se fala das ilhas Malvinas não é muito positiva. O lugar evoca, inevitavelmente, guerra, sangue, disputas e rancores.

Porém, esse arquipélago, localizado a 500 km da Patagônia argentina, oferece atrativos singulares aos que se aventuram a enfrentar o frio e o isolamento dessas terras.

As ilhas Malvinas reúnem opções para quem gosta de turismo de aventura, esportivo, de observação da vida selvagem, gastronômico e, claro, histórico.

O arquipélago é formado por duas grandes ilhas (East Falkland e West Falkland), mais 776 ilhas menores. Apesar da ampla superfície, é muito pouco habitada. Apenas 2.900 pessoas vivem ali, além dos 1.500 soldados britânicos estacionados na base militar de Mount Pleasant.

Para chegar, é preciso viajar de avião até Punta Arenas, no Chile, ou Rio Gallegos, na Argentina, e de lá tomar outro voo. Outro jeito é por meio dos cruzeiros, que chegam geralmente aos sábados e ficam apenas algumas horas.

A capital, Port Stanley, guarda traços de uma típica cidade britânica litorânea. Construída ao redor do porto, é composta de casas de dois andares diante do mar, a maioria brancas e de telhados vermelhos e verdes, formando um homogêneo cenário.

A melhor maneira de explorar Stanley é caminhando pelas ruas centrais ou pelas trilhas que levam ao topo dos montes ao seu redor.

Dali, é possível observar a movimentação do porto, a quietude do casarão, assim como os monumentos de guerra e as igrejas anglicana (Christ Church Cathedral) e católica (Saint Mary's).

Um passeio pela West Stone, principal loja das ilhas, é culturalmente interessante. Ali se encontram produtos das cadeias de supermercados inglesas mais famosas (Tesco, Sainsbury, Waitrose) ao lado de carnes uruguaias, frutas brasileiras, eletroeletrônicos norte-americanos e peixe fresco local.

As opções gastronômicas não são muitas, mas a cozinha está entre os pontos fortes das ilhas. Carne de carneiro, abundante nas ilhas, assim como os peixes, são as melhores pedidas.

Para depois do jantar, recomenda-se o passeio pelos pubs locais. O Desano's é o mais adolescente, o Globe, o mais tradicional, e o Victory, o mais cosmopolita.

Ali vão os estrangeiros de passagem pelas ilhas a bordo dos navios que seguem para a Antártida e os que trabalham na exploração de petróleo, além dos espanhóis, russos, franceses e chineses envolvidos com a pesca.

**PINGUINS E CAVALOS**

A menos de uma hora de Stanley, estão as praias e lagoas habitadas por pinguins imperiais. É um espetáculo à parte descer dos jipes e ser recebido por esses animais em Volunteer Point e Bluff Cove, entre outros lugares.

Outra opção de passeio é a visita às fazendas. As Malvinas possuem poucas cidades. Além de Stanley e Darwin, existem apenas o que chamam de "settlements", conjuntos de casas que se espalham pelo vasto território.

Nesses lugares mais afastados, é possível se hospedar nas casas de moradores, que permitem ao visitante participar do dia a dia das fazendas. Além da criação de ovelhas e plantações, um costume é montar cavalos, tradição adquirida quando essas terras eram habitadas por gaúchos do sul da Argentina.

**Viaje com o idioma na ponta da língua**

Confira os guias de conversação da Publifolha e aprenda a se comunicar em diversos idiomas.

INGLÊS ITALIANO ALEMÃO

Francês Tcheco Chineses

JAPONÊS GREGO ESPANHOL

www.livrariadafolha.com.br/idiomas  
Televendas 0800-140090

LIVRARIA DA FOLHA



Na verdade, o que temos na notícia é uma opinião que é representada na proposição da Manchete e Linha Fina como um fato, ou seja, os atrativos das Malvinas, que podem ser agradáveis para certos leitores e não para outros, **são registrados como fato (“Passeios mostram...”)**, para que não sejam contestados.

Outro texto que nos leva a discordar de Lage (2006) quando o autor afirma que a objetividade e o modo indicativo são elementos caracterizadores da notícia é o exemplo (4), que **tem a Manchete “Cruze o continente e conheça o bairro Moda, verde e plano”, cujo Evento Principal** (uma espécie de conselho) é expresso por um verbo no imperativo, referindo-se diretamente ao leitor, numa tentativa de influenciar seu comportamento.

O uso desse modo verbal aparece em várias Manchetes e também no interior do texto de várias notícias, as quais possuem um objetivo (no nível micro) que está além de informar os leitores do jornal sobre um fato/acontecimento, conforme abordaremos mais adiante.

Nessas notícias, há vários trechos injuntivos, em que o locutor, na figura do jornalista, **se coloca na perspectiva do “fazer posterior ao tempo da enunciação” (TRAVAGLIA, 1991)**, ou seja, o objetivo é que o receptor faça uma ação ou realize uma situação. No exemplo (4), há a incitação para que o leitor do jornal vá conhecer o bairro Moda, após cruzar o continente.

A ideologia do jornalista e da sua esfera social está implícita nos fatos noticiados, ou melhor, nos fatos que podem não representar um recorte da realidade que seria feito pelos leitores. De acordo com Sponholz (2009, p. 6), temos três concepções básicas de fato - cada uma delas implica construções distintas de uma notícia, a saber: definição ontológica, epistemológica e comunicativa.

Na visão ontológica, fato está relacionado a algo que existe no mundo, designando eventos e acontecimentos que realmente aconteceram e que podem ser objetos de uma proposição, desde que esta seja verdadeira, como aponta Austin (1990) em sua teoria dos atos de fala.

Ainda na perspectiva ontológica, a autora comenta a visão de Langer (1933):

Neste contexto, Langer (1933, p. 180), baseando-se em Wittgenstein, ressalta a necessidade de diferenciar entre a) a suposição de que o mundo real consiste de fatos e b) a de que uma proposição que copia a estrutura de um fato o expresse através da denotação direta dos seus constituintes nos respectivos constituintes da proposição. Uma declaração sobre uma coisa não pode ser a coisa em si (SPONHOLZ, 2009, p. 4).

(4)

Fotos: Marina Ueta/Vale/Contrapress

# Cruze o continente e conheça o bairro Moda, verde e plano

Na travessia para o lado asiático, o turista pode ter a sorte de ver golfinhos nadando no estreito de Bósforo

**Em Moda, fica o estádio do clube Fenerbahçe, com estátua em tamanho real do brasileiro Alex de Souza**

DE SÃO PAULO

O trocador é fácil: está na Moda. O bairro do lado asiático da cidade que leva esse nome ganha cada vez mais atenção dos locais. Diferentemente da maior parte de Istambul, Moda é plana, cheia de verde e com uma tranquilidade difícil de achar na cidade de 14 milhões de habitantes. Nesse destino, o fim é justificado pelo meio de chegada. A travessia entre continentes é feita nos barcos da municipalidade e vale pela vista. Tirando que viajar da Europa para a Ásia por R\$ 150 é menos um custo do que um benefício. O trajeto marítimo, de 20 minutos, dá a chance de notar a cidade de longe e, com sorte, topiar com golfinhos que cruzam o Bósforo. Mas quando a Ásia estiver chegando, vale fixar o olhar a costa. Está lá a imponente esta-

ção de Haydarpasa, que pegou fogo em 2010, mas já foi reparada e agora passa por reformas para agregar novas linhas férreas. Além da estação, outro colosso de Moda é o estádio do Fenerbahçe. A construção não é nenhuma Maracanã. Sua maior atração está no jardim: uma estátua em tamanho real de Alex de Souza, ex-captão do Fener, atual Cortioba. Em frente à homenagem ao brasileiro mais famoso da Turquia, é possível aproveitar o silêncio. Para depois retornar pelo caminho intercontinental. (CIRCO FELITTI)

achar na cidade de 14 milhões de habitantes. Nesse destino, o fim é justificado pelo meio de chegada. A travessia entre continentes é feita nos barcos da municipalidade e vale pela vista. Tirando que viajar da Europa para a Ásia por R\$ 150 é menos um custo do que um benefício. O trajeto marítimo, de 20 minutos, dá a chance de notar a cidade de longe e, com sorte, topiar com golfinhos que cruzam o Bósforo. Mas quando a Ásia estiver chegando, vale fixar o olhar a costa. Está lá a imponente esta-

**Dividida** Cidade fica em dois continentes, Europa e Ásia

**RAIO-X**

**ISTAMBUL** Principais regiões

**Legenda**

Rota de bonde de bondes hisi

Rota de bonde de bondes hisi

**Principais pontos turísticos da cidade**

- Torre de Gáata
- Palácio Dolmabahçe
- Mesquita Azul
- Basílica de Santa Sofia
- Grand Bazaar
- Bazar Egípcio
- Mesquita Nova
- Palácio Topkapı

**Principais pontos turísticos da cidade**

- Estação na parte norte da cidade
- Ficam na região central da cidade

**POPULAÇÃO:** 80.694.485 (estimativa para julho)

**MAIORES CIDADES:**

- Istambul: 10,4 milhões de habitantes
- > Ancara (a capital): 3,9 milhões de habitantes

**IDIOMAS:** Turco (oficial) e curdo

**MOEDA:** Lira turca (Câmbio: R\$ 1 = 0,91 lira turca)

**RELIGIÃO:** Islâmica

FONTE: CIA e governo da Turquia

**CONDICÕES**

**RESERVAS**

- British Airways: 0800-761-0885; www.ba.com
- Turkish: 0/xx/11/3371-9600; turkishairlines.com

**RESERVAS**

- Ada Hotel: 00/xx/90/212-518-8475; adaistanbul.com
- Decolar.com: 4003-9444; www.decolar.com
- Hotel Djem: 00/xx/90/212-518-1295; hoteldjem.com
- Jazz Hotel: 00/xx/90/212-296-3002; jazzhotel.com.tr

**HOSPEDAGEM**

**EM ISTAMBUL**

- Divas Hotel/Na Decolar.com: R\$ 287\*
- Ada Hotel: € 109\*\*
- Hotel Djem: € 139\*\*\*
- Jazz Hotel: € 180\*\*

**CONDICÕES**

\*Acesso sujeitos a aprovação da companhia em 16/4

**PARA QUANDO VOCÊ FOR À TURQUIA**

**PASSAGENS AÉREAS**

**SP-ISTAMBUL-SP**

British Airways (via Londres): US\$ 1.128

Turkish Airlines: US\$ 1.828\*

**CONDICÕES**

\*Preço por casal, com café e sem taxas incluídas.

\*\*Preço por casal, sem café e com taxas.

\*\*\*Preço por casal, com café e taxas

**PARA QUANDO VOCÊ FOR À TURQUIA**

**PASSAGENS AÉREAS**

**SP-ISTAMBUL-SP**

British Airways (via Londres): US\$ 1.128

Turkish Airlines: US\$ 1.828\*

**CONDICÕES**

\*Acesso sujeitos a aprovação da companhia em 16/4

**Passado inclui vista da estação de Haydarpasa**

Bertrand Gardel/FP

Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de abr. de 2013. Turismo, F3.

Nesse contexto, uma proposição sobre um fato, como uma Manchetete de jornal, por exemplo, não é o fato em si, mas um recorte desse fato (desde que a proposição seja verdadeira), da mesma maneira que uma foto tirada no local de um acontecimento é uma

figura, e não o acontecimento. Temos nessa concepção a não identidade entre os objetos no mundo e as proposições que representam esses objetos.

Epistemologicamente, fato pode ser definido como sendo o resultado de um processamento dos dados crus, da realidade, em proposições e declarações; sendo que nem sempre há uma equivalência entre os dois extremos desse processo. Ou seja, nem sempre a proposição sobre um fato é sua correspondente fiel, já que podemos ter proposições verdadeiras e aquelas que acreditamos que são verdadeiras, mas que são fatos falsos, no contexto da teoria. Como afirma a autora:

Factualização epistêmica nem sempre resulta em uma equivalência do estímulo recebido ou dado cru em uma declaração ou proposição. Neste sentido, Walsh diferencia fatos no sentido epistêmico em primários e secundários, ou seja, entre uma proposição verdadeira, e uma proposição que se acredita ser verdadeira. A consequência desta visão do problema é que fatos (epistêmicos) podem ser falsos. (SPONHOLZ, 2009, p. 10).

Sponholz (2009) ressalta que **a frase de Aristóteles de que “contra fatos não há argumentos” é usada frequentemente** no jornalismo para divulgar a ideia de que a notícia é a realidade ou o fato em si, sem nenhuma intervenção do sujeito que a escreveu. É esse o raciocínio envolvido na Manchete do exemplo (2), se os passeios mostram que nas Malvinas há bons atrativos, não há por que duvidar.

Na perspectiva comunicativa, fato pode ser definido como algo oposto a um **juízo de valor**, a um **juízo de valor**. A oração **“João é um bom bombeiro”** se difere de um fato e de declarações descritivas, segundo a autora, por expressar uma valoração sobre uma pessoa, e não simplesmente descrevê-la, como ocorreria em **“João é um bombeiro” (exemplo nosso)**.

Sendo assim, a Manchete **“Passeios mostram que Malvinas estão além da imagem da guerra”** seria uma declaração, uma descrição sobre o lugar, já que explicitamente não há nenhum julgamento do lugar, apenas uma constatação de fatos. Porém, como já afirmamos, há uma valorização do lugar, mesmo que implicitamente, a partir de um recorte subjetivo do jornalista. O que confere a subjetividade à Manchete e à notícia, além dos aspectos já explanados, é também o contexto em que o gênero é realizado, ou seja, a publicação dessa notícia, aparentemente constativa e factual, em um caderno de *Turismo*, que possui um objetivo de vender, além de informar, conforme abordaremos.

Acreditamos, portanto, que uma noção de fato mais adequada ao processo de produção da notícia seria aquela que o considera como um recorte da realidade realizado pelo produtor; porém, discordamos de que a proposição ou a declaração sobre o fato deva ser submetida a

condições de veracidade, já que isso seria impossível, pois cada olhar para o fato consistiria em um recorte da realidade.

Quanto ao seu **conteúdo temático** (BAKHTIN 1997, 2004; TRAVAGLIA, 2007b), portanto, uma notícia caracteriza-se pela **exposição de um fato**, o qual consiste em um recorte da realidade realizado pelo jornalista. Essa exposição sempre ocorre numa ordem **decrecente de importância, no formato de “pirâmide invertida”** (LAGE 2006, VAN DIJK 1986), da informação mais importante no momento de produção para a informação considerada menos impactante.

Esse fato, nas notícias mais prototípicas, está relacionado a eventos no âmbito político e econômico (VAN DIJK, 1986). Em decorrência disso, nessas notícias geralmente os personagens envolvidos são autoridades e representantes legais, como: prefeitos, vereadores, deputados, senadores, governadores, presidentes, ministros etc.

Quanto ao **estilo verbal** (BAKHTIN, 1997, 2004), que neste trabalho entendemos como os elementos de **superfície linguística** (TRAVAGLIA, 2007b) em vários níveis e planos, os manuais de redação produzidos pelos jornais trazem várias instruções para a produção do texto jornalístico, conforme os trechos abaixo, extraídos das 49 Instruções Gerais do Manual de Redação e Estilo do *Estado de S. Paulo* para a produção de qualquer texto a ser publicado no jornal:

- 1 – Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias...
- 2 – Construa períodos com no máximo duas ou três linhas. Os parágrafos, para facilitar a leitura, deverão ter cinco linhas datilografadas, em média, e no máximo oito...
- 3 – A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico...
- 4 – Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia...
- 9 – Em qualquer ocasião, prefira a palavra mais simples: *votar* é sempre melhor que *sufragar* ...
- 20 – Faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos...
- 43 – Trate de forma impessoal o personagem da notícia, por mais popular que ele seja... (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO – O Estado de S. Paulo, 1990, p. 16, 18 e 20).

Nas Instruções Específicas, organizadas por ordem alfabética, temos:

**Palavras e locuções vetadas.** Esta lista inclui as palavras e expressões que o Estado considera antijornalísticas, pernósticas, desnecessárias...: adentrar, aduzir, aeródromo, afazeres, agente da lei, agilização, agilizar...  
**Sentido incompleto.** 1 – Os verbos transitivos (diretos e indiretos) pedem sempre complemento. O mesmo ocorre com palavras e expressões que,

sozinhas, tornam incompleto o sentido da frase. Veja sempre se o texto que você escreveu não deixa no ar umas destas perguntas: o quê? quem? de quê? do quê?...

**Simplicidade.** A simplicidade é condição essencial do texto jornalístico... (MANUAL DE REDAÇÃO E ESTILO—O Estado de S. Paulo, 1990, p. 56, 70 e 71)

Numa terceira parte, intitulada “Normas e Estilos Internos”, o Manual traz ainda, por ordem alfabética, uma série de regras gramaticais a serem seguidas e normas de produção de texto levando em consideração a atividade jornalística (recolhimento de informações, consideração do tamanho do texto antes de produzi-lo, dentre outras atividades).

No Manual *online* da *Folha de S. Paulo*, temos a seguinte orientação para a escrita do texto jornalístico:

Um bom texto jornalístico depende, antes de mais nada, de clareza de raciocínio e domínio do idioma. Não há criatividade que possa substituir esses dois requisitos.

Deve ser um texto **claro e direto**. Deve desenvolver-se por meio de encadeamentos lógicos. Deve ser **exato e conciso**. Deve estar redigido em nível intermediário, ou seja, utilizar-se das **formas mais simples admitidas pela norma culta da língua**. Convém que os **parágrafos e frases sejam curtos** e que cada frase contenha uma só idéia. Verbos e substantivos fortalecem o texto jornalístico, mas adjetivos e advérbios, sobretudo se usados com frequência, tendem a piorá-lo. O tom dos textos noticiosos deve ser **sóbrio e descritivo**. Mesmo em situações dramáticas ou cômicas, é essa a melhor maneira de transmitir o fato da emoção.

Deve evitar fórmulas desgastadas pelo uso e cultivar a riqueza dos vocábulos acessíveis à média dos leitores. O autor pode e deve interpretar os fatos, estabelecer analogias e apontar contradições, desde que sustente sua interpretação no próprio texto. **Deve abster-se de opinar, exceto em artigo ou crítica**. Disponível em:

<[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_texto\\_introducao.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_introducao.htm)>  
Acesso em fev. 2015.

As notícias estão relacionadas, segundo os Manuais, à simplicidade e objetividade. Em relação à clareza na escrita da notícia, assim como à simplicidade, assumindo a perspectiva sociocognitiva aqui adotada, essas características devem ser relativizadas; pois, dependendo do modelo de contexto do leitor para o qual foi direcionada a notícia, podemos ter um léxico e até uma sintaxe mais (ou menos) complexa em termos de ser ou não comum e usual.

Por exemplo, nos cadernos *Mercado e Infovest*, há uma gama de léxico que é compreendida apenas pelo público-alvo, que é específico do caderno, cujo conteúdo consiste

de notícias relacionadas a investimentos financeiros. O mesmo ocorre no caderno *Esporte*, em que determinados termos não são explicados, pois o jornalista parte do princípio de que seus leitores já compartilham do mesmo conhecimento social/cultural que está sendo expresso no texto.

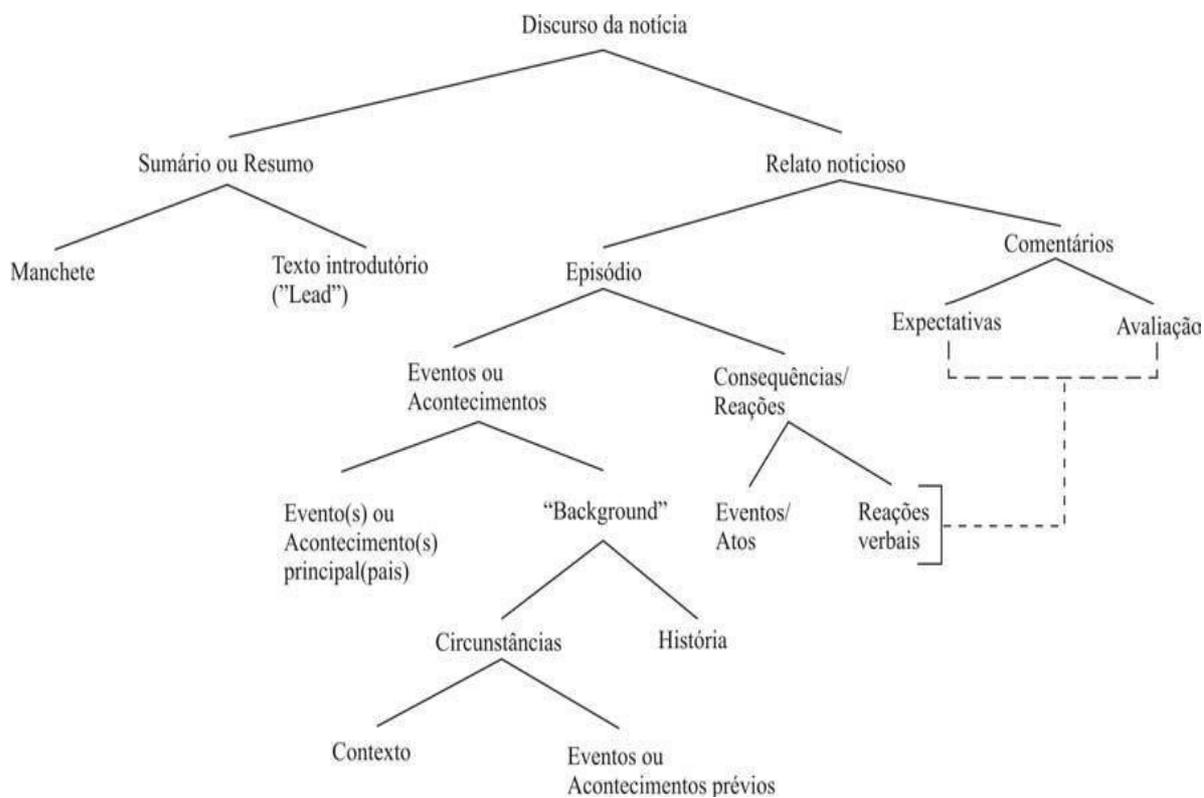
Desse modo, em relação ao **estilo verbal** da notícia, se a linguagem é simples e clara depende do modelo de contexto compartilhado entre produtor do texto e público-alvo, o qual determina o estilo da linguagem — elemento da superfície linguística — utilizada na produção da notícia.

Há, portanto, uma linha contínua que varia da linguagem mais simples e clara para uma linguagem mais específica e adequada à imagem do leitor e ao seu conhecimento social pressuposto pelo jornalista. O que podemos afirmar é que, quanto mais prototípica for a notícia, mais a linguagem atinge um maior número de leitores, com menos especificidades.

Ressaltamos ainda que as variações nos elementos da superfície linguística, como léxico específico, sintaxe simples ou complexa, sentidos mais ou menos elaborados (plano semântico) refletem também uma aproximação ou um distanciamento entre os interlocutores (jornalistas e leitores). Além disso, a caracterização da notícia como um gênero, no que se refere ao estilo verbal, deve estar relacionada, como afirma Travaglia (2007b), às propriedades das categorias de texto, como o tipo textual no caso da notícia, basicamente o tipo narrativo.

Outra característica da notícia conforme aparato teórico adotado neste trabalho refere-se à **estrutura composicional**. Quanto à superestrutura da notícia, adotamos a proposta de Van Dijk (1986), conforme esquema e explanação abaixo, tomados de Travaglia (1991):

Esquema 7 – Superestrutura da notícia, Travaglia (1991, p. 306).



**1) SUMÁRIO OU RESUMO:** afirma do que se trata a notícia, declarando o evento principal e/ou outros eventos. Dentro do Sumário/Resumo, encontramos duas sub-categorias:

“**Headline**”, editada no “**topo**” da notícia, com letra diferenciada do resto do texto e que pode ser de duas naturezas: a) uma principal, que aqui chamamos de título principal ou **Manchete**, e b) possíveis headlines, acima ou abaixo, que aqui chamamos de **Linha Fina**, uma espécie de subtítulo da manchete. A segunda sub-categoria do Sumário é o **Lead**, que ocorre na primeira sentença ou parágrafo da notícia e deve responder às perguntas Quem? O quê? Onde? Quando? Como? e Por quê?, revelando ao leitor o evento principal e seus envolvidos, facilitando assim a compreensão do texto.

## 2) RELATO NOTICIOSO:

**Episódio - EVENTOS OU ACONTECIMENTOS:** pode abranger um ou mais **Eventos Principais (EP)** e outros eventos, que aqui chamaremos de **Eventos Secundários (ES)**. O evento de maior relevância será aquele que, dentre vários, ocorreu por último, atendendo assim a um princípio de periodicidade. A definição do evento principal é fundamental para a

análise da superestrutura da notícia, pois é a partir dele que podemos diferenciar os eventos secundários da categoria de Background.

**Episódio - Eventos ou Acontecimentos - BACKGROUND: o Background** é uma categoria responsável pelo ativamente de modelos situacionais (“situation models”) da memória, ou seja, o leitor, em contato com as informações dessa categoria, ativa seus conhecimentos acumulados a respeito do assunto em questão. Existem dois tipos de Background: o **presente (Contexto)** - situação atual em que o evento ocorre - e o **passado (História)** - que informa o leitor sobre circunstâncias anteriores ao evento principal e faz um levantamento histórico sobre o contexto mais remoto que ocasionou a situação atual e seu(s) evento(s).

### 3) RELATO NOTICIOSO:

**Episódio - CONSEQUÊNCIAS:** as consequências dos eventos podem revelar a importância destes e, muitas vezes, jornalistas incluem no texto informações sobre  **fatos e ações** que seguem os eventos, ressaltando assim a sua importância. Essas consequências também podem ocorrer através de **reações verbais (“verbal reactions”)**, que correspondem a declarações dos envolvidos na notícia sobre as implicações do Evento Principal.

### 4) RELATO NOTICIOSO:

**COMENTÁRIO:** essa categoria confere uma certa subjetividade à notícia, pois registra opiniões sobre o evento noticiado. Os comentários podem ser: **Expectativas** - referências a eventos futuros - e **Avaliações**, expressões avaliativas (bom, ruim, felizmente, infelizmente, etc). A respeito dessa categoria, Travaglia (1991) postula que pode ocorrer também em **reação verbal**, com trechos em discurso direto.

Consideramos uma notícia prototípica aquela que realiza todas as categorias acima, ou a maioria delas, preferencialmente na seguinte ordem, conforme Van Dijk (1986): 1. Sumário/Resumo (**“Headline” e Lead**), 2. **Evento Principal**, 3. Background, 4. Consequências e 5. Comentário.

A notícia intitulada “Cartas com veneno são enviadas a autoridades”, publicada na *Folha de S. Paulo* em 18 de abril de 2013 (anexo 9), é um exemplo de notícia prototípica. Abaixo desse título há duas linhas finas: “Teste aponta ricina em envelopes mandados a Obama e senadores” e “Prédios do Congresso tribunal em Boston são esvaziados; FBI não vê indícios e ligação com o atentado à maratona”.

O *Lead* aparece tipicamente no primeiro parágrafo, apresentando o fato (o quê?), o tempo (quando?) e o lugar (onde?), informações também presentes no Título e Linha Fina:

(5)

*Dois dias depois (quando) do atentado na maratona de Boston, as autoridades dos EUA (onde e quem) interceptaram uma carta dirigida ao presidente Barack Obama que, segundo testes preliminares, continha ricina, substância altamente tóxica (o quê) (1º parágrafo).*

O Evento Principal é expresso também no primeiro parágrafo a partir das informações do *Lead* (Cartas com veneno foram enviadas a autoridades dos EUA). No segundo, terceiro e quarto parágrafos, há detalhes do Evento Principal, informando que o veneno é o mesmo que foi endereçado a um senador republicano, dentre outras informações. No quinto e sexto parágrafos, há um Evento Secundário passado (ataques com antraz em 2001) e Background desse evento. No sétimo parágrafo há comentários do FBI, expressos em reação verbal e transcritos pelo jornalista em discurso indireto.

Em relação à **superestrutura textual**, portanto, a notícia é caracterizada pela realização das categorias explanadas acima (Van Dijk, 1986), as quais são mediadas pelo contexto e preenchidas com os tipos textuais adequados às funções dessas categorias. Vale ressaltar que a organização da superestrutura de maneira prototípica ou não depende de influências contextuais, ou seja, do modelo de contexto que, conforme abordaremos no próximo capítulo, está relacionado, em primeira instância, aos cadernos do jornal.

Quanto à obrigatoriedade dessas categorias esquemáticas, a única necessária para que haja uma notícia é o Evento Principal, pois sem um fato/acometimento não há a composição do gênero notícia. Além disso, as notícias possuem, minimamente, uma Manchete ou título principal, sendo a Linha Fina uma categoria que pode aparecer ou não.

Quando uma notícia se realiza de maneira diferente - como ocorre nos cadernos de temas específicos - entendemos que há variações da notícia prototípica, que se caracterizam por possuírem os traços delimitadores de uma notícia, mas que possuem variações quanto a sua forma de realização, tanto em relação às categorias de superestrutura quanto em relação a outros aspectos constituintes da notícia, como elementos da superfície linguística e conteúdo temático.

Além da superestrutura, temos a composição dos gêneros por **tipos e/ou espécies** como elementos da **estrutura composicional**. A notícia prototípica é constituída,

predominantemente, pelo tipo narrativo, bem como pelos **elementos de superfície linguística** relacionados a esse tipo, como tempo verbal passado e expressões marcadoras de tempo, como **“interceptaram”** (verbo no pretérito perfeito do indicativo) e **“dois dias depois”** (expressão que indica um tempo definido), presentes no exemplo (5).

Nas notícias cujo objetivo se aproxima de uma venda, há muitos trechos descritivos e injuntivos (exemplo 6), que preenchem as categorias de Detalhes do Evento Principal. É o que ocorre nos parágrafos abaixo, extraídos da notícia “Cruze o continente e conheça o bairro Moda, verde e plano” (exemplo 4), cuja manchete já é injuntiva.

(6)

*a) Diferentemente da maior parte de Istambul, Moda é plana, cheia de verde e com uma tranquilidade difícil de achar na cidade de 14 milhões de habitantes. (2º parágrafo - descrição)*

*b) O trajeto marítimo, de 20 minutos, dá a chance de notar a cidade de longe e, com sorte, topa com golfinhos que cruzam o Bósforo. Mas quando a Ásia estiver chegando, **vale fixar o olhar à costa**. (4º parágrafo – descrição e injunção em negrito)*

*c) Está lá a imponente estação de Haydarpasa, que pegou fogo em 2010, mas já foi reparada e agora passa por reformas para agregar novas linhas férreas. (5º parágrafo – narração)*

*d) Além da estação, outro colosso de Moda é o estádio do Fenerbahçe. A construção não é nenhum Maracanã. Sua maior atração está no jardim: uma estátua em tamanho real de Alex de Souza, ex-capitão do Fener, atual Coritiba. (6º parágrafo - descrição)*

*e) Em frente à homenagem ao brasileiro mais famoso da Turquia, **é possível aproveitar o silêncio. Para depois retornar pelo caminho intercontinental**. (7º parágrafo – injunção na forma de sugestão de possibilidade)*

Com exceção do primeiro parágrafo, todos os outros realizam detalhes do Evento Principal (Os turistas devem cruzar o continente e conhecer o bairro Moda), com a predominância do tipo descritivo, com trechos narrativos e injuntivos.

Ainda na estrutura composicional temos a **disposição dos elementos no texto**, como aponta Travaglia (2007b). No caso das notícias, temos como elemento definidor desse gênero a organização da Manchete no topo e em fonte maior que o texto - como ocorre na maioria do *corpus* analisado. Quando há variação a Manchete aparece em posição de destaque, também em fonte maior, mas ao lado ou no meio do texto da notícia, além de poder apresentar cores e

fontes diferentes. Ou seja, a Manchete de uma notícia prototípica deve ter uma posição de destaque, acima de todo o texto que traz o fato noticiado.

Essa característica é responsável pela confusão e classificação errônea de muitos textos que são artigos ou resenhas como notícia. Esses textos possuem título destacado e, às vezes, subtítulos, os quais podem ser confundidos, à primeira vista, com a Manchete e a Linha Fina, categorias esquemáticas da superestrutura da notícia.

Porém, a partir da autoria do texto, bem como pela leitura atenta do mesmo, percebemos que não se trata de um texto da esfera jornalística, produzido por um jornalista para divulgar um acontecimento, mas de uma análise, um comentário de outro profissional sobre assunto diverso ou até mesmo sobre um assunto relacionado a uma notícia.

Em relação ao uso de várias **linguagens** como elemento caracterizador da estrutura composicional, a notícia pode apresentar: foto, imagem, gráfico, infográfico ou tabela. Porém, esses signos não verbais não são indispensáveis na composição do gênero, ou seja, não é condição necessária e suficiente para que haja uma notícia a presença desses recursos semióticos. O que ocorre é que a maioria das notícias possuem uma foto, acompanhada de uma legenda explicativa abaixo; porém isso não é uma obrigatoriedade e um elemento definidor do gênero.

Travaglia (2007b) traz ainda como elementos da estrutura composicional a **dimensão**, ou o tamanho do texto, e a escrita em **verso ou prosa**. Temos aqui como aspecto caracterizador da notícia sua composição em prosa, já que um fato noticiado em versos e com ritmo, rima e musicalidade poderia ter um valor estético-literário, mas não seria considerado uma notícia como um gênero textual da Comunidade Discursiva Jornalística.

Sobre a dimensão, o tamanho da notícia não é um aspecto definidor, pois encontramos textos pequenos (apenas com Evento Principal e Background) e textos maiores, com a presença de todas as categorias de superestrutura da notícia. Em nossa pesquisa, como explicaremos no capítulo 5, selecionamos para compor o *corpus* as notícias maiores, pelo fato de possibilitarem a análise da realização de todas as categorias esquemáticas da superestrutura da notícia.

Quanto à **função sociocomunicativa**, partimos de nossa pesquisa de Mestrado, na qual assumimos que a notícia estabelece

[..] a comunicação entre os membros da comunidade discursiva jornalística e leitores de jornais e revistas, através da divulgação de fatos e acontecimentos novos ou mais remotos (tanto no âmbito regional quanto nacional e mundial), informando a população sobre algo ou alguém; refletindo, assim, a

ação social dos jornalistas que se refere ao compromisso ético e profissional de transmitir informações (SILVA, 2007, p. 99).

Como afirmamos no item 2.1 deste capítulo, a função sociocomunicativa e os objetivos podem ser mais facilmente perceptíveis pelo ato de fala que é realizado. Na notícia mais prototípica, a função sociocomunicativa, o objetivo, é informar, divulgar um fato ou acontecimento relevante.

Sobre as **condições de produção** da notícia, esse gênero é produzido por um jornalista (quem produz) para um público-alvo (leitores – para quem se produz) cujos valores e crenças são antecipados pelo produtor do texto, o qual, por sua vez, é membro de uma determinada Comunidade Discursiva (onde se produz). A função sociocomunicativa da notícia, bem como seus objetivos, respondem à pergunta *para que se produz?*, que faz parte das condições de produção.

É importante registrarmos que as características definidoras da notícia como um gênero textual segundo quadro teórico adotado nessa pesquisa referem-se à notícia prototípica, que possui geralmente um conteúdo temático relacionado a questões políticas e econômicas. O quadro abaixo, proposto nesta pesquisa, mostra os elementos caracterizadores da notícia no seu formato mais prototípico.

Quadro 6 – características composicionais da notícia prototípica.

<b>MANCHETE:</b> Com fonte em negrito e maior que o texto, no topo da notícia.	
<b>LINHA FINA:</b> Abaixo da Manchete, com fonte negrito. Pode haver mais de uma.	
<b>Conteúdo Temático</b>	Recorte da realidade feito pelo jornalista de um fato/acontecimento digno de ser noticiado e que, geralmente, está relacionado a aspectos políticos e econômicos. Os fatos são contados pela ordem decrescente de importância (pirâmide invertida). <b>Presença de “personagens típicos”, como autoridades que atuam na política e economia em âmbitos local, regional, nacional e internacional.</b>
<b>Estrutura Composicional</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li><b>1. Superestrutura textual:</b> 1. Sumário/Resumo (“<i>Headline</i>” e <i>Lead</i>), 2. Evento Principal, 3. Background, 4. Consequências e 5. Comentário.</li> <li><b>2. Tipo Textual:</b> Predominantemente narrativo.</li> <li><b>3. Uso de várias linguagens:</b> geralmente presença de foto com legenda explicativa. Pode conter: gráficos, tabelas infográficos e</li> </ol>

	<p>outros recursos que usam o verbal e o não verbal.</p> <p><b>4. Disposição dos elementos no texto:</b> Manchete e Linha Fina em posição de destaque, geralmente acima do corpo da notícia.</p> <p><b>5. Escrita do texto:</b> prosa.</p>
<b>Estilo verbal</b>	<p><b>Estilo Verbal</b></p> <p>Elementos de superfície linguística relacionados ao tipo narrativo, como: tempo verbal pretérito (mais comum) e futuro, além de marcadores temporais precisos. Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.</p>
<b>Função sociocomunicativa</b>	<p>O objetivo é estabelecer a comunicação entre os membros da Comunidade Discursiva Jornalística e leitores do jornal, informando e divulgando um fato/acometimento relevante. Não se pretende, explicitamente, comentar, argumentar, vender ou aconselhar.</p>
<b>Condições de produção</b>	<p>Gênero produzido na Comunidade discursiva jornalística, por profissionais que possuem um objetivo público comum, para leitores cujo conhecimento social é previsto em cada notícia, em cada caderno e em todo o jornal.</p>

O que permanece o mesmo nas várias realizações da notícia, apesar das variações que podem ocorrer, são as condições de produção, uma vez que todas as notícias estão situadas na Comunidade Discursiva Jornalística, refletindo em sua composição essa esfera social em que atuam jornalistas, e não outros profissionais. A função sociocomunicativa no nível macro também permanece, apesar de aparecerem outras funções, no nível micro, as quais não excluem o objetivo comunicacional primordial de divulgar uma informação.

Porém, esses dois critérios não podem ser tomados exclusivamente como parâmetro de constituição de uma notícia, pois existem textos publicados no jornal, escrito por jornalista com a função de divulgação de informação, e que não são notícia, como um boletim meteorológico e até uma nota de falecimento.

Além da função social e das condições de produção, para ser uma notícia a composição textual de um texto deve conter, minimamente, um Evento Principal (superestrutura textual) e uma Manchete, ou seja, um fato/acometimento que é noticiado em um texto que possui um título. A natureza desse fato (conteúdo temático) pode variar, o estilo

da redação também pode sofrer alterações, assim como os demais aspectos da estrutura composicional (uso de várias linguagens, tamanho da fonte etc), mas não pode haver a ausência desse fato, ou não há uma notícia.

Desse modo, em relação aos elementos composicionais do gênero, a notícia se caracteriza pela sua função sociocomunicativa, condições de produção e estrutura composicional que realiza, no mínimo, um EP, não sendo obrigatórias as outras categorias de superestrutura.

O exemplo em (7) abaixo (“O desafio de nossas quase 700 terras indígenas é de gestão”) nos mostra como a fusão desses três elementos são importantes, pois trata-se de um artigo, uma análise publicada ao lado de uma notícia. Esse texto, apesar de poder ser escrito por um jornalista, não possui o princípio da divulgação da informação, mas tem o objetivo, claro e explícito, de fazer uma crítica, uma análise sobre o fato principal noticiado na mesma página (“Índios abandonam área e vivem situação precária em Roraima”). O título principal da análise se parece com uma Manchete; porém, ao lermos o texto, percebemos a ausência de qualquer outra categoria de superestrutura de uma notícia.

(7)

2 poder 2 ★ ★ ★ SÁBADO, 20 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## Índios abandonam área e vivem situação precária em Roraima

Lixão e prostituição são alguns dos destinos de ex-moradores da Raposa Serra do Sol, demarcada há 4 anos pelo Supremo

**Líder de etnia diz que uma das responsáveis pela situação é a Funai, que não se manifestou sobre o problema**

**ERICH BECAT**  
ENVIADO ESPECIAL A BOA VISTA

Quatro anos após o Supremo Tribunal Federal determinar que a área de Raposa Serra do Sol era uma reserva indígena e que os “brancos” teriam de ir embora, a energia elétrica finalmente chegou ao barraco de madeira de dois quartos do líder da etnia macuxi Avelino Pereira.

Ele mora com a mulher, filha e neto lá. Mas seu barraco, contudo, está a cerca de 180 km da comunidade da Raposa Serra do Sol em que residia boa parte de sua vida. Hoje Pereira vive em Nova Esperança, uma invasão na periferia da capital de Roraima, Boa Vista, situação que ilustra o que ocorreu com parte da comunidade indígena após a demarcação.

“Hoje a realidade [em Raposa Serra do Sol] está aí, não tem uma agricultura melhor, não tem estrada boa, saúde boa. Se alguém disser que está boa, é mentira”, diz Pereira, 50 anos, acostumado com a vida próxima a cerca de 340 famílias de produtores rurais, que tiveram que deixar as terras para cerca de 20 mil índios após a decisão do STF.

Não há dados oficiais, diz o IBGE, sobre os índios que deixaram a região.

No município de Cantá a 38 km de Boa Vista, outro líder indígena, Silvano da Silva, faz coro e fala sobre uma

“Hoje temos vários indígenas ‘saídos’ [da reserva] para procurar melhores de vida”, diz Silva, ex-presidente da Sociedade de Defesa dos Índios Unidos do Norte de Roraima. Entre os principais alvos das queixas está a próspera Funai (Fundação Nacional do Índio). “Eles querem que o índio volte a viver no passado, como viveram os nossos, que tinham raiz e usavam capim-ba de buritis [adereço] no pé, a bunda aparecendo. Hoje não, não quero fazer isso.”

No percurso de carro de Cantá a Boa Vista, o indígena comenta: “Pena que estamos com pouco tempo, queria ir lá no lixão para te mostrar”. Ao longo da BR-174 está Venâncio, um macuxi de fala morna. Ele trabalha num lixão à beira da estrada, cercado por urubus, tratores e o mau cheiro. Consegue de R\$ 20 a R\$ 30 por dia.

“Essa realidade do lixão ela começa hoje em Roraima em escala pequena, mas a tendência é que se não fizermos nada vai crescer”, diz o governador de Roraima, José de Azeiteiro (PSDB).

Com a chegada da noite em Boa Vista, surge outra face da busca por sobrevivência de indígenas nas periferias: a prostituição. No bairro Asa Branca, algumas mulheres conversam com vestidos cur-

tos e maquiagens carregadas, vozes abafadas pela música alta do grupo Calcinha Preta.

Entre elas, Menezes, 26, que há seis meses conseguiu trabalhar no estabelecimento como garçonete. Agora, vive prostituta e diz ganhar R\$ 300 por dia. Segundo o IBGE, a renda média mensal na região, na faixa etária de Menezes, é de R\$ 954.

“Estou aqui porque preciso pagar minhas contas”, diz ela, que morava em Uiramutã, comunidade em que ela nasceu na reserva.

A Funai não se pronunciou sobre a situação da reserva.

Os produtores rurais, por sua vez, migraram para outros Estados e para a Guiana. Dono de duas fazendas na área, Paulo Cesar Quartiro (DEM-RR), hoje tem fazenda na ilha de Marajó, no Pará.

O deputado, que chegou a ser preso durante o processo de retirada de produtores, faz parte da Comissão de Integração Nacional da Câmara que se reuniu em Boa Vista com agricultores e índios para discutir a situação da região.

Pequenos produtores também vivem dificuldades. “O governo prometeu que ia dar uma casa, um pouco artesanal e não deu nada”, diz Wilson Alves Galego, 72.

de construir, com agentes públicos, uma política de gestão ambiental e territorial.

As 718 abrangem mais de um quinto da Amazônia Legal e têm um papel fundamental na preservação ambiental. O uso sustentável dos recursos naturais e a geração de renda por meio de atividades como a criação de gado, praticada em Raposa, são preocupações dos mais de 500 mil brasileiros residentes nessas áreas, 1/8 do território nacional.

O decreto 7.747 de 2012 institui diretrizes e objetivos para essas políticas, conquistadas em diálogo com lideranças indígenas desde 2008.

Tornar-se “o lugar onde as gerações futuras tenham plenas condições de permanecer é, de fato, uma tarefa hercúlea, considerando-se a

essenciais na maior parte da Amazônia e a dificuldade histórica dos povos indígenas de acessar recursos públicos.

Dos 896 mil indígenas do país, pouco mais de 300 mil vivem em cidades. Igualmente, urge garantir assistência a eles, pois é fato que, em muitos lugares, essas famílias enfrentam condições precárias.

É preciso entender, porém, que isso não se contrapõe à necessidade de existência das terras indígenas. Pelo contrário. Em Estados como o Mato Grosso do Sul persiste um passivo enorme nas demarcações.

A Constituição estabelece a diversidade cultural como um valor. No que tange aos povos indígenas, é nas suas terras demarcadas e protegidas que ela pode se desenvolver em sua plenitude. Os recursos para manter essa política são modestos, quando comparados com os valores que o país disponibiliza para setores como o agronegócio.



O índio macuxi Venâncio, que trabalha em um lixão ao longo da BR-174, em Boa Vista

### ANÁLISE

## O desafio de nossas quase 700 terras indígenas é de gestão

SPENCER FORTMEL

ESPECIAL PARA A FOLHA

O histórico julgamento de Raposa Serra do Sol no STF permanece inconcluso, pois ainda se aguarda a análise de embargos que podem validar ou sepultar as famosas 19 condicionantes agregadas à sentença. O episódio, de qualquer forma, já se tornou um marco. De um lado, confirmou importantes princípios antropológicos a respeito de demarcação em sua confirmação, com o atendimento do artigo 231 da Constituição. Por outro, impulsionou ações dos ruralistas para conter a consolidação dos direitos indígenas.

Os 17 mil habitantes da Raposa enfrentam o desafio que está posto para nossas quase 700 Terras Indígenas (TI) e

de construir, com agentes públicos, uma política de gestão ambiental e territorial.

As 718 abrangem mais de um quinto da Amazônia Legal e têm um papel fundamental na preservação ambiental. O uso sustentável dos recursos naturais e a geração de renda por meio de atividades como a criação de gado, praticada em Raposa, são preocupações dos mais de 500 mil brasileiros residentes nessas áreas, 1/8 do território nacional.

O decreto 7.747 de 2012 institui diretrizes e objetivos para essas políticas, conquistadas em diálogo com lideranças indígenas desde 2008.

Tornar-se “o lugar onde as gerações futuras tenham plenas condições de permanecer é, de fato, uma tarefa hercúlea, considerando-se a

essenciais na maior parte da Amazônia e a dificuldade histórica dos povos indígenas de acessar recursos públicos.

Dos 896 mil indígenas do país, pouco mais de 300 mil vivem em cidades. Igualmente, urge garantir assistência a eles, pois é fato que, em muitos lugares, essas famílias enfrentam condições precárias.

É preciso entender, porém, que isso não se contrapõe à necessidade de existência das terras indígenas. Pelo contrário. Em Estados como o Mato Grosso do Sul persiste um passivo enorme nas demarcações.

A Constituição estabelece a diversidade cultural como um valor. No que tange aos povos indígenas, é nas suas terras demarcadas e protegidas que ela pode se desenvolver em sua plenitude. Os recursos para manter essa política são modestos, quando comparados com os valores que o país disponibiliza para setores como o agronegócio.

### 3 CONTEXTO: UMA ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA

As concepções de contexto variam ao longo do tempo, de autor para autor e até um mesmo autor pode usar o termo com acepções diferentes sem se dar conta disso, como afirma Koch (2002), em sua obra *Desvendando os Segredos do Texto*.

A autora comenta que, quando houve a influência da Pragmática na Linguística Textual, os pragmaticistas chamavam a atenção para se considerar a situação de comunicação e a intenção dos interlocutores na produção do sentido. Porém,

A simples incorporação dos interlocutores ainda não era suficiente, já que eles se movem no interior de um **tabuleiro social**, que tem suas convenções, suas normas de conduta, que lhes impõe condições, lhes estabelece deveres e lhes limita a liberdade. Além disso, toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura, cujas tradições, cujos usos e costumes, cujas rotinas devem ser obedecidas e perpetuadas (KOCH, 2002, p. 23).

Após fazer uma revisão na literatura sobre o termo contexto, a autora afirma que

O contexto, da forma como é hoje entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o co-texto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, absume os demais (KOCH, 2002, p. 24).

O contexto sociocognitivo envolve tanto os elementos cognitivos responsáveis pela produção e interpretação de textos como os elementos da situação de comunicação (situacionalidade) e as regras dessa comunicação.

Também na perspectiva sociocognitiva, Van Dijk (2012), na obra *Discurso e Contexto*, propõe uma teoria sobre o contexto em que esse termo é definido a partir de uma interpretação subjetiva dos aspectos mais relevantes da situação social, a qual, segundo o autor, possui elementos que não compõem o contexto.

O que difere a teoria de Van Dijk (2012) da maioria das definições existentes em várias disciplinas (como na Sociolinguística) é que o autor define o contexto não como todo o entorno ou toda a situação comunicativa/social em si, mas como aquilo que dessa situação é

considerado pelos usuários como mais relevante para a comunicação e a produção do discurso<sup>14</sup>. Essa proposta assume um aspecto cognitivo e social, já que o contexto é uma espécie de modelo mental, uma interpretação subjetiva do usuário, mas construído a partir de conhecimentos partilhados socialmente. Como afirma o linguista,

Uma das principais teses deste livro é que os contextos não são um tipo de situação social objetiva, e sim construtos dos participantes, subjetivos embora socialmente fundamentados, a respeito das propriedades que para eles são relevantes em tal situação. (VAN DIJK, 2012, p. 87).

Entender o contexto na perspectiva cognitiva de um modelo mental significa entendê-lo como uma representação dos participantes (esquemas), uma construção dos elementos que são considerados mais significativos da situação social. O contexto é um modelo mental, um modelo de contexto, já que é um construto, uma interpretação subjetiva, e não a situação objetiva de comunicação.

Segundo Van Dijk (2012), a teoria dos modelos mentais propicia uma explicação simples e objetiva para vários fatos e acontecimentos que em outras abordagens não são esclarecidos. Por exemplo, a partir do entendimento do modelo mental como a representação subjetiva do sentido de um texto e dos eventos que fazem parte do assunto desse texto, a coerência é explicada por meio da construção de um modelo mental para os eventos ou fatos presentes no texto. Ou seja, há coerência se os usuários forem capazes de construir modelos mentais plausíveis (coerentes) para os acontecimentos e eventos presentes no texto, além de estabelecerem uma relação causal e temporal entre esses acontecimentos.

Como os modelos mentais são representações de experiências do cotidiano arquivadas em nossa memória episódica<sup>15</sup>, um texto pode ser coerente para quem está escrevendo ou falando e não o ser para quem está lendo ou ouvindo. Isso ocorre porque nem sempre os modelos mentais compartilham características suficientes para que haja a compreensão entre os participantes de um evento comunicativo. Desse modo, pode haver diferenças de interpretação devido a **diferenças nos modelos mentais, os quais são “únicos, pessoais e subjetivos”** (VAN DIJK, 2012, p.92); pois são construídos a partir de experiências próprias das pessoas.

---

<sup>14</sup> O termo discurso, conforme a teoria **sociocognitiva de contexto adotada neste trabalho, significa “qualquer forma de língua manifestada como texto (escrito) ou fala-em-interação (falado), num sentido semiótico amplo. Isso inclui estruturas visuais, como o layout, os tipos de letras e imagens para textos escritos ou impressos, e os gestos, a expressão facial e outros canais e veículos de comunicação”** (VAN DIJK, 2012, p. 166).

<sup>15</sup> Segundo a teoria sociocognitiva do autor, na memória episódica ficam arquivados os modelos mentais de nossas experiências cotidianas, que abrangem também a representação da maneira como compreendemos e planejamos os gêneros.

Porém, os modelos mentais também possuem aspectos mais objetivos. Como afirma Van Dijk (2012),

Além de sofrerem o efeito de condicionamentos intersubjetivos e sociais importantes, os modelos mentais subjetivos podem também ser influenciados por condicionamentos objetivos, como a percepção de propriedades físicas de coisas ou pessoas, ou de situações, como a organização espacial.

[...]

As experiências acumuladas com as situações do dia a dia podem, portanto, levar a esquemas de modelos abstratos nos quais, por exemplo, os Ambientes (Tempo, Lugar), os Participantes (em vários papéis e relações), bem como as ações são categorias mais ou menos estáveis (VAN DIJK, 2012, p. 93-94).

A objetividade dos modelos mentais ocorre devido à presença de categorias que estão presentes na maioria dos esquemas que representam nossas experiências cotidianas. Essas categorias mais estáveis citadas acima (Tempo, Lugar, Participantes e Ações) formam a base do modelo de contexto, conforme explicaremos mais adiante.

Além de abranger aspectos subjetivos e objetivos, os modelos mentais possuem uma base social, já que são construídos a partir do conhecimento geral ou abstrato (conhecimento de mundo) adquirido e compartilhado na sociedade. Ou seja, adquirimos, remodelamos e arquivamos nossos esquemas de experiências porque temos contato com todo o conhecimento produzido socialmente.

Por exemplo, ao lermos uma notícia sobre as ações políticas e econômicas do atual governo do Brasil, estamos construindo e/ou atualizando nosso modelo mental (modelo de experiência) sobre esse governo, por meio de nosso conhecimento mais geral sobre política, economia, governabilidade, legalidade e vários outros aspectos relacionados ao tema.

Temos, nesse ponto, a base da perspectiva sociocognitiva assumida nesse trabalho para a definição de contexto, que, sendo um modelo mental, possui elementos cognitivos – construção/representação/esquemas de experiências - e sociais – conhecimento geral e abstrato -, simultaneamente.

Se os modelos mentais são esquemas de representações de nossas experiências vividas ao longo da vida, eles possuem também as representações da produção e compreensão dos discursos, que fazem parte de nossas experiências. Como afirma Van Dijk,

[...] os contextos são um tipo especial de modelo mental da experiência cotidiana, tal como acaba de ser definida. Não há nada de estranho ou contraintuitivo em definir os contextos como modelos mentais, porque os eventos comunicativos e as interações discursivas são formas da experiência

cotidiana como quaisquer outras. [...] A única característica diferente dos modelos de contextos é que eles representam a comunicação ou interação verbal. E que, da mesma forma que os modelos mais gerais de experiência ou interação organizam o modo como adaptamos nossas ações à situação social ou ao entorno, os modelos de contexto organizam os modos como o nosso discurso é estruturado e adaptado estrategicamente à situação comunicativa global (VAN DIJK, 2012, p. 107).

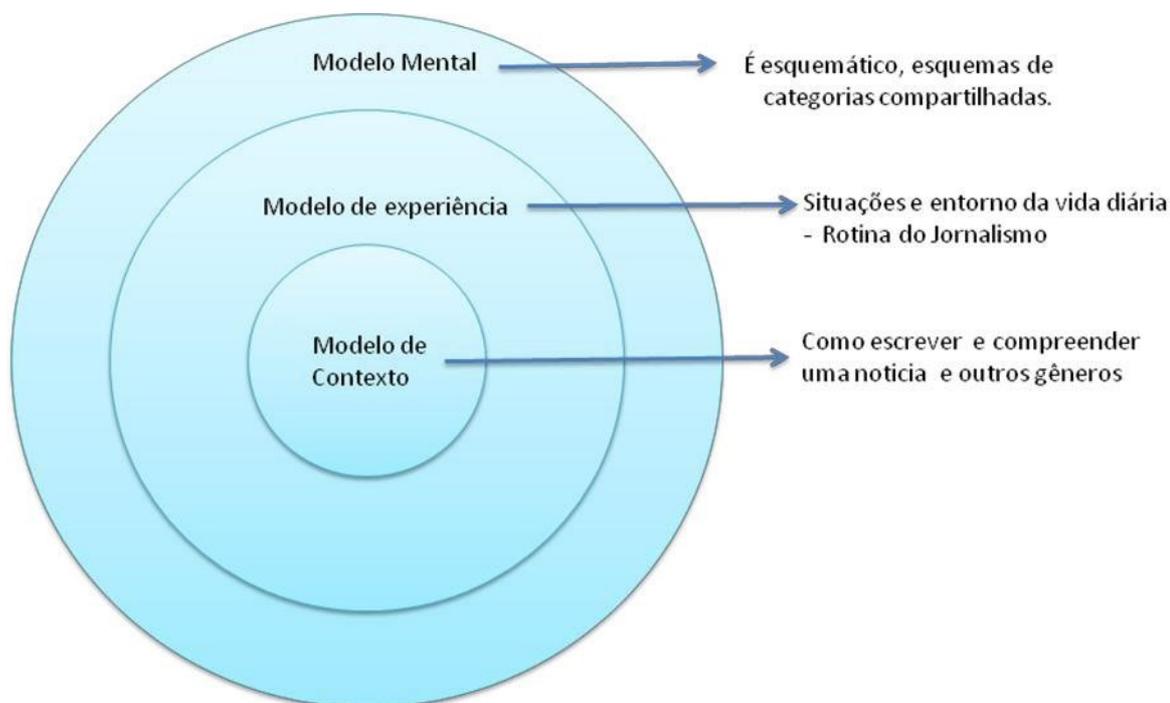
O modelo de contexto, portanto, é responsável pela adequação do discurso à situação de comunicação, pois possui a representação de como planejamos e compreendemos um texto, seja oral ou escrito. Ou seja, se representamos as situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, compreendemos e produzimos um texto a partir desses modelos mentais, os quais ativamos no momento da leitura e os quais são o ponto de partida para produzirmos determinado texto.

Quando lemos uma notícia, por exemplo, o processo de compreensão se dá a partir de nossos esquemas arquivados sobre os eventos e fatos que podem estar presentes na notícia, assim como sobre o conteúdo temático que esperamos encontrar nesse gênero. Por outro lado, iniciamos o processo de escrita de uma notícia porque temos uma representação subjetiva, construída por nosso conhecimento geral, sobre como se escreve esse gênero e quais características ele deve ter.

A relação entre o modelo de contexto e os modelos mentais que arquivamos em nossa memória episódica pode ser percebida na imagem abaixo, proposta neste trabalho para compreensão da relação entre esses termos.

A leitura da imagem que segue nos mostra que todo modelo de contexto é um tipo específico de modelo mental e um tipo de modelo da experiência cotidiana, com a diferença de que possui a representação da produção e interpretação do discurso, como afirmamos acima.

Figura 5. Relação entre modelo mental, modelo de experiência e modelo de contexto, proposta neste trabalho.



Percebemos o papel do modelo de contexto como a ponte entre os modelos mentais (representações das experiências e eventos) e o texto produzido (discurso), já que escrevemos sobre um mesmo acontecimento de maneiras diferentes conforme as diversas situações em que estamos. Isso acontece porque os participantes colocam em jogo os aspectos mais relevantes da situação no momento da produção de um gênero, fazendo a adequação do texto à situação em que estão inseridos no momento.

Na rotina dos jornalistas, por exemplo, esses profissionais possuem representações, modelos mentais, sobre a produção do gênero notícia. No momento da escrita, entram em jogo os aspectos considerados mais importantes para o texto em questão (modelo de contexto), considerando-se, nesse caso, os objetivos e intenções do jornalista, que responde por um jornal-instituição. Desse modo, o modelo de contexto determina se é necessário omitir uma informação ou enfatizá-la para marcar uma determinada posição ideológica, como acontece nos exemplos de (8) a (11) que serão explicados adiante.

Como um modelo mental, o modelo de contexto possui as seguintes características:

1. é armazenado em nossa memória;
2. é subjetivo, pessoal;

3. fundamenta-se em conhecimentos compartilhados socialmente;
4. representa um evento comunicativo específico;
5. é dinâmico e atualizado durante as interações comunicativas;
6. controla e adapta a interação verbal;
7. é organizado por categorias e esquemas que vão definir os vários eventos comunicativos, inclusive os gêneros.

Ao mesmo tempo em que as categorias contextuais passam pelas experiências e interpretações dos participantes, elas são construídas socialmente, a partir da interação dos **participantes em “eventos comunicativos”, como define o autor**, a interação entre os interlocutores. Além disso, um modelo de contexto, como todo modelo mental, é construído a partir de categorias objetivas, presentes na maioria dos eventos, como Tempo, Espaço e Participantes.

Essa interação entre objetividade e subjetividade, entre social e cognitivo, não nos permite sermos extremistas nas explicações de construções linguísticas e gêneros textuais. Não se trata, portanto, de afirmarmos que determinada variação no gênero notícia, por exemplo, ocorra devido a uma questão apenas de estilo do jornalista, o que seria uma explicação extremamente subjetiva.

Por outro lado, também não podemos simplificar as categorias contextuais, ignorando sua complexidade, sua dinamicidade e suas variações em cada situação comunicativa, já que um mesmo participante, por exemplo, diante de um mesmo evento comunicativo e falando sobre um mesmo tema, pode expressar-se de maneira significativamente diferente. Como afirma Van Dijk (2012, p. 93), “[...] **a subjetividade dos modelos mentais não implica que eles sejam totalmente subjetivos**, da mesma forma que a unicidade de todo discurso individual não implica que esse discurso seja totalmente original”.

As Manchetes dos exemplos (8) a (11), pertencentes a quatro jornais distintos, mostram-nos a complexidade dos elementos contextuais e sua influência na produção do gênero. Todas as capas divulgam um mesmo acontecimento: o primeiro dia da Copa do Mundo, no dia 12 de junho de 2014, com estreia da seleção brasileira, que jogou contra o time da Croácia.

A diferença entre as notícias e manchetes varia tanto em termos de informações dadas como em relação à leitura que cada jornal fez da postura do juiz da partida. *O Estado de Minas* e o *Agora* não mencionam a presença da presidente da república na abertura e não registram as vaias a ela, fato que aparece no título principal da *Folha de S. Paulo* (“**Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vaia a Dilma**”) e no título e subtítulo do *Estado de S. Paulo*

(**“Brasil vence Croácia de virada; Dilma é hostilizada pela torcida / Jogo de abertura da copa foi marcado por críticas à arbitragem; presidente é vaiada e xingada em coro por três vezes”**).

Sobre uma possível falha da arbitragem favorecendo o Brasil, o *Agora*, jornal paulista já conhecido pelo sensacionalismo, reforça o erro do juiz e usa de ironia quando mostra a imagem do árbitro ao lado de dois jogadores da seleção brasileira. O título principal, **“Neymar, Oscar e japonês garantem vitória do Brasil”**; assim como o subtítulo (Craque marca duas vezes e seleção, com ajuda de um **pênalti inexistente**, bate Croácia de virada por 3 a 1 na estreia da Copa), reforçam a leitura do jornal de um pênalti que não existiu e de que um gol não foi por mérito.

Já o *Estado de Minas* é mais nacionalista ao colocar a expectativa do povo brasileiro (**“O início do sonho”**) e reforça o talento da seleção brasileira, fazendo uma avaliação positiva do jogo: **“Brasil passa sufoco, mas com dois gols de Neymar e um de Oscar bate a Croácia por 3 a 1”**. A referência ao pênalti e ao juiz aparece no texto abaixo da imagem, apenas no seguinte trecho: **“[...] No segundo tempo, num pênalti duvidoso, cavado por Fred, Neymar fez mais um”**. E termina a notícia desta maneira: **“[...] Se não foi uma partida brilhante, emoção não faltou. O primeiro passo em busca do hexa está dado. Faltam seis”**.

A diferença das notícias sobre um mesmo fato não deve ser explicada apenas fazendo referência a contextos e jornais diferentes, pois se devem explicitar as bases conceituais desse contexto e o que de fato interfere no modo como os jornalistas redigem suas notícias.

Se o contexto é tomado puramente como a situação em si, composta por categorias objetivas e passíveis de uma descrição também objetiva, não poderíamos explicar nem justificar toda essa variação das Manchetes e notícias abaixo. Já quando tomamos o contexto como uma construção dos participantes sobre os aspectos mais relevantes de uma situação social (modelo de contexto), relacionamos as diferenças dos textos às interpretações subjetivas e aos recortes dos fatos que são feitos por cada jornal, a partir de um modelo de situação e de determinados objetivos. Essa visão relaciona o contexto à produção do gênero. Como afirma Van Dijk,

Os usuários da língua, além de falar sobre os eventos, também precisam modelar a si próprios e a outros aspectos da situação comunicativa em que estão envolvidos no momento. Desse modo, os modelos de contextos se tornam a interface crucial entre os modelos mentais e os discursos sobre esses eventos (VAN DIJK, 2012, p. 92).

(8)

**FOLHA DE S. PAULO**

de 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL folha.com.

OTOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO ANO 94 ★ SEXTA-FEIRA, 13 DE JUNHO DE 2014 ★ Nº 31.117 EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 21H30 ★ R\$ 3,

**Brasil abre a Copa com gol contra, virada e vaia a Dilma**

Favorecida por erro da arbitragem, seleção faz 3 a 1 na Croácia em São Paulo; país tem protestos isolados

**GRUPO A**  
**3x1**  
Brasil Croácia

**Dilma crava os dedos altos do jogo**

**Neymar comemora o primeiro gol contra a Croácia**

**ma partida difícil, a seleção brasileira venceu a abertura da Copa ano, disputada no Itaipão, em São Paulo. Ba-Croácia por 3 a 1.**

Diante de mais de 60 mil torcedores, o time do técnico Luiz Felipe Scolari saiu perdendo com gol contra de Marcelo, mas virou com dois de Neymar e um de Oscar.

O segundo gol, de Neymar, veio de pênalti marcado por erro do árbitro em lance com Fred. Neymar e Oscar foram os principais destaques da estreia.

O Itaquerão passou na prova de fogo da abertura, mas teve problemas. Houve filas, o sinal de telefone e internet era ruim e parte da iluminação falhou.

A presidente Dilma Rousseff, que não discursou, foi hostilizada por torcedores ao menos quatro vezes — com vaias e xingamentos, também destinados à Fifa.

Antes do jogo, um grupo enfrentou a Polícia Militar em São Paulo. Manifestantes mascarados foram hostilizados em ao menos quatro cidades. Poder A4 e Copa 2014 D1

Danilo Verpa/Folhapress

Folha de S. Paulo, São Paulo, 13 de jun. 2014. Capa.

(9)

**O ESTADO DE S. PAULO**

FUNDADO EM 1875  JULIO MESQUITA (1862 - 1927)

3 DE JUNHO DE 2014 R\$ 3,00 ANO 135 Nº 44068 EDIÇÃO DE 21H30 [estado.com.br](http://estado.com.br)

**SEXTA-FEIRA**

# Brasil vence Croácia de virada; Dilma é hostilizada pela torcida

Logo de abertura da Copa foi marcado por críticas à arbitragem; presidente é vaiada e xingada em coro por três vezes

**2014** O Brasil estreou na Copa com vitória de virada por 3 a 1 sobre a Croácia na Arena Corinthians. Num jogo de altos e baixos, teve de encarar um gol contra de Marcelo e contou com Neymar para virar o jogo. Ele fez dois gols – o segundo após cobrança de um pênalti duvidoso marcado sobre Fred, que gerou críticas à arbitragem. Pré-candidata à reeleição, a presidente Dilma Rousseff abriu mão do discurso, mas não escapou de um coro de vaias e xingamentos. Por três vezes, torcedores entoaram: “Ei, Dilma, vai tomar no c...”. No estádio, parte dos telespectadores apagou, cadeiras ainda estavam com numeração errada e houve fila de até uma hora para comprar alimentos. **COPA 2014 • POLÍTICA / PÁG. A4**

**CLIPÃO E O PÊNALTI**  
Vi dez vezes o lance lá dentro (no vestiário). Não tenho dúvida. Foi pênalti. O juiz estava perto, ele viu.”

**RUSSIMO**  
Melhores do dia: Croácia deu sustos. Mas Oscar impensou tudo. E a J.Lo, claro. **PÁG. B2**

**ITERO GRECO**  
A torcida cheia e o juiz amigo: a seleção vence pelo talento de Neymar e Oscar e com ajuda do apito. **PÁG. B3**

**NÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO**  
A torcidazinha pousada na trave: ou odiando terem tornado a Copa um evento lúgubre. **CADERNOS / PÁG. C10**

**JOGOS DE HOJE**  
México x Camarões  
19H - NATAL  
Espanha x Holanda  
19H - SALVADOR  
Chile x Austrália  
19H - CURITIBA

**Ne Yed**  
No início  
Hulk, Neymar  
comemora  
primeiro  
seus dois gols  
na abertura  
da Cop

**ABERTURA É CRITICADA**

**Dez capitais**



NILTON FURUKAWA/ESTADÃO

ROBSON FERNANDES/ESTADÃO

Estado de S. Paulo, São Paulo, 13 de jun. 2014. Capa.

(10)



Estado de Minas, Belo Horizonte, 13 de jun. 2014. Capa.

(11)

www.agora.com.br Sexta-feira, 13 de junho de 2014 ANO 16 Nº 5.563

# Agora

R\$ 1,90 são paulo



Neymar comemora golaço que empatou o jogo; Oscar corre para celebrar seu gol que fechou o placar; o juiz Yuichi Nishimura, que marcou pênalti inexistente em Fred

## Neymar, Oscar e japonês garantem vitória do Brasil

aque marca duas vezes seleção, com ajuda de m pênalti inexistente, te Croácia de virada por a 1 na estreia da Copa

O Brasil venceu seu jogo de estreia na Copa contra a Croácia por 3 a 1, de virada, no Fielzão, graças à habilidade de Neymar, à raça de Oscar e à ajuda do juiz japonês Yuichi Nishimura. A seleção entrou nervosa e saiu atrás com gol contra de Marcelo —o primeiro da história do Brasil em Copas. O empate saiu em golaço de Neymar em chute cruzado de fora da área. A lateral direita da defesa brasileira era uma avenida, e a Croácia assustava, enquanto o Brasil tinha dificuldade para furar a marcação. Na etapa final, Fred se jogou na área, e o árbitro deu pênalti. Neymar bateu e virou o sétimo maior artilheiro da seleção (33 gols). No fim, Oscar, o melhor do jogo, fechou o placar de bico. Para o técnico croata Niko Kovac, o pênalti foi ridículo. "Se continuar assim isso vai virar um circo." **B3 e B1**

Agora, São Paulo, 13 de jun. 2014. Capa.

Desse modo, os textos são diferentes porque cada jornal possui um modelo de contexto, ou seja, um conjunto de aspectos relevantes da abertura da Copa do Mundo e do seu jogo de estreia. Para determinado jornal não é relevante a vaia à presidente da república ou o erro do juiz, já para outro esses fatos são registrados e reforçados. O modelo de contexto, portanto, é a ponte que liga a situação social (elementos contextuais) e o texto que é produzido sobre essa situação e/ou evento.

Como explicaremos mais adiante, o contexto abrange também aspectos ideológicos dos participantes da situação comunicativa, isso explica e organiza os elementos que são considerados mais ou menos relevantes e direciona a política seguida pelo jornal como uma instituição social. Ou seja, registrar ou emitir fatos, destacar ou amenizar erros estão relacionados àquilo que é considerado relevante para os participantes da situação social e à ideologia e crenças desses participantes.

É importante ressaltar que, embora haja essa variação no modo de escrita das notícias, existem certos elementos composicionais do gênero que estão presentes em todos os jornais, como foto, legenda, Manchete ou título principal, subtítulo ou Linha Fina. Isso ocorre porque, simultaneamente aos aspectos subjetivos e cognitivos envolvidos na interpretação da situação comunicativa, há também elementos e categorias mais objetivas que estão presentes na maioria dos contextos<sup>16</sup> de que fazem parte os jornalistas.

A teoria de Van Dijk, portanto, propõe um modelo de contexto, não um contexto em si. Isso significa que a situação em que ocorrem os eventos comunicativos é vista como um modelo de situação<sup>17</sup>, construído a partir de nossas experiências cotidianas e que também ajudam a remodelar essas experiências. Um modelo de contexto, sob essa ótica, assemelha-se aos modelos de experiência que acumulamos em nossa memória episódica, com a diferença de abranger a produção e a compreensão dos gêneros textuais. Como afirma o autor,

Os modelos mentais são representações cognitivas de nossas *experiências*. Num certo sentido, eles *são* as nossas experiências se assumirmos que experiências são interpretações pessoais daquilo que acontece conosco. Acredita-se que as experiências pessoais, e portanto os modelos que as representam, são armazenados na memória Episódica, que faz parte da Memória de Longo Termo (VAN DIJK, 2012, p. 94).

---

<sup>16</sup> Como explicaremos nos próximos parágrafos, a definição de contexto como um modelo de contexto abrange também os conhecimentos necessários à produção e compreensão dos gêneros.

<sup>17</sup> Um modelo de situação difere de um modelo de contexto por conter informações irrelevantes para produção do texto/fala.

Como já afirmamos, portanto, os contextos são um tipo específico de modelo mental das nossas experiências cotidianas, que contêm a representação da interação verbal e, portanto, a representação da produção e da compreensão do discurso, bem como a organização e a adequação desse discurso à situação de comunicação.

Sobre a influência do modelo de contexto na produção e compreensão do discurso, Van Dijk (2012) afirma:

[...] os modelos mentais também proporcionam um ponto de partida para a produção do discurso: se as pessoas representam as experiências e os eventos ou situações do dia a dia em modelos mentais subjetivos, esses modelos mentais formam ao mesmo tempo a base da construção das representações semânticas dos discursos sobre esses eventos, como é típico das histórias ou dos relatos de notícias do cotidiano (VAN DIJK, 2012, p. 91).

[...] uma teoria explícita dos modelos de contexto consegue descrever e explicar como nossos discursos são (produzidos de modo a ser) situacionalmente adequados de forma que os tratamentos disponíveis não explicam (VAN DIJK, 2012, p. 110).

[...] detectamos aqui o controle da produção do discurso pelo contexto, que começa na categoria mais ampla (a interação) e desce em seguida até as mais específicas (a realização fonética ou gráfica), passando pelos assuntos gerais e esquemas generalizantes (por exemplo, os da narrativa), significados locais e sentenças. (VAN DIJK, 2012, p. 146).

[...] a direção geral do processo de produção do discurso vai de modelos de eventos (ou situações) dados, representados na memória episódica, até a produção estratégica do próprio discurso, passando pelos modelos de contextos. Os modelos de eventos, neste caso, suprem a informação para o conteúdo do discurso, isto é, aquilo que é dito, e os modelos de contextos controlam como as coisas são ditas na situação em curso [...] (VAN DIJK, 2012, p. 147)

Percebemos nessas citações que toda a produção dos gêneros textuais, entendidos na teoria do autor como discurso, é mediada e controlada pelo modelo de contexto, que funciona como uma interface entre a situação e o gênero, explicando desde a sua estruturação até seu assunto mais amplo e as escolhas lexicais. Desse modo, se contamos a mesma experiência que tivemos de maneira diferente a um amigo ou a um policial, por exemplo, é porque houve uma interpretação do evento e uma remodelagem do modelo de contexto, que exige que sejamos mais ou menos formais, mais ou menos precisos, por exemplo.

Não se trata, portanto, apenas de variações objetivas de categorias contextuais (interlocutores, gênero, grupo social etc), mas de mudanças significativas dessas categorias

em termos de relevância para determinada situação. Em cada evento comunicativo existem certas categorias mais relevantes que determinam toda a produção e a compreensão do discurso.

### 3.1 Categorias Contextuais

Como os modelos mentais são representações cognitivas de nossas experiências de vida, lembrar essas experiências significa reativar antigos modelos, da mesma forma que contar o que lemos ou planejar um texto exige a ativação de nossos modelos mentais.

Segundo Van Dijk (2012), os estudos sobre a memória episódica e os processos de rememoração contribuem para a compreensão das categorias esquemáticas que formam o modelo de contexto. De acordo com essas pesquisas, temos diferenças de base neurológica nos tipos de memória episódica, pois temos representações de experiências recentes – das quais nos lembramos com detalhes, mas por um curto período de tempo – e representações mais **abstratas, que formam um “conhecimento pessoal” e que fica acessível por toda a vida.**

Essa diferença entre as memórias explica por que conseguimos nos lembrar mais facilmente de onde fomos nas últimas férias, por exemplo, mas não nos lembramos de muitos detalhes dessas férias, como a hora em que acordamos em determinado dia ou o que comemos em outro dia. Ou seja, lembramos mais facilmente de informações mais abstratas e generalizadas sobre nossas experiências e, no caso da produção e compreensão do discurso, em que entra em cena o modelo de contexto, temos acessível por um longo período de tempo aspectos mais generalizados que compõem os modelos de contexto.

Ao lembrarmos o que lemos em um texto ou como escrevemos determinado gênero, trazemos à tona as categorias esquemáticas que influenciam a produção e a compreensão do discurso. Esse processo, por sua vez, acontece pela mediação do produtor, a partir da sua interpretação/representação dos aspectos que são relevantes para a adequação do discurso à situação em que se insere. Desse modo, apesar dos aspectos subjetivos, existem categorias que formam os modelos mentais que são mais ou menos estáveis, pois se repetem com frequência nos processos de rememoração.

Segundo Van Dijk (2012),

[...] essas categorias da situação acabam aparecendo no modo como escrevemos ou falamos a respeito de experiências pessoais e outros acontecimentos, por exemplo, na estrutura de casos do significado das sentenças ou nos significados das sentenças pessoais. Assim, encontramos com frequência categorias como o Tempo, o Lugar e os Participantes em vários papéis na Ação ou no Estado de coisas, e assim por diante [...]. Um esquema com essas categorias aplica-se a muitos eventos ou experiências, se formos capazes de adaptá-lo estrategicamente à multidão de variantes que os acontecimentos podem ter (VAN DIJK, 2012, p. 100).

A reativação de modelos mentais antigos faz surgir categorias esquemáticas mais ou menos estáveis, cabe então ao modelo de contexto organizar essas categorias, estabelecendo qual delas é mais ou menos relevante, considerando a adequação do discurso à situação e aos objetivos e intenções do seu produtor.

Nessa perspectiva sociocognitiva, as categorias que aparecem com mais frequência nos modelos mentais de nossas experiências cotidianas (inclusive as experiências que envolvem a interpretação e o planejamento do discurso) e que fazem parte do modelo de contexto são definidas pelo autor da seguinte maneira:

- Ambiente: que corresponde ao tempo e espaço (lugar/entorno);
- Participantes: interlocutores e suas relações;
- Eu-mesmo: que está relacionado aos papéis comunicativos, aos tipos de papéis sociais, aos conhecimentos compartilhados e crenças ideológicas e às intenções e propósitos comunicativos do produtor do discurso;
- Eventos comunicativos/Ações.

Essas categorias, bem com suas relações, serão explicadas nos subitens a seguir.

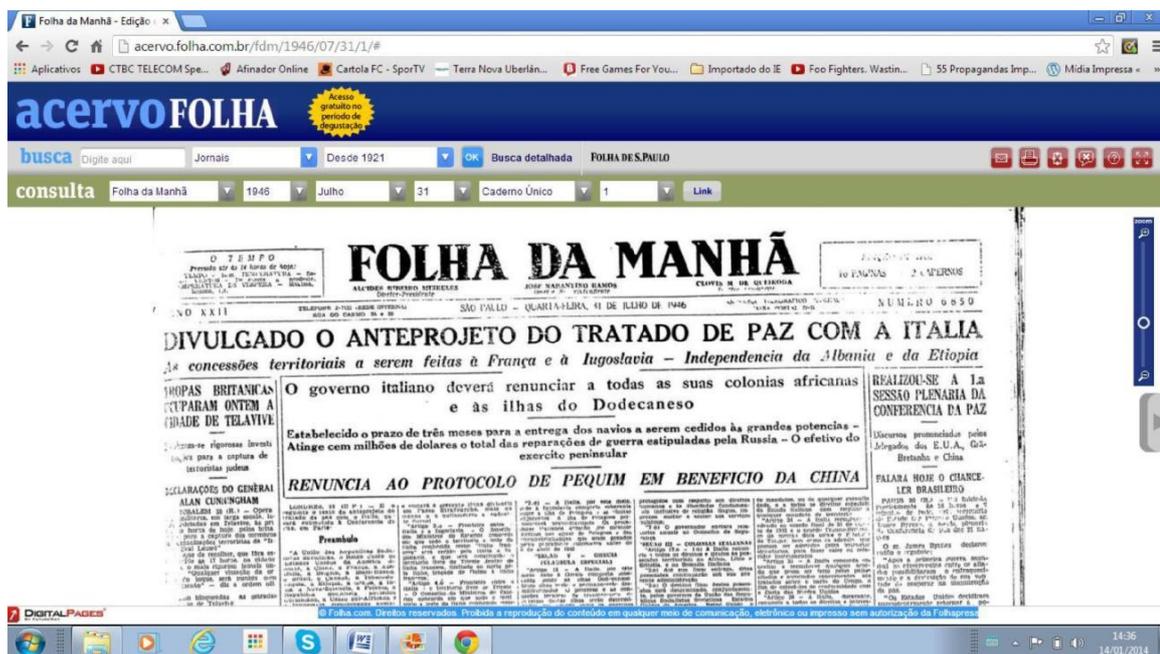
### 3.1.1 Ambiente

Nesta categoria temos dois aspectos relacionados, o Tempo e o Espaço, os quais influenciam muito, por exemplo, o que é considerado notícia e que será publicado no jornal. Podemos pensar no Tempo numa perspectiva histórica ou considerarmos o momento mais atual. No primeiro caso, percebemos claramente o quanto variou ao longo dos anos o conceito de notícia.

Analisando publicações antigas da *Folha de S. Paulo*, que nas décadas de 40 e 50 possuía duas edições (*Folha da Manhã* e *Folha da Noite*), percebemos, em primeiro lugar, o quanto o jornal daquela época pressupunha uma leitura mais demorada, diferente dos jornais

atuais que apresentam notícias curtas, fragmentadas, no estilo de vídeo clipe (Marshall, 2005), atualizadas de hora em hora no caso da internet, e imagens que muitas vezes dispensam o texto verbal. As imagens abaixo (exemplo 12), da capa da edição de 31 de julho de 1946, se publicadas no nosso cotidiano atual, consistiria numa verdadeira “poluição verbal”, haja vista a grande quantidade de informação verbal escrita. As três imagens trazem partes da mesma folha de capa do jornal.

(12) As três imagens reproduzem em sequência partes distintas da mesma página





Folha da Manhã, São Paulo, 31 jul. 1946. Capa. Acervo online disponível para assinante (<http://acervo.folha.uol.com.br/>).

Atualmente parece não haver leitores para um jornal como esse, vivemos em tempos de agilidade e rapidez, e parece não haver mais espaço para leituras demoradas. Além disso, nas décadas de 20 e 30 eram publicados no jornal telegramas e atas de reuniões na íntegra, sem uma transcrição ou edição do jornalista. Hoje, dificilmente encontraríamos um telegrama (ou um gênero mais atual correspondente) enviado por alguma autoridade publicado em algum jornal da maneira como era. Se isso acontecesse, o valor da notícia não seria a própria confecção do gênero (por exemplo: *A presidente da república enviou um ofício*), mas haveria provavelmente um relato do jornalista sobre esse gênero e sua importância (por exemplo: *Um ofício enviado pela presidente da república é responsável pelas mudanças...*).

Pensando na categoria de Tempo e Espaço fora de uma linha cronológica, percebemos que o jornal seleciona e publica matérias que considera pertinentes no contexto de sua produção, numa perspectiva macro e micro. Para um jornal da cidade de Uberlândia, além de notícias sobre o contexto nacional e internacional, são mais pertinentes notícias mais regionais, de interesse da população local.

Já um jornal como a *Folha de S. Paulo* deve publicar textos de interesse nacional, atingindo assim a maioria do seu público-alvo. Muitas notícias desse jornal abordam assuntos em voga no momento e que, em outras circunstâncias, poderiam não ser considerados dignos de serem noticiados.

O caderno de *Turismo* é bastante ilustrativo nesse caso, pois os tópicos das notícias, em sua maioria, estão relacionados a lugares que estão sendo alvo de comentários e até de programas televisivos e/ou filmes, como mostraremos adiante.

Entendemos, portanto, que aquilo que é considerado como notícia num dado momento e lugar pode não o ser em outras circunstâncias, sendo o Tempo e o Espaço categorias determinantes da importância de um assunto que será ou não considerado como algo a ser divulgado para os leitores.

### 3.1.2 Participantes

A categoria Participantes implica, no nosso trabalho, jornalistas e leitores/público-alvo e os papéis sociais assumidos por eles. A própria atividade daqueles profissionais já configura um papel social, marcado pela ética e compromisso com a divulgação dos fatos a toda a sociedade. Além disso, dependendo, primeiramente, do caderno do jornal, o jornalista pode assumir outros papéis sociais além desse, como de um especialista em economia (cadernos *Mercado e Invest*) ou literatura (caderno *Ilustrada*).

Em relação aos leitores, podemos pensar em quais papéis sociais, ou mesmo quais identidades, são pressupostas para eles a partir da produção da notícia. Parece óbvio que algumas notícias são produzidas para um determinado tipo de leitor, mas esse direcionamento influencia a composição do texto noticioso e causa variações, por exemplo, no léxico utilizado e na quantidade de informação a ser explicitada (Background Passado). Sobre a função do leitor, temos os seguintes trechos do Manual da Folha:

**leitor** - Leitor primário é aquele que compra o jornal. Leitor secundário é aquele que tem acesso ao jornal, embora não tenha o hábito de comprá-lo. A Folha procura manter relação transparente com seus leitores. Isso se expressa na instituição do ombudsman, no reconhecimento de seus erros e omissões e na disposição para corrigi-los. Expressa-se também na divulgação de seus documentos internos, como este manual. Faz parte da filosofia editorial da Folha poupar trabalho a seu leitor. Quanto mais trabalho tiver o jornalista para elaborar as reportagens, menor trabalho terá o leitor para entender o que o jornalista pretende comunicar. [...]

**perfil do leitor** - Ampla pesquisa realizada periodicamente pelo DataFolha que caracteriza em detalhes os diversos tipos de leitores da Folha e apresenta suas avaliações em relação ao jornal. Ali se encontram informações sobre posição social, renda familiar, preferências políticas e culturais dos leitores, além da avaliação que têm do jornal como um todo e de suas editorias,

seções e colunistas. (MANUAL DA FOLHA, disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_projeto\\_p.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_projeto_p.htm)> Acesso em 29 dez 2013)

Na definição de perfil do leitor, percebemos que o jornal antecipa os interesses do seu público através de pesquisas pelo DataFolha, portanto, há uma certa identidade dos leitores que o jornal considera ao escrever seus textos, marcando relações diversas entre jornalista e público-alvo, como de poder e de amizade, conforme abordaremos no capítulo 6.

### 3.1.3 Eu-Mesmo

A categoria nomeada por Van Dijk (2012) de Eu-mesmo é central no modelo de contexto, pois organiza as relações possíveis entre o Eu e os demais participantes; além de ser a referência de outras **categorias contextuais, como o “[...] aqui (o lugar em que estou), a ação (aquilo que estou fazendo neste momento), o conhecimento (o que sei neste momento) e os objetivos (o que pretendo)”** (VAN DIJK, 2012, p. 115). É a partir dessa categoria que é executado e reformulado todo o modelo de contexto durante o processo de produção e compreensão do discurso.

Também é a essa categoria que estão relacionadas questões ideológicas, pois em qualquer papel em que esteja o Eu-mesmo (falante, receptor ou escritor), a composição do discurso, principalmente no que se refere à argumentação e estruturas retóricas, é influenciada pelo lugar ideológico de onde fala esse Eu. As ideologias, portanto, são entendidas como uma propriedade cognitiva constitutiva do modelo de contexto e que controla como o fato é noticiado nos jornais.

Ligados a essa categoria central também estão os **objetivos e as intenções**, que por sua vez nos levam à categoria das **Ações/Eventos Comunicativos**. Conceituada como parte **do modelo mental, “[...] o conceito de intenção é usado aqui somente no sentido de intenções-de-ações”** (VAN DIJK, 2012, p. 119). Portanto, toda ação realizada pelos participantes é resultado de uma intenção, que é assumida pelo Eu-mesmo, quando está engajado na situação comunicativa, e inferida por seu receptor.

Na produção das notícias, os jornalistas precisam ter uma representação de quais são suas intenções e, ao mesmo tempo, inferir as possíveis intenções de seus leitores, que variam conforme os cadernos do jornal e os temas das notícias.

Já os objetivos, apesar de também estarem relacionados às ações, são definidos como **propósitos**, “[...] a saber, **modelos mentais de ações com suas consequências esperadas**” (VAN DIJK, 2012, p. 120). Tomando as capas dos quatro jornais analisadas anteriormente (exemplos 8 a 11), no *Estado de Minas*, por exemplo, o jornalista tem a intenção de escrever uma notícia sobre o jogo de estreia do Brasil na abertura da Copa de 2014, com o objetivo de reforçar o patriotismo dos brasileiros e elogiar os jogadores da seleção.

O Eu-mesmo tem mais controle de sua ação enquanto intenção do que dos seus objetivos, pois estes dependem dos receptores, participantes da situação. Como afirma Van Dijk: **“A realização de meus objetivos é contingente ao estado do mundo e às atividades de outras pessoas, ao passo que a realização de minhas ações depende somente da minha capacidade e da ausência de empecilhos”** (VAN DIJK, 2012, p. 120).

Sob essa ótica, todo jornalista compartilha da mesma intenção-de-ação, que é escrever uma notícia para o jornal em que trabalha, porém, os objetivos são diferentes e não há a garantia do seu alcance, já que um leitor pode ler a notícia do *Estado de Minas*, por exemplo, e não se convencer do brilhantismo da seleção brasileira.

Relacionando a variação dos objetivos com as variações do texto das notícias em termos de informações dadas e omitidas, bem como no que se refere a julgamentos de valor sobre o jogo (ideologia), a categoria contextual dos objetivos influencia mais na composição da notícia do que a intenção, que é comum aos jornalistas, que compartilham uma rotina de modelo de contexto no seu dia a dia.

Essa influência dos objetivos na maneira de escrever as notícias ocorre também em relação à superestrutura desse gênero, uma vez que, seguindo o princípio da relevância, há notícias que não começam com *Lead*, como ocorre muito no caderno *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*. Nessas notícias, o objetivo de promover um evento ou objeto cultural influencia na importância da categoria dos Comentários, que é supervalorizada e aparece logo no início de muitos textos noticiosos.

Podemos perceber alguns objetivos e intenções do jornalista no seguinte trecho do Manual da Folha:

Não existe objetividade em jornalismo. Ao escolher um assunto, redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma decisões em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isso não o exime, porém, da obrigação de ser o mais objetivo possível. Para relatar um fato com fidelidade, reproduzir a forma, as circunstâncias e as repercussões, o jornalista precisa encarar o fato com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse. Consultar outros jornalistas e pesquisar

fatos análogos ocorridos no passado são procedimentos que ampliam a objetividade possível (MANUAL DA FOLHA, disponível em <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_projeto\\_p.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_projeto_p.htm)>acesso em 03 jan 2014).

Percebemos, numa perspectiva macro de contexto do jornal-instituição, o objetivo e a intenção de transmitir a informação da maneira mais objetiva possível. Ao longo do manual há vários objetivos, mais ou menos implícitos, que norteiam a atividade profissional do jornalista e desencadeiam a ação principal dessa profissão de informar a população sobre acontecimentos de seu interesse.

A essa ação de informar, constituinte do contexto macro, podem ser acrescentadas outras, como a ação de orientação/aconselhamento (cadernos *Saúde, Tecnologia, Infovest*) e a de venda (cadernos de *Turismo, Tecnologia, Ilustrada*, dentre outros).

### 3.1.4 Ações/Eventos

Como afirmamos no item anterior, as intenções são definidas como intenções-de-ações, e todo jornalista compartilha a intenção de escrever uma notícia. A ação comum (no nível macro) à esfera jornalística, portanto, refere-se ao ato da escrita de gêneros jornalísticos, para divulgar, informar um fato/acontecimento.

Relacionada aos objetivos no nível micro, temos também as ações que são realizadas nesse nível, ou seja, se há o objetivo de vender, por exemplo, temos a ação de venda, que ocorre em vários cadernos do jornal e cuja existência já sinalizamos no capítulo 2 ao explicarmos a tese defendida por Leandro Marshall (2005) sobre a submissão do Jornalismo da pós-modernidade à lógica de mercado.

Agir a partir da linguagem é um pressuposto pragmático que nos remete à teoria dos atos de fala, proposta por Austin (1990). Este autor divide as proposições da língua em constativas e performativas. As primeiras seriam meros enunciados descritivos, com o **objetivo único de informar e registrar. Um exemplo seria “O filho de Maria é muito inteligente”, em que nenhuma atitude ética ou política estaria envolvida no pronunciamento desta proposição constativa. Já em “Eu vos declaro marido e mulher”, há um pronunciamento** performativo, porque dizer essas palavras não implica simplesmente uma descrição, mas uma ação social é realizada quando o sacerdote faz esse pronunciamento.

Porém, ao longo da obra *Quando dizer é fazer*, Austin propõe uma reflexão constante e a conclusão de que mesmo as proposições ditas constativas carregam uma força performativa. Ou seja, descrever algo não é simplesmente informar, mas também pode conter uma série de questões éticas e expressar uma relação de poder, na medida em que também se constitui numa ação na sociedade.

Segundo o autor, existem três níveis de análise das proposições: 1) o ato locucionário, que consiste nas próprias palavras e proposições ditas ou escritas; 2) o ato ilocucionário, que é o ato que pretendemos que nosso interlocutor reconheça quando emitimos uma ou mais proposições; e 3) o ato perlocucionário, que é o efeito que produzimos no nosso interlocutor, ou seja, o que é entendido na recepção do ato de fala.

Nem sempre o efeito perlocucionário coincide com o ato ilocucionário, ou seja, nem sempre as pessoas entendem o que dissemos ou escrevemos da maneira como queríamos. Sendo assim, torna-se necessário que nossos textos e, conseqüentemente, que nossas ações sejam típicas (de acordo com modelos de contexto específicos), facilitando assim o entendimento e a comunicação na vida social.

Entendemos neste trabalho que a categoria contextual relacionada às ações realizadas na interação podem ser entendidas como atos de fala que são realizados pelos participantes, sendo o ato perlocucionário, assim como os objetivos no nível micro, incontroláveis pelo jornalista, que não tem garantias de que seu leitor irá fazer inferências a partir da leitura da notícia da maneira como ele pretende.

As ações e atos de fala, por sua vez, estão relacionados aos tipos de eventos noticiados. Ao objetivo de venda, por exemplo, relacionam-se eventos relacionados a lugares e objetos (físicos ou culturais, como livros). Ao objetivo macro de informar e divulgar um fato, geralmente relacionam-se eventos no âmbito da política e da economia do país.

As experiências que acumulamos no nosso dia a dia nos ajudam a construir modelos de contextos que possuem, em sua maioria, as categorias acima, que são, portanto, mais ou menos estáveis na maioria dos eventos. Desse modo, embora cada modelo mental de um texto ou um evento comunicativo seja único, há uma estrutura abstrata que é construída a partir de categorias mais objetivas e relativamente estáveis.

Devemos sempre ter em mente que essas categorias possuem dois níveis, um macro e um micro. Por exemplo, em relação às identidades assumidas na categoria Participantes, o emissor de um discurso, ao mesmo tempo em que fala como um professor de uma determinada disciplina, de determinado curso (nível mais micro), fala como um brasileiro sobre a política nacional do país (nível mais macro). Do mesmo modo, podemos analisar a

categoria Ambiente como uma sala de aula de uma universidade (micro), ou toda uma cidade ou país (macro). Como afirma Van Dijk (2012):

[...] os usuários da língua podem representar ao mesmo tempo a situação atual local e seus componentes (por exemplo, dar uma aula específica hoje, responder a uma pergunta) e também vários outros níveis dos quais a ação e situação atuais são constituintes (dar esta aula este semestre, ensinar nesta universidade) (VAN DIJK, 2012, p. 112).

No nível mais macro, portanto, a situação social e comunicativa em que estão **inseridos os participantes é constitutiva de uma situação “maior”, de um contexto mais amplo** e mais generalizante. Por outro lado, o nível mais micro possui estrita relação com a situação social e comunicativa específica em que se encontram os Participantes, que nesse caso possuem objetivos e intenções mais restritos ao momento de produção e compreensão dos gêneros.

Acreditamos que quanto mais micro forem as categorias de modelos de contexto, mais ocorrerá variação na produção do discurso, no caso das notícias. Desse modo, quanto mais específicos forem a ação realizada e os objetivos pretendidos na categoria Eu-mesmo, mais haverá mudanças em relação à maneira prototípica de escrever uma notícia. No nível mais macro, o objetivo de todo jornalista de informar o leitor sobre acontecimentos diversos não acarreta em mudanças significativas na composição da notícia. Porém, um objetivo no nível micro de vender algo que está sendo noticiado gera variações que podem ser percebidas, à primeira vista, no uso de expressões que se referem diretamente ao leitor, como verbos no imperativo na Manchete. O quadro abaixo, proposto neste trabalho, mostra a atuação das categorias de contexto, em um nível mais macro, na realização da notícia prototípica.

Quadro 5. Categorias de contexto na notícia prototípica.

<b>AMBIENTE</b>	Determina o que é digno de ser notícia no momento da produção do gênero, influenciando, principalmente, o conteúdo temático, que está relacionado ao EP da notícia. Relaciona-se também à ideologia defendida pelo jornal-instituição no momento de produção da notícia.
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Jornalista:</b> assume o papel social de detentor do conhecimento e divulgador do fato que aconteceu ou que acontecerá. <b>Leitor:</b> possui uma identidade, antecipada pelo jornal, de alguém que

	<p>está em busca de conhecimento e informação. É visto pelo jornal como quem não compartilha do conhecimento social/cultural divulgado.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> nas notícias mais típicas há uma relação assimétrica, marcada pela diferença de conhecimento entre jornalista e leitor, em que o primeiro assume o compromisso ético de divulgador de um conhecimento (marcando uma relação de poder) e, às vezes, de denunciador de algum fato considerado antiético.</p>
<b>EU-MESMO</b> Possui a	intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de informar e divulgar um fato/acontecimento relevante para seu público-alvo.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: informar e divulgar um fato/acontecimento, geralmente relacionado à política e à economia.

### 3.2 As categorias contextuais e suas relações

O modelo de contexto coloca em cena os elementos contextuais (categorias esquemáticas) que são mais relevantes no momento da produção ou compreensão do discurso, organizando esses elementos de forma hierárquica e de acordo com a situação de comunicação. Essa relevância contextual é dinâmica em dois sentidos: varia de acordo com a situação em que estão os participantes e de acordo com o andamento da interação verbal, na mesma situação.

Por exemplo, as identidades assumidas (elemento contextual) pelo falante podem variar de acordo com a situação, nesse caso, uma mulher pode assumir a identidade feminista ao proferir uma palestra e uma identidade de mãe ao participar de uma reunião escolar. Também pode ocorrer que essa mesma mulher, na mesma situação social, ora assuma um discurso mais feminista e ora assuma uma fala diferente.

Como afirma Van Dijk (2012),

Cada (fragmento de uma) situação comunicativa pode dar origem a uma combinação, configuração ou hierarquia diferente dessas categorias. Por exemplo, as categorias do Gênero ou da Ocupação enquanto Participante (Identidade) podem ser (construídas como) mais ou menos relevantes ou

proeminentes em diferentes situações, ou em diferentes momentos da mesma (VAN DIJK, 2012, p. 164).

Como nosso *corpus* compõe-se de textos escritos, a dinamicidade do modelo de contexto não pode ser percebida *online*, como afirma Van Dijk (2012), ou seja, não há reformulações na notícia em decorrência de questionamentos e interpretações dos leitores sobre o texto produzido.

O que pudemos perceber, e que será explicado em nossa análise, é essa dinâmica do controle do contexto na produção da notícia em termos de variações na constituição desse gênero, que se modifica tanto em relação ao caderno em que é publicado quanto, em um mesmo caderno, em relação aos objetivos pretendidos pelo jornalista e às identidades assumidas por esses profissionais.

Desse modo, mesmo que os cadernos sejam marcados por determinadas identidades dos seus leitores, há momentos em que essas identidades mudam, o que pode ser percebido pela presença de notícias mais prototípicas, marcando outras relações entre os participantes e outros objetivos do Eu-mesmo, diferentes do que ocorre na maioria dos textos do caderno.

É importante ressaltarmos, como afirma Van Dijk (2012), que há uma possibilidade ilimitada de combinações de categorias contextuais, bem como de subcategorias relacionadas, que podem assumir um maior ou menor grau de relevância na situação comunicativa. Num determinado momento de produção de uma notícia pode ser relevante que o jornalista assuma o papel social de publicitário e produza seu texto a partir de uma identidade prévia do leitor relacionada como um consumidor daquilo que é noticiado.

Nesse processo, dependendo principalmente dos objetivos do Eu-mesmo, podem **“ficar de fora” algumas identidades possíveis para os leitores, como de gênero (masculino e feminino) ou de ocupação profissional e de pertencimento a determinado grupo social.**

Nesse sentido, toda análise que busque as relações e influências contextuais na composição dos gêneros é uma análise das categorias de contexto que, naquele texto específico, mostraram-se como mais relevantes e adequadas à situação social e comunicativa.

### 3.3 Conhecimento e modelo de contexto

Como os modelos mentais são construídos a partir de conhecimentos compartilhados socialmente, a administração desse conhecimento é fundamental na representação que possuímos dos eventos comunicativos. Segundo Van Dijk (2012), há um mecanismo no modelo de contexto que regula a expressão e a não-expressão de determinado conhecimento por parte do produtor do discurso. Esse mecanismo é nomeado de **mecanismo-K**, que calcula o quanto de conhecimento sobre o assunto é compartilhado pelos participantes.

O **mecanismo-k1** postula que os falantes devem assumir que seus receptores sabem o que já foi dito a eles anteriormente, em um modelo de contexto antigo. Trata-se aqui de um conhecimento pessoal, que está em jogo em conversas entre participantes que se conhecem e, portanto, já estiveram em um mesmo evento comunicativo antes. Por exemplo, se reencontro uma amiga que há alguns meses não vejo e, da última vez, disse a ela sobre um problema de saúde que ainda possuo, não preciso explicitar novamente as mesmas informações, que não são mais novas.

Porém, se nesse ínterim houve outro acontecimento que é desconhecido por meu receptor, há informações novas a serem explicitadas no evento comunicativo, então acionamos o **mecanismo-k2**, segundo o qual devemos assumir que nossos receptores não sabem do conhecimento pessoal que adquirimos desde a última comunicação com eles.

Para administrar um conhecimento social específico, sobre determinado assunto, temos os **mecanismos k3** e **k4**, que são acionados quando há uma comunicação com um público mais amplo e desconhecido do produtor do discurso. É o que ocorre na interação entre jornalistas e os leitores de um jornal, por exemplo. Nesse caso, ao escrever uma notícia, o locutor assume que os receptores já sabem daquilo que o jornal já anunciou antes (**mecanismo-k3**: assumo que os leitores já conhecem a informação dada pelo jornal), desconsiderando, portanto, uma série de informações velhas, já incorporadas aos modelos mentais dos leitores.

Percebemos o controle desse mecanismo em muitas Manchetes e Linhas Finas, que pressupõem muitas informações, já que fazem referência a notícias já publicadas em dias anteriores. Também evidenciamos o mecanismo-k3 na quantidade de Background Passado e detalhes do Evento Principal em um relato noticioso; pois, quanto mais o jornalista assume que seus leitores não sabem sobre o assunto, mais há informações que explicam e mostram as causas de um determinado fato, por exemplo. Sendo assim,

[...] o jornalista precisa procurar um modelo de contexto prévio em que ele (ou outro jornalista do mesmo jornal) informou os leitores a respeito de um fato concreto particular; se esse modelo de contexto puder ser encontrado, então, qualquer informação já comunicada não precisará mais ser dada (Van Dijk, 2012, p. 126).

O **mecanismo-k4** (assuma que os leitores possuem o mesmo conhecimento sociocultural que os jornalistas) administra um conhecimento sociocultural mais geral e abstrato, que é pressuposto em muitos discursos públicos como os de um jornal. Nesse caso, os jornalistas assumem que seus receptores compartilham com eles o mesmo conhecimento sociocultural. Segundo Van Dijk,

[...] essa estratégia envolve a noção de compartilhamento social – o fato de que o conhecimento adquirido pelos jornalistas e pelos leitores tende a ser mais ou menos o mesmo numa mesma cultura ou comunidade, que podemos chamar de Comunidade Epistêmica. Assim, na maioria das culturas letradas, a maior parte dos adultos educados – pessoas que leem jornais – sabem o que são países, culturas e exércitos, de modo que os jornalistas podem pressupor esses conhecimentos em suas reportagens (VAN DIJK, 2012, p. 128).

Segundo o autor, nos discursos públicos há um certo nível de conhecimento sociocultural compartilhado, que é mais alto em uma imprensa de boa qualidade e mais baixo na imprensa popular.

Relacionado ao **mecanismo-k4**, a estratégia do **mecanismo-k5** postula que devemos assumir que nossos receptores possuem o mesmo conhecimento sociocultural de todas as comunidades epistêmicas das quais fazem parte. Essas comunidades podem ser mais gerais (brasileiro, mineiro, latino etc) ou mais específicas (psicólogos, jornalistas, médicos, agricultores, economistas etc).

Percebemos, portanto, o controle da produção do discurso através dos tipos de mecanismo-k, que administram, juntamente com as categorias de contexto já citadas, a quantidade de conhecimento/informação que deve ser expressa e que pode ser implícita nos textos produzidos na interação.

Ao utilizarmos desses mecanismos na construção de nossos modelos mentais em nossas experiências do dia a dia, criamos uma certa rotina, que pressupõe um modelo de contexto mais ou menos fixo, cujas categorias abstratas são preenchidas com conteúdos mais

ou menos estáveis, ou seja, estamos sempre em um evento com os mesmos participantes, compartilhando objetivos e desenvolvendo as mesmas ações.

Essa rotina acontece na Comunidade Discursiva Jornalística, formada por profissionais que produzem determinados gêneros textuais com o mesmo objetivo: informar a população sobre acontecimentos diversos ou opinar sobre eles. Desse modo, os jornalistas estão envolvidos na construção de contextos de rotina, pois criam um certo padrão nas suas interações com o público do jornal, o que é evidenciado pela padronização das notícias redigidas e pela padronização das variações que ocorrem nesse gênero

### 3. 4 Processamento dos modelos de contexto

Os modelos de contexto, como definimos acima, não surgem abruptamente, do nada, mas fazem parte do processo das experiências em andamento, ou seja, surgem durante a inserção dos falantes em uma situação social que exige a produção e/ou a compreensão do discurso.

À medida que estamos engajados em situações e ações sociais, em determinados eventos e acontecimentos, pode surgir a necessidade de produzirmos um texto ou compreender um determinado gênero, é nesse ponto que entra em cena o modelo de contexto, que controla **como** iremos realizar essa ação de escrever ou interpretar.

Como afirma Van Dijk (2012),

[...] um participante pode formar o desejo de que outros participantes da situação saibam, acreditem ou façam algo, e que tal estado de coisas possa ou deva ser transformado em realidade pelo discurso e não por outra forma de interação. É nesse ponto que o modelo de contexto será construído (especificado, adaptado) como um caso especial do modelo da experiência, de modo tal que as categorias de participantes envolvam as dos falantes e receptores, entre outros, e que a ação em curso, a ser planejada e controlada, seja verbal em vez de não verbal (VAN DIJK, 2012, p. 145).

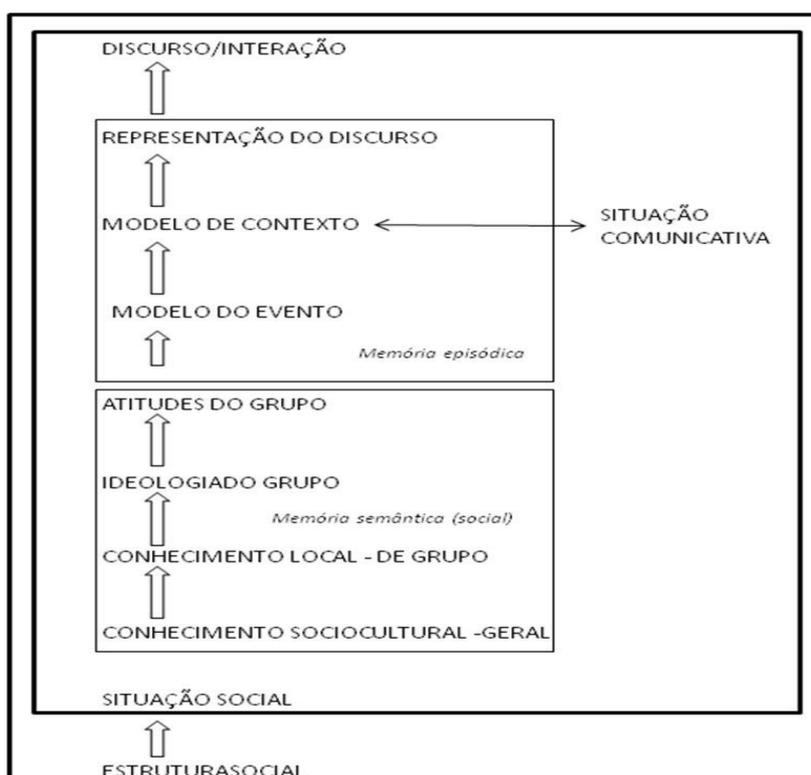
Antes mesmo da atuação do modelo de contexto, algumas categorias contextuais já são acessadas pelo falante, como o Ambiente (lugar, tempo), os Participantes envolvidos, seus papéis sociais e seus conhecimentos. Ou seja, antes da produção do discurso, já temos a noção de quem é nosso receptor, do lugar físico em que estamos, do recorte temporal em que se

insere nosso texto, do conhecimento compartilhado ou da base comum esperada para nosso receptor.

No momento da produção do discurso, o dispositivo-K, a partir da representação da identidade do receptor, atua nas suposições sobre o conhecimento que é compartilhado e as informações que devem ser explicitadas. Além disso, o modelo mental do evento (o conhecimento do falante sobre o evento que é tema do discurso) também auxilia na quantidade de conhecimento que deve ser suprimida.

Segundo Van Dijk (2012, p. 147), esses modelos de eventos fornecem as informações **sobre o conteúdo do discurso, “aquilo” que é dito, enquanto** os modelos de contexto **estabelecem “como”** esse conteúdo é dito na situação em curso. Temos uma visão divergente nesse ponto, pois neste trabalho mostramos no capítulo 6 que o modelo de contexto, especificamente as categorias contextuais dos objetivos e intenções do falante, quando atuantes em um nível mais micro, influenciam no assunto a ser noticiado e na organização dos cadernos do jornal, que são divididos por conteúdos específicos e de acordo com o objetivo do jornal-instituição. Para ilustrar o surgimento e o processamento do modelo de contexto, Van Dijk propõe a figura abaixo.

Fig 6. Um esquema simples da produção do discurso controlada pelo contexto, segundo Van Dijk (2012, p. 148).



Nessa figura percebemos que o modelo de contexto atua na produção do discurso a partir da representação cognitiva dos participantes da situação social. Essa construção dos falantes, por sua vez, é influenciada por aspectos sociais, como atitudes e ideologias do grupo de que fazem parte e dos conhecimentos (de grupo e geral) construídos socialmente.

Não há, portanto, uma relação de causa direta entre os elementos contextuais e a produção e compreensão do discurso, ou seja, A (contexto) não causa/determina B (texto/fala). O que existe é um controle de A em B, já que A não é um componente necessário para B, a menos que os participantes interpretem A como elemento relevante. Segundo Van Dijk (2012),

Mais geralmente, então, podemos dizer que o contexto controla o discurso por força da definição do contexto como a definição dos aspectos relevantes da situação social. Note-se que a distinção entre o contexto (como modelo mental) e a situação social é crucial aqui: por exemplo, é raro que a identidade de gênero dos participantes seja uma condição necessária da variação do discurso (ou mesmo uma condição suficiente para essa variação), mas tão logo os participantes fazem com que essa identidade se torne relevante para a interação (incluindo-a em seus modelos de contexto) ela passa a controlar o modo como eles falam ou compreendem (VAN DIJK, 2012, p. 181).

Desse modo, qualquer jornalista, ao iniciar a produção de uma notícia, por exemplo, parte de um modelo prévio de contexto composto, de modo mais geral, pelas seguintes categorias:

- a) ambiente: o tempo/data da produção e a localização; qual assunto no momento de produção pode ser notícia;
- b) participantes: relações entre o jornalista e editores-chefes, relações entre o jornalista e possíveis leitores – prospecção de identidades dos leitores e estabelecimento de várias relações (amizade, poder etc);
- c) eu-mesmo:
  - papéis sociais e identidades (comunicativas e sociais): repórter, funcionário de determinado jornal, cidadão brasileiro, homem, ativista político, capitalista, socialista, publicitário etc;
  - crenças e conhecimentos: conhecimento geral sobre o evento noticiado, conhecimento contextual sobre o conteúdo desse evento que já foi noticiado no jornal, conhecimento específico/profissional sobre como se escreve uma notícia e o conteúdo digno de ser

noticiado, conhecimento sociocultural dos possíveis leitores, ideologias acerca do evento noticiado, ideologia profissional como jornalista e do jornal-instituição, emoções sobre o evento noticiado;

- intenções e objetivos: intenção de escrever uma notícia (nível macro); objetivo/propósito de informar os leitores do jornal (nível macro), de promover a venda de determinado objeto (nível micro), de aconselhar os leitores (nível micro) etc;
- Ações: atos de fala realizados a partir das notícias (variação pragmática): ação de venda, de aconselhamento, de informar etc.

A partir dos elementos contextuais acima, o jornalista inicia a produção de uma notícia e, ao mesmo tempo, está remodelando/aprimorando seu modelo mental de produção desse gênero. Ao longo desse processo de produção, as categorias acima são levadas a primeiro plano ou assumem uma função secundária de acordo com o andamento da interação - no caso de textos orais em interações face a face<sup>18</sup> - e/ou com os objetivos e intenções do jornalista, já que no caso desses profissionais não há como remodelar o texto de acordo com reações/questionamentos de seus interlocutores e outros elementos contextuais que possam surgir no momento da interação.

Essa dinamicidade dos modelos de contexto, segundo Van Dijk (2012), é o que permite à teoria congregar vários elementos contextuais que entram em jogo na produção e compreensão do discurso. Como afirma o autor,

O tratamento que damos aqui à influência social complexa, mediante modelos de contexto, faz, precisamente isso, porque os falantes se representam, a si mesmos e a seus coparticipantes, em termos de várias categorias sociais ao mesmo tempo – podendo as identificações mudar durante o texto e a fala. Cada situação comunicativa é, portanto, representada subjetivamente de uma forma complexa, na qual cada variedade das propriedades sociais pode ter saliência maior ou menor numa dada situação: ora a identidade de gênero é mais relevante do que as identidades de idade, classe social ou profissão, ora é menos relevante dependendo da natureza da atividade em curso, dos propósitos dessa atividade ou de outros fatores da situação (VAN DIJK, 2012, p. 164).

---

<sup>18</sup> Em seu livro, Van Dijk (2012) dá exemplos de como o primeiro-ministro britânico Tony Blair, ao pronunciar um discurso político em defesa de uma ação militar contra o Iraque, em 2003, na Câmara dos Comuns, pode colocar em evidência várias identidades (membro do parlamento, nacionalista, homem), a partir das reações e questionamentos dos membros do Parlamento.

Devido à capacidade de abranger a complexidade das categorias contextuais, Van Dijk considera sua proposta de definição sociocognitiva de contexto um avanço em relação aos estudos da Sociolinguística sobre as influências contextuais no discurso. O autor cita estudos como os de Macaulay (2005, apud Van Dijk, 2012) e Bettie (2003 apud Van Dijk, 2012) que analisam a influência de várias categorias combinadas, como o gênero, idade e classe social na produção do discurso; e ressalta que muitas generalizações para a influência de uma única variável social devem ser corrigidas.

Nesse ponto concordamos com Van Dijk (2012), pois percebemos a ação de várias categorias contextuais que provocam a variação na maneira mais prototípica de escrever uma notícia. Percebemos que, apesar da divisão do jornal em vários cadernos refletir vários modelos de contexto, havendo a predominância de notícias com objetivos comuns de acordo com os cadernos, há notícias que fogem a essa padronização de variação, em um mesmo caderno.

Isso ocorre devido à dinamicidade dos modelos de contexto, que colocam em primeiro ou segundo plano categorias contextuais relevantes no momento da produção do discurso. Devemos ressaltar que, devido a essa dinâmica constitutiva do contexto como um modelo mental, não há a determinação de um número fixo e limitado de categorias contextuais que controlam a produção e compreensão do discurso. O que é proposto por Van Dijk (2012) e realizado neste trabalho é a enumeração de determinadas categorias que são mais estáveis, devido ao fato de estarem presentes na maioria dos textos e falas. Porém, cada discurso pode suscitar o aparecimento de categorias e subcategorias (como identidades) diferentes das outrora analisadas neste trabalho.

### **3.5 Contexto e variação**

Ao definirmos a notícia no capítulo 2, partimos do pressuposto de que, subjacente às mudanças que ocorrem na configuração desse gênero, há algo que permanece e que nos permite distinguir a notícia de outros textos. Há no conceito de variação uma noção de permanência, a qual possibilita as mudanças que ocorrem em vários níveis e planos do discurso (fonológico, sintático, lexical, semântico e composicional).

Já definimos o que permanece o mesmo nas notícias para serem consideradas como tais, o que nos leva a distingui-las de outros gêneros. Comparando agora o mesmo gênero, o

que permanece o mesmo nas notícias, como as que analisamos nos exemplos de 8 a 11? Todas elas tratam do mesmo fato, mas seus modelos de contexto são diferentes, pois em cada uma é realçada ou omitida uma informação desse fato. Podemos afirmar que uma é mais popular e informal (*Agora*), outra é mais imparcial (*Estado de Minas*) e outras são bastante tendenciosas ideologicamente (*Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*).

Temos nesse caso o que Van Dijk (2012) chama de **variação semântica**, que ocorre quando há uma equivalência referencial, ou equivalência de assuntos e fatos mencionados no discurso, ao passo que há uma diferença no modelo de contexto, o que causa as mudanças em vários níveis (formal/informal, objetivo/subjetivo, vago/preciso etc). Esse tipo de variação é o mais comum, ou seja, dizer sobre o mesmo assunto, mas de maneiras diferentes, explica uma grande quantidade de variações que ocorrem no discurso.

Porém, quando analisamos, em um mesmo jornal, notícias de cadernos diferentes, não há uma equivalência referencial, já que os assuntos devem ser necessariamente distintos e são selecionados a partir de influências contextuais. O que permanece o mesmo nesse caso é o objetivo comum da esfera jornalística de informar seus leitores, mas a maneira como isso é feito varia de acordo com o caderno. Temos então uma **variação pragmática**, que “é **definida** não em termos de dizer (mais ou menos) a mesma coisa, mas de fazer mais ou menos a mesma coisa (no sentido de realizar o mesmo ato de fala fundamental) (Van Dijk, 2012, p. 198).

Em todos os cadernos, há o mesmo modelo de contexto em relação à intenção-de-ação, num sentido mais macro, que é escrever uma notícia, atividade essencial do jornalista; mas há especificidades quanto aos objetivos. No caderno de *Turismo*, por exemplo, há o objetivo de vender (ou não) o lugar noticiado, objetivo que pode ser percebido pelo apelo aos leitores, principalmente a partir o uso de verbos no imperativo, como a manchete do texto do exemplo (4) que transcrevemos em (12).

(12) *Cruze o continente e conheça o bairro Moda, verde e plano.*

Sobre essa variação pragmática, Van Dijk (2012) afirma:

De acordo com a análise (cognitiva) modelo-teorética proposta anteriormente, esse tipo de variação pragmática aplica-se quando dois enunciados têm o mesmo modelo de contexto em algum nível, por exemplo, os mesmos objetivos ou desejos por parte do falante com respeito à ação

futura do receptor, os mesmos papéis dos participantes etc (VAN DIJK, 2012, p.197).

Nesse sentido, avançamos em relação à teoria adotada, cujo material de análise não enfoca a variação de um único gênero, mas de vários gêneros sob a influência do contexto; e afirmamos que todas as notícias que realizam a ação (no nível micro) e o ato de fala de vender algo, por exemplo, correspondem a variações pragmáticas da notícia, que podem ser observadas, principalmente, nos cadernos de *Turismo, Esporte, Ilustrada e Tecnologia*.

Enquanto permanecem nesses textos os mesmos objetivos e ações, há variações em relação à superestrutura, por exemplo, já que no caderno *Ilustrada* há mais realização da categoria do Comentário e nos outros cadernos há predominância de detalhes do Evento Principal, com ênfase na descrição, dissertação e argumentação.

#### 4. ARGUMENTAÇÃO, PUBLICIDADE E NOTÍCIA

Grande parte das variações ocorridas na realização do gênero notícia, seja em sua superestrutura, seja em outros aspectos (estilo verbal etc); ocorre em função do objetivo do jornalista e do jornal-instituição de argumentar, e não apenas divulgar, mas divulgar para influenciar, convencer e persuadir o leitor; misturando jornalismo e publicidade.

Segundo Marshall (2005), na virada do século XX para o XXI, a linguagem jornalística sofreu muitas mutações, principalmente aquelas relacionadas ao domínio da estética publicitária na cultura pós-moderna. **Como afirma o autor, “a linguagem da publicidade pós-moderna torna-se a estética maior, o código que cola e dá sentido à realidade e às ações humanas e por onde se transmitem e se constituem os conceitos e os sentidos (MARSHALL, 2003, p. 16).**

Cabe, então, à Publicidade, um status de estética maior, que organiza toda a gama de mutações, hibridismos, relatividade e transgenia que caracterizam a era da pós-modernidade. Na cultura pós-moderna, o jornalismo e a imprensa não ficam imunes à lógica de mercado e à hegemonia do neoliberalismo, que transforma a notícia e a informação em mercadoria. Segundo Marshall:

O jornalismo sofre mutações radicais e passa a ser constituído e normatizado pela ética da liberdade capitalista pós-moderna. A ética do capital penetra e se imiscui na imprensa com o poder de um *deus ex machina* da pós-modernidade. A antes imaculada linguagem do interesse público acaba tornando-se preferencialmente uma esfera de manipulações e licenciosidades. A imprensa passa, conseqüentemente, a falar a linguagem do capital (MARSHALL, 2003, p. 17).

[...]

Acochado diretamente por esse novo paradigma cultural e pela ordem do mercado, o jornalismo pós-moderno transforma-se em um **“jornalismo-cor-de-rosa”, marketizado, mercantilizado, estetizado e essencialmente light, um amálgama estético e capitalista, um instrumento-meio dos objetivos diretos ou indiretos do sistema e da lógica ultraliberal (MARSHALL, 2003, p. 17).**

Os fatores responsáveis pelas mudanças sofridas na linguagem do jornalismo, segundo Marshall, são a doutrina materialista - enraizada no neoliberalismo da pós-modernidade-, assim como a lógica da Publicidade e suas estratégias de marketing. Desse modo, o jornal, a notícia e a informação tornam-se mais uma mercadoria na sociedade de consumo, marcada pela rivalidade entre as empresas.

**Para se manter “vivo”**, o jornal-empresa precisa agradar a todos, principalmente aos anunciantes, responsáveis por boa parte da renda mensal dos jornais. O jornalismo cor-de-rosa a que se refere o autor relaciona-se a essa lógica do capital, à subordinação aos interesses dos mantenedores da empresa, em detrimento do compromisso com a ética profissional e o interesse dos leitores.

Nesse novo paradigma no campo da Comunicação, a informação é tratada como uma mercadoria e, portanto, deve ser vendida. Para isso entram em jogo as estratégias de marketing da linguagem publicitária, que garantem uma universalidade e uma relatividade que agrada a todos, principalmente, ao interesse privado.

Segundo Marshall (2005), na década de 70, quando a revista brasileira *Senhor* começou a publicar, ao lado do índice das reportagens, um índice dos principais anúncios **presentes na edição, foi uma “verdadeira consagração do poder publicitário”, que ganha cada vez mais poder na sociedade capitalista.** O autor afirma que

De modo geral, no mundo pós-moderno, as notícias, segundo Guareschi (1998, p. 145), ocupam apenas 10% do total do espaço para comunicação **nas rádios, televisões e nos jornais. “Os comerciais (publicidades e propagandas) ocupam ao redor de 30% e os outros 60% ficam para as demais matérias, novelas, filmes, esportes, shows etc)” (MARSHALL, 2005, p. 115).**

Sob o domínio do capitalismo, o jornalismo criou uma linguagem jornalístico-publicitária, segundo Marshall (2005), a qual constitui o chamado jornalismo cor-de-rosa, que, segundo o autor, utiliza-se de vários recursos que expressam essa transgenia<sup>19</sup> da área da Comunicação, a saber:

1. Mimese: uma publicidade que é paga, mas não possui a indicação de ser um informe publicitário. Aparece disfarçada de notícia.
2. Desfiguramento: Semelhante à Mimese, com a diferença de que possui a informação de que se trata de um informe publicitário.

<sup>19</sup> O termo transgenia é utilizado por Leandro Marshall para se referir à incorporação da Publicidade, como marketing e estratégias de persuasão, no Jornalismo.

3. **Composição: notícia que possui um caráter de publicidade; “ a informação é apresentada com a adjetivação e a qualificação típicas de anúncios comerciais promocionais” (MARSHALL, 2005, p. 123).**
4. **Releasmania: consiste na publicação de release, que é uma “peça jornalística** que, embora produzida majoritariamente por jornalistas, carrega em seu bojo a intenção intrínseca da promoção” (MARSHALL, 2005, p. 124).
5. **Dirigismo: ocorre quando a notícia é produzida pelo setor comercial da empresa jornalística. “Alguns jornais retiraram das mãos dos jornalistas e entregaram [...] o setor de redação das notícias de cadernos classificados ao setor de marketing publicitário” (MARSHALL, 2005, p. 125).**
6. **Quinhentismo: quando uma notícia é encomendada pelo setor comercial de uma empresa jornalística.**
7. **Editorialismo: quando há uma notícia que traz elogios a uma empresa ou a um produto que aparece em uma publicidade. “Já faz parte da retórica comercial de muitas empresas jornalísticas oferecer a produção de uma notícia como *plus* em uma negociação”( MARSHALL, 2005, p. 127).**
8. **Casamento aberto: também se trata de notícia como objeto de barganha, mas a publicidade e a notícia com exaltação ao produto não aparecem na mesma página do jornal, embora estejam na mesma edição.**
9. **Demanda: Trata-se da criação, a partir do século XX, de cadernos, edições especiais e encartes com o objetivo de atrair verbas publicitárias.**
10. **Condicionamento: embora não haja, explicitamente, notícias, editoriais, colunas ou notas com conteúdo publicitário; a política editorial do jornal é pautada no interesse privado, e não nos interesses da sociedade.**
11. **Business: trata-se da publicação de notícias relacionadas a ações econômicas, financeiras, comerciais ou empresariais, geralmente constituintes de um caderno específico. Essas matérias misturam informação e persuasão e estão a serviço do interesse privado, e não público.**
12. **Ambiguidade: ocorre quando há notícias sobre produtos comerciais já anunciados. “Nesses casos, paira sempre a suspeita de que, pela sua ambiguidade, notícias sobre “fatos publicitários” escondam em seu bojo o motivo subterrâneo de promover, agradar, retribuir ou favorecer determinada empresa anunciante” (MARSHALL, 2005, p. 131).**
13. **Indicidade: trata-se da publicação de um índice de anúncios.**

14. **Merchandising:** segundo Marshall (2005, p. 132), é “a evocação **intencional**, paga ou não, de uma empresa, de uma marca, de um serviço ou de um produto no espaço editorial [...]”.
15. Consumismo direto: não se trata de um texto em si, mas de uma linha editorial seguida pelo jornal que promove o consumismo típico da sociedade capitalista. **Esse estímulo ao consumo aparece na publicação de “peças de vestuário, objetos do lar, novos lançamentos, tendências da moda, opções de presentes, estilos de decoração, [...] indicações turísticas, modelos de arquitetura ...”**(MARSHALL, 2005, p. 134 – grifo nosso).
16. Consumismo indireto: ocorre quando o estímulo ao estilo consumista não aparece de forma explícita, a partir da incitação à aquisição de algum bem; mas há uma indução, de forma mais sutil, com conceitos e abstrações, a um estilo de vida que valoriza o capital.
17. Chamariz: o jornal se submete às vontades e gostos dos detentores do poder, **publicando notícias e reportagens que “agradam” certas empresas, a fim de que estas publiquem anúncios publicitários, o que aumenta o capital do jornal, que depende quase 100% do capital privado.**
18. Isomorfismo: ocorre em jornais que são criados apenas com o objetivo de fazer publicidade. Isso ocorre devido à facilidade na legislação para se abrir uma empresa jornalística, bem como à falta de fiscalização quanto à presença de jornalistas diplomados.
19. Integração: trata-se da postura antiética adotada por muitos jornalistas, que se submetem aos interesses privados e negociam informações a serem publicadas e até mesmo redigem anúncios publicitários.
20. Marketing: uso de várias estratégias para aumentar o número de leitores e assinantes, como promoções em assinaturas, exemplares acoplados a livros, CDs e objetos diversos.
21. Estética: incorporação da estética pós-moderna na linguagem jornalística, como textos curtos e fragmentados, infográficos, retrancas, quadros explicativos que dispensam a leitura do texto, manchetes garrafais.

Em função da argumentação presente em grande parte das notícias, às vezes de maneira mais explícita e às vezes de forma mais velada, fundamentamos nossa análise, além

dos teóricos já citados nos capítulos 2, 3 e 4, nos postulados sobre argumentação presentes em Fiorin (2015), Abreu (2000) e Perelman & Olbrechts-Tyteca (1996).

**Assumimos que argumentos são** “raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos meios igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”(FIORIN, 2015, p. 19). **Portanto, os argumentos são** “razões contra determinada tese ou a favor dela, com vistas a persuadir o outro de que ela é justa ou injusta, moral ou imoral, benéfica ou prejudicial, etc” (FIORIN, 2015, p. 116).

Os termos convencer e persuadir estão presentes quando se trata de argumentação, sendo o primeiro relacionado à razão, ao fato de conseguirmos a adesão do nosso interlocutor sobre nossas ideias, a partir de demonstrações mais lógicas e racionais; convencer alguém, nesse sentido, é fazer com que alguém pense como nós (ABREU, 2000, p. 25).

Já quando persuadimos, conseguimos fazer com que nosso interlocutor aja de determinada maneira, a partir de uma sensibilização, mais no plano das emoções do que no plano da razão. Podemos persuadir e não convencer, assim como convencer sem persuadir, como afirma Abreu:

Muitas vezes, conseguimos convencer as pessoas, mas não conseguimos persuadi-las. Podemos convencer um filho de que o estudo é importante e, apesar disso, ele continuar negligenciando suas tarefas escolares.

[...]

Às vezes, uma pessoa pode ser persuadida a fazer alguma coisa, sem estar convencida. É o caso de alguém que consulta uma cartomante ou vai a um curandeiro, apesar de, racionalmente, não acreditar em nada disso (ABREU, 2000, p. 25-26).

Em nossa análise, percebemos a tentativa tanto de convencer quanto de persuadir, pois há a intenção de fazer com que os leitores pensem como o jornal, como no caderno *Poder*, por exemplo, ou ajam de determinada maneira, realizando uma compra (*Tec, Ilustrada*), indo a determinados lugares (*Turismo*) ou assistindo determinados espetáculos (*Ilustrada*).

Para convencer e persuadir, vários argumentos são mobilizados e gerenciados na construção de toda a argumentação, cuja base fundamenta-se nos chamados *tópoi* (=lugares) - termo utilizado por Aristóteles, na *Retórica*, obra clássica e de referência aos estudos sobre argumentação.

Os *tópoi* são de duas naturezas: os lugares próprios, que se referem a um campo específico do conhecimento - como as máximas que regem as leis em Direito – e os lugares-comuns, que na teoria aristotélica referem-se a um “esquema argumentativo que pode ganhar os conteúdos mais diversos, é uma matriz semântica, um molde discursivo” (FIORIN, 2015,

p. 95). Esses lugares, dependendo da sua natureza, podem dar origem a diversos argumentos, como o lugar da qualidade, que pode gerar o argumento de que vale a pena pagar mais caro por um objeto de melhor qualidade, visto que terá duração por mais tempo.

Outra definição de lugar-comum, como aponta Fiorin (2015), é o de argumento **pronto, uma sentença já conhecida por todos e bastante utilizada, como os estereótipos (“os franceses não tomam banho”), os clichês (“as crianças são o futuro da nação”) e os provérbios (“antes só do que mal acompanhado”). Como afirma o autor,**

Nesse segundo sentido, o termo [lugar-comum] foi recebendo matizes diversos conforme a época: argumento já preparado; conteúdos fixos manifestados com figuras recorrentes; estereótipos, isto é, representações coletivas estáticas que orientam nossa ação; clichê. Então, o lugar-comum significa algo que é do conhecimento de todos. Nesse sentido, que não é o aristotélico, o lugar-comum pode apresentar-se como uma sentença, que, segundo o Estagirita, revela uma opinião comum, que é evidente, não precisa de provas (FIORIN, 2015, p. 96).

A definição acima de lugar-comum corresponde a crenças e valores coletivos, e não a uma matriz que pode servir de base para a construção de argumentos. Quando os *tópoi* servem de base para a argumentação, podem ser das seguintes naturezas:

- a) **Lugar da quantidade:** fundamenta-se no princípio de que alguma coisa é superior a outra porque é produtiva para um grande número de pessoas, ou porque dura mais **tempo, ou porque é mais antiga etc: “Bombril tem mil e uma utilidades” (o produto é útil em uma grande quantidade de situações).**
- b) **Lugar da qualidade:** prefere aquilo que é **“único, raro, insubstituível, original, extraordinário” (FIORIN, p. 97). Muitas propagandas de produtos de luxo possuem esse princípio, pois apelam para o fato de que o possuidor do produto anunciado é uma pessoa singular, diferente do “resto” da população.**
- c) **Lugar da ordem:** afirma a superioridade do anterior sobre o posterior, assim como da causa sobre o efeito e do passado sobre o presente. **Por exemplo: “os índios brasileiros têm direito a todas as terras do território nacional, porque já estavam aqui, quando os portugueses chegaram” (FIORIN, 2015, p. 19).**
- d) **Lugar da essência:** postula que o mais importante é a essência, ou seja, a constituição de um objeto ou de uma pessoa. Fiorin (2015) exemplifica com o comentário de uma **jornalista sobre Dilma Rousseff: “Nunca Dilma foi tão Dilma”.** Nesse caso, foi destacado o caráter da presidente, o que ela é, a sua essência.

- e) **Lugar da pessoa:** esse lugar gera argumentos que apela para o valor do emissor, suas virtudes, seu caráter. Também operam nesse lugar os enunciados que mostram o contrário, ou seja, que desvalorizam a pessoa que enuncia.
- f) **Lugar do existente:** um provérbio que expressa esse lugar é: **“Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”**. O fundamental é a realidade, o concreto, aquilo que existe; e não aquilo que é possível ou que pode vir a ser.

Os argumentos que podem ser proferidos a partir dos lugares-comuns explicados acima serão explicados nos subitens que seguem abaixo.

#### 4.1 Argumentos quase lógicos

Os chamados argumentos quase lógicos “são os que lembram a estrutura de um raciocínio lógico, mas suas conclusões não são logicamente necessárias” (FIORIN, 2015, p. 116). O que é “quase” lógico, na definição desse tipo de argumento, é a conclusão que dele se deriva. Por exemplo, quando afirmamos que “os amigos dos meus amigos são meus amigos também”, não temos garantias de que isso seja concreto, é uma possibilidade, ou seja, há uma grande probabilidade de que essa proposição seja verdadeira, mas não há a sua garantia.

Ao explicar o funcionamento dos argumentos quase lógicos e defender que eles não possuem um demérito por não derivarem conclusões lógicas como acontece nos raciocínios lógicos, Fiorin (2015) afirma:

[...] a utilização de argumentos quase lógicos não é uma peculiaridade de pessoas que não conseguem raciocinar logicamente. É um argumento de que nos valem todos quando falamos de coisas possíveis, mas que não são necessárias do ponto de vista lógico. Cabe reafirmar ainda que, em muitos domínios, só há a possibilidade, a plausibilidade e é deles que se ocupam a política, o direito e assim por diante: o acerto de realizar a Copa do Mundo no Brasil; o sistema de cotas para ingresso no serviço público; o uso de dinheiro público para evitar a falência de empresas privadas, etc (FIORIN, p. 116).

Os argumentos quase lógicos, segundo o autor, possuem três princípios, dentre eles, o princípio lógico da identidade ( $a=a$ ), segundo o qual há um único referente para sujeito e predicado. Esses argumentos são:

- a) **Tautologia:** uma proposição em que as informações do predicado não acrescentam nada de novo ao sujeito, como em: “mãe é mãe, professor é professor, ordens são ordens” (FIORIN, 2015, p. 117). Em argumentação, a tautologia na verdade é uma falsa tautologia, pois o termo repetido no predicado não é exatamente o mesmo, mas é resignificado, possui características que não são as mesmas do termo que aparece no sujeito. Nesse **sentido as palavras repetidas acima não significam, necessariamente, “mulher que tem filho, pessoa que ensina uma disciplina e determinação de origem superior”** (FIORIN, 2015, p.117). **O sentido dos termos repetidos estão** relacionados a, respectivamente, aquela que não mede esforços para cuidar dos filhos, aquele que ensina em qualquer situação e algo a que se deve obediência.
- b) **Definição:** o ato de elaborar uma definição em argumentação está relacionado ao estabelecimento de uma relação de equivalência, com o objetivo de dar sentido a determinado termo. As definições podem ser intensionais, quando são explicitadas as características do termo definido (“**a água é uma substância líquida**”), e extensionais, quando são explicitados os elementos que constituem o termo que é objeto de definição (“**a água é uma substância formada por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio**”).
- c) **Comparação:** fazer uma comparação é, em vez de descrever um objeto em si, escolher outro objeto mais conhecido e estabelecer aproximações entre esses objetos. É importante ressaltar que, na argumentação, estrategicamente os interlocutores podem colocar em comparação apenas os aspectos dos objetos comparados que sirvam de argumentos plausíveis para provocar a adesão à tese defendida. Nesse sentido, a contra-argumentação deve seguir o raciocínio de mostrar que a comparação não tem sentido.
- d) **Reciprocidade:** esse tipo de argumento está fundamentado numa relação de simetria, de equivalência (a está para b e b está para a): “**Trabalho igual, salário igual, mexeu com ele, mexeu comigo**” (FIORIN, 20015, p.126). Nesse caso, o mesmo tratamento deve ser dado para situações correspondentes, de acordo com Perelman e Tyteca (1996, p. 250). Também compõem essa linha de argumentação aqueles argumentos em que os interlocutores devem se colocar **no lugar do outro, como em “queria ver se você tivesse um filho morto por um menor”** (FIORIN, 2015, p. 126), para defender a diminuição da maioria penal.

- e) Transitividade:** ocorre quando há uma consequência necessária, derivada de uma relação matemática transitiva: se  $x=y$  e  $y=z$ , então  $x=z$ . Na argumentação, a conclusão é provável, e não necessária, já que **se** trata de argumento quase lógico, como o exemplo que segue: “No futebol o Brasil é melhor que a Espanha, porque ganhou dela na Copa das Confederações; a Espanha é melhor do que todas as seleções da Europa, porque ganhou a última Eurocopa; portanto, **o Brasil é melhor do que qualquer seleção europeia**” – conclusão provável, e não necessária (FIORIN, 20015, p. 126).
- f) Inclusão e divisão:** quando o argumento se fundamenta na transferência de propriedades da parte para o todo, há a divisão (As peças desse objeto são inoxidáveis, logo, esse objeto não oxida). Já quando a transferência de características ocorre do todo para a parte, **há a inclusão** (“O corpo é um organismo vivo; ora, o coração faz parte desse organismo; portanto, o coração é vivo” – FIORIN, 2015, p. 128).
- g) Argumentum a pari:** esse argumento postula que casos semelhantes devem ser tratados de maneira semelhante, ou seja, **nega o ditado “dois pesos, duas medidas”**. Nesse caso há uma regra de justiça, que “requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são integrados numa mesma categoria” (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 248). Em direito, essa argumentação julgará casos que se encontram na mesma situação da mesma maneira, estabelecendo a justiça.
- h) Regra do precedente:** também se fundamenta na identidade entre duas situações, com a diferença de que uma deve preceder à outra, ou seja, a segunda situação idêntica deve receber o mesmo julgamento da primeira situação. Quando há jurisprudência no direito há a aplicação desse argumento, pois o segundo caso é julgado igualmente ao primeiro caso semelhante.
- i) Argumentum a contrario:** fundamenta-se no fato de que uma situação oposta a outra deve ser vista de maneira diversa, ou seja, postula o contrário do *argumentum a pari*. A argumentação segue um raciocínio de comprovar a diversidade e a diferença da natureza das situações.
- j) Argumento dos inseparáveis:** ocorre quando há uma ligação indissociável entre duas situações, como em: “Não se faz omeletes sem quebrar ovos”, “Se alguém é evangélico, então é contra o casamento de pessoas do mesmo sexo” (FIORIN, p. 138-39).

Os argumentos quase lógicos fundamentados no princípio da não contradição postulam que algum objeto ou situação não pode ser e não ser ao mesmo tempo. São os que seguem abaixo.

- a) **Autofagia e retorsão:** “a autofagia é a incompatibilidade de uma proposição com suas condições de enunciação, com suas consequências ou suas condições de aplicação” (FIORIN, 2015, p. 141). Ocorre quando um argumento leva a uma conclusão incoerente com o que foi dito; já a retorsão fundamenta-se em colocar em evidência uma autofagia, ou seja, mostrar que o argumento enunciado é incoerente e contrário a ele mesmo.
- b) **Reductio ad absurdum:** consiste em gerar conclusões absurdas a partir de uma proposição tomada como verdade: “O trânsito é um mal, porque muitas pessoas perdem a vida em acidentes. Se não houver trânsito não haverá mortes. Então, vamos proibir a circulação para salvar vidas” (FIORIN, 2015, p. 143).
- c) **Argumento probabilístico:** postula como legítimo o argumento que está respaldado pela maioria, enquanto que a argumentação defendida por uma minoria é tida como uma falsidade. Possui uma lógica quantitativa e considera as ideias tidas como bom senso fazendo parte de um grupo maior, de uma maioria.

Por fim, Fiorin (2015) explica os argumentos quase lógicos fundamentados no princípio do terceiro excluído, em que uma terceira possibilidade, além da verdade ou da falsidade, não é admitida. São eles:

- a) **Argumento do terceiro excluído:** fundamenta-se na admissão de apenas duas possibilidades, excluindo qualquer situação intermediária: “se você acredita em Deus e estiver certo, você terá um ganho infinito; se você acredita em Deus e estiver errado, você terá uma perda infinita” (FIORIN, 2015, p. 145).
- b) **Dilema:** um argumento que consiste em raciocínio que possui duas premissas, que geram uma única e idêntica conclusão. Fiorin exemplifica com um trecho de um artigo publicado em jornal sobre o então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva: “ou sabia de todas as falcatruas cometidas pelos delinquentes do PT ou é o chefe de estado mais trouxa de todos os tempos” (FIORIN, 2015, p. 146). Nessa argumentação, as duas premissas levam à mesma conclusão: Lula não é um bom presidente, pois,

se sabia das falcatruas, foi conivente, se não sabia, é um presidente que pode facilmente ser enganado.

## 4.2 Argumentos fundamentados na estrutura da realidade

Segundo Perelman e Tyteca,

Enquanto os argumentos quase lógicos têm pretensão a certa validade em virtude do seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se delas para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover (PERELMAN e TYTECA, 1996, p. 297).

Desse modo, os argumentos fundamentados no real partem das relações de significação que são consideradas existentes no mundo objetivo. Essas relações, segundo Fiorin (2015) podem ser de: causalidade, sucessão, coexistência e hierarquização.

Além de expor as causas de uma tese, um esquema argumentativo fundamentado na causalidade opera também com base na implicação (se b, então c) e na concessão (b, embora c). Para ilustrar esses dois esquemas argumentativos, Fiorin (2015) explica o exemplo abaixo, um trecho de artigo escrito pelo juiz Roberto Lorea, publicado na Folha de S. Paulo, em 24/09/2005: “A ostentação de um crucifixo no plenário do STJ é inconstitucional porque viola a separação entre o Estado e a igreja, ferindo o direito à inviolabilidade de crença religiosa que é assegurado a todos **os brasileiros**” (FIORIN, 2015, p. 150).

A defesa da exclusão do crucifixo no STJ segue a implicação: se o Estado é laico, então é inconstitucional a existência de um símbolo religioso nesse local. Já a defesa da tese seria fundamentada na concessão: embora o Estado seja laico, o país é, em sua maioria, católico.

Na argumentação por causalidade, algumas causas são consideradas necessárias e **suficientes, as quais estão presentes, principalmente, nos provérbios, como em “Não há rosas sem espinhos”** (FIORIN, 2015, p. 156). Nesse caso, **Se há rosas, há espinhos**, necessariamente; pois a existência dos espinhos está obrigatoriamente condicionada à existência das rosas.

Sobre a natureza da causalidade, os fatos podem ser utilizados como causas na argumentação. O ditado que afirma “contra fatos não há argumentos”, que já citamos no

capítulo 2, contrapõe fatos e argumentos, relacionando aqueles à objetividade e à incontestabilidade, enquanto estes relacionam-se à subjetividade, à ficção e à contestação (Fiorin, 2015, p. 159).

Porém, enquanto alguns fatos são bastante objetivos e incontestáveis, como a proposição: Choveu ontem no meu bairro das 14h às 16h15; outros fatos, sobre realidades mais complexas, passam pela interpretação de seu interlocutor, que se utiliza da realidade para defender sua tese.

A exemplo expusemos aqui, no capítulo 2, as várias manchetes na primeira página de vários jornais sobre um mesmo fato: a estreia do Brasil na Copa do Mundo de 2014. Cada jornal, a partir de sua intenção argumentativa, selecionou um aspecto da realidade, omitindo informações desnecessárias e enfatizando aquelas pertinentes à argumentação, que neste trabalho está intrinsecamente associada ao modelo de contexto do jornalista, mais especificamente à categoria referente aos objetivos e intenções, que abrange questões ideológicas e argumentativas.

Sendo assim, acreditamos que todo fato que é usado na argumentação na verdade é um recorte da realidade, uma interpretação subjetiva que expressa uma possibilidade dentre várias possíveis. Mesmo quando há o uso de recursos como dados numéricos, a quantificação utilizada na demonstração do fato é subjetiva, como bem mostra Fiorin (2015) ao exemplificar a argumentação feita por duas pessoas sobre a estabilidade da inflação no ano de 2013. No exemplo, enquanto Paulo Henrique Amorim mostra que o índice fechou dentro da meta, com 5,91%; Celso Ming contesta, discutindo as bases numéricas que foram utilizadas para a obtenção do índice.

Temos ainda, na argumentação por causalidade, o argumento do sacrifício e o argumento de consequência. O primeiro fundamenta a verdade da tese no sacrifício que é feito por alguém, como no caso da igreja católica, que sustenta o amor e o perdão de Deus pelo sacrifício da crucificação de Jesus. O segundo defende a verdade da tese a partir das consequências que ela pode **gerar, como no ditado “Os fins justificam os meios”**.

Sobre a argumentação baseada na relação de sucessão, Fiorin (2015) e Perelman e Tyteca (1996), postulam os seguintes argumentos:

- a) **Argumento do desperdício:** fundamenta-se no fato de que os esforços feitos até o momento da argumentação não podem ser perdidos, desperdiçados. Há um olhar para o passado e para todo o sacrifício que já fora realizado em defesa da tese em questão.

- b) Argumento da direção:** consiste na rejeição de uma tese devido às consequências negativas que ela pode provocar. Nesse caso o olhar é para o futuro e as tragédias que podem se tornar realidades com a concretização da tese.
- c) Argumento da ultrapassagem:** considera que “**o que se conseguiu é uma etapa: cada conquista é um trampolim para alcançar um estágio superior; é um meio para atingir um estado mais perfeito**” (FIORIN, 2015, p. 169). É o que acontece quando, por exemplo, um candidato a um processo seletivo de qualquer natureza afirma que não há motivo de comemoração por ter passado da primeira etapa, pois ainda há outras etapas a serem vencidas.

Sobre os argumentos baseados na relação de coexistência, que relacionam um atributo a sua essência ou um ato à pessoa, temos o que segue abaixo.

- a) Argumento dirigido à pessoa:** desqualifica o interlocutor, considerando-o uma pessoa incapaz de defender um ponto de vista. Nesse caso não entra em discussão a natureza do argumento, pois o foco está na pessoa que o pronuncia.
- b) Argumentum tu quoque:** semelhante ao argumento acima, consiste em desqualificar o argumento do outro, mostrando que o interlocutor é incoerente com práticas realizadas no passado, ou seja, afirmando que há uma hipocrisia no discurso do outro.
- c) Argumento de autoridade:** consiste em fundamentar a defesa de uma tese na capacidade e no conhecimento do interlocutor sobre o assunto. Se quem defende a tese é especialista no assunto, então mais peso há na argumentação.

### 4.3 Argumentos considerados fundadores da realidade

São aqueles argumentos indutivos (do particular para a generalização) considerados como organizadores da realidade. Podem ser:

- a) Argumento pelo exemplo:** ocorre quando há a formulação de um princípio geral, a partir da narração de casos particulares, que servem para defender a tese. Por exemplo, quando há um caso de um policial corrupto e afirmamos que todo policial é corrupto.
- b) Argumento por ilustração:** é um argumento voltado para o sentimento, para a comoção, e serve para reforçar uma tese já aceita, a partir da “ilustração” dessa

tese, ou seja, a partir da enumeração de vários fatos ou outros elementos há a reafirmação de uma tese.

- c) Argumento por analogia:** semelhante ao argumento de comparação, porém não é um argumento quase lógico, pois não se pauta no princípio da identidade; mas no princípio da experiência. Trata-se da transferência de uma relação de um determinado domínio a outro, por exemplo, quando afirmamos que x está para y, assim como a está para b.

Os argumentados e os princípios de argumentação explicados acima aparecem em algumas notícias em que há a defesa de uma tese, de um ponto de vista, principalmente em textos do caderno de *Esporte*, em que o jornalista, geralmente, defende a atuação de um jogador ou de um time de futebol, por exemplo.

## 5. METODOLOGIA

A maioria das pesquisas nasce de uma indagação, de um questionamento e uma inquietação que leva o pesquisador a buscar os métodos e os procedimentos adequados à investigação científica. Nosso questionamento principal, conforme já expusemos na Introdução, refere-se à existência de diversas notícias que não se realizam de maneira prototípica, como postulado por manuais de jornais e estudiosos do assunto.

Buscando, então, responder à pergunta: por que as notícias variam?, nossa pesquisa possui uma abordagem qualitativa, uma vez que pretendemos adentrar nas causas da constituição e da variação de determinado gênero textual. A pesquisa qualitativa procura “explicar o porquê **das coisas**” (Silveira e Córdova, 2009, p. 32) e possui como **características** fundamentais:

objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de *descrever*, *compreender*, *explicar*, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009, p. 32).

Pautamo-nos, primordialmente, na descrição e explicação do *corpus* de análise, o que também faz de nosso trabalho, em relação à natureza e aos objetivos, respectivamente, uma pesquisa básica - que **“objetiva gerar novos conhecimentos”** (Silveira e Córdova, 2009, p. 34) - e descritivo-explicativa, uma vez que partimos da descrição para então explicarmos o porquê da variação.

Seguimos os seguintes passos, os quais estão relacionados aos nossos objetivos e hipóteses de pesquisa:

- Levantamento bibliográfico, revisão da bibliografia.
- Análise do *corpus* de acordo com a delimitação bibliográfica: verificação da relação entre as notícias e contexto.

- Análise dos elementos linguísticos-composicionais (estrutura composicional, estilo verbal e conteúdo), da função sociocomunicativa e os elementos contextuais.
- Análise das categorias de superestrutura presentes nas notícias do *corpus*.
- Análise da relação das categorias de contexto que de fato influenciam a estrutura composicional e outros elementos da notícia.

Como *corpus* de análise, utilizamos o jornal *Folha de S. Paulo*, inicialmente da semana de 15 a 21 de abril de 2013, o que nos permitiu o contato com os diversos cadernos: *Ilustrada, Esporte, Tecnologia, Turismo, Saúde, Cotidiano, Mercado, Folhainvest, Poder e Mundo*. Foi necessário também analisarmos jornais de outras datas, principalmente em relação aos cadernos que possuem mais variações, como os de *Turismo* e *Tecnologia*, pois em um único caderno, publicado semanalmente, há poucas notícias. Os diferentes cadernos representam modelos de contextos distintos, ou seja, possuem objetivos, intenções e ações diferentes.

Também analisamos jornais diferentes, de outra data, a fim de verificarmos a variação semântica, ou seja, a diferença na construção da notícia sobre um mesmo fato ocorrido, o que mostramos no capítulo 2 nas manchetes dos jornais *Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Estado de Minas e Agora*.

A escolha do jornal *Folha de S. Paulo* se deve ao fato de ser uma publicação de circulação nacional e considerada referência na esfera jornalística. A análise se pauta na observação das notícias em diferentes contextos (cadernos do mesmo jornal e, quando necessário, de jornais diferentes), a fim de que possamos relacionar as variações que ocorrem nesses textos aos elementos contextuais envolvidos em sua produção. Segundo Van Dijk, 2012:

Um método para o estudo dos contextos consiste em estudar sistematicamente suas consequências, isto é, as variações do discurso, em situações diferentes, como fazemos mais geralmente no estudo dos fenômenos não observáveis em qualquer ciência. Assim, por exemplo, se pronomes diferentes são usados para contar a mesma história a diferentes pessoas, em situações em que só muda a idade dos receptores, temos alguma evidência *prima facie* de que a idade do destinatário é uma categoria relevante dos modelos de contextos, nessa cultura (Van Dijk, 2012, p. 154).

**Os “fenômenos não observáveis” a que se refere o autor estão relacionados à definição**

dos modelos de contexto como modelos mentais, que seriam um objeto de estudo de difícil alcance e observação direta.

Porém, podemos alcançar as categorias desse modelo mental quando as relacionamos às variações que ocorrem na composição do gênero. Se há um objetivo (além de informar) de vender um produto, por exemplo, haverá uma variação nos elementos da superfície linguística e na estrutura composicional. Isso pode ser percebido pela presença de verbos no imperativo com a função de interpelação direta ao leitor e de influência em seu comportamento; o que, por sua vez, revela uma função sociocomunicativa e um ato de fala relacionados à venda daquilo que é noticiado.

Para além do método e dos procedimentos de análise, as notícias de cada caderno foram escolhidas, primeiramente, considerando-se sua extensão, o que nos levou à exclusão de notícias curtas e pequenas notas, como as registradas em (13) adiante; uma vez que esses textos não nos possibilitariam alcançar um de nossos objetivos, que está relacionado à observação da variação das categorias da superestrutura da notícia.

Em cada caderno, passaram a constituir o *corpus* de análise apenas as notícias mais longas, que realizam mais categorias superestruturais; possibilitando, assim, a comparação entre a estrutura composicional e os elementos contextuais envolvidos nos textos em questão.

A extensão de um texto no jornal nos leva à problemática da distinção entre notícia e reportagem, já que a segunda é considerada por muitos autores como um texto maior, em que há mais detalhes e investigação sobre o fato.

Consideramos que toda reportagem é uma notícia, porém, mais elaborada. Segundo Lage apud Coimbra (1993, p. 9): **“enquanto o primeiro (a notícia) cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, o segundo (reportagem) faz um levantamento de um assunto, conforme ângulo preestabelecido”**. E, ainda, Medina, J apud Coimbra (1993, p. 9): **“o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar”**. **Diferenciando notícia de reportagem, o Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo diz:**

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: **partindo da própria notícia**, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. (Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo, 1990, p. 67) (grifo nosso).

Tanto na conceituação de notícia quanto de reportagem há um fato, um acontecimento, sendo que na segunda esse fato recebe um tratamento mais elaborado, na medida em que há uma investigação maior, o que irá refletir na extensão do texto e no aparecimento de mais categorias da superestrutura da notícia propostas por Van Dijk (1986). Desse modo, trataremos neste trabalho a reportagem como uma notícia mais elaborada, conceito que é reforçado por Medina, J. (2001, p. 54), quando afirma que a reportagem é o **“relato ampliado de um acontecimento. O jornalista vai ao local para apurar o fato”**.

Na literatura da Comunicação (textos teóricos e manuais de jornais) não há o esclarecimento da diferença entre notícia e reportagem e os dois termos são tomados como sinônimos, conforme constatamos em Bonini (2003, p. 4): **“ainda são pouco conhecidos, em termos acadêmicos, os mecanismos linguísticos/sociais que caracterizam estes gêneros textuais (jornalísticos). Mesmo a distinção entre notícia e reportagem não é clara”**.

Outro critério de delimitação do *corpus* está relacionado à autoria dos textos. A notícia reflete a ação profissional de um grupo de pessoas envolvidos em rotinas de produção de gêneros textuais específicos, ou seja, é produzida por um jornalista, cujos textos estão inseridos dentro da sua esfera de atuação.

Desse modo, não consta do grupo de textos analisados aqueles que não são produzidos por jornalistas, pelas agências de notícias (as chamadas fontes) ou por colaboradores do jornal. O *corpus* ficou constituído conforme quadro abaixo.

Quadro 6 – Número de notícias analisadas por cadernos da *Folha de S. Paulo*.

<b>Caderno</b>	<b>Número de notícias</b>
Ilustrada	<b>15</b>
Esporte	<b>7</b>
Tecnologia	<b>7</b>
Turismo	<b>16</b>
Saúde	<b>7</b>
Cotidiano	<b>7</b>
Mercado	<b>5</b>
Folhainvest	<b>5</b>
Poder	<b>7</b>
Mundo	<b>5</b>

Segue abaixo o exemplo de pequenas notícias que foram excluídas do nosso *corpus*.

(13)

 **NOTAS DA SEMANA**

## Fim da TV de plasma

A Samsung decidiu encerrar a produção de TVs de plasma. Até 30 de novembro, os painéis com a tecnologia serão abandonados. A empresa cita declínio na demanda para justificar a decisão e afirma que concentrará esforços nas TVs 4K e nos aparelhos de tela curva. A notícia é péssima para os apreciadores da tecnologia. No começo do ano, a Panasonic também anunciou que abandonará esse mercado ainda em 2014.

### // NOVO WINDOWS

A nova geração do Windows poderá ser testada ainda em 2014, segundo o "ZD-Net". O site afirma que o sucessor do Windows 8 deverá ser lançada oficialmente no primeiro semestre de 2015, e uma versão de testes será disponibilizada ainda neste ano para o público. O novo Windows voltaria a dar ênfase à área de trabalho, minimizando as alterações visuais lançadas no Windows 8, que não agradaram usuários antigos.

Reprodução



» **SELFIE** Um site reúne fotos em que o equipamento do Google Street View aparece involuntariamente em ambientes internos; veja em [bit.ly/streetviewespelho](http://bit.ly/streetviewespelho)

**Compreensão** O Google Now agora entende português. Uma atualização permite que o serviço entenda comandos de voz no idioma em qualquer celular — o Moto X, da Motorola, era o único a contar oficialmente com o recurso.

**Melhorou** Depois de prejuízos nos últimos três trimestres, a HTC registrou lucro no seu último balanço fiscal, impulsionada em parte pelo novo HTC One. O lucro foi de US\$ 76 milhões.

**Reforço** A Apple está em temporada de contratações para reforçar o Siri. Segundo a "Wired", a empresa está focando esforços em pesquisas para melhorar a inteligência e a velocidade de reação do assistente pessoal comandado por voz.

**Na mira** A Microsoft estaria desenvolvendo uma versão do Office para tablets com Android. Segundo o "Verge", o lançamento está planejado para acontecer ainda em 2014.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 de julho de 2014. Tec, F2.

As notícias constantes do capítulo 6 para mostrarmos as variações encontradas foram as mais significativas para a exemplificação. Na análise das notícias, consideramos dois níveis, a saber:

1) características do gênero de acordo com os parâmetros e critérios propostos por Travaglia (2007b): a) conteúdo, b) estilo verbal/características de superfície linguística, c)

estrutura composicional (superestrutura textual – que pode estar relacionada à presença de personagens típicos, tipo textual, disposição dos elementos no texto, uso de várias linguagens); d) função sociocomunicativa e 5) condições de produção;

2) categorias do modelo de contexto (Van Dijk, 2012), nos níveis macro e micro: a) eu-mesmo – objetivos e intenções, ideologia; b) ambiente - tempo/espaço; c) participantes: identidades assumidas pelos participantes, relações entre participantes: de poder, amizade etc; d) ações/eventos.

Primeiro, as notícias foram analisadas em relação à sua composição, conforme item 1 acima, quando pudemos verificar onde ocorria a variação: na superestrutura, na superfície linguística ou no conteúdo temático, que está relacionado ao evento principal da notícia.

Num segundo momento, a análise foi feita em relação às categorias de contexto, quando foram estabelecidos os objetivos e intenções do produtor, o ambiente de produção, as relações entre os participantes (de poder, de amizade, simétrica, assimétrica) e as ações pretendidas.

Em cada texto, relacionamos a maneira como foi constituído aos elementos contextuais descritos acima, o que nos levou a constatar, por exemplo, que variações na estrutura composicional ocorrem sempre que um determinado objetivo é tido como relevante. As análises que seguem mostram a relação entre esses dois parâmetros e estão organizadas a partir da categoria contextual de maior relevância para a variação encontrada.

## 6. VARIAÇÕES DA NOTÍCIA

Já afirmamos que a notícia, apesar de possuir uma certa padronização em sua composição, apresenta variações, dependendo dos elementos contextuais que atuam, principalmente, no nível micro. Neste capítulo, apresentamos a análise do *corpus*, mostrando como ocorre essa variação. Organizamos os resultados da pesquisa de acordo com as categorias de contexto que influenciam a composição da notícia em vários aspectos, como os elementos de superfície linguística e de estrutura composicional, principalmente.

Optamos por apresentar a análise a partir das categorias contextuais, e não por cadernos - o que a princípio pareceria mais didático - devido a dois fatores. Primeiro, a análise se tornaria bastante repetitiva, uma vez que as variações da notícia em decorrência dos objetivos no nível micro se repetem em vários cadernos. Por exemplo, em relação ao objetivo de orientar/aconselhar, existem notícias dos cadernos *Saúde+Ciência*, *Turismo*, *Tecnologia*, *Mercado e Folhainvest*. Desse modo, elencar num mesmo tópico todas as notícias influenciadas pelo mesmo objetivo nos parece mais produtivo e objetivo.

A segunda razão para a organização da análise da maneira como apresentamos se deve ao fato de os cadernos possuírem, além das variações, notícias que são mais prototípicas; o que nos mostra que os cadernos são a primeira evidência da influência contextual, mas não devemos assumir o pressuposto de que apenas os cadernos de tema político e econômico realizam notícias mais típicas. Como exemplo temos, no caderno de *Esporte*, em que há bastante variação, a notícia de (14), cujo conteúdo temático, estrutura composicional e elementos linguísticos assemelham-se mais às notícias prototípicas. As categorias de superestrutura da notícia em (14) estão organizadas da seguinte maneira:

1º Parágrafo: *Lead* – narração passada

*A decisão do governo do Rio de Janeiro de não permitir que proprietários das 4.698 cadeiras cativas (perpétuas) do Maracanã usem seus assentos na Copa das Confederações, em junho, e no Mundial, em 2014, afetou quem investiu nos títulos justamente de olho nos eventos.*

(14)

# Torcedor troca reforma por cadeiras cativas

**MARACANÃ** Administrador que gastou cerca de R\$ 100 mil por assentos tenta obter na Justiça direito de usá-los na Copa

**LUCAS VETTORAZZO**  
DO RIO

A decisão do governo do Rio de Janeiro de não permitir que proprietários das 4.698 cadeiras cativas (perpétuas) do Maracanã usem seus assentos na Copa das Confederações, em junho, e no Mundial, em 2014, afetou quem investiu nos títulos justamente de olho nos eventos.

É o caso do administrador de empresas Dirceu Rodrigues Júnior, 34, que, em janeiro de 2012, comprou quatro cadeiras para poder levar a mulher e os dois filhos, pequenos à Copa do Mundo e também à Olimpíada de 2016.

Depois de seis meses de procura, ele encontrou dois proprietários dispostos a ven-

der seus títulos. Rodrigues pagou entre R\$ 40 mil e R\$ 50 mil em cada um. Para conseguir o dinheiro, adiou uma reforma e viagens de férias.

Ele frequenta o estádio desde 1989 para assistir aos jogos do Flamengo e disse sentir lesado pela decisão anunciada na última quarta.

"Honestamente, eu não acreditava que seríamos vetados de ter acesso ao estádio justamente porque o direito está garantido por lei", disse.

O administrador está ajuizando ação contra a medida. Para ele, faltou diálogo entre o governo e os proprietários.

O decreto que cria as cadeiras cativas no Maracanã é de 1947, anterior, portanto, à inauguração do estádio, que foi em 1950. Em 1949, uma se-

gunda lei permitia que os proprietários adquirissem o título para sempre — daí o nome "cadeira perpétua".

Uma segunda lei (6363/2012), de dezembro de 2012, que dispõe sobre a realização da Copa das Confederações e do Mundial no Estado, reforça a determinação.

Na quarta-feira, o secretário estadual da Casa Civil, Regis Fichtner, anunciou em entrevista coletiva a decisão de não permitir cadeiras perpétuas nos eventos da Fifa. Os assentos poderão ser utilizados apenas para jogos do Estadual e do Brasileiro.



Vestibulário do Maracanã, palco das decisões da Copa das Confederações-13 e do Mundial-14

★  
★

**DURANTE A GRAVAÇÃO DESSE ÁLBUM, TOM JOBIM FEZ 60 ANOS. DE PRESENTE, GANHOU SEU PRIMEIRO DISCO DE OURO.**

Próximo domingo nas bancas

Apenas R\$ 16<sup>90</sup> cada livro-CD

**COLEÇÃO FOLHA TRIBUTO A TOM JOBIM**

Apelo

**NIVEA VIVA**  
Tom Jobim

**FOLHA**  
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

O primeiro álbum de Tom Jobim com a Nova Banda, composta por amigos e familiares, também foi o seu primeiro disco de ouro da carreira. Gravado em 1987, esse álbum traz sucessos como "Passarim" e "Anos Dourados", além de muitas outras músicas com versão em inglês. Nada como fazer o que você gosta com as pessoas certas. **Colecione.**

ASSINANTE: na compra da coleção completa, **ganhe 4 livros-CDs e o frete!** Ligue (11) 3224 3090 (Grande São Paulo), 0800 775 8080 (outras localidades) ou acesse [www.folha.com.br/tomjobim](http://www.folha.com.br/tomjobim)

\*Preço e frete válidos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para outras localidades consulte [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br). Não há limitação de compra de títulos de entrada no site.

2º Parágrafo: Detalhes do EP – narração passada

*É o caso do administrador de empresas Dirceu Rodrigues Júnior, 34, que, em janeiro de 2012, comprou quatro cadeiras para poder levar a mulher e os dois filhos pequenos à Copa do Mundo e também à Olimpíada de 2016.*

3º Parágrafo: Background Passado – narração passada

*Depois de seis meses de procura, ele encontrou dois proprietários dispostos a vender seus títulos. Rodrigues pagou entre R\$ 40 mil e R\$ 50 mil em cada um. Para conseguir o dinheiro, adiou uma reforma e viagens de férias.*

4º parágrafo: Background Passado (narração presente) e Comentário (narração passada), do tipo avaliação, em discurso indireto - sublinhado

*Ele frequenta o estádio desde 1989 para assistir aos jogos do Flamengo e disse se sentir lesado pela decisão anunciada na última quarta.*

5º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – dissertação

*"Honestamente, eu não acreditava que seríamos vetados de ter acesso ao estádio justamente porque o direito está garantido por lei", disse.*

6º parágrafo: Consequência (narração presente) e Comentário (narração passada), do tipo avaliação (sublinhado)

*O administrador está ajuizando ação contra a medida. Para ele, faltou diálogo entre o governo e os proprietários.*

7º parágrafo: Background Passado – narração passada

*O decreto que cria as cadeiras cativas no Maracanã é de 1947, anterior, portanto, à inauguração do estádio, que foi em 1950. Em 1949, uma segunda lei permitia que os proprietários adquirissem o título para sempre --daí o nome "cadeira perpétua".*

8º parágrafo - Background Passado: narração passada

*Em junho de 2007, o governo do Estado do Rio publicou a lei 5051/2007, que suspende o direito à cadeira perpétua durante a Copa.*

9º parágrafo: Background Passado – dissertação

*Uma segunda lei (6363/2012), de dezembro de 2012, que dispõe sobre a realização da Copa das Confederações e do Mundial no Estado, reforça a determinação.*

10º parágrafo: EP, mais detalhado – narração passada

*Na quarta-feira, o secretário estadual da Casa Civil, Regis Fichtner, anunciou em entrevista coletiva a decisão de não permitir cadeiras perpétuas nos eventos da Fifa. Os assentos poderão ser utilizados apenas para jogos do Estadual e do Brasileiro.*

A notícia está mais próxima de um protótipo à medida que possui como tipo predominante o narrativo, o qual está relacionado ao objetivo de informar sobre acontecimentos, tanto no nível macro quanto no nível micro. O que se pretende nessa notícia é transmitir aos leitores a decisão de uma autoridade, e não tecer comentários sobre essa decisão ou qualquer assunto relacionado a ela.

Conforme abordaremos neste capítulo, a maioria das notícias do caderno *Esporte* possui como tipo predominante a dissertação, que pode ter função argumentativa, já que o objetivo do jornalista, no nível micro, está mais próximo de comentar os eventos esportivos e a atuação das pessoas envolvidas, e não apenas de informar o dia e horário de uma partida de futebol, por exemplo.

O fato de, nos diversos cadernos, haver tanto notícias mais típicas quanto notícias que fogem à padronização do gênero mostra o que já afirmamos no capítulo 3 sobre a dinâmica do modelo de contexto, que coloca em relevância as categorias contextuais mais pertinentes no momento de produção de cada notícia.

### **6.1 Variação da notícia em decorrência da categoria Eu-mesmo – objetivos e intenções**

A categoria contextual Eu-mesmo, apontada por Van Dijk (2012) como central no modelo de contexto, é responsável pela maioria das variações observadas, seguida da categoria Ambiente. As categorias Participantes e Ações/Eventos atuam na notícia por meio dos objetivos e intenções do Eu-mesmo, responsável pela construção das identidades antecipadas dos leitores, pelas relações estabelecidas e pelas ações realizadas no nível micro.

Neste subitem (6.1), elencaremos quatro objetivos do enunciador, no nível micro, que influenciam a composição da notícia e estabelece diferentes ações e relações entre os participantes, a saber: a) objetivo de vender; b) objetivo de orientar/aconselhar; c) objetivo de comentar um evento cultural e d) objetivo de comentar um evento esportivo.

### 6.1.1 Variação em decorrência do objetivo de vender

O objetivo, no nível micro, de realizar uma ação de **venda**, além do objetivo comum e macro de informar os leitores, pode ser verificado; principalmente, por aspectos da **superfície linguística** e **estrutura composicional**, como a presença de verbos no imperativo, tipo textual descritivo e injuntivo e valores explícitos de comercialização do objeto vendido – que pode ser um livro, um CD, uma viagem, um lugar ou um produto tecnológico.

A notícia, nesse caso, possui elementos da superestrutura textual comum desse gênero, como Manchete, Linha Fina e local específico para assinatura, mas o Evento Principal é atípico – às vezes misturando um fato/acontecimento a um desejo de intervenção na atitude do leitor - o *Lead* nem sempre aparece no início e a narração, assim como os elementos linguísticos relacionados e esse tipo, tem a função principal de valorizar e agregar valor ao que se pretende vender.

A notícia abaixo, do caderno *Ilustrada*, tem o objetivo de vender um recurso da internet para assistir a filmes. No texto de chapéu<sup>18</sup> **INTERNETS** e título **“Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas”**, escrito por um jornalista, os elementos da **superfície linguística**, como a presença de verbos no imperativo, inclusive no título, aponta para uma intenção além daquela mais ampla de escrever para informar a população sobre um fato/acontecimento. Temos aqui uma tentativa de influenciar o comportamento do leitor, como no trecho de (15) (grifos nossos):

(15) *Então **esqueça** o cinema e **fique** de olho na internet*

---

<sup>18</sup> O termo “chapéu” é usado no jornalismo para se referir a palavras ou pequenas expressões que aparecem no topo do texto, informando o assunto mais geral.

(16)

**INTERNETS**

**RONALDO LEMOS**  
ronaldolemos09@gmail.com

## Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas

*QUER ASSISTIR a três filmes ótimos? Então esqueça os cinemas e fique de olho na internet. Cada vez mais, cineastas antes "independentes" só na forma de produzir os filmes estão se tornando independentes também na hora de distribuí-los. E usando a rede para isso.*

É o caso no novíssimo (e aguardado) filme "Upstream Color", do diretor, ator, roteirista e produtor Shane Carruth. Ele ganhou notoriedade por ter produzido uma gema cinematográfica, o filme "Primer" (2004).

Feito com míseros US\$ 7.000 (cerca de R\$ 14 mil), o longa trata de engenheiros que por acaso inventam um jeito de voltar no tempo. Só que Carruth faz isso de forma original, densa e realista.

O diretor também vai distribuir "Upstream Color" no próprio site. Quem quiser ver, vai comprar o filme diretamente dele (vale a pena, o filme é tão bom quanto "Primer").

A mesma estratégia foi adotada por Hal Hartley, cineasta "cult" dos anos 1990 que dirigiu filmes como "Amateur" e "As Confissões de Henry Fool". Seu simpático novo filme, "Meanwhile", só pode ser visto se comprado diretamente pela internet em DVD ([bit.ly/IQT3F8](http://bit.ly/IQT3F8)).

Outro que aderiu ao modelo é Larry Clark, diretor de filmes sobre adolescentes como "Kids", que lançou a atriz Chloe Sevigny nos anos 1990. Para ver seu novíssimo "Marfa Girl", só na rede.

*Outro que aderiu ao modelo é Larry Clark, diretor de filmes sobre adolescentes como "Kids", que lançou a atriz Chloe Sevigny nos anos 1990. Para ver seu novíssimo "Marfa Girl", só na rede.*

*Basta pagar US\$ 5,99 (cerca de R\$ 12) pelo streaming e apertar play diretamente no seu site ([bit.ly/R2jcpM](http://bit.ly/R2jcpM)).*

*As receitas assim podem ser menores, mas vão diretamente para a produção. Para cineastas que possuem um número estável de fãs, pode ser bom negócio.*

*Alô, Kleber Mendonça Filho (diretor de "O Som ao Redor"), fique de olho.*

**READER**

-  **JÁ ERA** Independência cinematográfica só na produção
-  **JÁ É** Distribuir o filme no próprio site
-  **JÁ VEM** Netflix, Amazon e iTunes disputando a nova geração de cineastas "indie"

Percebemos que o uso do imperativo para relatar o Evento Principal – “Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas independentes” - revela um objetivo além do compromisso com a informação, pois há um direcionamento para um posterior consumo do produto noticiado. Desse modo, nossa hipótese de que quanto mais micro forem as categorias contextuais mais variações ocorrerão na composição da notícia se confirma. Para além do contexto macro e mais geral da Comunidade Discursiva Jornalística de informar um fato com o máximo de imparcialidade, há um contexto micro, evidenciado primeiramente pelo caderno, que revela uma orientação para venda e, portanto, objetivos que extrapolam a pura divulgação de fatos e que estão ligados ao contexto capitalista em que estão inseridos jornalistas e leitores.

O Evento Principal expresso na Manchete por meio de verbos no imperativo ocorre tanto em notícias com o objetivo de vender quanto naquelas cujo objetivo é orientar/aconselhar. Esse tipo de EP é uma variação bastante significativa, pois o fato/acontecimento que está sendo divulgado não é muito explícito, como ocorre nas notícias mais prototípicas, em que facilmente identificamos o evento noticiado (o quê? quando? como? onde? e por quê?).

Quando lemos a Manchete acima: “Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas”, não está explícito o que aconteceu ou vai acontecer, com quem?, quando? e por quê?, perguntas que nos auxiliam na identificação do EP. Somente ao lermos o primeiro parágrafo da notícia é que temos a informação de que o EP trata-se de cineastas independentes que estão divulgando seus filmes na internet.

Temos, aqui, uma variação em relação ao **conteúdo temático**, que expressa um EP que mistura fato (divulgação dos filmes na internet) e uma ação (pague para ver os filmes) que o jornal/jornalista pretende que seja realizada pelo leitor, após a leitura da notícia. O assunto da notícia, portanto, é o fato de os cineastas estarem divulgando suas produções pela internet e o desejo de que o leitor usufrua desse novo recurso.

Outra característica relacionada ao objetivo de vender é o uso do tipo narrativo – característica da **estrutura composicional** - como uma estratégia de argumentação, e não apenas para registrar uma sequência de fatos, nos seguintes trechos:

(17)

a) *Ele ganhou notoriedade por ter produzido uma gema cinematográfica, o filme “Primer” (2004).*

*b) O diretor também vai distribuir “Upstream Color” no próprio site.*

*c) A mesma estratégia foi adotada por Hal Hartley, cineasta Cult dos anos 1990 que dirigiu filmes como “Amateur” e “As confissões de Henry Fool”*

*d) Outro que aderiu ao modelo é Larry Clark, diretor de filmes sobre adolescentes como “Kids”, que lançou a atriz Cloe Sevigny nos anos 1990.*

A sequência de fatos narrada, juntamente com muita descrição, colabora para valorizar o uso da internet para assistir a filmes, uma vez que é uma estratégia que vem sendo utilizada por cineastas renomados e que facilita o acesso aos filmes. A sequência de fatos não marca apenas uma sucessão de eventos numa linha cronológica (função básica da narração), mas também reforça a tendência de produção e venda independentes de filmes. O valor da compra para que as produções possam ser assistidas confirmam a venda, mesmo que de forma indireta e a partir de um gênero pouco usual para isso (Veja em 18).

(18)

*Basta pagar US\$ 5,99 (cerca de R\$ 12) pelo streaming e apertar play diretamente no seu site.*

Sobre a publicação de preços e até de endereços de produtos nos jornais, Marshall (2005) afirma que se trata de

[...] informações transgênicas que levam em seu interior o gene da ética publicitária. Tais informações buscam objetivamente induzir ao consumo e ferem frontalmente os princípios do jornalismo, embora, diante do regime de relatividade e flexibilidade da pós-modernidade, sejam aceitos como parte de um universo normal (MARSHALL, 2005, p. 135).

Em relação à superestrutura, a notícia de (16) possui a seguinte realização:

Manchete: Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas -

injunção 1º parágrafo: *Lead* – narração presente e injunção.

2º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada e

descrição 3º parágrafo: Detalhes do EP - descrição

4º parágrafo: Detalhes do EP - narração

5º parágrafo: Detalhes do EP - narração passada e descrição

6º parágrafo: Detalhes do EP - narração passada e descrição

7º parágrafo: Detalhes do EP - injunção 8º

parágrafo: Consequência – dissertação

9º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa - injunção

A narração e a descrição (assim como a injunção) **estão “a serviço” da argumentação**, em que o locutor parte dos lugares da quantidade e da qualidade, pois argumenta no sentido de que é rentável pagar pouco para assistir a filmes renomados, de diretores consagrados. A **tese da argumentação defendida na notícia é expressa no primeiro parágrafo: “Então esqueça o cinema e fique de olho na internet”**.

Há também o lugar da pessoa, que gera o argumento de autoridade, pois os cineastas que já estão distribuindo suas produções na internet já são consagrados (**“Ele ganhou notoriedade por ter produzido uma gema cinematográfica...”**; **“Hal Hartley, cineasta “cult”**).

Além dessas características, percebemos a multimodalidade no uso de fonte maior para o chapéu INTERNETS, o uso da cor azul e a presença de formas num quadro-resumo acompanhadas **dos títulos: “já era”, “já é” e “já vem”**. Essas informações expressam a função semântica de **mostrar conceito** (cf. Aragão e Carvalho, 2012) e sintetizam o que foi exposto na notícia, fazendo uma prospecção de hábitos futuros relacionados ao uso da internet para assistir a filmes.

Na notícia acima, portanto, há variações na superfície linguística, no conteúdo e na estrutura composicional, as quais estão relacionadas ao objetivo do Eu-mesmo, na figura do jornalista, que pretende, no nível mais micro, vender um recurso da internet que permite que as pessoas assistam a filmes de cineastas que são independentes na produção e divulgação de suas películas.

O texto acima ainda é uma notícia, e não outro gênero do jornal, porque possui um conteúdo temático que expressa um EP (embora seja atípico) e trata-se de um texto produzido na Comunidade Discursiva Jornalística, por um membro dessa comunidade que possui objetivos compartilhados por seus parceiros profissionais. Ou seja, esse é um texto que possui uma função sociocomunicativa que responde a uma determinada esfera de atividade social, composta por profissionais que atuam com propósitos públicos, e não individuais, e procuram a divulgação de fatos relevantes ao âmbito de divulgação do jornal em que trabalham.

No momento da produção dessa notícia em questão, categorias contextuais como os propósitos do Eu-mesmo, na figura do jornalista e do jornal-instituição, fizeram entrar em cena as variações acima para que o objetivo de vender e a ação de venda fossem realizados, apesar de não haver garantias de que essa venda realmente vá se concretizar.

O quadro abaixo resume a composição dessa notícia, que possui como **condições de produção** o fato de ser um gênero produzido na Comunidade Discursiva Jornalística, por profissionais que possuem um objetivo público comum, para leitores cujo conhecimento social é previsto em cada notícia, em cada caderno e em todo o jornal<sup>19</sup>.

Quadro 7 – Características composicionais da notícia em (16).

<b>MANCHETE:</b> Pague para ver os filmes nos sites dos cineastas	
<b>Conteúdo Temático</b>	Cineastas independentes estão divulgando seus filmes, por um preço acessível, em sites próprios. O leitor não pode perder a oportunidade e deve pagar e usufruir do recurso.
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1°. <i>Lead</i>; 2° a 7°. Detalhes do EP; 8°. Consequência; 9°. Comentário</p> <p><b>2. TIPO:</b> conjugação dos tipos: narração, descrição, injunção; a serviço da argumentação.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> fonte maior no chapéu, linguagem visual com função de mostrar conceito ao final da notícia.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete em posição de destaque, não há linha fina.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Verbos no imperativo que marcam a injunção e a argumentação. Tempo verbal passado (narração), presente (descrição) e futuro (narração). Presença de valores do produto noticiado. Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar e divulgar um fato/acontecimento, vender um recurso da internet para assistir a filmes.

Sobre as categorias de contexto, o quadro abaixo mostra a relação entre os participantes, assim como a ação pretendida no nível micro.

<sup>19</sup> Como todas as notícias possuem essas mesmas condições de produção, ou seja, estão inseridas na Comunidade Discursiva Jornalística, não inserimos essa característica constituinte do gênero no quadro que sintetiza a composição da notícia, com o objetivo de evitar repetições desnecessárias.

Quadro 8 – Categorias contextuais da notícia em (16).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	O aspecto de maior relevância na notícia é o contexto social de valorização do uso da tecnologia como facilitadora de várias atividades, como assistir a filmes em casa por um baixo custo. A instituição jornalística da qual emana a notícia possui uma visão positiva do uso das novas tecnologias, compartilhando crenças vigentes na sociedade atual.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel, além de jornalista, de publicitário, promotor de um produto.</p> <p><b>Leitor:</b> possui uma identidade relacionada ao estilo de vida moderno, no que se refere ao uso da internet, ou seja, é imaginado como alguém que não vê problemas em assistir a um filme pela internet. É visto pelo jornal como quem não compartilha do conhecimento social/cultural divulgado.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida, aparentemente, uma relação de amizade, marcada por uma simetria entre jornalista e leitor, uma vez que o primeiro não se coloca como alguém superior e <b>detentor de um conhecimento; mas como alguém que “ajuda” seu leitor a ter alguma vantagem.</b></p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de vender o produto noticiado.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos a ação de venda pretendida pelo produtor.

Outra notícia escrita com objetivo de vender, além de informar, é a de (19), em que temos o texto noticioso e, ao lado, imagens de livros-CDs com informações de valores e formas de pagamento. A Manchete e a Linha Fina trazem o Evento Principal (lançamento de uma coleção de músicas de Tom Jobim), que é retomado no *Lead*, logo no primeiro parágrafo – características de uma notícia típica.

(19)

E6 ilustrada ★ ★ ★ DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 2013

FOLHA DE S. PAU

# Coleção traz o primeiro disco de ouro de Jobim

LP com a Banda Nova lançado em 1987 vendeu mais de 100 mil cópias

**"Passarim" traz o primeiro registro de "Bebel", além de canções compostas para séries da TV Globo**

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Um álbum de 1987, ano no qual Tom Jobim completou 60 anos de idade, está no volume da Coleção **Folha** Tributo a Tom Jobim que chega às bancas no próximo domingo, dia 28.

"Passarim" registrou novas composições — de Tom Jobim e outros —, interpretadas por ele e pela Banda Nova. A produção ficou a cargo de Jaques Morelenbaum — violoncelista que ganha um perfil no livro da Coleção, escrito pelo jornalista Antônio Carlos Miguel — e por Paulo Jobim, violonista.

Trata-se de um álbum solar e feliz, gravado no Rio de Janeiro entre novembro de 1986 e março de 1987, com a chamada Banda Nova.

A alcunha abrange uma reunião de famílias que começou a se formar alguns anos antes, em fins de 1983, para

uma apresentação na Áustria. Além do contrabaixista Tião Neto, do baterista Paulo Braga e da cantora Maícha Adnet, a Banda Nova juntava membros das famílias Jobim (a mulher Ana, os filhos Paulo e Beth), Caymmi (Danilo, flautista, e sua mulher Simone) e Morelenbaum (Jaques e a cantora Paula).

No repertório do disco estão "Passarim" — versão em inglês do tema de abertura de "O Tempo e o Vento, série da TV Globo baseada na obra de Erico Veríssimo —, a inédita "Bebel", a ecológica "Borzeguim" e "Fascinatin' Rhythm", dos irmãos Gershwin.

"Looks like December", bolero de abertura da série global "Anos Dourados", composto com Chico Buarque, foi traduzido para o inglês pelo próprio Jobim.

O tom ufanista volta em "Brasil Nativo", composição de Danilo Caymmi e Paulo César Pinheiro.

O bom clima das gravações refletiu nas vendas: "Passarim" deu a Tom seu primeiro disco de ouro no Brasil, à época concedido para vendas superiores a 100 mil cópias.

COMO COMPRAR A COLEÇÃO FOLHA TRIBUTO A TOM JOBIM



Próximo domingo, 28 de abril

Vol. 4 - "Passarim"

Álbum de 1987 deu a Tom Jobim seu primeiro disco de ouro, por mais de 100 mil cópias vendidas no Brasil

**COLEÇÃO COMPLETA\*:**  
20 volumes  
R\$ 270,40: assinantes  
R\$ 321,10: demais leitores  
> Cartão de crédito: à vista ou parcelado em até seis vezes  
> Débito em conta ou boleto: somente à vista

**COLEÇÃO COMPLETA + CAIXA\*:**  
20 volumes + caixa para guardar a Coleção com encarte  
R\$ 287,30: assinantes  
R\$ 338: demais leitores  
> Cartão de crédito: à vista ou parcelado em até seis vezes  
> Débito em conta ou boleto: somente à vista

**LOTES AVULSOS\*:**  
4 lotes, com 5 livros-CDs cada  
R\$ 67,60: assinantes  
R\$ 80,30: demais leitores  
> Cartão de crédito: à vista ou parcelado em duas vezes  
> Débito em conta ou boleto: somente à vista

**VOLUMES INDIVIDUAIS**  
R\$ 16,90\*\*; todos os leitores  
> Cartão de crédito, débito em conta ou boleto: somente à vista  
**CAIXA + ENCARTE**  
R\$ 16,90\*\*\*  
Cartão de crédito, débito em conta ou boleto: somente à vista



Hoje Vol.3 - "Elis & Tom"

COMO COMPRAR

Pelo telefone  
0/XX/11/3224-3090  
(Grande São Paulo)

0800-775-8080  
(outras localidades)

Pelo site  
folha.com.br/tomjobim

\* Frete: grátis para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para o DF e demais Estados e informações sobre prazo de entrega, consulte o site ou o atendimento telefônico.  
\*\* Este preço é válido para os Estados de SP, RJ, MG e PR. No DF e nos Estados de SC, ES, MS, RS, GO, MT e BA, o produto custará R\$ 17,90. Nos demais Estados, o preço será de R\$ 18,90. Para informações sobre frete e prazo de entrega, consulte o site ou o atendimento telefônico.  
\*\*\* A venda em bancas será realizada apenas em São Paulo e cidades da sua região metropolitana. Leitores de outras localidades poderão comprar a caixa (e informar-se sobre custo do frete e prazo de entrega) pelo telefone e pelo site.

É HOJE



TEATRO

**TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA**  
HORÁRIO das 10h às 20h  
ONDE Sesc Santo André (r. Tamarutaca, 302; tel. 0/xx/4469-1200)  
QUANTO de R\$ 5 a R\$ 20  
CLASSIFICAÇÃO 16 anos  
Última apresentação da montagem dirigida por Antu Filho para o clássico texto de Nelson Rodrigues.



MÚSICA 1

**ED MOTT**  
HORÁRIO às 11h  
ONDE Mooca Plaza Shopping (r. Capitão Pacheco e Chave: 313; tel. 0/xx/11/3548-450)  
QUANTO grátis  
CLASSIFICAÇÃO livre  
> O cantor se apresenta no projeto Vitrine da Cultura e, alternando piano e guitarra, interpreta seus sucessos, com "Colombina" e "Fora da Lei".

MÚSICA 2

**ORQUESTRA SINFÔNICA DA USP**  
HORÁRIO às 17h  
ONDE Sala São Paulo (pça. Júlio Prestes, nº 16; tel. 0/xx/11/3367-9500)  
QUANTO de R\$ 13 a R\$ 63  
CLASSIFICAÇÃO 8 anos  
> A orquestra executa composições de Camargo Guarnieri, Newton Carneiro e Aaron Copland.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abr de 2013. Ilustrada, E6.

Apesar da ausência de verbos no imperativo e do apelo direto ao leitor, temos a predominância do tipo textual descritivo na estrutura composicional, usado para comentar e descrever a obra do músico homenageado pela *Folha* e para convencer o leitor sobre a qualidade da coleção, como se pode ver nos trechos transcritos em (20).

(20)

a) *Trata-se de um álbum solar e feliz, gravado no Rio de Janeiro.....*

b) *No repertório do disco estão “Passarim” – versão em inglês do tema de abertura de “O tempo e o vento”, série da TV Globo baseada na obra de Érico Veríssimo-, a inédita Bebel, a ecológica Borzeguim” e “Fascinatin’Rhythm”, dos irmãos Gershwin.*

c) *O tom ufanista volta em “Brasil Nativo, composição de Danilo Caymmi e Paulo César Pinheiro.*

Os trechos narrativos, à semelhança da notícia anterior, colaboram para a boa imagem do produto, como se pode perceber no trecho transcrito em (21).

(21)

*O bom clima das gravações refletiu nas vendas: “Passarim” deu a Tom seu primeiro disco de ouro no Brasil, à época concedido para vendas superiores a 100 mil cópias.*

Em termos de **superestrutura textual**, nos nove parágrafos de notícia, temos a seguinte realização:

1º parágrafo: *Lead* – narração passada e futura

*Um álbum de 1987, ano no qual Tom Jobim completou 60 anos de idade, está no volume da Coleção **Folha** Tributo a Tom Jobim que chega às bancas no próximo domingo, dia 28.*

2º parágrafo: detalhes do Evento Principal – narração passada

*“Passarim” registrou novas composições – de Tom Jobim e outros -, interpretadas por ele e pela Banda Nova. A produção ficou a cargo de Jaques Morelembaum – violoncelista que ganha um perfil no livro a Coleção, escrito pelo jornalista Antônio Carlos Miguel – e por Paulo Jobim, violonista.*

3º parágrafo: Comentário – descrição e narração passada

*Trata-se de um álbum solar e feliz, gravado no Rio de Janeiro entre novembro de 1986 e março de 1987, com a chamada Banda Nova.*

4º parágrafo: Comentário – narração passada e descrição

*A alcunha abrange uma reunião de famílias que começou a se formar alguns anos antes, em fins de 1983, para uma apresentação na Áustria.*

5º parágrafo: Comentário – descrição

*Além do contrabaixista Tião Neto, do baterista Paulo Braga e da cantora Maúcha Adnet, a Banda Nova juntava membros das famílias Jobim a mulher Ana, os filhos Paulo e Beth), Caymmi (Danilo, flautista, e sua mulher Simone) e Morelembaum (Jaques e a cantora Paula).*

6º parágrafo: Comentário – descrição

*No repertório do disco estão “Passarim” – versão em inglês do tema de abertura de “O Tempo e o Vento”, série da TV Globo baseada na obra de Érico Veríssimo-, a inédita “Bebel”, a ecológica “Borzeguim” e “Fascinatin’Rhythm”, dos irmãos Gershwin.*

7º parágrafo: Comentário – narração passada

*“Looks like December”, bolero de abertura da série global “Anos Dourados”, composto com Chico Buarque, foi traduzido para o inglês pelo próprio Jobim.*

8º parágrafo: Comentário – descrição e dissertação

*O tom ufanista volta em “Brasil Nativo”, composição de Danilo Caymmi e Paulo César Pinheiro.*

9º parágrafo: Detalhes do Evento Principal – narração passada

*O bom clima nas gravações refletiu nas vendas: “Passarim” deu a Tom seu primeiro disco de ouro no Brasil, à época concedido para vendas superiores a 100 mil cópias.*

Assim como na notícia anterior, há a publicação de valores do produto, bem como de formas de pagamento e condições sobre o frete para localidades fora de São Paulo. Essas informações não integram o texto, mas aparecem em uma retranscrição ao lado da notícia, na qual **não há a assinatura do jornalista, apenas a indicação “Colaboração para a Folha”**. Em relação à tese de Marshall (2005) sobre as transgenias do jornalismo na pós-modernidade, a notícia não poderia tratar-se de uma publicidade paga nem da defesa de interesses privados, já que o promovido nesse caso, de forma explícita, é o próprio jornal.

Desse modo, a notícia acima pode expressar o que Marshall (2005) nomeia de “Dirigismo”, quando uma notícia é produzida pelo setor comercial de uma empresa jornalística. O autor afirma que, **silenciosamente**, “... a diretoria comercial ou de publicidade

das empresas jornalísticas acaba produzindo, com periodicidade regular, material de cunho jornalístico-publicitário, sem identificação do caráter publicitário...”(Marshall, 2005, p. 125).

Como não sabemos de fato quem é o autor dessa notícia, também pode tratar-se de **uma notícia escrita por jornalista, a partir de uma “encomenda” do setor comercial do jornal** – o que a enquadraria **no gênero “Quinhentismo”**. Na mesma edição do jornal, porém no caderno de *Esporte*, aparece uma publicidade sobre a Coleção Folha Tributo a Tom Jobim, conforme exemplo (14) no início deste capítulo, em que está claro que não se trata de uma notícia, mas de um anúncio publicitário, de mesmo tema da notícia publicada no caderno *Ilustrada*.

Ficam evidentes as estratégias de marketing a que se refere Marshall (2005), pois o jornal, além de anunciar a venda explícita da coleção, publicou uma notícia sobre o mesmo produto, reforçando o valor cultural do cantor e compositor que é tema da Coleção.

Em relação à **superestrutura**, temos aqui a influência do contexto (objetivo) na realização da categoria Comentário, que constitui a maior parte da notícia, diferente do que ocorre em notícias mais típicas, em que há pouco ou nenhum comentário sobre o Evento Principal. O quadro abaixo traz um resumo da composição da notícia.

Quadro 09 – características composicionais da notícia em (19)

<b>MANCHETE:</b> Coleção traz o primeiro disco de ouro de Jobim	
<b>LINHA FINA 1:</b> LP com a Banda Nova lançado em 1987 vendeu mais de 100 mil cópias	
<b>LINHA FINA 2:</b> Passarim traz o primeiro registro de “Bebel”, além de canções compostas para séries da TV Globo	
<b>Conteúdo Temático</b>	A Coleção Folha Tributo a Tom Jobim, na semana de publicação da notícia, traz à venda o primeiro disco de ouro do cantor, que possui músicas consagradas.
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º .<i>Lead</i>; 2º Detalhes do EP; 3º ao 8º. Comentário; 9º. Detalhes do EP.</p> <p><b>2. TIPO:</b> conjugação dos tipos: narração, descrição, dissertação.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagens dos CDs que estão à venda, valores do produto noticiado.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete em posição de destaque, duas Linhas Finas. Há uma retransa ao lado da</p>

	notícia, com as informações de compra da coleção.
<b>Estilo verbal</b>	Adjetivação tanto para narrar quanto para descrever. Tempo verbal no passado, nos trechos narrativos, e no presente, acompanhando as descrições. Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, vender o CD da Coleção Folha Tributo a Tom Jobim.

Sobre as categorias de contexto temos a seguinte configuração:

Quadro 10 – Categorias de contexto na notícia em (19)

<b>AMBIENTE (tempo/espaço)</b>	O jornal valoriza a música popular brasileira e usa a credibilidade de compositores para vender um produto, evidenciando a lógica capitalista da sociedade atual.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel, além de jornalista, de publicitário, promotor de um produto.</p> <p><b>Leitor:</b> possui uma identidade de amante da Música Popular Brasileira e que valoriza o cantor e compositor presente na notícia. É visto pelo jornal como quem não compartilha do conhecimento social/cultural divulgado e como um possível consumidor.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> relação marcada por uma aparente simetria e amizade, em que o jornalista se coloca como um divulgador do produto.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de vender.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de venda pretendida pelo locutor.

O texto em (22) abaixo também exemplifica uma notícia em que a categoria contextual do Eu-mesmo, com o objetivo de vender, influencia em sua composição. A Manchete e as duas Linhas Finas trazem o Evento Principal (O próximo volume da Coleção

Folha Música Clássica para Crianças traz o compositor russo Tchaikovsky e seus sucessos como O Lago dos Cisnes, O Quebra-Nozes e A bela Adormecida).

O **mecanismo K-3** atua na Manchete, assim como na notícia de (19), pois o enunciador calcula que os leitores já sabem de que coleção ele está escrevendo e registra a Manchete sem dar muitas informações (**Coleção traz “O Lago dos Cisnes” e Quebra-Nozes**) e na Linha Fina registra que se trata do décimo volume.

Os dois primeiros parágrafos não retomam o Evento Principal e, portanto, não se configuram como um *Lead*, mas realizam a categoria Background Presente e explicam que, nessa coleção da Folha, há dois personagens, Dó e Mi, que saem em uma viagem no tempo e no espaço e se deparam com vários compositores musicais em seu percurso.

Os próximos parágrafos contam sobre a vida e a obra de Tchaikovsky, que é tema do volume anunciado/noticiado. Temos aqui uma conjugação de gêneros, em que a biografia é inserida na notícia, que em termos de superestrutura textual possui a configuração que é mostrada abaixo.

1º parágrafo: Background Presente (contextualização da Coleção – descrição dos personagens da coleção)

*Os personagens Dó e Mi, da Coleção **Folha Música Clássica para Crianças**, apenas buscam conhecimento musical.*

2º parágrafo: Background Presente (contextualização da Coleção – narração presente)

*Em sua viagem no tempo e no espaço desta semana, eles vão à Rússia do século 19, onde conhecem a vida e a obra do russo Piotr Tchaikovsky.*

3º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada e descrição

*Filho de um engenheiro russo e de uma sofisticada francesa, o compositor nasceu em 1840 na pequena cidade de Kamsko-Votkinsk.*

4º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada

*Como foi visto nas biografias de outros compositores visitados pelos irmãos viajantes, a música não foi a primeira carreira do russo. Durante nove anos, para satisfazer a vontade dos pais, ele estudou direito em São Petersburgo.*

5º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada

*Mas a música soou mais alto, e Tchaikovsky não chegou a ser advogado. Sinfonias, concertos, óperas, balés, valsas, músicas de câmara e obras para coro para as liturgias da Igreja Ortodoxa Russa logo viraram sua ocupação.*

6º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada

*Ao longo de sua vida, Tchaikovsky contou com a importante ajuda de uma mulher: a rica viúva von Meck, que lhe enviava dinheiro para que se dedicasse apenas à música.*

7º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada

*E a aposta da viúva – que Tchaikovscky nunca chegou a conhecer pessoalmente, tendo apenas trocado cartas com ela – pagou-se. Como mostra o CD da Coleção – com trechos de “O Lago dos Cisnes”, “O Quebra-Nozes” e “A bela Adormecida”-, a obra de Tchaikovsky alcançou um nível elevado, que justifica sua execução até hoje.*

8º parágrafo: biografia de Tchaikovsky – narração passada

*Em vida, o compositor teve grande sucesso na Rússia – cuja família imperial apreciava sua música – e também na Europa e nos Estados Unidos. Em Nova York, ele regeu uma orquestra na abertura do Carnegie Hall, importante sala de concertos da cidade, em 1891, dois anos antes de sua morte.*

Esse texto não deixa de ser uma notícia porque possui em seu conteúdo temático um EP, a saber: o décimo volume da coleção Folha Música Clássica para Crianças (o quê?) chega às bancas neste domingo, dia 14 (quando), e traz como tema o russo Tchaikovsky. Esse evento é explicitado apenas na Manchete e Linha Fina, sendo toda a notícia composta pela biografia do compositor.

O Evento Principal é predominantemente narrativo, trata-se de uma narração futura: o lançamento do volume 10 da coleção citada, que chegará às bancas em dia posterior ao da divulgação da notícia. Além do tipo narrativo e do conteúdo temático relacionado a um EP, esse texto compartilha outros elementos caracterizadores de uma notícia: foi produzido dentro da Comunidade Discursiva Jornalística e possui a função sociocomunicativa de informar, além da ação de venda no nível mais micro.

(22)

**É HOJE!**



**LITERATURA/DEBATE**  
**O QUE OS CEGOS ESTÃO SONHANDO?**  
**HORÁRIO** 20h30  
**ONDE** Centro da Cultura Judaica (r. Oscar Freire, 2.500, tel. 0/xx/11/3065-4333)  
**QUANTO** grátis  
 >Debate sobre livro que mescla as memórias de Lili Jaffe, sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, com reflexões de sua filha, a escritora Noemi Jaffe, e de sua neta Leda Cartum sobre as consequências da guerra. As três participam de um bate-papo mediado pelo colunista da **Folha** Marcelo Coelho.



**TEATRO**  
**MÚSICA PARA CORTAR OS PULSOS**  
**HORÁRIO** 21h  
**ONDE** Centro Internacional de Teatro Ecum (r. da Consolação, 1.623; tel. 0/xx/11/3255-5922)  
**QUANTO** R\$ 40  
**CLASSIFICAÇÃO** 14 anos  
 >Última apresentação da peça, escrita e dirigida por Rafael Gomes, sobre os conflitos de jovens (na foto, a atriz Marisol Ribeiro), mostrados por meio de dez cenas curtas.

**MÚSICA**  
**TIÊ**  
**HORÁRIO** às 0h  
**ONDE** Studio SP (r. Augusta, 591; tel. 0/xx/11/3255-5922)  
**QUANTO** R\$ 15  
**CLASSIFICAÇÃO** 18 anos  
 >A cantora se apresenta no projeto Novo Cedo e Sentado, que lança sua carreira, e relembra canções de seu primeiro CD, "Sweet Jardim".

# Coleção traz "O Lago dos Cisnes" e "O Quebra-Nozes"

Tchaikovsky é tema do volume dez, que chega às bancas no domingo, dia 14

**As valsas e os balés do compositor russo, como "A Bela Adormecida", alcançaram grande sucesso em sua época**

Os personagens Dó e Mi, da Coleção **Folha Música Clássica para Crianças**, apenas buscam conhecimento musical. Em sua viagem no tempo e no espaço desta semana, eles vão à Rússia do século 19, onde

de conhecem a vida e a obra do russo Piotr Tchaikovsky. Filho de um engenheiro francês, o compositor nasceu em 1840 na pequena cidade de Kamsko-Votkinsk. Como foi visto nas biografias de outros compositores visitados pelos irmãos viajantes, a música não foi a primeira carreira do russo. Durante nove anos, para satisfazer a vontade dos pais, ele estudou direito em São Petersburgo. Mas a música souou mais alto, e Tchaikovsky não chegou

a ser advogado. Sinfonias, concertos, óperas, balés, valsas, músicas de câmara e obras para coro para as liturgias da Igreja Ortodoxa Russa logo viraram sua ocupação. Ao longo de sua vida, Tchaikovsky contou com a importante ajuda de uma mulher: a rica viúva von Meck, que lhe enviava dinheiro para que se dedicasse apenas à música. E a aposta da viúva — que Tchaikovsky nunca chegou a conhecer pessoalmente, tendo apenas trocado cartas com ela — pagou-se. Como mostra

o CD da Coleção — com trechos de "O Lago dos Cisnes", "O Quebra-Nozes" e "A Bela Adormecida" —, a obra de Tchaikovsky alcançou um nível elevado, que justifica sua execução até hoje. Em vida, o compositor teve grande sucesso na Rússia — cuja família imperial apreciava sua música — e também na Europa e nos Estados Unidos. Em Nova York, ele regeu uma orquestra na abertura do Carnegie Hall, importante sala de concertos da cidade, em 1891, dois anos antes de sua morte.

**ARTES PLÁSTICAS 1**  
**Campinas recebe seleção de obras da 30ª Bienal de SP**

**DE SÃO PAULO** - A cidade paulista recebe, de 19 a 30 de junho, uma exposição com obras de 16 artistas brasileiros e estrangeiros selecionadas da 30ª Bienal de São Paulo - A Iminência das Poéticas. A mostra acontece no Sesc (rua Dr. Bonifácio de Castro Filho, 61; tel. 0/xx/19/3737-1500). A abertura, gratuita, está marcada para as 20h, com palestra de Luis Pérez-Oramas, curador da exposição. Os interessados em participar devem mandar um e-mail para [cerimonial@campinas.sescsp.org.br](mailto:cerimonial@campinas.sescsp.org.br) até o dia 17.

**ARTES PLÁSTICAS 2**  
**Sesc Belenzinho abriga instalação de José Resende**

**DE SÃO PAULO** - De amanhã a 4 de agosto o Sesc Belenzinho (rua Padre Adelino, 1.000; tel. 0/xx/11/2076-9700) exibe a instalação "A Cabana de Vento", de José Resende. Com cerca de 15 metros de comprimento, uma escultura feita de tecido branco translúcido ficará suspensa no teto do local, chegando a 3,5 metros do chão. Resende é o terceiro artista convidado a ocupar o átrio do Sesc com uma obra inédita e exclusiva. Antes dele, expuseram Carmela Gross e Carlos Fajardo.

**COMO ADQUIRIR A COLEÇÃO FOLHA MÚSICA CLÁSSICA PARA CRIANÇAS**  
 Cada volume apresenta a biografia ilustrada de um compositor, acompanhada por um CD que reúne trechos significativos das composições mais reconhecidas pelos pequenos, presentes principalmente em desenhos animados e filmes



**14.abr**  
**Vol. 10 - Tchaikovsky**

**COLEÇÃO COMPLETA\***  
 (20 volumes)  
**R\$ 270,40** (assinantes Folha, Edição Digital e UOL) (quatro livros-CDs grátis)  
**R\$ 321,10** (demais leitores)  
 Cartão de crédito: à vista ou parcelado em até seis vezes  
 Débito em conta ou boleto: somente à vista

**VOLUMES INDIVIDUAIS**  
**R\$ 16,90\*\*** (todos os leitores)  
 Cartão de crédito, débito em conta ou boleto: somente à vista

**LOTE AVULSO\***  
 (quatro lotes, com cinco volumes cada)  
**R\$ 67,60** (assinantes Folha, Edição Digital e UOL) (um livro-CD grátis, por lote)  
**R\$ 80,30** (demais leitores)  
 Cartão de crédito: à vista ou parcelado em duas vezes  
 Débito em conta ou boleto: somente à vista

**TELEFONES**  
 0/xx/11/3224-3090 (Grande SP) e 0800-775-8080 (outras localidades)  
[folha.com/musicacrianca](http://folha.com/musicacrianca)

**NA INTERNET**  
**18º É TUDO VERDADE**  
 Filme retrata com humor o fim do polvo vidente Paul  
 >> [folha.com/no1260273](http://folha.com/no1260273)  
 "Antártica" acompanha geólogos brasileiros pelo continente gelado  
 >> [folha.com/no1260311](http://folha.com/no1260311)  
 "Sinfonia Paulistana - Um Novo Olhar" resgata composição antológica de Billy Blanco  
 >> [folha.com/no1260307](http://folha.com/no1260307)  
 Veja críticas, a programação e a cobertura do festival É Tudo Verdade  
 >> [folha.com.br/130936](http://folha.com.br/130936)

\*Frete gratuito na compra da coleção completa e de lotes avulsos para os Estados de SP, RJ, MG e PR. Para demais situações e informações sobre prazo de entrega, consulte o serviço de atendimento telefônico ou o site [www.folha.com/musicacrianca](http://www.folha.com/musicacrianca). \*\*Este preço é válido para os Estados de SP, RJ, MG e PR. No DF e nos Estados de SC, ES, MS, RS, GO, MT e BA, o produto custará R\$ 17,90. Nos demais Estados, o produto custará R\$ 19,90.

Folha de S. Paulo, S. Paulo, 11 abril 2013. Ilustrada, E5.

Como não há nem o imperativo nem argumentação explícita no sentido de apresentar argumentos para convencer o leitor a comprar a coleção, a relação com a venda, nessa notícia e na de (19), ocorre principalmente a partir da disposição dos elementos na página do jornal, um componente da **estrutura composicional**. O fato de, na mesma página dessas notícias, estar uma retranca com valores do produto mostra que, no momento de produção do gênero, houve o objetivo de vender, não só o décimo volume que é objeto da notícia em (22) ou o CD noticiado em (19), mas também qualquer outro volume da coleção, já que as informações

disponíveis possibilitam a compra de qualquer item. O quadro abaixo resume as características já explicadas.

Quadro 11 – Características composicionais da notícia em (22)

<b>MANCHETE:</b> Coleção traz “O lago dos Cisnes” e “O Quebra-Nozes”	
<b>LINHA FINA 1:</b> Tchaikovsky é tema do volume dez, que chega às bancas no domingo, dia 14	
<b>LINHA FINA 2:</b> As valsas e os balés do compositor russo, como “A bela Adormecida”, alcançaram grande sucesso em sua época	
<b>Conteúdo Temático</b>	A Coleção Folha Música Clássica para Crianças traz a vida e a obra do russo Tchaikovsky.
<b>Estrutura Composicional</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º e 2º. Background Presente; 3º a 8º. Biografia do compositor.</li> <li><b>2. TIPO:</b> conjugação dos tipos: narração e descrição.</li> <li><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagens dos CDs que estão à venda e valores da coleção, em texto abaixo da notícia.</li> <li><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete em posição de destaque, há duas Linhas Finas. Há uma retransa abaixo da notícia, com as informações de compra da coleção.</li> </ol>
<b>Estilo verbal</b>	Elementos linguísticos relacionados à narração (tempo passado e marcadores temporais) e à descrição (adjetivos). Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, vender o CD da Coleção.

Sobre a atuação das categorias de contexto, é estabelecida entre os participantes a mesma relação que há nas notícias anteriores com o objetivo de vender, a saber, uma aparente relação de amizade, como estratégia argumentativa entre vendedor e provável comprador, que mascara o interesse mercadológico da notícia e a relação entre publicitário e consumidor.

Quadro 12 – Categorias contextuais na notícia em (22)

<b>AMBIENTE</b>	O mais evidente é o contexto capitalista da sociedade atual, em que o
-----------------	---

<b>(tempo e espaço)</b>	jornal precisa de capital para a sua sobrevivência no mercado e utiliza-se da venda de diversos produtos. A instituição jornalística utiliza-se da crença de que é importante o contato de crianças com música clássica para obter lucro.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel, além de jornalista, de publicitário, promotor de um produto.</p> <p><b>Leitor:</b> na divulgação dessa notícia a imagem do leitor relaciona-se a pessoas interessadas na formação musical de crianças, pode ser, por exemplo, professores, pais ou mães. É visto pelo jornal como quem não compartilha do conhecimento social/cultural divulgado e como um possível consumidor.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação aparentemente simétrica, em que o enunciador se coloca, à primeira vista, como mero divulgador e facilitador da aquisição do produto. Porém, na verdade o jornalista conhece bem as crenças e valores de seu possível consumidor (que valoriza a música clássica); haja vista pesquisas feitas pelo jornal para o estabelecimento de perfis de leitores (conforme afirmamos no capítulo 3).</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de vender um CD e uma coleção de música clássica.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de venda pretendida pelo produtor.

Nas três notícias acima que possuem o objetivo de venda (16, 19 e 22), há a divulgação de valores para aquisição dos produtos. No caso dos exemplos (19) e (22), essas informações não estão no corpo da notícia, mas em uma retranca que traz informações bastante detalhadas das formas de pagamento, em um espaço significativo ao lado ou abaixo da notícia. Na notícia de (16), o aspecto mais relevante para a ação de venda reside nos elementos de superfície linguística, como o modo imperativo, e na superestrutura textual, no que se refere à presença de injunção na Manchete e no 1º parágrafo.

## 6.1.2 Variação em decorrência do objetivo de orientar/aconselhar

Analisando a categoria Eu-mesmo no que se refere aos objetivos, percebemos também, no nível mais micro dessa categoria contextual, o objetivo de **orientar** ou **aconselhar** o leitor a realizar uma ação futura, que pode ser: visitar ou não algum lugar (caderno *Turismo*); fazer ou não um investimento (*Mercado* e *Folhainvest*) e tomar algum medicamento ou realizar um tratamento médico (*Saúde*).

Na notícia de (23), que possui uma retranca associada, há uma orientação para os leitores que irão visitar a Ilha das Malvinas. O Evento Principal da notícia pode ser expresso pela seguinte proposição: na capital das Malvinas e nos seus arredores, os turistas podem conhecer a história da ilha e suas batalhas a partir de monumentos que são as lembranças dos combates. Esse evento é expresso na Manchete (“Capital e arredores expõem as lembranças do combate”) e nas duas Linhas Finas (“Nas proximidades de Stanley, turistas podem conhecer locais das batalhas” / “Na capital, o Liberation Monument lista os nomes dos 255 britânicos mortos nos combates de 1982”).

(23)

F12 turismo ★★ ★ QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE

# Capital e arredores expõem as lembranças do combate

Nas proximidades de Stanley, turistas podem conhecer locais das batalhas

**Na capital, o Liberation Monument lista os nomes dos 255 britânicos mortos nos combates de 1982**

DA ENVIADA ÀS MALVINAS

A Guerra das Malvinas, em que se enfrentaram Argentina e Reino Unido, em 1982, deixando mais de 900 mortos, é uma recordação muito viva para os habitantes e os visitantes das ilhas.

Íngles locais mais significativos ajuda a entender o conflito, que terminou com a vitória britânica e selou o destino das ilhas.

Hoje um território britânico de ultramar, as Malvinas

decidiram em um referendo em março último continuar fazendo parte desse país.

O passeio pode começar pelos arredores de Stanley. Ali estão as montanhas de Longdon, Wireless Ridge e Tumbledown, onde se travaram duras batalhas.

Já próximo do final da guerra, que durou de 2 de abril a 14 de junho de 1982, o Exército argentino se fixou ali, resistindo como podia aos ingleses. Nas covas dessas montanhas, encontram-se, ainda, objetos dos soldados, restos de suas barracas e utensílios que usavam.

Outro lugar de interesse para conhecer é Goose Green. Nesse “settlement”, houve um dos episódios mais dramáticos da guerra, em que

um grupo de 114 moradores foi aprisionado pelo Exército argentino e só foi liberado após uma disputada batalha, tida como uma das mais importantes da guerra.

Próximo a Goose Green, está Darwin, onde se localiza o cemitério argentino. Mais de 200 soldados mortos na guerra estão ali, sem identificação. A única sinalização que há nas sepulturas são os dizeres: “soldado argentino, só conhecido por Deus”.

É um lugar que inspira a reflexão, com seu silêncio, só cortado pelo ruído do vento movendo os rosários que pendem de cada lápide.

Em Stanley, também se sente a presença da guerra em várias partes. No final da Ross Road, principal avenida

local, está o Liberation Monument, com o nome dos 255 britânicos mortos no enfrentamento. Por trás dele, passa a Thatcher Road, em homenagem à ex-premiê britânica, morta na semana passada.

**GUERRA EM DVD**

Alguns filmes disponíveis em DVD ajudam a entender o conflito. Entre eles, “Tumbledown”, de Richard Broke, com Colin Firth no papel principal, narra a batalha.

“Resurrected”, de Paul Greengrass, conta a história de um soldado desertor descoberto meses após a guerra.

Do lado argentino, o melhor é “Iluminados pelo Fogo”, de Tristan Bauer, que aborda o trauma dos ex-combatentes. (STYLIA COLOMBO)



**GRAMADO** EM ATÉ 10X SEM JUROS

e a maravilhosa Serra Gaúcha.

Quer viajar pela mais linda região serrana do Brasil? Pergunte pra quem entende. Passe em uma loja CVC.

Paisagens encantadoras de vales, vinhedos, montanhas e cachoeiras fazem da Serra Gaúcha um dos destinos turísticos mais belos e charmosos do Brasil. E isso não é tudo: as cidades de Gramado, Carvali,

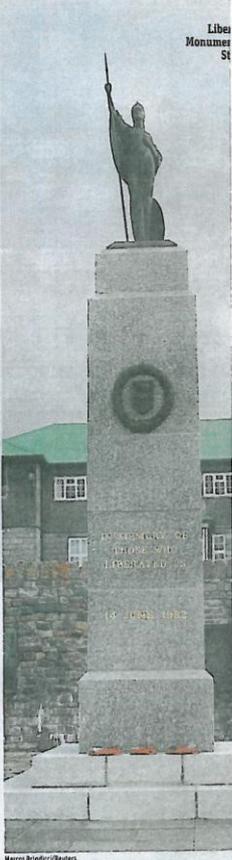
**Não gosta de frio? Então, não vá às Malvinas**

DA ENVIADA ÀS MALVINAS

Quem não gosta de frio não deve ir às Malvinas. A temperatura, no verão, quase nunca ultrapassa os 18°C, considerada uma temperatura extraordinariamente quente pelos moradores.

No inverno, ela varia entre -6°C e 5°C.

O mais difícil de enfrentar, porém, são os fortes ventos, que não cessam em nenhum momento do dia. Além dos abrigos de neve, recomendáveis no inverno. (A. PERCECINI/QUIZ) / UOL



Libera  
Monument  
St

Marco Brindico/Reuters

Assim como nas notícias em que há uma intenção de venda, o EP das notícias que aconselham e orientam não são necessariamente narrativos, pois pode não haver um fato, no presente, passado ou futuro, expresso por uma sucessão de ações. Na Manchete e Linha Fina acima, não há uma sucessão temporal de acontecimentos, mas uma descrição dos atrativos do lugar noticiado.

Não se divulga algum acontecimento, que tenha ocorrido em algum lugar e com o envolvimento de algumas pessoas, mas sim a descrição de um lugar, ou seja, é divulgado que a capital das Malvinas, assim como suas redondezas, possui atrativos que fazem uma menção às batalhas ocorridas no local, uma variação em relação ao **conteúdo temático**. O EP, portanto, não é predominantemente narrativo, mas descritivo (na Manchete e Linhas Finas 1 e 2).

O EP não é retomado no primeiro parágrafo por meio do *Lead*, como ocorre nos casos mais típicos, pois os três primeiros parágrafos trazem informações sobre a história da guerra que aconteceu no local. A notícia realiza, de maneira atípica, as seguintes categorias de superestrutura:

1º parágrafo: Background Passado (sublinhado), narração passada e Comentário – dissertação

*A Guerra das Malvinas, em que se enfrentaram Argentina e Reino Unido, em 1982, deixando mais de 900 mortos, é uma recordação muito viva para os habitantes e os visitantes das ilhas.*

2º parágrafo: Comentário – dissertação, e Background Passado (sublinhado) – narração

*Ir aos locais mais significativos ajuda a entender o conflito, que terminou com a vitória britânica e selou o destino das ilhas.*

3º parágrafo: Background Passado – narração passada

*Hoje um território britânico de ultramar, as Malvinas decidiram em um referendo em março último continuar fazendo parte desse país.*

4º parágrafo: Detalhes do EP – injunção (sublinhado) descrição e narração passada

*O passeio pode começar pelos arredores de Stanley. Ali estão as montanhas de Longdon, Wireless Ridge e Tumbledown, onde se travaram duras batalhas.*

5º parágrafo: Background Passado – descrição e narração passada

*Já próximo do final da guerra, que durou de 2 de abril a 14 de junho de 1982, o Exército argentino se fixou ali, resistindo como podia aos ingleses. Nas covas dessas montanhas, encontram-se, ainda, objetos dos soldados, restos de suas barracas e utensílios que usavam.*

6º parágrafo: Detalhes do EP – injunção (sublinhado, que se dá por meio da justificativa que leva a inferir a determinação: visite Goose Green) e Background Passado – narração passada

*Outro lugar de interesse para conhecer é Goose Green. Nesse “settlement”, houve um dos episódios mais dramáticos da guerra, em que um grupo de 114 moradores foi aprisionado pelo Exército argentino e só foi liberado após uma disputada batalha, tida como uma das mais importantes da guerra.*

7º parágrafo: Detalhes do EP – descrição

*Próximo a Goose Green, está Darwin, onde se localiza o cemitério argentino. Mais de 200 soldados mortos na guerra estão ali, sem identificação. A única sinalização que há nas sepulturas são os dizeres: “soldado argentino, só conhecido por Deus”.*

8º parágrafo: Comentário – dissertação e descrição

*É um lugar que inspira a reflexão, com seu silêncio, só cortado pelo ruído do vento movendo os rosários que pendem de cada lápide.*

9º parágrafo: Detalhes do EP – descrição

*Em Stanley, também se sente a presença da guerra em várias partes. No final da Ross Road, principal avenida local, está o Liberation Monument, com o nome dos 255 britânicos mortos no enfrentamento. Por trás dele, passa a Thatcher Road, em homenagem à ex-premiê britânica, morta na semana passada.*

10º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação e descrição

*Alguns filmes disponíveis em DVD ajudam a entender o conflito. Entre eles, “Tumbledown”, de Richard Broke, com Colin Firth no papel principal, narra a batalha.*

11º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – descrição

*“Resurrected”, de Paul Greengrass, conta a história de um soldado desertor descoberto meses após a guerra.*

12º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – descrição

*Do lado argentino, o melhor é “Iluminados pelo fogo”, de Tristan Bauer, que aborda o trauma dos ex-combatentes.*

O quadro abaixo mostra as características dessa notícia em relação a sua composição como um gênero textual.

Quadro 13 – Características composicionais da notícia em (23).

<b>MANCHETE:</b> Capital e arredores expõem as lembranças do combate	
<b>LINHA FINA 1:</b> Nas proximidades de Stanley, turistas podem conhecer locais das batalhas	
<b>LINHA FINA 2:</b> Na capital, o Liberation Monument lista os nomes dos 225 britânicos mortos nos combates de 1982	
<b>Conteúdo Temático</b>	A capital das Malvinas e suas proximidades possuem lugares e monumentos que remontam à Guerra das Malvinas, ocorrida em 1982 .
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º e 2º. Background Passado e Comentário; 3º Background Passado; 4º. Detalhes do EP; 5º. Background Passado; 6º e 7º Detalhes do EP; 8º. Comentário; 9º. Detalhes do EP; 10º ao 12º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> conjugação dos tipos: narração, dissertação, descrição e injunção.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem do Liberation Monument, em Stanley.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete em posição de destaque, há duas Linhas Finas. Há uma retransa abaixo da notícia, que traz informações específicas sobre as baixas temperaturas na Malvinas, desenvolvendo a categoria de Detalhes do Evento Principal.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Elementos linguísticos relacionados à narração (tempo passado e marcadores temporais) e à descrição (adjetivos). A marca de injunção

	<b>pode ser percebida nas expressões modalizadoras: “o passeio pode começar” e “Outro lugar de interesse para conhecer é ....”.</b> Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, orientar e aconselhar os possíveis leitores que forem até as Malvinas.

Percebemos nessa notícia uma relação aparentemente de amizade entre os interlocutores, pois o jornalista se coloca na perspectiva de ajudar o leitor em seu passeio turístico, mostrando-lhe o melhor lugar a visitar. Ao fazer isso, o jornalista na verdade está promovendo determinado lugar, em detrimento de outro. Muitas visitas de jornalistas a lugares turísticos são financiadas por empresas privadas, que recebem em troca a publicação de notícias, portanto, o objetivo de orientar e aconselhar pode esconder o objetivo de venda. O quadro-resumo abaixo nos mostra as categorias contextuais atuantes.

Quadro 14 – Categorias de contexto na notícia em (23)

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	Sociedade atual, marcada pela valorização do capital e pela disputa entre as empresas privadas. A empresa jornalística também se utiliza de vários recursos para obter lucro nessa sociedade, inclusive da publicação de notícias cuja pauta pode ter origem na troca de favores.
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Jornalista:</b> assume o papel social, além de jornalista, de conhecedor do lugar do qual está falando, como se fosse um guia turístico. <b>Leitor:</b> na divulgação dessa notícia a imagem do leitor relaciona-se a pessoas interessadas em viagens e pelo local noticiado. É visto pelo jornal como quem não compartilha do conhecimento social/cultural divulgado, ou seja, como quem não sabe das características do lugar que é tema da notícia. Além disso, o caderno de turismo é direcionado a leitores interessados em viajar e que possuem uma certa estabilidade financeira, haja vista o alto custo de algumas viagens sugeridas pelo jornal. <b>Relação entre os participantes:</b> aparentemente, há uma relação de amizade, de camaradagem, em que o locutor procura “ajudar” o <b>leitor</b> em seu passeio turístico. Porém, o enunciador está promovendo

	determinado lugar, por interesses do jornal-instituição, o que instaura <b>uma relação que “esconde”</b> outro objetivo, relacionado à luta pela sobrevivência na sociedade capitalista.
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de orientar os leitores em suas viagens.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de orientação do leitor sobre o local noticiado.

Outra notícia com o objetivo de orientar sobre um lugar turístico é a de (3), que já explicamos no capítulo 2 em relação à sua aparente objetividade, que esconde a subjetividade do seu produtor e seu lugar ideológico. Porém, o exemplo de (3), em que há a defesa de uma tese, traz uma argumentação mais marcada em relação à notícia de (23) que mais orienta sobre como fazer uma visita às Malvinas. Vejamos uma análise da notícia de (3):

1º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação

*A Associação mais comum que a maioria das pessoas faz quando se fala das ilhas Malvinas não é muito positiva. O lugar evoca, inevitavelmente, guerra, sangue, disputas e rancores.*

2º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – argumentação (tese sublinhada)

*Porém, esse arquipélago, localizado a 500Km da patagônia argentina, oferece atrativos singulares aos que e aventuram a enfrentar o frio e o isolamento dessas terras.*

3º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – descrição

*As ilhas Malvinas reúnem opções para quem gosta de turismo de aventura, esportivo, de observação da vida selvagem, gastronômico e, claro, histórico.*

4º parágrafo: Detalhes do EP - descrição

*O arquipélago é formado por duas grandes ilhas (East Falkland e West Falkland), mais 776 ilhas menores. Apesar da ampla superfície, é muito pouco habitada. Apenas 2.900 pessoas vivem ali, além dos 1500 soldados britânicos estacionados na base militar de Mount Pleasant.*

5º parágrafo: Detalhes do EP – injunção

*Para chegar, é preciso viajar de avião até Punta Arenas, no Chile, ou Río Gallegos, na Argentina, e de lá tomar outro voo. Outro jeito é por meio dos cruzeiros, que chegam geralmente aos sábados e ficam apenas algumas horas.*

6º parágrafo: Detalhes do EP – descrição e narração

*A capital, Port Stanley, guarda traços de uma típica cidade britânica litorânea. Construída ao redor do porto, é composta de casas de dois andares diante do mar, a maioria brancas e de telhados vermelhos e verdes, formando um homogêneo cenário.*

7º parágrafo: Comentário – injunção (do subtipo conselho).

*A melhor maneira de explorar Stanley é caminhando pelas ruas centrais ou pelas trilhas que levam ao topo dos morros ao seu redor.*

8º parágrafo: Detalhes do EP – descrição

*Dali, é possível observar a movimentação do porto, a arquitetura do casario, assim como os monumentos de guerra e as igrejas anglicana (Christ Church Cathedral) e católica (Saint Mary's).*

9º parágrafo: Detalhes do EP – descrição

*Um passeio pela West Store, principal loja das ilhas, é culturalmente interessante. Ali se encontram produtos das cadeias de supermercados inglesas mais famosas (Tesco, Sainsbury, Waitrose) ao lado de carnes uruguaias, frutas brasileiras, eletroeletrônicos norte-americanos e peixe fresco local.*

10º parágrafo: Detalhes do EP – injunção

*As opções gastronômicas não são muitas, mas a cozinha está entre os pontos fortes das ilhas. Carne de carneiro, abundante nas ilhas, assim como os peixes, são as melhores pedidas.*

11º parágrafo: Comentário – injunção e descrição

*Para depois do jantar, recomenda-se o passeio pelos pubs locais. O Deano's é o mais adolescente, o Globe, o mais tradicional, e o Victory, o mais cosmopolita.*

12º parágrafo: Detalhes do EP – descrição e narração

*Ali vão os estrangeiros de passagem pelas ilhas a bordo dos navios que seguem para Antártida e os que trabalham na exploração de petróleo, além dos espanhóis, russos, franceses e chineses envolvidos com a pesca.*

O quadro abaixo resume as características dessa notícia em termos de sua composição como um gênero textual.

Quadro 15 – Características composicionais da notícia em (3)

<p><b>MANCHETE:</b> Passeios mostram que Malvinas estão além da imagem da guerra</p> <p><b>LINHA FINA 1:</b> Arquipélago a 500 km da Argentina reúne opções de turismo gastronômico e de aventura</p> <p><b>LINHA FINA 2:</b> Com casas baixas ao redor do porto, a capital, Stanley, lembra uma típica cidade britânica litorânea</p>	
<p><b>Conteúdo Temático</b></p>	<p>Os passeios nas Malvinas mostram que as atrações nessa cidade estão além das recordações sobre a guerra ocorrida no local..</p>
<p><b>Estrutura Composicional</b></p>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º, 2º e 3º Comentário; 4º, 5º e 6º. Detalhes do EP; 7º. Comentário; 8º, 9º e 10º. Detalhes do EP; 11º Comentário; 12º Detalhes do EP.</p> <p><b>2. TIPO:</b> conjugação dos tipos: narração, dissertação, descrição, injunção, com função argumentativa.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem das casas e de pinguins imperiais.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete em posição de destaque, há duas Linhas Finas.</p>
<p><b>Estilo verbal</b></p>	<p>Elementos linguísticos relacionados à narração: tempo passado e marcadores temporais; à descrição: adjetivos; à dissertação: tempo presente; à injunção do tipo conselho: modalizações e apresentação da categoria justificativa para que o leitor infira o que deve fazer; à argumentação: operador argumentativo <i>porém</i>, que introduz a tese. Linguagem clara e objetiva, menos específica e menos dependente da imagem do leitor presente no modelo de contexto do jornalista.</p>
<p><b>Função</b></p>	<p>O objetivo é, além de informar, orientar e aconselhar os possíveis</p>

<b>sociocomunicativa</b>	leitores a visitarem determinados lugares das Malvinas.
--------------------------	---

O tipo narrativo, quando ocorre, narra fatos sobre a guerra do local, e não fatos recentes, como ocorre nas notícias mais típicas. As características da **estrutura composicional** que mais apresenta variação nessa notícia são o tipo textual e a superestrutura, pois trata-se de uma notícia predominantemente descritiva, com injunções diversas e não narrativa, que não possui *Lead* no primeiro parágrafo e que realiza, na maioria do texto, as categorias Comentário e Detalhes do EP.

Isso nos mostra que o mais importante, nessa notícia, é descrever e comentar sobre o local e sugerir como desfrutar dele, e não divulgar o EP (expresso na Manchete e Linha Fina), o qual sem a sua caracterização pormenorizada perde sua força argumentativa no sentido de orientar o leitor.

Expressões como “O passeio pode começar...”; “Outro lugar de interesse para conhecer é...”; além de elementos localizadores (“Próximo à ...”; “Em Stanley...”), são aspectos da **superfície linguística** responsáveis pelo tom de orientação da notícia, que se configura numa espécie de guia para quem vai ao local.

Além disso, há a defesa explícita de um ponto de vista sobre o local, expressa na tese, introduzida no segundo parágrafo por um operador argumentativo que expressa ideia oposta à do parágrafo anterior: “**Porém**, esse arquipélago, localizado a 500 Km da patagônia argentina, oferece atrativos singulares aos que se aventuram a enfrentar o frio e o isolamento dessas terras”.

O locutor da notícia procura mostrar que, apesar de as Malvinas estarem associadas a aspectos negativos relacionados à guerra, esse local possui atrativos singulares. Os argumentos usados giram em torno de exemplos que sustentam a tese, que é tida como um **fato, como algo incontestável**: “... esse arquipélago, localizado a 500 km da Patagônia, oferece **atrativos singulares aos que se aventuram a enfrentar o frio e o isolamento dessas terras**”.

Essa tese é reforçada no terceiro parágrafo: “As ilhas Malvinas reúnem opções para quem gosta de turismo de aventura, esportivo, de observação da vida selvagem, gastronômico e, claro, histórico”. Vários são os exemplos usados para comprovar a tese. No 8º parágrafo, há um exemplo de atrativo histórico, no 9º e 10º parágrafos de atrativos e opções gastronômicas e, nos 11º e 12º parágrafos, exemplos da vida social noturna do local.

Tanto a notícia em (3) quanto a de (23) foram publicadas no mesmo dia e expressam a promoção de um mesmo lugar turístico, embora de maneiras distintas. Enquanto em (3) há a

defesa mais explícita de um ponto de vista que defende que o local possui ótimos atrativos, em (23) o texto é mais sutil em termos de argumentação e procura orientar o leitor sobre como realizar seu passeio pelo local.

Ambas as notícias, porém, revelam o interesse do jornal na defesa e na promoção do local divulgado. Segundo Carvalho (2003):

Nos suplementos de turismo a ligação entre o jornalismo e as variantes **“publicistas” é tão impressionante que é difícil saber onde começa a publicidade, propriamente dita e a propaganda.** É o caso das viagens patrocinadas dos repórteres pelas empresas do setor turístico, onde a pauta muitas vezes é motivada porque a editoria foi agraciada com uma passagem para um determina o lugar, por exemplo. Quer dizer, o jornalismo ali é propaganda-publicidade. É propaganda porque o repórter está divulgando um ponto turístico em que a empresa tem uma conexão como pacotes turísticos ou itinerário aéreo. E é publicidade porque é citado o nome da empresa que patrocinou a viagem no final da matéria. O jornalismo, nessa situação se fragiliza e abre precedentes e desdobramentos de ordem ética (CARVALHO, 2003, p.82).

Na citação acima a autora refere-se ao caderno de *Turismo* dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, cujas notícias focam a promoção do local e não um fato em si, misturando jornalismo, publicidade e propaganda.<sup>20</sup>

Uma característica importante nessas notícias e que se mostrou recorrente nesse caderno é a presença da injunção mais indireta, a partir de conselho e expressões modalizadoras que mostram a justificativa para o leitor agir da maneira como o jornal deseja.

Acreditamos que essa notícia, assim como as demais explanadas nesse subitem, está mais próxima de uma orientação/aconselhamento do que de uma venda devido à ausência de elementos na superfície linguística relacionados a valores do objeto noticiado, como ocorre nas notícias de (16), (19) e (22). Não há nessas notícias um apelo direto ao leitor, informando formas de pagamento e/ou prazos de entrega. Ainda assim, acreditamos que, ao descrever o local nas notícias em (3) e (23), o jornal realiza, de forma indireta, a venda do lugar noticiado, pois só apresenta aspectos positivos e atraentes do lugar.

Além disso, a escolha dos lugares que são tema das notícias do caderno de *Turismo* já revela uma promoção feita pelo jornal de determinados pontos turísticos. Sobre as categorias contextuais, a notícia de (3) compartilha as mesmas características da notícia de (23).

---

<sup>20</sup> Segundo a autora, a publicidade é paga e a propaganda não.

Essa orientação, que pode se configurar em uma venda, pode ser percebida também pelo uso de verbos no imperativo, como no caderno *Tec*, conforme se verifica na notícia de (24).

Pela disposição dos elementos na página do jornal, um elemento da **estrutura composicional**, já percebemos uma variação em relação a notícias mais prototípicas. A notícia aparece abaixo do infográfico, a Manchete (que não tem verbo) e a Linha Fina estão em coluna, verticalmente, e a multimodalidade confere um tom mais despojado ao texto e a todo o caderno, como o uso de cores além do preto e o destaque em negrito nas principais informações da Manchete (**APP / SÓ**) e da Linha Fina (**200 mil / US\$ 1,2 milhão / YO / minimalista / uma**).

Essas marcações ajudam o leitor a recuperar o Evento Principal, a saber: YO é um aplicativo que manda mensagem de uma só palavra, em que foram gastos cerca de US\$ 1,2 milhão e já possui cerca de 200 mil usuários. Esse EP não é predominantemente narrativo, mas descritivo, pois o fato noticiado é uma definição do aplicativo Yo, cujas características são mais detalhadas ao longo da notícia, nas categorias Comentário e Detalhes do Evento Principal.

Esta última, neste trabalho, percebemos que ocorre também em reação verbal, pois se trata de informações sobre a caracterização do EP, mas que são pronunciadas por uma autoridade no assunto, que no caso é o próprio criador do aplicativo.

A variação também ocorre no texto da notícia, que possui o primeiro parágrafo apenas com uma palavra (YO), o segundo parágrafo com o *Lead* e quatro parágrafos que realizam a categoria Comentário, tanto em discurso indireto, pelo jornalista, como em reação verbal, pelos criadores e usuários do aplicativo, como se vê após a imagem abaixo.

(24)

**ENTENDA PARA O QUE SERVE O YO**

**PLATAFORMAS**

Android, iOS, Windows Phone

**O QUE É**

Aplicativo minimalista de mensagens que tem apenas uma opção de texto para enviar os amigos: a interjeição "Yo"

**USOS ATUAIS**

- Integrado ao serviço **IFTT (If This Than That)**, o Yo pode ser usado para **automação residencial** (apagar luzes e ativar o ar condicionado, por exemplo)
- Ou pode funcionar em conjunto com outras redes, como **tuitar**, automaticamente uma frase assim que um Yo for enviado para um determinado usuário
- Também serve, claro, para importar os amigos

**USOS FUTUROS**

- Restaurantes** poderão usar o app para avisar o cliente quando a mesa está vaga
- Lojas** poderão avisar clientes quando alguma promoção entra em vigor
- Sites jornalísticos** podem apenas mandar um Yo para seus leitores para avisar de alguma notícia importante



**Tela de contatos do aplicativo**

**ALEXANDRE ORRICO DE SÃO PAULO**

Yo. Esta é a única palavra que o aplicativo de mesmo nome permite enviar e receber por smartphones. Isso mesmo: é somente essa a função do app — que já tem 200 mil usuários. Se na superfície o Yo é um app de mensagens simples e minimalista que parece beirar o ridículo, seus criadores o defendem como uma nova maneira de se comunicar. Nós nos comunicamos o tempo inteiro sem palavras — acenamos, mexemos a cabeça e gesticulamos. O Yo tenta reproduzir isso no mundo virtual, papel parecido com o dos emoticons, mas de forma muito mais elementar. Mas o que quer dizer a palavra Yo? "O Yo quer dizer tudo", filosofou seu executivo-chefe, Or Arbel, em entrevista à rede americana CNN. "Quer dizer 'bom dia'? Envie um Yo. 'Estou pensando em você'? Yo. 'Eu terminei minha reunião, venha ao meu escritório' — Yo", diz a descrição no site oficial do serviço.

**AFINAL, TEM UTILIDADE?** Enquanto alguns usam o Yo apenas para importar os amigos, enviando uma avalanche de mensagens para o celular alheio, Arbel diz que o aplicativo serve para muitas outras tarefas. "Um simples Yo tem muita diferença dependendo de quem manda e a que horas manda", disse o executivo ao jornal "Financial Times". O app surgiu quando Moshe Hogege, chefe do Mobil — serviço de compartilhamento de imagens semelhante ao Instagram —, pediu para Arbel criar algo com apenas um botão que pudesse contatar

**Com 200 mil usuários e US\$ 1,2 milhão em financiamento, Yo é um programa minimalista para smartphones que só manda uma palavra**

a secretária sem ter que pegar o telefone ou escrever. Arbel então se inspirou em conversas de um caráter que ele tinha às vezes com um amigo, usando "?" para dizer "como você está?" e "!" para dizer "ótimo". Segundo ele, o processo de criação do aplicativo demandou em torno de oito horas de trabalho. Com a popularidade, conforme costuma ocorrer, vieram tentativas de violação e denúncias sobre segurança. Em uma delas, três estudantes da Universidade da Geórgia (EUA) hackearam os

números de telefone dos usuários. Eles também conseguiram enviar spam e "yos" usando qualquer nome de usuário, além de trocar a mensagem "yo" por outra. Arbel disse por Twitter que os problemas foram resolvidos, e que o foco da equipe é agora monetizá-lo e criar novos usos para a ferramenta (veja alguns acima). O futuro parece promissor: se avaliado o investimento recente de US\$ 1,2 milhão feito por investidores do Vale do Silício, que apostam na simplicidade do programa.

**CLONES DO YO**

- OYE!!** Clone indiano que tem o mesmo princípio e usa até o mesmo layout
- Hodor** Paródia do Yo, esse app é uma homenagem ao Hodor, personagem da série de livros e seriado de TV "Game of Thrones" que só fala o próprio nome
- hey!** Um pouco mais flexível, o Hey permite mandar três tipos de mensagens: o "Hey", o "Heey" e o "Heeeeeyyyy"

# APP de uma nota SÓ



Folha de S. Paulo, São Paulo, 7 de jul. de 2014, F6.

1º parágrafo: EP – descrição (objeto-tema)

Yo.

2º parágrafo: Detalhes do EP - descrição

*Esta é a única palavra que o aplicativo de mesmo nome permite enviar e receber por smartphones. Isso mesmo: é somente essa a função do app — que já tem 200 mil usuários.*

3º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação - dissertação

*Se na superfície o Yo é um app de mensagens simples e minimalista que parece beirar o ridículo, seus criadores o defendem como uma nova maneira de se comunicar.*

4º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação - descrição

*Nós nos comunicamos o tempo inteiro sem palavras – acenamos, mexemos a cabeça e gesticulamos. O Yo tenta reproduzir isso no mundo virtual, papel parecido com o dos emoticons, mas de forma muito mais elementar.*

5º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação (dissertação) e Detalhes do EP em reação verbal - narração

*Mas o que quer dizer a palavra Yo? “O Yo quer dizer tudo”, filosofou seu executivo-chefe, Or Arbel, em entrevista à rede americana CNN.*

6º parágrafo: Detalhes do EP – descrição e injunção

*“Quer dizer ‘bom dia’? Envie um Yo. ‘Estou pensando em você’? Yo. ‘Eu terminei minha reunião, venha ao meu escritório’- Yo”, diz a descrição no site oficial do serviço.*

7º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – descrição e dissertação

*Enquanto alguns usam o Yo apenas para importunar os amigos, enviando uma avalanche de mensagens para o celular alheio, Arbel diz que o aplicativo serve para muitas outras tarefas.*

8º parágrafo: Detalhes do EP em reação verbal – dissertação e narração passada

*“Um simples Yo tem muita diferença dependendo de quem manda e a que horas manda”, disse o executivo ao jornal “Financial Times”.*

9º parágrafo: Background Passado – narração passada

*O app surgiu quando Moshe Hogeg, chefe do Mobli – serviço de compartilhamento de imagens semelhante ao Instagram -, pediu para Arbel criar algo com apenas um botão que pudesse contatar a secretária sem ter que pegar o telefone ou escrever.*

10º parágrafo: Background Passado – narração passada

*Arbel então se inspirou em conversas de um caractere que ele tinha às vezes com um amigo, usando “?” para dizer “como você está?” e “!” para dizer “ótimo”. Segundo ele, o processo de criação do aplicativo demandou em torno de oito horas de trabalho.*

11º parágrafo: Background Passado – narração passada

*Com a popularidade, conforme costuma ocorrer, vieram tentativas de violação e denúncias sobre segurança.*

12º parágrafo: Background Passado – narração passada

*Em uma delas, três estudantes da Universidade da Geórgia (EUA) hackearam os números de telefone dos usuários. Eles também conseguiram enviar spam e “yos” usando qualquer nome de usuário, além de trocar a mensagem “yo” por outra.*

13º parágrafo: Comentário (expectativa) – narração passada e futura

*Arbel disse por Twitter que os problemas foram resolvidos, e que o foco da equipe é agora monetizá-lo e criar novos usos para a ferramenta (veja alguns acima).*

14º parágrafo: Comentário (expectativa) – dissertação e narração passada

*O futuro parece promissor se avaliado o investimento recente de US\$ 1,2 milhão feito por investidores do Vale do Silício, que apostam na simplicidade do programa.*

O tom de orientação ao leitor se dá pela descrição do aplicativo na notícia e, de forma mais explícita, no infográfico, que possui lugar de destaque na página, trazendo informações sobre a definição e o funcionamento do aplicativo Yo. O uso do imperativo no título do infográfico (“Entenda para o que serve o Yo”) faz um apelo direto ao leitor, mostrando o interesse em influenciar seu comportamento. A notícia em si, cujas características são resumidas no quadro abaixo, traz mais detalhes do surgimento desse aplicativo, com comentários de seus criadores e também do jornalista.

Quadro 16 – Características composicionais da notícia em (24).

<b>MANCHETE:</b> APP de uma nota só	
<b>LINHA FINA:</b> com 200 mil usuários e US\$ 1,2 milhão em financiamento, Yo é um programa minimalista para smartphones que só manda uma palavra	
<b>Conteúdo Temático</b>	Yo é um programa para smartphones de uma palavra só, que foi financiado com US\$ 1,2 milhão e possui 200 mil usuários
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º EP (objeto-tema da descrição) ; 2º Detalhes do EP; 3º ao 5º. Comentário; 6º Detalhes do EP; 7º Comentário; 8º Detalhes do EP em reação verbal; 9º e 10º Background Passado; 11º e 12º Background Passado; 13º e 14º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos descrição, narração e dissertação na notícia. Uso da injunção no infográfico.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico acima da Manchete, com elementos verbais e não verbais (imagem de aparelho celular e círculo ao redor dos temas); uso de várias cores (tom mais “alegre”)</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete aparece abaixo do infográfico (atípico), não sendo o elemento do topo da notícia; linha fina de forma atípica, em coluna e entre o texto da notícia.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Uso do imperativo no infográfico (“Entenda como funciona o aplicativo”), que, somado à natureza semântica do verbo, confere o tom de orientação <sup>21</sup> .
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, orientar e aconselhar os possíveis usuários do aplicativo Yo.

Sobre as categorias contextuais, o mecanismo k-3 mostra-se atuante principalmente no infográfico, cuja linguagem visual possui as funções **semânticas de mostrar conceito (“O que é”)** e **mostrar como funciona (“Usos atuais” e “Usos futuros”)**, trazendo uma explicação, de forma didática e detalhada, do funcionamento do aplicativo. O quadro abaixo resume as categorias de contexto.

<sup>21</sup> Acreditamos que, dependendo do verbo conjugado no modo imperativo, a proposição varia de mais autoritária e impositiva a mais aconselhativa.

Quadro 17 – categorias de contexto na notícia em (24).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	Tempo atual em que o uso de aplicativos em celulares é muito difundido e de interesse de um grande número de leitores, uma vez que quase todos os brasileiros têm celulares. O jornal compartilha a valorização existente na sociedade do uso das novas tecnologias.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de divulgador de uma informação que servirá para orientar o leitor sobre o aplicativo noticiado. O locutor não se coloca como um especialista no assunto, mas como um divulgador; pois a maioria dos trechos que trazem informações sobre o <b>objeto noticiado estão em “reação verbal”, trazendo as falas dos</b> próprios criadores do aplicativo, ou em discurso indireto, em que o jornalista faz referência a esses criadores.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento divulgado e como quem se interessa por aplicativos de celulares e temas relacionados.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação de amizade, em que o produtor se coloca como disposto a auxiliar seu interlocutor a entender o funcionamento do produto.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de orientar sobre o funcionamento do aplicativo Yo.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de aconselhamento/orientação, que pode se configurar em uma venda do aplicativo, que é visto de forma positiva.

Outra notícia com o objetivo de orientar os leitores é a de (25), do caderno *Saúde+Ciência*, um sub-caderno do *Cotidiano*. A multimodalidade também se mostra evidente nesse caderno, que apresenta muitos infográficos coloridos que explicam o fato noticiado e ajudam na orientação e aconselhamento do leitor, a partir da função semântica de **mostrar como funciona**.

Muitas Manchetes desse caderno, como a da notícia em (25), não possuem verbo (“Bactérias Blindadas”) e a **disposição gráfica aparece, na maioria das vezes, diferente da maneira típica, com o título principal e a Linha Fina** (“Resistência de micro-organismos aos

medicamentos disponíveis abre possibilidade de uma era pós-antibiótico”) **ao lado do texto** noticioso, acompanhando o infográfico, e não acima da notícia.

Além dessa variação na **estrutura composicional**, não há o *Lead*, mas declarações de autoridades na área da saúde sobre o Evento Principal (A resistência das bactérias aos antibióticos leva a uma era pós-antibióticos), como se pode ver nos trechos abaixo.

1º parágrafo – Comentário (avaliação e expectativa, em reação verbal) - dissertação  
*“O mundo está prestes a perder essas curas milagrosas”, já disse a diretora da OMS (Organização Mundial da Saúde), Margaret Chan, sobre os antibióticos.*

2º parágrafo – Comentário (expectativa) - dissertação  
*Chan se referiu a um futuro tenebroso – e possível – no qual infecções comuns não terão cura. É o que especialistas chamam de era pós-antibióticos.*

Os parágrafos seguintes realizam Background Passado, explicando ao leitor a causa do Evento Principal, que é expresso na Manchete e, principalmente, na Linha Fina. Aqui o **mecanismo K-3** atua no controle da informação, pois há o pressuposto de que o leitor não conhece como se dá o processo de resistência das bactérias, e mais informações sobre isso aparecem no texto, como nos trechos abaixo.

3º parágrafo: Background Passado – dissertação e descrição  
*Esses remédios **têm** como alvo as bactérias, que **acham** uma forma de sobreviver e se tornarem resistentes. Por isso, antibióticos **têm** um tempo de validade.*

4º parágrafo: Background Passado - dissertação e narração passada  
*O problema é que o arsenal terapêutico e o desenvolvimento de novas drogas só diminuí nas últimas décadas. A última classe de antibióticos foi descoberta em 1987.*

5º parágrafo: Background Passado - dissertação  
*O mau uso dos remédios (sem necessidade ou de forma incorreta) e o maior tráfego global de bactérias resistentes **pioram** o cenário.*

(25)

FOLHA DE S. PAULO  
SEGUNDA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 2013 C5

# saúde+ciência

**MARIANA VERSOLATO**  
ENVIADA ESPECIAL A UPPSALA (SUÉCIA)

"O mundo está prestes a perder essas curas milagrosas", já disse a diretora da OMS (Organização Mundial da Saúde), Margaret Chan, sobre os antibióticos.

Chan se referiu a um futuro tenebroso — e possível — no qual infecções comuns não terão cura. É o que especialistas chamam de era pós-antibióticos.

Esses remédios têm como alvo as bactérias, que sempre acham uma forma de sobreviver e se tornarem resistentes. Por isso, antibióticos têm um tempo determinado de validade.

O problema é que o arsenal terapêutico e o desenvolvimento de novas drogas só diminuiu nas últimas décadas. A última classe de antibióticos foi descoberta em 1987.

O mau uso dos remédios (sem necessidade ou de forma incorreta) e o maior tráfego global de bactérias resistentes pioram o cenário.

O Centros de Controle de Doenças dos EUA alertou esse ano para o problema da gonorréia resistente às cefalosporinas, classe de antibióticos usados no tratamento dessa doença sexualmente transmissível.

As bactérias causadoras da tuberculose também geram preocupação, assim como a KPC, resistente à maioria dos medicamentos e que normalmente atinge hospitalizados.

Na semana passada, o Hospital de Clínicas da Unicamp anunciou 11 casos de infecções pela KPC, entre dezembro e março.

**FALTA DE INVESTIMENTO**

O corte em investimentos na pesquisa de antibióticos pelos laboratórios se deve, em parte, a fusões entre as grandes empresas do setor.

Segundo a OMS, 8 das 15 maiores farmacêuticas que tinham programas de descoberta de antibióticos abandonaram essa área.

Anna Sara Levin, chefe do grupo de controle de infecção hospitalar do Hospital das Clínicas da USP, lembra que drogas antigas para hipertensão e diabetes, desenvolvidas nos anos 1950, ainda funcionam, mesmo que existam opções mais modernas.

"Já com os antibióticos, a resistência vai aparecer de qualquer maneira. Como as pesquisas são caras e levam tempo, a indústria vê isso como um mau negócio."

É nesse "vácuo" que médicos e pesquisadores da Suécia veem uma oportunidade, segundo Linus Sandegren, pesquisador do departamento de bioquímica médica e microbiologia da Universidade de Uppsala.

Em 2012, o primeiro-ministro sueco anunciou um investimento de US\$ 220 milhões para os quatro anos seguintes em pesquisas nessa área.

"É preciso investir agora para evitar uma catástrofe de póis", afirma Anna Zorzet, diretora-executiva-assistente do ReAct, uma rede global independente contra a resistência a antibióticos sediada na Universidade de Uppsala.

Mas só o lançamento de novos antibióticos no mercado não vai resolver o problema da resistência a antibióticos, segundo Diarmuid Hughes, professor de bacteriologia molecular da mesma instituição.

"É preciso antes aprender sobre o uso e o abuso de antibióticos que fizeram o problema da resistência chegar a esse estado atual; chegar à raiz do problema antes do possível mau uso de uma nova geração de antibióticos."

Anna Sara Levin, do HC, toca no mesmo ponto. "Para não vivermos uma situação catastrófica no futuro, a solução é a prevenção. Isso inclui o uso racional dos antibióticos e o controle das infecções hospitalares."

Segundo ela, a maior parte do problema no Brasil não está na geração desses micro-organismos resistentes mas sim na sua transmissão.

"Cada 'monstro' gerado é disseminado para outros pacientes e outros hospitais. Por isso, é primordial melhorar a qualidade dos serviços de saúde."

A jornalista MARIANA VERSOLATO viajou a convite da embaixada da Suécia.

**1** Uma pessoa abriga quase 10 mil espécies de micro-organismos, como bactérias e fungos

**2** Ao usar antibióticos para tratar uma infecção, mesmo de forma desnecessária, boa parte dos "bichos" que moram no corpo humano morre. Sobram apenas os organismos mais fortes, que resistiram ao medicamento

**3a** Se a pessoa é saudável

**3b** Se a pessoa está internada em um hospital e/ou mais fragilizada

**4** Quanto maior o uso de antibióticos, mais micro-organismos resistentes serão selecionados — e novas e mais potentes drogas precisarão ser usadas, já que as bactérias resistentes a um remédio não responderão mais ao mesmo

**Micro-organismos resistentes**

## BACTÉRIAS BLINDADAS

Resistência de micro-organismos aos medicamentos disponíveis abre possibilidade de uma era pós-antibióticos

**ALGUNS CASOS PREOCUPANTES**

**Tuberculose**  
Cerca de 440 mil novos casos de doença multirresistente a drogas surgem anualmente no mundo

**Gonorréia**  
Em vários países, a doença vem apresentando resistência à última linha de remédios

**Em Campinas, pesquisador 'desenha' novos fármacos**

Pesquisa desenvolvida no Laboratório Nacional de Biotecnologia, no interior de SP, pode levar a novas drogas para a tuberculose

**FERNANDO TADEU MORAES**  
ENVIADO ESPECIAL A CAMPINAS

O biólogo Márcio Dias, 35, abre um sorriso ao mostrar as placas contendo amostras da bactéria do gênero *Streptomyces* que ele acaba de tirar de uma geladeira do seu laboratório no LNBio (Laboratório Nacional de Biotecnologia), em Campinas. "Essas aqui são verdadeiras fábricas de antibióticos".

Os *Streptomyces* são uma família de bactérias de solo responsáveis por vários dos principais antibióticos disponíveis hoje, como a streptomina, a vancomicina, a eritromicina e a gentamicina.

Dias, que recebeu financiamento da Fapesp para sua pesquisa, trabalha com duas técnicas: a produção de um novo antibiótico a partir de outro, que é naturalmente secretado por cepas do gênero *Streptomyces*, e o desenho de fármacos dirigidos para uma doença específica, por meio do cultivo de pequenas moléculas.

Na biotecnologia aplicada a produtos naturais, Dias busca fazer modificações no antibiótico secretado pela bactéria por meio da manipulação de suas enzimas, que são catalisadores biológicos, responsáveis, nesse caso, por acelerar as reações químicas que produzem o antibiótico.

De uma determinada cepa de *Streptomyces*, extrai-se o genoma total da bactéria e, por meio de uma técnica chamada PCR, isolam-se os genes relacionados às enzimas que se quer estudar.

Para entender o funcionamento dessas enzimas, utiliza-se uma técnica chamada cristalografia por raios-X, que permite conhecer a forma e a posição que cada átomo ocupa nessa estrutura.

A partir disso, os pesquisadores podem fazer modificações na enzima e alterar suas propriedades.

Busca-se nesse processo gerar fármacos mais eficientes e que produzam menos efeitos colaterais.

Já no desenho de drogas baseado em fragmentos, os cientistas buscam atacar uma doença específica.

No caso da pesquisa de Dias, a tuberculose. "Trabalho com a síntese de folato, uma molécula fundamental para a sobrevivência da bactéria, que tem enzimas bem estabelecidas como alvo".

O ponto aqui é entender como essas pequenas moléculas interagem com a enzima do patógeno, e acrescentar a elas modificações que aumentem essa interação.

Segundo Dias, os compostos desenvolvidos podem entrar no grande funil para a geração de novos medicamentos, que inclui testes em animais e em humanos, em um processo que demora de 10 a 15 anos em média.

Apesar de apresentar as causas do Evento no Background Passado, os parágrafos 3º, 4º e 5º possuem a maioria dos verbos no presente do indicativo (como destacamos) e estão relacionados ao tipo dissertativo, pois o jornalista nesse momento não pretende narrar uma sequência de fatos que causaram o Evento Principal, mas procura expor, explicar o Evento, abstraindo-se da noção de tempo e espaço (TRAVAGLIA, 2007b).

Essa explicação, por sua vez, relaciona-se ao objetivo de orientar os leitores, o que é reforçado no infográfico, que traz passo a passo o processo de resistência das bactérias e o perigo de tomar antibióticos de maneira errada e sem necessidade. Os três parágrafos seguintes trazem Eventos Secundários, relacionados ao principal:

6º parágrafo: Evento Secundário - narração passada

*O Centro de Controle de Doenças dos EUA alertou esse ano para o problema da gonorreia resistente às cefalosporinas, classe de antibióticos usados no tratamento dessa doença sexualmente transmissível.*

7º parágrafo: Evento Secundário - narração presente

*As bactérias causadoras da tuberculose também geram preocupação, assim como a KPC, resistente à maioria dos medicamentos que normalmente atinge hospitalizados.*

8º parágrafo: Evento Secundário – narração passada

*Na semana passada, o Hospital de Clínicas da Unicamp anunciou 11 casos de infecção pela KPC entre dezembro e março.*

Após o subtítulo “Falta de Investimento”, os parágrafos trazem mais detalhes do Background, e explicam por que a situação atual é de queda nas pesquisas com antibióticos, fato que foi afirmado no 4º parágrafo (Ver exemplo 26 abaixo).

(26)

1º parágrafo após subtítulo – Background Passado (dissertação)

*O corte de investimentos na pesquisa de antibióticos pelos laboratórios se deve, em parte, a fusões entre as grandes empresas do setor.*

2º parágrafo após subtítulo – Background Passado (narração passada)

*Segundo a OMS, 8 das 15 maiores farmacêuticas que tinham programas de descoberta de antibióticos abandonaram essa área.*

3º parágrafo após subtítulo – Background Passado (narração presente)

*Anna Sara Levin, chefe do grupo de controle de infecção hospitalar do Hospital das Clínicas da USP, lembra que drogas antigas para hipertensão e diabetes, desenvolvidas nos anos 1950, ainda funcionam, mesmo que existam opções mais modernas.*

4º parágrafo após subtítulo – Background Passado (dissertação)

*Já com os antibióticos, a resistência vai aparecer de qualquer maneira. Como as pesquisas são caras e levam tempo, a indústria vê isso como um mau negócio.*

No quinto, sexto e sétimo parágrafos, a jornalista traz outro Evento (Suécia está investindo na pesquisa com antibióticos), relacionado ao Evento Principal (Cf. os trechos transcritos em 27):

(27)

5º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação

*É nesse vácuo que médicos e pesquisadores da Suécia veem uma oportunidade, segundo Linus Sandegren, pesquisador do departamento de bioquímica médica e microbiologia da Universidade de Uppsala.*

6º parágrafo: Evento Secundário – narração passada

*Em 2012, o primeiro-ministro sueco anunciou um investimento de US\$ 220,0 milhões para os quatro anos seguintes em pesquisas nessa área.*

7º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – dissertação

*“É preciso investir agora para evitar uma catástrofe depois”, afirma Anna Zorzet, diretora-executiva-assistente do ReAct, uma rede global independente contra a resistência a antibióticos sediada na Universidade de Uppsala.*

Este último parágrafo traz a categoria Comentário, em reação verbal, de uma autoridade no assunto tratado, característica bastante presente nesse caderno e que aparece nos parágrafos seguintes (com grifo nosso), registrando o tom de orientação e aconselhamento da notícia como se pode ver nos trechos transcritos em (28):

(28)

a) **“É preciso antes aprender sobre o uso e o abuso de antibióticos que fizeram o problema da resistência chegar nesse estado atual; chegar à raiz do problema antes do possível mau uso de uma nova geração de antibióticos”** (oitavo parágrafo)

b) *Anna Sara Levin, do HC, toca no mesmo ponto. “Para não vivermos numa situação catastrófica no futuro, a solução é a prevenção. Isso inclui o uso racional dos antibióticos e o controle das infecções hospitalares”.*(nono parágrafo)

O mais importante na notícia não é divulgar que podemos entrar em uma era pós-antibiótico devido à resistência das bactérias, mas orientar a população sobre como se dá esse **processo de “blindagem” das bactérias e como** fazer para que isso não aconteça. Para isso são usados comentários em reação verbal, em que especialistas no assunto fazem declarações sobre o tema. O quadro abaixo resume as características da notícia.

Quadro 18 – características composicionais da notícia em (25).

<b>MANCHETE:</b> Bactérias Blindadas	
<b>LINHA FINA:</b> Resistência de micro-organismos aos medicamentos disponíveis abre possibilidade de uma era pós-antibióticos	
<b>Conteúdo Temático</b>	Devido à resistência das bactérias, há a possibilidade de entrarmos em uma era pós-antibióticos
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º e 2º Comentário; 3º ao 5º. Background Passado; 6º, 7º e 8º Evento Secundário. Após subtítulo: 1º ao 4º Background Passado; 5º Comentário; 6º Evento Secundário; 7º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos narração e dissertação. Há pouca descrição, misturada à dissertação.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico acima da Manchete, em posição de destaque, com a função de mostrar como funciona; <b>uso de várias cores (tom mais “alegre”)</b></p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Infográfico ocupa posição de destaque, não sendo a manchete o elemento do topo da notícia; linha fina de forma atípica, em coluna e entre o texto da notícia.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Elementos de superfície linguística relacionados à narração (tempo verbal passado) e à dissertação (tempo verbal presente). Presença de poucos adjetivos quando há descrição. Linguagem clara e objetiva.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, orientar e aconselhar os leitores sobre <b>o processo de “blindagem das bactérias”</b> .

Nessa notícia, a orientação não pode se configurar como uma venda, pois não há o interesse em vender algum produto, o mais importante é que a população tome conhecimento de que podemos, num futuro, entrar em contato com bactérias que são super-resistentes, e aja

da maneira correta ao tomar antibióticos. Esse objetivo nos mostra a influência da categoria Eu-mesmo na composição textual da notícia, que devido ao objetivo do jornalista no nível micro, possui muito Background Passado – que revela a atuação do **mecanismo k-3** - e Comentário. O quadro abaixo resume as categorias contextuais dessa notícia.

Quadro 19 – Categorias contextuais da notícia em (25)

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	Momento de grande discussão sobre os perigos das chamadas superbactérias e seus efeitos no organismo.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de divulgador de uma informação que servirá para orientar o leitor sobre o processo de resistência das bactérias no organismo. O locutor não se coloca como um especialista no assunto, mas como um divulgador do conhecimento de especialistas.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento divulgado e como quem se interessa no assunto.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação semelhante àquela entre médico e paciente, em que o primeiro orienta sobre a melhor maneira de manter a saúde.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de orientar os leitores ao tomarem antibióticos.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de aconselhamento/orientação.

Também com objetivo de orientar, encontramos várias notícias nos cadernos *Mercado* e *Folhainvest*. Na notícia de (30), o uso de determinadas expressões na **superfície linguística** revelam a mediação do contexto na produção da notícia, como os trechos de (29), com grifo nosso. As expressões destacadas atendem ao objetivo, no nível micro, de orientar o leitor, como modalizadores que sugerem injunção do subtipo conselho<sup>22</sup> (a, c, e) e construções que sugerem uma ação em vez de dar uma ordem direta (b,d).

<sup>22</sup> Em Travaglia (1991), o autor propõe alguns traços definidores dos seguintes subtipos de injunção: a opção, o pedido, a ordem, a prescrição e o conselho. Este último, que aparece em muitas notícias, principalmente nos cadernos *Mercado*, *Folhainvest* e *Turismo*, é caracterizado por dizer a melhor forma de fazer, sem dar uma ordem de maneira mais direta.

(29)

a) *Rentabilidade supera a da poupança, mas investidor **precisa ficar atento** à sua necessidade de liquidez. (Linha Fina)*

b) *Para minimizar esse problema, **o investidor que quer aplicar** em letras de crédito de bancos pequenos e médios **pode montar um fluxo** de caixa com LCIs ou LCAs com diferentes prazos. (2º parágrafo após o segundo subtítulo)*

c) ***Quem quer** fazer aplicações mensais **precisa lembrar** que a disponibilidade do título está sujeita à necessidade de captação do banco. (3º parágrafo após o segundo subtítulo)*

d) *Ou seja, o investidor **terá mais facilidade** para renovar sua aplicação em LCI **caso opte** pelo título emitido por um banco com uma carteira extensa, como a Caixa (6º parágrafo após o segundo subtítulo)*

e) *Também é **recomendado** checar se o papel tem registro na Cetip, empresa que atua como central depositária de títulos privados. O registro é a garantia de que, em caso de falência do banco, o investidor será ressarcido. (último parágrafo)*

Percebemos nas expressões grifadas a função de orientar para realizar futuros investimentos. Além disso, há um léxico específico, resultado do modelo de contexto do jornalista, que representa seu leitor como alguém interessado no assunto e que compartilha do mesmo conhecimento social (**mecanismo k-3**).

**Palavras como “liquidez”, a sigla “IR” na Manchete e “Cetip” no 2º parágrafo, a expressão “carteira extensa”, para se referir ao banco Caixa Econômica Federal, mostram-nos que a visão do leitor pelo jornalista é de alguém que possui um conhecimento compartilhado por uma comunidade específica, relacionada a assuntos de economia (mecanismo k-4).**

Quanto à superestrutura, o Evento Principal explícito na **Manchete (“Aplicação sem IR atrai mais poupadores”)** e **Linha Fina (“Letras de crédito imobiliário ou agrícola não têm incidência de imposto e, por isso, têm atraído maior demanda”)** é detalhado do quarto ao sexto parágrafo da notícia, que se inicia de maneira mais prototípica, com *Lead* seguido de Background, conforme mostramos após a imagem abaixo.

(30)

★ ★ ★

FOLHA DE S. PAULO  
SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 2014 B1

inclui mercado

# folhainvest

APERTO  
Grandes firmas globais devem reduzir seus investimentos  
Pág. B5

## Aplicação sem IR atrai mais poupadores

Letras de crédito imobiliário ou agrícola não têm incidência de imposto e, por isso, têm atraído maior demanda

**Rentabilidade supera a da poupança, mas investidor precisa ficar atento à sua necessidade de liquidez**

DANIELLE BRANT ANDERSON FIGO DE SÃO PAULO

Mais investidores estão buscando aplicações isentas de imposto de renda além da poupança. As letras de crédito, títulos emitidos por instituições financeiras, viram seu estoque crescer nos cinco primeiros meses do ano. De janeiro a maio deste ano, houve expansão de 14,3% no volume de LCI (Letras de Crédito Imobiliário) registrado na Cetip, totalizando R\$ 117,4 bilhões.

Já o estoque de LCA (Letras de Crédito do Agronegócio) aumentou 6,1% no mesmo período, para R\$ 31 bilhões. A LCI tem lastro em crédito imobiliário, enquanto a LCA pode ter como garantia uma safra agrícola. Esses papéis têm semelhanças com os CDBs (Certificados de Depósito Bancário), pois oferecem retorno atrelado a um percentual do

informaram à reportagem até o fechamento desta edição.

### REMUNERAÇÃO

A remuneração oferecida por esses bancos, porém, pode ser menos atrativa que a de instituições menores e médias, afirma Aline Magalhães, diretora do Banco do Titulo Corretora.

“Essas instituições têm necessidade ou dificuldade de captação maior que um ban-

co de varejo. Por isso, pagam uma taxa muito maior”, diz. Em geral, enquanto em uma grande instituição de crédito o investidor encontra LCI que

pagam 85% do CDI, uma menor pode obter até 95%.

“Esse rendimento aumenta em razão do valor a ser aportado e do prazo que o investidor permanecer com a aplicação. O caso de uma LCI ou de uma LCA é de curto ou

de médio prazo. O grande problema apontado para quem quer investir em LCI ou LCA é a baixa liquidez, ou seja, a dificuldade de vender o papel antes do vencimento.

Para minimizar esse problema, o investidor que quer

### A DIFERENÇA DO IMPOSTO

Compare retorno de aplicação de R\$ 5.000 nos últimos 12 e 24 meses

	em 12 meses	em 24 meses
Retornabilidade líquida, em % ao ano	8,02	5,607,76
Retornabilidade líquida, em % ao ano	-3,49	4,825,50
Retornabilidade líquida, em % ao ano	12,75	5,637,50
Retornabilidade líquida, em % ao ano	8,23	5,411,26
Retornabilidade líquida, em % ao ano	7,96	5,398,06
Retornabilidade líquida, em % ao ano	5,68	5,284,21
Retornabilidade líquida, em % ao ano	6,61	5,330,62
Retornabilidade líquida, em % ao ano	6,67	5,333,50
Retornabilidade líquida, em % ao ano	8,27	5,413,74
Retornabilidade líquida, em % ao ano	8,12	5,405,90
Retornabilidade líquida, em % ao ano		15,24
Retornabilidade líquida, em % ao ano		5,866,58
Retornabilidade líquida, em % ao ano		5,762,03

Fontes: Sany Data, da FGV (última-4Q), e consultores

**GLOSSÁRIO**  
 CDI: Certificado de Depósito Interfinanceiro  
 CDB: Certificado de Depósito Bancário  
 LCA/LCI: Letras de crédito  
 LTN: Título público pós-fixado  
 LFT: Título público pós-fixado  
 NTN-B: Nota do Tesouro Nacional Série B (grê e pós-fixado)  
 Fundo DI: atrelado ao CDI, aplica em títulos pós-fixados  
 Fundo de renda fixa: aplica ao menos 80% dos recursos em títulos públicos ou privados  
 Debenture de infraestrutura: título privado

aplicado em letras de crédito de bancos pequenos e médios pode montar um livro de caixa com LCIs ou LCAs com diferentes prazos.

Quem quer fazer aplicações mensais precisa lembrar que a disponibilidade do título está sujeita à necessidade de captação do banco.

Isso significa que não necessariamente o investidor conseguirá reaplicar seus recursos em LCIs ou LCAs.

“Os bancos médios e pequenos não têm muitas opções do tipo. O que permite que os bancos façam essas emissões são as operações imobiliárias do agronegócio”, explica Ricardo Nollon, professor de finanças do Insper, Instituto de ensino.

Ou seja, o investidor terá mais facilidade para renovar sua aplicação em LCI caso opere pelo título emitido por um banco com uma carteira extensa, como a Caixa.

Também é recomendado checar se o papel tem registro na Cetip, empresa que atua como central depositária de títulos privados. O registro é a garantia de que, em caso de falência do banco, o investidor será ressarcido.

➔ **LEIA MAIS nas páginas 33 e 34**

2º parágrafo: Background Passado - narração passada

*De janeiro a maio deste ano, houve expansão de 14,3% no volume de LCI (Letras de Crédito Imobiliário) registrado na Cetip, totalizando R\$ 117,4 bilhões.*

3º parágrafo: Background Passado - narração passada

*Já o estoque de LCA (Letras de Crédito do Agronegócio) aumentou 6,1% no mesmo período, para R\$31 bilhões.*

4º parágrafo: Detalhes do Evento Principal - descrição

*A LCI tem lastro em crédito imobiliário, enquanto a LCA pode ter como garantia uma safra agrícola.*

5º parágrafo: Detalhes do Evento Principal - descrição

*Esses papéis têm semelhanças com os CDBs (Certificados de Depósito Bancário), pois oferecem retorno atrelado a um percentual do CDI (Certificado de Depósito Interfinanceiro, a taxa de juros cobrada nos empréstimos entre bancos). No entanto, são isentos de IR.*

6º parágrafo: Detalhes do Evento Principal - descrição

*Nos principais bancos de varejo, o investidor encontra opções de letras de crédito para quem tem R\$ 1.000 para aplicar, caso do Banco do Brasil. No Santander e na Caixa Econômica Federal, a aplicação mínima é de R\$ 30 mil. Bradesco e Itaú Unibanco não informaram à reportagem até o fechamento desta edição.*

### **Subtítulo 1: Remuneração**

1º parágrafo - Detalhes do Evento Principal: argumentação e descrição

*A remuneração oferecida por esses bancos, **porém**, pode ser menos atraente que a de instituições pequenas e médias, afirma Amerson Magalhães, diretor da Easynvest Título Corretora.*

2º parágrafo - Detalhes do Evento Principal, em reação verbal: descrição

*“Essas instituições têm necessidade ou dificuldade de captação maior que um banco de varejo. Por isso, pagam uma taxa muito maior”, diz.*

3º parágrafo - Detalhes do Evento Principal: descrição

*Esse rendimento aumenta em razão do valor a ser aportado e do prazo que o investidor permanecer com a aplicação. O risco de uma LCI ou de uma LCA é o de calote do banco. Nesse caso, o FGC (Fundo Garantidor de Crédito) garante o principal investido até R\$ 250 mil – como no CDB e na poupança.*

A grande quantidade de detalhes do Evento Principal também propicia a orientação para a realização de uma aplicação, pois a partir da descrição de cada linha de crédito isenta de imposto de renda o leitor pode se orientar e fazer a escolha que melhor atende a sua necessidade. A presença dessa categoria em reação verbal, como ocorreu em notícias anteriores, dá mais credibilidade à descrição, pois se trata da confirmação da caracterização da letra de crédito feita por uma autoridade no assunto.

O uso de autoridades para falar sobre o tema da notícia, por sua vez, relaciona-se à presença de argumento de autoridade (Fiorin, 2015), que defende a tese que coincide com o próprio evento noticiado: as letras de crédito são mais rentáveis, pois são isentas de IR. O jornalista procura mostrar, ao longo da notícia, as vantagens dessas letras de crédito, fazendo uma descrição das mesmas. Esse tipo textual está a serviço da argumentação, que é mais explícita em trechos em que aparecem na superfície linguística operadores argumentativos, como o termo destacado acima, no primeiro parágrafo do subtítulo 1.

Ainda na **estrutura composicional**, a tabela que aparece no meio do texto traz detalhes do Evento noticiado, em que o leitor pode visualizar a rentabilidade de várias letras de crédito em 12 e 24 meses de aplicação.

Uma variação bastante presente nos cadernos *Mercado e Folhainvest* é a ausência de foto na maioria das notícias, que possuem como elementos não verbais, principalmente, tabelas, gráficos e infográficos com as funções de explicar o evento, dando detalhes utilizando várias formas de linguagem além da verbal escrita. Nas notícias em que há foto, esta se refere a uma pessoa de destaque no mundo dos investimentos e inovações no setor econômico, como empresários de sucesso nacional e internacional (Cf. anexo 10). O quadro abaixo resume as características da notícia.

Quadro 20 – características composicionais da notícia em (30).

**MANCHETE:** Aplicação sem IR atrai mais poupadores

**LINHA FINA:** Letras de crédito imobiliário ou agrícola não tem incidência de imposto e, por

isso, têm atraído maior demanda	
<b>Conteúdo Temático</b>	As letras de crédito imobiliário e agrícola têm atraído mais poupadores, devido à ausência de IR
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º <i>Lead</i>; 2º e 3º Background Passado; 4º ao 6º Detalhes do EP. <b>Subtítulo1:</b> 1º ao 3º : Detalhes do EP.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos descrição e narração, com função argumentativa.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> tabela (com glossário) que explica a rentabilidade das aplicações nos últimos 12 e 24 meses.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> organização típica do layout da notícia: Manchete e Linha Fina no topo. Tabela no meio da notícia, entre duas colunas de texto.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Elementos de superfície linguística no nível lexical específicos de uma determinada comunidade epistêmica, ou seja, linguagem que revela termos próprios de um grupo social relacionado ao setor econômico.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, orientar e aconselhar os leitores sobre as letras de crédito que não possuem IR.

Sobre as categorias de contexto, temos o quadro abaixo:

Quadro 21 – Categorias de contexto na notícia em (30).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b> O momento de produção	O jornal evidencia nessa notícia determinado segmento social, caracterizado por um grupo de indivíduos com alto poder aquisitivo. O momento de produção é marcado pelas discussões acerca da declaração de Imposto de Renda, cuja entrega à receita federal encerra-se todo ano no mês da publicação da notícia.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de especialista em economia, pois descreve as letras de crédito aos leitores, usando como respaldo comentários de autoridades que servem para reafirmar o que já foi afirmado e defendido pelo jornalista.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem compartilha o conhecimento social de uma</p>

	determinada comunidade epistêmica. <b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação de consultoria em economia, em que o jornalista, a partir do papel de especialista no assunto, orienta a fazer um investimento.
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de orientar os leitores a realizarem investimentos financeiros.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de aconselhamento/orientação, com a possível concretização de uma venda das letras de crédito.

Nas notícias dos cadernos *Mercado* e *Folhainvest*, de um modo geral, percebemos o que Marshall denomina de “Business”, que são notícias relacionadas a assuntos financeiros e ações econômicas:

Os jornais da era pós-moderna são divididos, principalmente, nas editorias de política, economia, geral, nacional, internacional, polícia, rural, cultura e esporte, embora existam inúmeras variações de jornal para jornal [...]. Essa fragmentação da estrutura da mídia impressa fez surgir a editoria de economia, que também pode ser encontrada sob a denominação de negócios, empresas, business ou diversas outras terminologias. Nessa área, a equipe de repórteres, redatores e editores é responsável pela produção e apuração de notícias relativas ao universo econômico, financeiro, empresarial, comercial, industrial ou de serviços do mundo, do país, da região e da localidade-sede da empresa jornalística. Tal tarefa impõe à equipe de jornalistas e ao jornal o difícil exercício de transitar entre os limites da informação e da **persuasão**, do interesse público e do interesse privado, da divulgação e da promoção (MARSHALL, 205, p. 130)

O termo que destacamos na citação nos mostra o que afirmamos no quadro acima sobre a possibilidade de concretização da venda das letras de crédito, uma vez que a editoria de economia encontra-se no limite entre a **“informação e a persuasão”**.

### 6.1.3 Variação em decorrência do objetivo de comentar um evento cultural

No caderno *Ilustrada*, o assunto, o conteúdo temático da maioria das notícias, causa uma variação significativa em sua superestrutura textual. Diferentemente dos cadernos *Poder*, *Mundo* e *Cotidiano*, por exemplo, os eventos não estão relacionados a fatos/acontecimentos,

mas a objetos culturais, como livros, filmes, peças teatrais, programas de televisão, séries e minisséries, dentre outros.

Essa delimitação do conteúdo temático mostra um modelo de contexto em que o mais relevante é traçar comentários e algumas explicações sobre esses objetos culturais a partir de uma notícia, e não pela composição de uma resenha.

(31)

FOLHA DE SÃO PAULO  
SEGUNDA-FEIRA, 15 DE ABRIL DE 2013 E1

inclui folhateen

# ilustrada

## ESCRITOR

### do futuro

**Obra do austríaco Stefan Zweig entra em domínio público neste ano e reedições de seus livros dão nova chance de conhecê-lo**

**GUILHERME BRUNDELLER**  
de São Paulo

Uma celebridade internacional desembarca do navio RMS Alcântara no porto do Rio de Janeiro em agosto de 1936. Vários jornalistas se amontaram para registrar as palavras e as primeiras impressões de um dos maiores escritores do século 20 em solo brasileiro.

Apesar da febre que provocou no Brasil, o jornalista, poeta, dramaturgo, ensaísta e biógrafo austríaco Stefan Zweig (1881-1942) ainda é pouco conhecido pelos brasileiros. Muitos recomendam e repetem o epíteto que Zweig deu ao Brasil em livro, sem saber que é dele a autoria: "um país do futuro".

Agora, no ano seguinte de terem sido completados 70 anos da morte do escritor, sua obra entra em domínio público, ou seja, qualquer editor pode traduzir e publicar seus livros sem pagar direitos autorais. Com isso, os brasileiros ganham uma nova chance de explorar os escritos de Stefan Zweig.

A Zahar lança a biografia "Maria Antonieta", livro que desde 1981 não recebe nova edição no Brasil.

Outros dois volumes estão para sair pela editora: "Mundo do Inverso" (previsto para este ano), coletânea de ensaios de Zweig, alguns inéditos, e "Três Novelas Femininas", que traz "Cartas de uma Desconhecida", "Medo" e "24 Horas na Vida de uma Mulher" — as duas últimas, editadas atrás pela L&PM.

Já a Rocco lança a quarta edição de "Morte no Paraíso — A Tragédia de Stefan Zweig".

Para o americano Benjamin Moser, que assina a biografia de Charles Lippincott e que agora prepara a de Susan Sontag, "seria muito bom que o domínio público despertasse o interesse dos leitores. Zweig é um grande escritor que poucas pessoas leram".

Na França, para onde Moser viajou com frequência, a popularidade dele é enorme.

O suicídio de Zweig, diz Moser, fez dele uma "pessoa um pouco patética". "Mas acho impressionante a atualidade de 'O Mundo que Eu Vi'. Zweig é um escritor que pode encantar muitas gerações", afirma o escritor.

do jornalista e escritor Alberto Diniz. O livro, de 1981, foi ampliado em novo prefácio.

A Zahar e a Rocco promovem nesta semana, no Rio e em São Paulo, lançamentos conjuntos e debates sobre os livros (leia nesta página).

A L&PM também reedita o livro mais polêmico de Zweig. Quatro anos depois de passar alguns dias no Brasil, Zweig e a mulher, Lotte, fixaram residência em Petrópolis numa pequena casa na rua Gonçalves Dias, 34, onde moraram até fevereiro de 1942, quando se suicidaram.

Um ano antes, Zweig publicou "Brasil, um País do Futuro". Por causa da obra, um retrato um tanto ingênuo e otimista do Brasil, na esteira do eufemismo de simpatizante de Getúlio Vargas e do Estado Novo (1937-1945).

"O governo brasileiro soube tirar proveito do livro. Os copeteiros do governo usaram Zweig porque não tinham coragem de enfrentar Vargas e, porque tinham negócios com ele", explica Diniz. "Mas foi esse massacre público", porém, que fez com que Zweig e Lotte se matassem. Foi a chegada da guerra ao Brasil (o rompimento com o Eixo).

Zweig julgou que debaixo de país natal por causa do conflito, era um pacifista nato. Quarta estar longe da Europa para ficar distante da guerra. Não queria nem falar sobre ela.

Diniz afirma que o suicídio de Zweig era inevitável, pois que a data foi precipitada. O biógrafo ter "evidências claras" de que o fator determinante para o suicídio do casal foi o afundamento do navio brasileiro Buarque na costa americana, dias depois do Carnaval de 1942.

"Zweig foi ao Rio no Carnaval e ficou hospedado na casa do [editor Abraham] Koogan. Na terça, voltou a Petrópolis. E, na sexta [após o naufrágio do Buarque], avisou ao editor que queria encontrar-lo para tratar de negócios, quando passou os direitos de sua obra para Koogan", conta Diniz. "Foi algo planejado".

**IMPORTÂNCIA**

Traduzido para diversas línguas e com inúmeros filmes baseados em sua obra (mais de 40, pelas costas de Diniz), Stefan Zweig foi o principal autor a escrever biografias e novelas pelo visto da psicanálise.

Para o americano Benjamin Moser, que assina a biografia de Charles Lippincott e que agora prepara a de Susan Sontag, "seria muito bom que o domínio público despertasse o interesse dos leitores. Zweig é um grande escritor que poucas pessoas leram".

Na França, para onde Moser viajou com frequência, a popularidade dele é enorme.

O suicídio de Zweig, diz Moser, fez dele uma "pessoa um pouco patética". "Mas acho impressionante a atualidade de 'O Mundo que Eu Vi'. Zweig é um escritor que pode encantar muitas gerações", afirma o escritor.

Stefan Zweig em Nova York (imagem sem data), antes de vir para o Brasil

**INTERNETS**  
Cineastas driblam circuito e exibem seus filmes on-line

**TEATRO**  
"Psicose 4h48", de Sarah Kane, ganha uma nova montagem em SP

**Casa de cultura ainda espera ajuda governamental**

DE SÃO PAULO

A casa em que Stefan Zweig e sua mulher, Lotte, viveram em Petrópolis, entre 1940 e 1942, foi comprada em 2006 por um grupo de admiradores do escritor austríaco.

No ano passado, foi inaugurada a Casa Stefan Zweig (CSZ), centro cultural dedicado à memória do escritor e de outros refugiados no Brasil.

Leis e uma obra da madame mortuária de Zweig, feita por um artista de Petrópolis horas depois das descobertas dos corpos, e uma reprodução da carta que Zweig deixou. O projeto, capitaneado pelo jornalista e biógrafo Alberto Diniz, não recebeu ainda uma ajuda financeira oficial.

A CSZ foi incluída no edital 12/002 da Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, mas a verba atada não foi disponibilizada.

"A Casa Stefan Zweig espera receber ainda neste mês a primeira parcela dos R\$ 250 mil que permitirão ampliar a oferta cultural na casa", afirma Kristina Michalchelle, tradutora de Zweig e uma das responsáveis pelo local.

A CSZ fica aberta ao público de sexta a domingo, das 11h às 17h. Está em cartaz até julho a exposição sobre o livro "Brasil, um País do Futuro", além da exibição de filmes como "Os Últimos Dias", que reconstitui os meses que Stefan Zweig e Lotte passaram na casa, e "Xadrez", sobre a novela homônima.

A casa funciona três dias na semana, mas talvez passe a funcionar só dois por falta de recursos. Precisamos pagar os funcionários por cada dia em que ela fica aberta, se não tivermos doações, vamos ter que fechar as portas em um desses dias", conta Diniz. "Só ajuda financeira de pessoas físicas, que contribuem de formas extraordinárias".

Michalchelle diz que a ideia é que a CSZ tenha pelo menos uma exposição nova por ano, tendo planejadas mostras sobre o expressionista judeu alemão Wilhelm Wölfl (1907-1994), exilado no Brasil, cuja arte foi considerada "degenerada" na Alemanha, e outra sobre Giuseppe Mario Germani (1896-1978), italiano que Zweig salvou de ser morto pelo fascismo de Mussolini", diz ela.

**EDIÇÃO DE LIVROS**

Além das obras que estão sendo lançadas por editoras comerciais, a Casa Stefan Zweig planeja editar algumas obras esquecidas do escritor.

Entre elas estão "Xadrez", novela escrita por Zweig em Petrópolis, a autobiografia "O Mundo que Eu Vi" — a biografia Joseph Fouché — Retrato de um Homem Político" e "Colégio Invisível", conto do austríaco foi adaptado para o cinema pelo diretor francês radicado na Bahia Bernard Attal — último trabalho do ator Walmor Chagas (1930-2013).

A CSZ pretende ainda lançar uma conferência inédita de Zweig feita no Rio em 1936, e uma edição fac-símile da agenda do escritor austríaco encontrada na casa em Petrópolis, com a qual serão editados comentários de Diniz sobre a relação de Zweig com os nomes citados pelo escritor em sua caderneta. (E1)

**BRASIL, UM PAÍS DO FUTURO**  
Quando de sexta a domingo, das 11h às 17h, até julho de 2013  
End: Casa Stefan Zweig (r. Gonçalves Dias, 34, Petrópolis-RI, tel. 0xx28/2245-4316)  
QUANTO GASTA

**LANÇAMENTOS E RELANÇAMENTOS DE STEFAN ZWIEG NO BRASIL**

**NAS LIVRARIAS**

"MARIA ANTONIETA"  
LIVRARIA Zahar  
TRADUÇÃO Irene Aron  
QUANTO R\$ 59,90  
(324 págs.)

"MORTE NO PARAÍSO — A TRAGÉDIA DE STEFAN ZWIEG"  
AUTOR Alberto Diniz  
EDITORIA Rocco  
QUANTO R\$ 59,90  
(734 págs.)

"BRASIL, UM PAÍS DO FUTURO"  
EDITORIA L&PM  
TRADUÇÃO Vitorina Michalchelle  
QUANTO R\$ 19  
(204 págs.)

"24 HORAS DA VIDA DE UMA MULHER"  
EDITORIA L&PM  
TRADUÇÃO Jo Luft  
QUANTO R\$ 10  
(112 págs.)

**LANÇAMENTOS COM PALESTRAS**

**RIO**  
Com o poeta Afonso Romano de Sant'Anna  
QUANTO quinta (17h), das 18h30 às 20h30  
ONDE Livraria Cultura Cine Vitória

**SÃO PAULO**  
Com o editor da Zahar Rodrigo Lacerteza  
QUANTO quinta (18h), das 18h30 às 21h30  
ONDE Livraria da Vila Shopping JK

**EM PRELO**

"TRÊS NOVELAS FEMININAS"  
LIVRARIA Zahar

"STEFAN ZWIEG"  
EDITORIA L&PM  
AUTORA Catherine Sauvot

"O MUNDO DO INVERSO"  
EDITORIA Zahar

"MEDO E OUTRAS HISTÓRIAS"  
EDITORIA L&PM

**MEMÓRIA**

Editora brasileira de Zweig trocou ficção por técnicos

de São Paulo

A editora Guanabara, responsável pela publicação da obra completa de Stefan Zweig no Brasil, é hoje uma das maiores editoras de livros de saúde do país.

Fundada no Rio em 1932 por Abraham Koogan (1912-2000), a Guanabara foi a primeira editora no Brasil a publicar Sigmund Freud e, com a Larousse, trouxe ao Brasil as primeiras enciclopédias.

Amigos, Koogan e Zweig trocaram cartas desde a fundação da editora, mas só em 1935 a Guanabara passou a editar o austríaco.

Hoje, a Guanabara Koogan integra o Grupo Editorial Nacional, holding fundada em 2007.

É uma das maiores editoras de livros da área da saúde, com um catálogo de mais de 800 títulos. Entre eles, hoje não constam livros de ficção. (E1)

**RAIO-X**  
**STEFAN ZWIEG**

Nasceu em Viena, Áustria, em 28 de novembro de 1881. Doutorou-se em história na Universidade de Viena. Com ascendência judaica, fugiu da perseguição nazista na Europa, refugiando-se em Petrópolis (RJ), em 1940. Dois anos depois, ele e a mulher se suicidaram em sua casa na cidade fluminense.

**PRINCIPAIS LIVROS**

"Maria Antonieta"; "O Mundo que Eu Vi"; "Três Novelas Femininas"; "Brasil, um País do Futuro".

**REGIÃO MOSER**  
BRASIL

Folha de S. Paulo, São Paulo, 15 de abr. 2013, Ilustrada, p. E3.

A notícia em (31) acima traz o Evento Principal (o fato de a obra do austríaco Stefan Zweig entrar em domínio público no ano de publicação do jornal) na Linha Fina e depois traça comentários sobre a obra e a vida do autor. Ou seja, a notícia em si resume-se apenas na Linha Fina (“Obra do austríaco Stefan Zweig entra em domínio público neste ano e reedições de seus livros dão aos brasileiros nova chance de conhecê-lo”), sendo todo o corpo da notícia comentários sobre a obra e a vida do escritor.

Em relação à superestrutura dessa notícia, assim como da maioria das notícias desse caderno, podemos perceber que nem sempre encontramos a categoria *Lead*, postulada como obrigatória pelos manuais de redação e estilo para que se configure uma notícia. Conforme abordamos no referencial teórico, uma teoria de contexto sociocognitiva como a que assumimos aqui é uma teoria da relevância, já que o contexto é construído pelos participantes para representar os aspectos mais relevantes de um evento comunicativo, incluindo nesse evento a produção e a compreensão do gênero textual.

Essa relevância explica a ausência do *Lead* nessas notícias, as quais tendem a começar com Comentários sobre o fato noticiado, e não com a apresentação do fato em si, o qual aparece, geralmente, apenas na Manchete e/ou Linha Fina. O mais relevante, portanto, não é anunciar o lançamento de um livro ou a estreia de um filme, mas o valor cultural que esse lançamento ou essa estreia possui e representa.

Porém, apesar de possuir uma grande quantidade de comentários avaliativos sobre o objeto cultural em questão, os textos analisados diferenciam-se das resenhas e críticas publicadas nesse caderno, pois ainda possuem um fato que é noticiado, mesmo que não seja de uma maneira típica como nas notícias de política ou economia. Embora o jornalista teça muitos comentários, há a categoria *Headline* (Manchete e Linha Fina) que contém o Evento Principal que é noticiado por um jornalista, embora mínimo em termos de preenchimento na página do jornal.

Desse modo, esse texto configura-se como um gênero produzido dentro da esfera jornalística, sendo, portanto, resultado da prática social desses profissionais. Além disso, os textos críticos publicados nesse caderno possuem uma espécie de chapéu no início com o título: CRÍTICA ou RESENHA, os quais, geralmente, são produzidos por especialistas, e não por jornalistas, ou por jornalistas que já assumiram, a partir de sua rotina, o papel social de especialistas no assunto (Anexo 11 – exemplo de Crítica ou Resenha).

Outra variação relevante na **superestrutura** dessas notícias é a grande quantidade de Background Passado, que segundo Van Dijk (1986) está relacionado às causas do Evento Principal e auxilia na compreensão desse evento. Podemos perceber que o locutor aciona o

**mecanismo k-3** e assume que os possíveis leitores conhecem apenas aquilo que o jornal já informou antes. Desse modo, quanto mais Background Passado, mais o jornalista assume que seus leitores não possuem muito conhecimento sobre o fato noticiado, acrescentando informações que ativam antigos modelos mentais e propiciam uma melhor compreensão.

A notícia de capa “**Escritor do futuro** – Obra do austríaco **Stefan Zweig** entra em domínio público neste ano e **reedições** de seus livros dão aos brasileiros nova chance de conhecê-lo” é um exemplo de uso do background como facilitador da compreensão e indicativo do pouco conhecimento do leitor sobre o autor-personagem da notícia. O jornalista inicia o texto contando a chegada de Zweig ao Brasil, em 1936, e cita que ele ainda é pouco conhecido pelos brasileiros.

Após o relato do Evento Principal no terceiro parágrafo (o fato de, após 70 anos da morte do escritor, sua obra ter entrado em domínio público, podendo ser traduzida sem necessidade de pagamento de direitos autorais), seguido de detalhes do EP até o 7º parágrafo, há uma extensa narração sobre toda a vida do austríaco até a sua morte (Background Passado). A realização das categorias de superestrutura se dá conforme os trechos abaixo:

1º parágrafo: Comentário (avaliação) – narração passada

*Uma celebridade internacional desembarcou no navio RMS Alcântara no porto do Rio de Janeiro em agosto de 1936. Vários jornalistas se amontoaram para registrar as palavras e as primeiras imagens de um dos maiores escritores do século 20 em solo brasileiro.*

2º parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação

*Apesar da febre que provocou no Brasil, o novelista, poeta, dramaturgo, ensaísta e biógrafo austríaco Stefan Zweig (1881-1942) ainda é pouco conhecido pelos brasileiros. Muitos reconhecem e repetem o epíteto que Zweig deu ao Brasil em livro, sem saber que é dele a autoria: “um país do futuro”.*

3º parágrafo: *Lead* – narração presente e futura

*Agora, no ano seguinte de terem sido completados 70 anos da morte do escritor, sua obra entra em domínio público, ou seja, qualquer editora poderá traduzir e publicar seus livros sem pagar direitos autorais. Com isso, os brasileiros ganham uma nova chance de explorar os escritos de Stefan Zweig.*

4º parágrafo: Detalhes do Evento Principal – narração presente

*A Zahar lança a biografia “Maria Antonieta”, livro que desde 1981 não recebe nova edição no Brasil.*

5º parágrafo: Detalhes do Evento Principal – narração futura

*Outros dois volumes estão para sair pela editora: “Mundo Insono” (previsto para este ano), coletânea de ensaios de Zweig, alguns inéditos, e “Três Novelas Femininas”, que traz “Cartas de uma Desconhecida”, “Medo” e “24 Horas na Vida de uma Mulher”- as duas últimas, editadas ainda pela L&PM.*

6º parágrafo: Detalhes do Evento Principal – narração presente

*Já a Rocco lança a quarta edição de “Morte no Paraíso – A Tragédia de Stefen Zweig”, do jornalista e escritor Alberto Bines. O livro, de 1981, foi ampliado e tem novo prefácio.*

7º parágrafo: Detalhes do Evento Principal – narração presente

*A Zahare a Rocco promovem nesta semana, no Rio e em São Paulo, lançamentos conjuntos e debates sobre os livros (leia nesta página).*

Do 8º ao 13º parágrafo, há um resumo da biografia do autor (conjugação de gêneros), funcionando como Background Passado, pois explica a relevância do fato de suas obras terem entrado em domínio público. Abaixo do subtítulo “Importância”, os três parágrafos que seguem realizam, respectivamente, as categorias Comentário e Comentário em reação verbal, nos dois últimos parágrafos.

No infográfico abaixo da notícia, que traz informações sobre os livros que já foram lançados, os próximos lançamentos e os que estão no prelo, há as funções de **mostrar o que** (reedições de obras do autor) e **mostrar quando** (momento de lançamento).

Outra variação encontrada nessas notícias, e também em outras como as dos cadernos de *Turismo e Tec*, é a ausência de verbos em algumas manchetes, o que não encontramos em notícias sobre política e economia. A variação da notícia (31) é descrita no quadro abaixo.

Quadro 22 – Características composicionais da notícia em (31).

<b>MANCHETE:</b> Escritor do Futuro	
<b>LINHA FINA:</b> Obra do austríaco Stefen Zweig entra em domínio público neste ano e reedições de seus livros dão aos brasileiros nova chance de conhecê-lo	
<b>Conteúdo Temático</b>	A obra do escritor Stefen Zweig estará em domínio público, o que permitirá que editoras possam reeditar seus livros, divulgando sua obra aos brasileiros.
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º e 2º Comentário; 3º <i>Lead</i>; 4º ao 7º Detalhes do Evento Principal; 8º ao 13º Background Passado (biografia do escritor).</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos dissertação e narração.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem do escritor ao lado da Manchete. Infográfico com as funções de mostrar o que e mostrar quando.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Manchete no topo, seguida da Linha Fina, de maneira mais próxima da típica.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Uso do tempo presente nos parágrafos que desenvolvem Detalhes do Evento Principal e <i>Lead</i> , para indicar narração futura. Uso do tempo pretérito, em sua função típica de expressar uma sucessão de ações no tempo, nos parágrafos em que há a biografia do escritor. De modo geral, linguagem clara e objetiva.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, comentar sobre a vida e a obra do escritor Stefen Zweig.

Percebemos que, devido à influência do contexto, especificamente da categoria Eum mesmo, com seus objetivos e intenções, ocorrem as variações na estrutura composicional, a qual realiza muitos Comentários, Detalhes do Evento Principal e Background Passado. Por sua vez, essas categorias são preenchidas com tipos textuais como a narração e a dissertação, os quais possuem arraigados determinados elementos de superfície linguística. O quadro abaixo traz a descrição das categorias de contexto.

Quadro 23 – categorias de contexto na notícia em (31).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	O jornal evidencia na sociedade um grupo específico de pessoas interessadas em Arte, especificamente em Literatura, e novidades relacionadas e esse tema.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de especialista em Literatura, tecendo comentários e informando o leitor sobre a obra e a vida do escritor austríaco.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha do conhecimento social divulgado e interessado em Literatura.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação semelhante à existente entre professor e aluno, em que o primeiro compartilha com o segundo um conhecimento especializado.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de comentar a vida e a obra de um escritor.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da intenção de informar, a ação de comentar um objeto cultural, que no exemplo refere-se à obra literária de um escritor e também à sua vida.

Como já afirmamos, as variações da notícia estão relacionadas ao modelo de contexto do jornalista, construído a partir de aspectos relevantes para um determinado evento comunicativo e de mecanismos (mecanismo-k) que regulam a quantidade de informação nova a ser explicitada. Outra notícia com o objetivo de comentar um objeto cultural é o exemplo de (32) abaixo.

A notícia possui uma variação significativa em termos de realização de superestrutura textual e, conseqüentemente, de tipo textual e de elementos de superfície linguística. Todos os parágrafos realizam a categoria Comentários, do tipo avaliação (conforme os trechos após a imagem abaixo), ficando o EP apenas na Manchete e nas duas Linhas Finas.

(32)

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ ilustrada E3

## teatro

## José Wilker leva 'Rain Man' para o teatro

Marcelo Serrado e Daniel Infante interpretam papéis imortalizados por Dustin Hoffman e Tom Cruise no cinema

**Diretor não reviu longa antes de montar a peça; 'quem procurar o filme no espetáculo fará mau uso de seu tempo', diz**

GABRIELA MELLÃO  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

O que faz "Rain Man" inspirar montagens teatrais em diversos países cerca de 25 anos depois de seu lançamento nas telas de cinema? Não é o vanguardismo da dramaturgia.

O texto do norte-americano Dan Gordon que deu origem ao clássico cinematográfico dos anos 1980, imortalizado pelas atuações de Dustin Hoffman e Tom Cruise, segue uma estrutura bastante convencional.

A resposta também não é o aspecto experimental de sua forma. Como aconteceu há pouco em países como Irlanda, México, Inglaterra, Austrália e Argentina, que abrigaram montagens recentes da obra, a versão brasileira de "Rain Man", cuja estreia nacional ocorreu na última sexta-feira (5), é realista, se concentrando no texto e na interpretação dos atores.

Obviamente o sucesso teatral de "Rain Man" também não se explica pelo frescor do enredo. Afinal, quem consegue esquecer a história de Charlie Babbitt (Rafael Infan-

te), vendedor de automóveis egocêntrico que se vê obrigado a se relacionar com Raymond (Marcelo Serrado), irmão autista cuja existência ele desconhecia, e no processo acaba se deparando com uma via de acesso às suas próprias emoções?

A resposta mais plausível para explicar as montagens recentes de "Rain Man" pelo mundo é a humanidade da obra.

Segundo José Wilker, encenador da montagem nacional, o ser humano nunca esteve ao mesmo tempo tão rodeado de gente e tão solitário. "As pessoas vivem confinadas em ilhas. Possuem uma quantidade impressionante de equipamentos tecnológicos para facilitar a comunicação, mas jamais estiveram tão isoladas", afirma o diretor.

Para Wilker, sua montagem de "Rain Man" pode fazer o público repensar o modo de se relacionar.

"Embora fale de autismo, a peça discute sobretudo os caminhos tortuosos que o afeto percorre até se realizar como tal", diz ele, que, para a montagem, não quis rever o longa dirigido por Barry Levinson e vencedor de quatro Oscars.

"Quem procurar o filme no espetáculo vai fazer mau uso do próprio tempo. É uma outra linguagem."

A encenação é norteada

pelo conceito de essencialidade. O encenador se vale somente da interpretação dos atores e de alguns poucos elementos de cena para sugerir quase duas dezenas de locais onde a peça se desenrola.

A montagem também opta por iluminar as diferenças dos protagonistas. Enquanto Raymond é movido pelas emoções, Charlie parece ter um coração de pedra.

Ele se envolve inicialmente com o irmão apenas por interesse. Tira-o do hospital psiquiátrico com a ambição de que a convivência entre eles o faça abocanhar metade dos US\$ 7 milhões de herança deixados para Raymond pelo pai.

O encontro é transformador para ambos. Charlie revê valores, entrando em contato com seus sentimentos. Raymond, por sua vez, passa a se relacionar com o mundo ao seu redor.

"Eles são como dois casulos que vão se abrindo", sintetiza Roberto Lobo, que integra o elenco com Fernanda Paes Leme e outros quatro atores.

## RAIN MAN

QUANDO sexta, às 21h30, sábado, às 21h e domingo, às 18h, até 2/6 ONDE Teatro Vivo (Avenida Churri Zaidan, 860; tel. 011/11/7420-1520)

QUANTO sexta e domingo, R\$ 50; sábado, R\$ 70

CLASSIFICAÇÃO 14 anos



Os atores Rafael Infante e Marcelo Serrado em cena da peça "Rain Man"

“As pessoas vivem confinadas em ilhas. Possuem uma quantidade impressionante de equipamentos tecnológicos, mas jamais estiveram tão isoladas

Embora fale de autismo, a peça discute sobretudo os caminhos tortuosos que o afeto percorre até se realizar como tal

JOSÉ WILKER  
diretor de "Rain Man"

LIQUIDAÇÃO  
SÓ DE MÓVEIS EM SÃO PAULO  
11, 12 e 13 DE ABRIL  
RUA ABRICOLA 38 - V. MADALENA - (11) 3031-2270  
AV. CIDADÃO JARDIM, 145 - JARDIM (11) 3078-0782  
AV. PROF. VICENTÍ RAO, 1277 - BRÓDOLIN (11) 5334-0290  
ESTRADA DO ICA, 236 - SÃO GONÇALO - (11) 3204-1188

Folha de São Paulo, S. Paulo, 11 de abril de 2013. Ilustrada, E3.

1º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação

*O que faz "Rain Man" inspirar montagens teatrais em diversos países cerca de 25 anos depois de seu lançamento nas telas de cinema? Não é o vanguardismo da dramaturgia.*

2º parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação e narração

*O texto do norte-americano Dan Gordon que deu origem ao clássico cinematográfico dos anos 1980, imortalizado pelas atuações de Dustin Hoffman e Tom Cruise, segue uma estrutura bastante convencional.*

3º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação

*A resposta também não é o aspecto experimental de sua forma. Como aconteceu a pouco em países como Irlanda, México, Inglaterra, Austrália e Argentina, que abrigaram montagens recentes da obra, a versão brasileira de “Rain Man”, cuja estreia nacional ocorreu na última sexta-feira (5), é realista, se concentrando no texto e na interpretação dos atores.*

4º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação

*Obviamente o sucesso teatral de “Rain Man” também não se explica pelo frescor do enredo. Afinal, quem consegue esquecer a história de Charlie Babbitt (Rafael Infante), vendedor de automóveis egocêntrico que se vê obrigado a se relacionar com Raymond (Marcelo Serrado), irmão autista cuja existência ele desconhecia, e no processo acaba se deparando com uma vida de acesso às suas próprias emoções?*

5º parágrafo: Comentário (avaliação) – argumentação (tese)

*A resposta mais plausível para explicar as montagens recentes de “Rain Man” pelo mundo é a humanidade da obra.*

Do 6º ao 14º parágrafos continua a realização da categoria Comentário, em que tanto o **jornalista quanto o diretor da peça teatral tecem comentários sobre a encenação de “Rain Man”**. Em consequência disso, há o predomínio do cruzamento entre dissertação e argumentação, pois há a **“explanação de conceitos, abstraindo-se do tempo e espaço”** (Travaglia, 2007), assim como a defesa de um ponto de vista, como no quinto parágrafo transcrito acima.

A tese que o jornalista defende é de que o valor cultural da peça dirigida por José Wilker é a **“humanidade da obra”**, que faz com que as pessoas pensem no modo de se relacionarem. O principal argumento é o de autoridade, como percebemos nos trechos abaixo, com destaque nosso:

6º parágrafo: Comentário (avaliação) e Comentário em reação verbal (avaliação) – dissertação e argumentação

*Segundo José Wilker, encenador da montagem nacional, o ser humano nunca esteve ao mesmo tempo tão rodeado de gente e tão solitário. “As pessoas vivem confinadas*

***em ilhas. Possuem uma quantidade impressionante de equipamentos tecnológicos para facilitar a comunicação, mas jamais estiveram tão isoladas”, afirma.***

7º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação

***Para Wilker, sua montagem de “Rain Man” pode fazer o público repensar o modo de se relacionar.***

8º parágrafo: Comentário em reação verbal (avaliação) e Comentário (avaliação) - argumentação

***“Embora fale de autismo, a peça discute sobretudo os caminhos tortuosos que o afeto percorre até se realizar como tal”, diz ele, que, para a montagem, não quis rever o longa dirigido por Barry Levinson e vencedor de quatro Oscar.***

9º parágrafo: Comentário (avaliação) em reação verbal - argumentação

***“Quem procurar o filme no espetáculo vai fazer mau uso do próprio tempo. É uma outra linguagem.”***

10º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação

***A encenação é norteadada pelo conceito de essencialidade. O encenador se vale somente da interpretação dos atores e de alguns poucos elementos de cena para sugerir quase duas dezenas de locais onde a peça se desenrola.***

Os trechos destacados mostram as falas do diretor da peça, que são usadas como argumentos que sustentam o ponto de vista do jornalista. Assim como na notícia anterior, o mais importante é comentar, discorrer sobre a encenação, sendo o EP (predominantemente uma narração futura) presente apenas na Manchete, nas duas Linhas Finas e retomado num pequeno quadro-resumo **ao final da notícia (com o título “Rain Man”), em** que há as informações que respondem às perguntas do **Lead: quando** acontecerá a peça divulgada, **onde, quanto** custa e qual é a sua **classificação** em relação à idade permitida (Cf. imagem abaixo, ampliada do exemplo 32).

Fig. 7 - Pequeno quadro-resumo do EP da notícia em (32).



Em decorrência da dissertação presente na maioria dos parágrafos, a maioria dos verbos estão no tempo presente, apesar da existência também de verbos no pretérito, nos curtos trechos com narração, como no 3º parágrafo: “[...] **Como aconteceu** há pouco em **países como Irlanda, México, Inglaterra...**”. Abaixo temos as principais características dessa notícia.

Quadro 24 – Características composicionais da notícia em (32)

<b>MANCHETE:</b> José Wilker leva ‘Rain Man’ para o teatro	
<b>LINHA FINA:</b> Marcelo Serrado e Daniel Infante interpretam papéis imortalizados por Dustin Hoffman e Tom Cruise no cinema	
<b>LINHA FINA:</b> Diretor não reviu longa antes de montar a peça; ‘quem procurar o filme no espetáculo fará mau uso de seu tempo’, diz	
<b>Conteúdo Temático</b>	O filme “Rain Man” terá uma encenação teatral, dirigida por José Wilker, e com os atores Marcelo Serrado e Daniel Infante
<b>Estrutura Composicional</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º ao 13º Comentário.</li> <li>2. <b>TIPO:</b> Cruzamento dos tipos dissertação e argumentação.</li> <li>3. <b>USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem dos atores encenando a peça. Alguns destaques na cor azul, como no quadro-resumo acima.</li> <li>4. <b>DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> organização típica do layout da notícia: Manchete e Linha Fina no topo. Imagem ao lado da notícia, com um trecho da fala de José Wilker abaixo, entre</li> </ol>

	aspas.
<b>Estilo verbal</b>	Predomínio do tempo presente, relacionado à dissertação e à argumentação, como em: <b>faz e é</b> (1º parágrafo); <b>segue</b> (2º parágrafo); <b>é</b> (3º, 5º, 9º, 10º e 11º parágrafo); <b>explica</b> (4º parágrafo). Linguagem clara e simples.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, comentar, fazer uma análise da peça teatral.

Sobre as categorias de contexto que influenciam as variações acima, temos a sua descrição no quadro abaixo.

Quadro 25 – Categorias de contexto na notícia em (32).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	É evidenciado um grupo social interessado em Arte, especificamente em Cinema e Teatro.
<b>PARTICIPANTES</b>	<b>Jornalista:</b> assume o papel social de especialista em cultura/arte, especificamente em teatro. <b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento social e especializado que é divulgado e como interessado no assunto. <b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação entre especialista e leigo, pois o enunciador possui uma autonomia que lhe permite comentar sobre o objeto-tema da notícia de forma aprofundada, defendendo inclusive um ponto de vista sobre a popularidade do filme que ganhou encenação no teatro <sup>23</sup> .
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo, no nível micro, de comentar uma peça teatral.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de comentar, discorrer sobre o assunto divulgado.

<sup>23</sup> Essa relação aqui entendida como entre um especialista e um leigo se difere da relação entre os participantes da notícia em (32), em que o enunciador não faz uma análise profunda da obra do escritor, mas traz a divulgação do fato de que a obra do austríaco entrou para o domínio público e tece breves comentários sobre a vida do escritor, trazendo para a notícia uma biografia, sem defender um ponto de vista sobre características definidoras das obras de Stefen Zweig. Desse modo, quanto mais argumentativa for a notícia do caderno *Ilustrada*, mais a relação entre os participantes assemelha-se a uma relação entre leigo e especialista.

Há também, não apenas no caderno *Ilustrada* como em todos os demais, a influência do contexto macro, entendendo-o como o entorno social, político e ideológico do jornal-instituição, que tem impacto na seleção do que foi publicado no jornal para ser lido e consumido. A escolha de um determinado livro, filme, peça teatral ou qualquer outro objeto cultural não é feita ao acaso, mas em consonância com a política ideológica do jornal.

#### 6.1.4 Variação em decorrência do objetivo de comentar um evento esportivo

No caderno *Esporte*, o caderno D, o **conteúdo temático** está relacionado a eventos esportivos, como corridas de Fórmula 1, jogos de basquete, vôlei e, principalmente, de futebol. Mesmo quando a notícia não se trata de um jogo e está próxima de tema político, há a relação com a esfera esportiva, como mostramos em uma notícia mais típica no início desse capítulo, presente no caderno D (exemplo 14). Também fazem parte do assunto desse caderno os atletas, jogadores e personalidades desse ambiente ligado a competições esportivas (“**personagens típicos**”, cf. Travaglia, 2007b).

A notícia de (33), que segue abaixo após a sua transcrição, em que o jornalista tem o objetivo de comentar o término da primeira fase do Campeonato Estadual Paulista de Futebol, é predominantemente argumentativa; pois, além de comentar, o jornalista defende um ponto de vista e apresenta argumentos para sustentá-lo, conforme mostramos na sequência:

1º Parágrafo – *Lead* (narração presente) e Comentário, do tipo avaliação, (dissertação, argumentação – tese sublinhada).

*A primeira fase do paulista termina hoje com sabor de ressaca da Libertadores e poucas ambições dos clubes grandes. Mas o cenário pouco empolgante da última rodada não reflete um movimento que se viu durante os primeiros meses do Estadual.*

2º Parágrafo – Comentário (avaliação): narração, descrição, dissertação e argumentação, reforço da tese

*Essa fase que acaba hoje, com todos os jogos às 16h, apresentou aumento de público e renda em relação ao ano passado. Movimento motivado, principalmente, pelos times de fora da capital paulista, e pelo Corinthians.*

3º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação

*Em uma temporada em que o Trio de Ferro paulistano (São Paulo, Palmeiras e Corinthians) se debruça sobre a Libertadores, que está nas oitavas de final, os clubes se atentam e lucram mais com o Campeonato Estadual.*

4º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação, argumento de quantidade

*Apesar do aumento do preço mínimo do ingresso imposto pela federação paulista – de R\$30 para R\$40 (30% de acréscimo)-, a média de público aumentou em 2013.*

5º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*São, em média, 5.700 pagantes por partida. Na primeira fase de 2012, foram 5.200 – quase 10% de aumento. Em 2011, não chegou a 5.000.*

6º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*O número é pouco expressivo, mas esse é o Estadual que mais atrai público.*

7º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*O aumento passa principalmente pela torcida de fora da capital. No ano passado, somados, os 15 times de fora de São Paulo (excluindo o Santos) mais a Portuguesa levaram, em média, 26 mil pessoas aos seus estádios por rodada. Em 2013, esse índice saltou para 30,5 mil – no total, são 55 mil pessoas a mais.*

8º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*Ao mesmo tempo, os quatro grandes paulistas tiveram tímido aumento de 25,9 mil para 26,5 mil por rodada.*

9º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*E graças ao Corinthians, que aumentou sua média de 16,4 mil para 22,4 mil, compensando as quedas do Palmeiras (de 11 mil para 7,9 mil) e São Paulo (de 12,4 para 11,2 mil). O Santos registrou acréscimo de 9,2 mil para 10,9 mil.*

10º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação, argumentação

*O quarteto ainda tem quase metade do público do Estadual, mas esta fatia caiu de 50%, em 2012, para 46%.*

11º Parágrafo: Comentário (avaliação) – dissertação , argumentação

*Com o aumento dos preços dos ingressos, a arrecadação líquida média também subiu. A cada jogo, os times lucram R\$ 85 mil, cerca de R\$ 10 mil a mais em relação a 2012. Pouco para os grandes, mas valioso para os times menores, que pagam salários mais baixos a muitos de seus atletas.*

12º Parágrafo: Comentário (expectativa e em discurso indireto) - narração futura

*Marco Polo Del Nero, presidente da Federação, diz que em 2014 a fórmula vai mudar, a princípio, para se adequar à Copa do Mundo*

13º Parágrafo: Comentário (expectativa) – descrição do estágio do campeonato no momento .

*Hoje, estão em jogo a última vaga às quartas de final, o chaveamento dos mata-matas e o último rebaixado.*

14º Parágrafo: Comentário (expectativa) – descrição do estágio do campeonato no momento

*Penapolense e Limense disputam a oitava colocação; Mirassol, Ituano, São Bernardo e Paulista tentam não cair.*

15º Parágrafo – Comentário (expectativa) – descrição do estágio do campeonato no momento

*O São Paulo é líder e não pode ser ultrapassado, o Corinthians, sexto, não pode chegar ao G4. Santos e Palmeiras, quarto e quinto, respectivamente, tentam evitar um encontro no mata-mata.*

16º Parágrafo: Comentário (expectativa) – descrição do estágio do campeonato no momento

*Querem ainda ficar entre os quatro primeiros para decidirem em casa, única vantagem da fase seguinte. Ponte Preta e Mogi Mirim, vice e terceiro colocado, tentam levar ao menos dois jogos das quartas ao interior.*

17º Parágrafo: Comentário (expectativa) – descrição do estágio do campeonato no momento

*Entre os grandes, o Santos (quarto), na segunda fase da Copa do Brasil, é quem mais dá atenção à rodada para jogar na vila na fase seguinte. Os outros focam Libertadores: a julgar pelo passado, sobrarão críticas ao Estadual e seus jogos intercalados com o mata-mata continental.*

Relacionando os elementos de superfície linguística aos tipos textuais e às categorias de superestrutura, percebemos que a predominância do tempo presente aparece em função da categoria de superestrutura da notícia que tem predominância no texto: Comentários – do tipo avaliação e expectativa, realizados sobretudo por dissertação e descrição (mundo comentado segundo Weinrich, 1968).

Essa categoria, por sua vez, aparece devido ao controle do contexto, especificamente em decorrência dos objetivos do Eu-mesmo no nível micro, que está relacionado a comentar e argumentar, no caso dessa notícia, sobre a primeira fase do Campeonato Paulista de futebol. O que o jornalista pretende ao escrever é, além de informar (nível macro), tecer comentários e fazer uma análise do Estadual desde seu início até o momento da produção da notícia, que corresponde ao término da primeira fase.

Segundo o jornalista, o saldo foi bastante positivo, já que, em relação ao ano anterior, houve um aumento de público e no valor arrecadado com a venda dos ingressos, havendo, conseqüentemente, um aumento de 30% na arrecadação. Há, portanto, a defesa de uma tese, expressa no segundo período do primeiro parágrafo, após o *Lead*, e reforçada no segundo parágrafo, em que o jornalista afirma que houve aumento de público e renda em relação ao ano anterior.

A argumentação segue ao longo da notícia, com os argumentos de quantidade (FIORIN, 2015) do 4º ao 11º parágrafo, em que são apresentados números e porcentagens que comprovam o saldo positivo da primeira fase do campeonato. No quarto parágrafo, o operador **apesar** é usado no início, reforçando o valor argumentativo da notícia, pois o jornalista mostra que o público aumentou, mesmo com o aumento do preço do ingresso.



clubes grandes e crescimento de renda e público relacionados aos times do interior. Esse EP, nessa notícia, confunde-se com a tese defendida pelo jornalista, pois o que ele pretende divulgar, e comprovar a partir dos argumentos, é o fato de ter havido crescimento de público e de renda, apesar do aparente desânimo dos grandes clubes. Do 12º ao 17º parágrafos, a categoria Comentários é realizada para fazer prospecções sobre o desempenho dos times que jogarão no dia em que a notícia foi divulgada.

Percebemos como o objetivo, um elemento contextual, propicia a realização da superestrutura da notícia de maneira menos prototípica, a partir da maior ocorrência de comentários, o que produz uma notícia mais subjetiva e menos factual. Essa categoria, por sua vez, é preenchida pelos tipos dissertativo, descritivo e argumentativo, nos quais o locutor procura, respectivamente, **“o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber ...”** (TRAVAGLIA, 2007); o dizer como é e instaurar o discurso da transformação, em que seu interlocutor é visto como alguém que não concorda com suas ideias. Esses tipos textuais, geralmente, são constituídos pelo tempo presente do indicativo, o que explica e justifica a grande ocorrência desse tempo nessa notícia, conforme consta no quadro abaixo.

Assumindo o discurso da transformação, o jornalista apresenta argumentos para o leitor, a favor da ideia de que houve aumento de público e de renda, apesar do desânimo e do aumento de preço dos ingressos. Além do operador argumentativo **apesar de**, o operador **mas** (*Lead*, 6º parágrafo, 10º parágrafo, 11º parágrafo) também marca a argumentação, sendo usado para a introdução dos argumentos. O uso desses operadores marca a oposição da tese defendida à tese de que há uma queda de renda e de público no Campeonato, devido ao desânimo dos grandes clubes.

Outra variação significativa dessa notícia, e que faz parte do caderno *Esporte* de modo geral, é a presença da multimodalidade, a partir do uso das cores azul e laranja, que formam a identidade visual do caderno; além de outras cores que aparecem em tabelas e infográficos, **conferindo um tom mais “despojado” ao caderno, relacionado a entretenimento**. Nessa notícia específica, o infográfico aparece antes da notícia, com os elementos da linguagem visual representados pelas imagens das camisetas dos times de futebol e pelas setas em verde e vermelho.

Esse infográfico explica quais são os jogos que acontecerão no dia em questão, apresentando as funções de **mostrar quem** e **mostrar quando**. Além disso, as setas nas cores verde e vermelha também têm um significado: enquanto as primeiras se referem aos times que estão na zona de classificação, as segundas fazem referência à zona de rebaixamento.

Sobre a atuação do **mecanismo-K**, nessa notícia ele é operante, principalmente, na Manchete, em que é pressuposto que o leitor sabe a que se refere o termo Estadual: “Interior puxa renda e público do Estadual”. Também percebemos o **mecanismo K-3** quando o jornalista usa termos como mata-mata e não explica seu significado, já que possui uma imagem do seu leitor como de alguém que compartilha desse conhecimento.

Ainda sobre o leitor, este está associado a uma identidade masculina, o que percebemos a partir do léxico “torcedor”, utilizado quando o evento está relacionado a futebol, e no texto que aparece ao lado da notícia (33), uma retransmissão (anexo 12) que discorre sobre o fato do time do São Paulo ter sido abandonado por seus torcedores do interior do estado. O quadro abaixo resume as características explanadas acima, e o quadro 27 apresenta as categorias de contexto dessa notícia.

Quadro 26 – Características composicionais da notícia (33).

<b>MANCHETE:</b> Interior puxa renda e público do Estadual	
<b>LINHA FINA:</b> Primeira fase termina hoje com desdém dos grandes e crescimento da fatia ‘caipira’ nos números	
<b>Conteúdo Temático</b>	Os times do interior são responsáveis pelo aumento de público e de renda no Estadual, apesar do desdém dos grandes times.
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º <i>Lead</i> e Comentário, do tipo avaliação; 2º ao 7º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos dissertação e descrição, com função argumentativa.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico com as funções de <b>mostrar quem</b> e <b>mostrar quando</b>.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> Tabela explicativa do campeonato no topo da notícia, acima da Manchete, que está em posição atípica.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Predomínio de verbos no tempo presente, em consonância com os tipos dissertativos e descritivo de comentário com função argumentativa: <b>reflete</b> (1º parágrafo); <b>acaba</b> (2º parágrafo); <b>debruça, está, atentam, lucram</b> (3º parágrafo); <b>é, atrai</b> (6º parágrafo); <b>passa, são</b> (7º parágrafo). Linguagem específica de uma comunidade epistêmica, com termos próprios, como “mata-mata”.

<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, comentar e defender uma opinião sobre o término da primeira fase do Estadual paulista.
---------------------------------	--

Quadro 27 – Categorias de contexto na notícia (33)

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	Momento de discussão e divulgação de eventos relacionados ao Campeonato Estadual Paulista de Futebol.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de especialista na editoria de esportes.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem compartilha o conhecimento social e especializado que é divulgado e como interessado no assunto.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação entre especialista e leitores que compartilham do conhecimento social e especializado que faz parte da notícia e do caderno<sup>24</sup>, diferentemente de um leigo que não tem muito conhecimento sobre o assunto.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de comentar e argumentar sobre o término da primeira fase do Campeonato Estadual Paulista de futebol.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de comentar, discorrer sobre o assunto divulgado, defendendo um ponto de vista.

Uma superestrutura que realiza mais a categoria de Comentário, associada à presença dos tipos dissertativo e argumentativo e a elementos de superfície linguística específicos, também está presente na notícia de (34), que transcrevemos a seguir.

Manchete: ‘É o Ganso que eu queria voltar a ver’, festeja Ganso

Linha Fina: Meia elogia própria atuação e prega atenção na Libertadores

1º parágrafo: *Lead* – narração passada

<sup>24</sup> Há uma imagem do leitor como alguém que compartilha do mesmo conhecimento na presença de termos relacionados a eventos esportivos e que não possuem seus significados expressos, o que revela a pressuposição de que os leitores já sabem do que se trata.

*Paulo Henrique Ganso cuja contratação por R\$ 24 milhões pelo São Paulo vinha sendo questionada, comemorou ontem o retorno do “Ganso que eu queria”, durante a vitória sobre o Atlético-MG.*

2º parágrafo: Comentário (reação verbal), do tipo avaliação – descrição e narração passada

*“É o que eu queria voltar a ver, o Ganso combatente, que arma jogadas e ajuda os companheiros”, afirmou o meia em entrevista no CT do São Paulo, como se estivesse se referindo a um conhecido que não via havia muito tempo.*

3º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – narração passada

*O jogador, que no passado chegou a chiar ao ser colocado na reserva, recebeu elogios dos companheiros, entre eles o goleiro Rogério.*

4º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação / argumentação (tese, em negrito)

***A apreciação da atuação de Ganso não ficou restrita ao terreno das opiniões. Os números comprovaram que ele teve uma noite inspirada anteontem, no Morumbi.***

5º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – narração passada / argumentação (argumentos que comprovam a tese)

*O GPS afixado no uniforme do meia pelos fisiologistas do clube, para coletar dados durante o jogo, apontou que o meia foi o segundo são-paulino que mais correu na vitória sobre o favorito Atlético.*

6º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – narração passada / argumentação (argumentos que comprovam a tese)

*Ganso, que havia se tornado alvo de críticas por não conseguir uma sequência de boas performances, correu 9,5 quilômetros na partida contra os mineiros — foi superado só por Douglas, com 11 quilômetros registrados.*

7º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação / argumentação (argumento que comprova a tese)

*Segundo o Datafolha apontou, o ex-santista foi o responsável pelo segundo maior número de passes certos da equipe do Morumbi: 20.*

8º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa, em reação verbal – injunção / argumentação feita pelo personagem da notícia

*"Agora é usar as lições que tivemos com os erros da primeira fase para que eles não se repitam", argumentou um sempre sorridente Ganso.*

9º parágrafo : Comentário do personagem da notícia em discurso indireto - dissertação /narração /argumentação

*Apesar de ainda considerar favorito o Atlético-MG – a quem o São Paulo irá enfrentar nas suas próximas duas partidas nas oitavas de final da competição continental –, o meia indicou que enxerga a sua equipe em ascensão.*

10º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – argumentação feita pelo personagem da notícia

*"O favorito é o Atlético-MG pela campanha que fez na primeira fase e pelo futebol mais bonito. A gente vai correndo por fora, com os pés no chão", analisou o jogador. O Atlético-MG era o único invicto na fase de grupos.*

11º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – dissertação / argumentação feita pelo personagem da notícia

*"[A vitória] tirou um peso, e o Arsenal nos ajudou [ao bater o Strongest por 2 a 1, o que alçou o São Paulo a segundo no Grupo 3]. Mas o principal foi a maneira como a equipe atuou. Antes, nas derrotas para Arsenal e Strongest, foram atuações boas, mas perdemos gols", disse Ganso*

12º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa, em reação verbal – dissertação / argumentação feita pelo personagem da notícia

*"Está tudo zerado, agora é uma nova competição na fase de mata-mata. Não podemos vacilar", concluiu.*

As notícias de (33) e (34), compostas por dissertação, com inserções de narrativas, e argumentação, trazem em seu estilo verbal as marcas da defesa de um ponto de vista.

Encontramos também, no caderno *Esporte*, notícias que são mais expositivas e menos argumentativas, como a que segue abaixo em (35), após a imagem de (34).

(34)

FOLHA DE S. PAULO  
SEXTA-FEIRA, 19 DE ABRIL DE 2013 D1

# Esporte

## É o Ganso que eu queria voltar a ver, festeja Ganso

SÃO PAULO Meia elogia própria atuação e prega atenção na Libertadores

EDUARDO CHATA  
de São Paulo

Paulo Henrique Ganso, cuja contratação por R\$ 24 milhões pelo São Paulo vinha sendo questionada, comemorou ontem o retorno de "Ganso que eu queria", durante a vitória sobre o Atlético-MG.

"É o que eu queria voltar a ver, o Ganso combatente, que arma jogadas e ajuda os companheiros", afirmou o meia em entrevista no CT do São Paulo, como se estivesse se referindo a um companheiro que não via havia muito tempo.

O jogador, que no passado chegou a chiar ao ser colocado na reserva, recebeu elogios dos companheiros, entre eles o goleiro Rogério.

A apreciação de Ganso não ficou restrita ao terreno das opiniões. Os números comprovaram que ele teve uma noite inspirada antecidentem, no Morumbi.

O Ganso, usando o uniforme do meio pelos fisiologistas do clube, para coletar dados durante o jogo, apontou que o meia foi o segundo só-parelinho que mais correu na vitória sobre o favorito Atlético-MG.

Ganso, que havia se tornado alvo de críticas por não conseguir uma sequência de boas performances, correu 9,5 quilômetros na partida contra os mineiros, superando só por Douglas, com 11 quilômetros registrados.

Segundo o Datafolha apontou, o ex-cantista foi o responsável pelo segundo maior número de passes certos da equipe do Morumbi: 26.

"Agora é usar as lições que tivemos com os erros da primeira fase para que eles não se repitam", argumentou um sempre sorridente Ganso.

Apesar de ainda considerar favorito o Atlético-MG — a quem o São Paulo irá enfrentar nas suas próximas duas partidas nas oitavas de final da competição continental —, o meia indicou que ensarga a sua equipe em seu sucesso.

"O favorito é o Atlético-MG pela campanha que fez na primeira fase e pelo futebol mais bonito. A gente vai correndo por fora, com os pés no chão", analisou o jogador.

O Atlético-MG era o único invitado na fase de grupos.

"A vitória tira um peso, e o Arsenal nos ajudou (ao bater o Strongest por 3 a 1, o que colocou o São Paulo a segundo no Grupo 3). Mas o principal foi a maneira como a equipe atuou. Antes, nas derrotas para Arsenal e Strongest, foram atuações boas, mas perdemos gols", disse Ganso.

"Está tudo zerado, agora é uma nova competição na fase de mata-mata. Não podemos vacilar", concluiu.

LEIA MAIS na pág. B2

Para o jogo com o Atlético-MG no Morumbi, sem dúvida acho que não devem ser 50 mil torcedores, mas 60 mil e quantos mais puderem vir

Paulo Henrique Ganso volta a ser visto da torcida no último e mais próximo jogo da Libertadores



O meia Paulo Henrique Ganso, no CT do São Paulo, ontem



IPVA 2013 GRÁTIS PARA TODAS AS OFERTAS

E MAIS: ENTRADA REDUZIDA PARA TODA A LINHA FIAT. SAÍDA EM 60 MESES

NOVO PALIO 4 PORTAS COMPLETO\*  
AR-CONDICIONADO, DIREÇÃO HIDRÁULICA, TRAVAS ELÉTRICAS, VIDROS ELÉTRICOS DIANTEIROS, 15V ABS DE SÉRIE

por R\$ 32.990 ou R\$ 3.500 + 60x de R\$ 758/mês

IDEA ATTRACTIVE 1.4 COMPLETO\*  
AR-CONDICIONADO, DIREÇÃO HIDRÁULICA, TRAVAS ELÉTRICAS, VIDROS ELÉTRICOS DIANTEIROS, 15V ABS DE SÉRIE

por R\$ 41.990 ou R\$ 16.900 + 60x de R\$ 598/mês

Respeite os limites de velocidade. CONFIRA MAIS EM FIAT.COM.BR/OFFERTAS

MAIS DE 570 CONCESSIONÁRIAS NO BRASIL

www.fiat.com.br

CONCESSIONÁRIAS PARTICIPANTES

\*Promoção Livre Dinheiro. Quanto mais você fizer, mais chances de ganhar. E, no campo de um carro, você ganha 3 copões. Participação: de 25/3 a 14/11/2013, de 25/3 a 18/10/13. CNH emitida em regime de compra de qualquer modelo Fiat 0 km. Consulte o período de participação e as regras no site www.fiat.com.br/financiamento. Certificado de autorização da CAIXA nº 4.0050/2013. \*\*Válida para os modelos Novo Palio 1.0 e Idea 1.4. 1. Ano de fabricação 2013, modelo 2013, motor 1.0 flex, versão total com financiamento R\$ 48.990,00. 2. Ano de fabricação 2013, modelo 2013, versão 1.4, motor 1.4 flex, versão total com financiamento R\$ 52.780,00. Disponibilidade de 3 unidades por modelo promocional. Financiamento sujeito à aprovação de crédito pelo Banco Fiat. Oferta válida até 30/4/2013 em enquanto durar o estoque. CENTRAL DE RELACIONAMENTO: 0800 707 1000.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abril de 2013. *Esporte*, D1.

(35)

# Rosberg surpreende a si mesmo e é pole

**F-1** Com o melhor tempo do alemão, Mercedes supera Red Bull e Ferrari e larga em 1º pela segunda vez no Mundial

**Grid do GP Bahrein**  
 1º N. Rosberg 1min32s330  
 2º S. Vettel 1min32s584  
 3º F. Alonso 1min32s667

**TATIANA CENEA**  
 ENVIADA ESPECIAL A SAKHIR

Enquanto se esperava uma disputa entre Red Bull, Lotus e Ferrari pela pole position do GP do Bahrein, quarta etapa do Mundial de F-1, Nico Rosberg surpreendeu a todos — e a si mesmo — e colocou sua Mercedes no primeiro lugar do grid. A prova é hoje, a partir das 9h (de Brasília).

“Estou muito feliz com o resultado, mas um pouco surpreso para falar a verdade”, disse o alemão, logo após dar à Mercedes sua segunda pole seguida — seu companheiro de time, Lewis Hamilton, largou em primeiro na China.

“Depois dos treinos livres, não estava claro para nós qual seria o carro mais rápido na classificação, mas nossos mecânicos fizeram um excelente trabalho durante a noite”, disse Rosberg, dono de duas poles na carreira.

“Sei que na corrida as coisas devem ser mais difíceis, pois não temos certeza de que temos ritmo para segurar a concorrência”, completou.

Líder do Mundial e vencedor no Bahrein no ano passado, Sebastian Vettel estará ao lado do compatriota na primeira fila. Seu principal adversário na tentativa de conquistar o quarto título neste ano, Fernando Alonso, larga logo atrás, em terceiro lugar.

Há uma semana, no GP da China, o espanhol também partiu na terceira posição. E venceu. Justamente por isso, fez questão de dizer ontem que não estava desapontado por começar na segunda fila.

“Temos tudo para estar nos otimistas. Sabemos que nosso ritmo é sempre melhor em corrida do que em classificação”, afirmou Alonso, terceiro também no Mundial. “Nosso carro está equilibrado, e acho que estamos na briga pelo pódio ou, o que seria melhor, pela vitória.”

Seu companheiro de Ferrari, Felipe Massa, quarto no

grid, —era sexto, mas subiu porque Hamilton e Mark Webber foram punidos—, também se mostrou empolgado com a perspectiva em Sakhir, onde já venceu duas vezes. Como vinha sofrendo com os pneus médios desde

o início do fim de semana, o brasileiro optou por uma estratégia parecida com a de Vettel na China e largará com os compostos mais duros na prova de hoje. Isso significa que poderá ficar mais tempo que os concorrentes na pista

e tentar surpreender. “A gente resolveu fazer uma aposta e, pelo menos hoje [ontem], acho que deu certo. Fazer a volta com os pneus duros podia me colocar lá atrás no grid, e vou largar em quarto”, disse Massa sobre o

fato de os tempos com os compostos médios serem melhores do que com os duros. “Arrisquei e estou otimista.”

**NA TV**  
**GP do Bahrein**  
 9h Globo



O alemão Nico Rosberg, da Mercedes, que cravou a pole, se prepara para participar dos treinos em Sakhir, no Bahrein

## Protestos ficam mais violentos, mas não atingem a categoria

DA ENVIADA A SAKHIR

Os protestos contra o governo do Bahrein ficaram mais violentos no final da noite de sexta-feira, mas não chegaram perto dos locais frequentados pelos envolvidos com a corrida de F-1.

Milhares de manifestantes enfrentaram a polícia em uma estrada fora de Manama, a capital do país. Os policiais usaram gás lacrimogêneo e granadas para dispersar a multidão, que cantava gritos de ordem contra o governo.

As manifestações pró-democracia no Bahrein começaram em 2011 e forçaram o cancelamento da etapa da F-1 naquele ano. Em 2012, a corrida voltou a ser disputada em Sakhir, e só pequenos incidentes foram registrados.

Neste ano, o único registro, até agora aconteceu com uma equipe da TV inglesa. Segundo a ITV, três de seus funcionários foram obrigados a deixar o país depois de serem pegos filmando uma mesquita. O governo afirmou que eles não tinham permissão. (rc)

## Barrichello retorna ao paddock, agora como comentarista de TV

DA ENVIADA A SAKHIR

O cenário é antigo conhecido, mas Rubens Barrichello agora está do outro lado. Após 19 temporadas como piloto de F-1, ele estreia hoje como comentarista da Globo.

Depois de participar como convidado na transmissão do GP Brasil do ano passado, foi convidado pela emissora e comentará dez GPs neste ano, num rodízio com Luciano Burti e Reginaldo Leme.

Como não comentou as três primeiras etapas, apro-

veit para estudar. “Acompanhei o noticiário e estudei as palavras que só estava acostumado a falar em inglês”, disse Barrichello, que corre na Stock Car no Brasil.

O fato de ter passado tantos anos nos paddocks é visto como um trunfo pelo brasileiro: “É um mundo meu, no qual vivi intensamente”.

Apesar da familiaridade com o ambiente, sua primeira aparição na F-1 após a aposentadoria só se deu na penúltima corrida de 2012. “Já virei a chavinha”, disse. (rc)

## O GP DO BAHREIN Sakhir, 57 voltas

9º N. Rosberg (ALE/Mercedes) 1min32s330	2º S. Vettel (ALE/Red Bull) 1min32s584
3º F. Alonso (ESP/Ferrari) 1min32s667	4º F. Massa (BRA/Ferrari) 1min33s207
5º R. di Resta (ESC/Force India) 1min33s233	6º A. Sutil (ALE/F. India) 1min33s246
7º M. Webber (AUS/Red Bull)* 1min33s407	8º K. Räikkönen (FIN/Lotus) 1min33s327

9º Lewis Hamilton (ING/Mercedes)\*\*\*  
 10º Jenson Button (ING/McLaren)  
 11º Romain Grosjean (FRA/Lotus)  
 12º Sergio Pérez (MEX/McLaren)  
 13º Daniel Ricciardo (AUS/Toro Rosso)  
 14º Nico Hülkenberg (ALE/Sauber)  
 15º Valtteri Bottas (FIN/Williams)  
 16º Jean-Éric Vergne (FRA/Toro Rosso)

17º Pastor Maldonado (VEN/Williams)  
 18º Charles Pic (FRA/Caterham)  
 19º Jules Bianchi (FRA/Marussia)  
 20º Giedo van der Garde (HOL/Caterham)  
 21º Max Chilton (ING/Marussia)  
 22º Esteban Gutiérrez (MEX/Sauber)\*\*

\* Punido com a perda de três posições pelo acidente com Jean-Éric Vergne na China. \*\* Punido com a perda de cinco posições no grid pelo acidente com Adrian Sutil na China. \*\*\* Punido com a perda de cinco posições no grid por ter trocado a caixa de câmbio

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abril de 2013. *Esporte*, D 5.

Quanto à superestrutura da notícia acima, temos a seguinte realização:

1º parágrafo: Comentário (avaliação, sublinhado) – dissertação - e **Lead** – narração passada e futura

Enquanto se esperava uma disputa entre Red Bull, Lotus e Ferrari pela pole position do GP do Bahrein, quarta etapa do Mundial de F-1, Nico Rosberg surpreendeu a todos – e a si mesmo – e colocou sua Mercedes no primeiro lugar do grid. A prova é hoje, a partir das 9h (de Brasília).

2º parágrafo: Comentário (avaliação, em reação verbal) – dissertação e narração passada

***“Estou muito feliz com o resultado, mas um pouco surpreso, para falar a verdade”, disse o alemão, logo após dar à Mercedes sua segunda pole seguida – seu companheiro de time, Lewis Hamilton, largou em primeiro na China.***

3º parágrafo: Comentário (avaliação, em reação verbal) - dissertação e narração passada

***“Depois dos treinos livres, não estava claro para nós qual seria o carro mais rápido na classificação, mas nossos mecânicos fizeram um excelente trabalho durante a noite”, disse Rosberg, dono de duas poles na carreira.***

4º parágrafo: Comentário (avaliação, em reação verbal) - dissertação e narração passada

***“Sei que na corrida as coisas devem ser mais difíceis, pois não temos certeza de que temos ritmo para segurar a concorrência”, completou.***

5º parágrafo: Detalhes do evento Principal - narração futura

***Líder do Mundial e vencedor no Bahrein no ano passado, Sebastian Vettel estará ao lado do compatriota na primeira fila. Seu principal adversário na tentativa de conquistar o quarto título neste ano, Fernando Alonso, larga logo atrás, em terceiro lugar.***

6º parágrafo: Detalhes do EP, no primeiro e segundo períodos – narração – Comentário, em discurso indireto, no terceiro período – narração

***Há uma semana, no GP da China, o espanhol também partiu na terceira posição. E venceu. Justamente por isso, fez questão de dizer ontem que não estava desapontado por começar na segunda fila.***

7º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa em reação verbal - dissertação

***“Temos tudo para estarmos otimistas. Sabemos que nosso ritmo é sempre melhor em corrida do que em classificação”, afirmou Alonso, terceiro também no Mundial. “Nosso carro está equilibrado, e acho que estamos na briga pelo pódio ou, o que seria melhor, pela vitória.”***

8º parágrafo: Comentário (expectativa) – narração e dissertação

*Seu companheiro de Ferrari, Felipe Massa, quarto no grid, - era sexto, mas subiu porque Hamilton e Mark Webber foram punidos-, também se mostrou empolgado com a perspectiva em Sakhir, onde já venceu duas vezes. Como vinha sofrendo com os pneus médios desde o início do fim de semana, o brasileiro optou por uma estratégia parecida com a de Vettel na China e largará com os compostos mais duros na prova de hoje. Isso significa que poderá ficar mais tempo que os concorrentes na pista e tentar surpreender.*

9º parágrafo: Comentário (avaliação e expectativa), em reação verbal – dissertação e narração passada

*“A gente resolveu fazer uma aposta e, pelo menos hoje [ontem], acho que deu certo. Fazer a volta com os pneus duros podia me colocar lá atrás no grid, e vou largar em quarto”, disse Massa sobre o fato de os tempos com os compostos médios serem melhores do que com os duros. “Arrisquei e estou otimista.”*

Nessa notícia, cujo EP se refere ao fato de Rosberg largar em primeiro lugar, superando a Ferrari e Red Bull, há mais presença do tipo dissertativo e pouca argumentação, no sentido *stricto sensu*. Os operadores argumentativos estão mais ausentes, e a argumentação ocorre mais no sentido lato, ou seja, o jornalista não se posiciona a favor de determinado piloto, deixando o foco da notícia para a exposição dos comentários dos próprios esportistas.

O infográfico ao lado da notícia, com imagens dos carros dos pilotos e suas respectivas classificações no treino, apresenta as funções de **mostrar quem** e mostrar **como funciona**, na medida em que mostra como acontecerá a largada da corrida.

O predomínio de Comentário em reação verbal deixa a notícia menos subjetiva, na medida em que o jornalista tira de si a responsabilidade sobre os comentários, os quais são expressos, principalmente, pelo personagem da notícia.

Temos, então, que o objetivo no nível micro de comentar sobre um treino de classificação de fórmula 1 influencia a composição da notícia, que realiza, na maioria dos parágrafos, a categoria de Comentários. Por sua vez, essa categoria é preenchida, predominantemente, pelo tipo dissertativo, uma vez que o locutor está mais interessado em expor as opiniões e as expectativas dos próprios pilotos, e não de se posicionar a respeito do treino ou da corrida que acontecerá.

A variação nessa notícia, portanto, ocorre, principalmente, em termos de superestrutura e de tipo textual, sendo predominantemente dissertativa e realizando, na maioria dos parágrafos, a categoria Comentários. O quadro abaixo resume as características da notícia acima.

Quadro 28 – Características composicionais da notícia em (35).

<b>MANCHETE:</b> Rosberg surpreende a si mesmo e é pole	
<b>LINHA FINA:</b> Com o melhor tempo do alemão, Mercedes supera Red Bull e Ferrari e larga em 1º pela segunda vez no mundial	
<b>Conteúdo Temático</b>	O piloto de fórmula 1 Rosberg, da Ferrari, larga em primeiro lugar, superando a si mesmo e deixando para trás a Mercedes e a Red Bull
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º Comentário e <i>Lead</i>; 2º ao 4º Comentário; 5º Detalhes do EP; 6º Detalhes do EP e Comentário; 7º, 8º e 9º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Conjugação dos tipos dissertação e narração.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico ao lado da foto de Rosberg.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> disposição típica do layout da notícia, com Manchete no topo, em posição de destaque, seguida de uma Linha Fina. Foto com legenda no meio do texto.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Linguagem que pressupõe o compartilhamento de conhecimento, com termos relacionados à Fórmula 1, como <i>pole position</i> , GP (em referência a Grande Prêmio), médios, mais duros e compostos (para se referir ao tipo dos pneus). Os verbos estão no passado ou no futuro nos trechos narrativos e no presente e no passado nos trechos dissertativos.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, expor os comentários dos pilotos de fórmula 1.

Quadro 29 – Categorias de contexto em (35).

<b>AMBIENTE (tempo e espaço)</b>	Momento de divulgação e discussão sobre as competições de Fórmula 1.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de especialista na editoria de esporte.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem compartilha o conhecimento social e especializado que é divulgado e como interessado no assunto.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação simétrica entre o jornalista e o leitor, criando mais uma relação de camaradagem, como amigos comentando o fato<sup>25</sup>.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de comentar o treino de classificação do GP do Bahrein e expor os comentários dos pilotos.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de comentar e expor comentários dos personagens da notícia.

Além da dissertação e argumentação, também observamos nas notícias com o conteúdo temático relacionado a eventos esportivos, com o objetivo de comentar, a ocorrência do tipo narrativo; porém, a narração é usada mais como um suporte para o jornalista comentar o que ocorreu ou o que irá ocorrer, e menos para registrar uma sucessão de fatos, que caminham ou não para um resultado.

## 6.2 Variação da notícia em decorrência da categoria Eu-mesmo – lugar ideológico

Além dos objetivos e intenções-de-ações do Eu-mesmo, essa categoria, central no modelo de contexto, abrange também aspectos ideológicos – como crenças e valores –, que influenciam a produção do discurso em vários níveis e planos, como podemos observar na notícia abaixo, do caderno *Saúde+ciência*.

<sup>25</sup> Essa relação de camaradagem é marcada pela grande quantidade da categoria Comentário, em reação verbal, em que o jornalista transcreve a fala do piloto, sem se posicionar sobre o assunto (nem tentar convencer) e sem marcar que é dotado de um conhecimento que o leitor não possui.

(36)

FOLHA DE SÃO PAULO  
QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 C5

# saúde+ciência

CONCENTRAÇÃO DO CONSUMO DE ALCOOL

24% — Os 5% que mais bebem consomem 24% do volume total de álcool no país

45% — 10% dos que mais bebem

20% dos que mais bebem

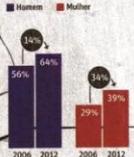


## Consumo excessivo de álcool cresce 24% entre as mulheres

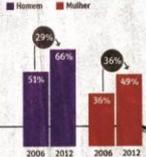
Entre 2006 e 2012, aumentou para 18,5% a parcela de brasileiras que tomam quatro doses ou mais em duas horas

COPO A COPO  
Foram entrevistadas 4.607 pessoas com 14 anos ou mais em 149 municípios

Percentual dos que bebem uma vez por semana ou mais entre os adultos não abstêmios



Proporção dos que bebem 5 ou mais unidades de álcool em 2 horas (homens) ou 4 ou mais (mulheres)



E dose é considerada equivalente a:  
1 lata de cerveja  
1/2 garrafa de cerveja  
1 taça de vinho  
1 dose de destilado

Dos 48% de homens que bebem, 17% não dependem ou abusam

Números são de estudo nacional sobre consumo de álcool que entrevistou mais de 4.600 brasileiros

CLÁUDIA COLLECCI  
DE SÃO PAULO  
FERNANDO TAHEI MORAES  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

As mulheres estão bebendo mais e com mais frequência. Nos últimos seis anos, a proporção das que consomem álcool de forma excessiva aumentou 24%, passando de 14,9% para 18,5% das brasileiras.

É o que revela o segundo levantamento nacional de álcool, divulgado ontem pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Foram entrevistadas 4.607 pessoas com 14 anos ou mais em 149 municípios brasileiros. Desse total, 1.157 eram adolescentes.

Segundo Ronaldo Laranjeira, professor titular de psiquiatria da Unifesp e coordenador do levantamento, o aumento do consumo de álcool por mulheres reflete a maior frequência do ato de beber socialmente, e não em casa. "Mulheres que socializam com homens estão bebendo tanto quanto eles."

Esse consumo excessivo de álcool é o que os especialistas chamam de "binge", isto é, a ingestão de quatro unidades ou mais de bebida, para mulheres, e cinco unidades ou mais, para homens, em um período curto de tempo (duas horas).

Na pesquisa, uma unidade de álcool equivale a uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de vodka.

Entre 2006 e 2012, houve um aumento de 31% nessa

forma de consumo entre os brasileiros que bebem. Dentro desse universo, aumento de 31% para 66% a parcela dos homens com consumo excessivo. Entre as mulheres que bebem, esse padrão de consumo cresceu de 36% para 49%.

No mesmo período, entre a mulheres que bebem, o índice de consumo frequente cresceu 24,2%, passando de 29% (2006) para 39% (2012). Os dados mostram que, no geral, houve um aumento de 20% na proporção de bebedores frequentes (uma vez por semana ou mais).

ENCHER A LATA  
Segundo Laranjeira, o brasileiro tem um comportamento diferente em relação à bebida do observado em outras partes do mundo.

"Na Europa e nos EUA, temos uma taxa baixa de abstêmios e uma taxa alta de bebedores moderados. Aqui, há muitos abstêmios e, comparando com o levantamento de 2006, quem já bebia passou a beber mais e com maior frequência", disse o psiquiatra.

O levantamento mostra que quase um em cinco bebedores frequentes consome álcool de forma abusiva e tem um comportamento compatível com dependência.

Os dados também mostram que 22% dos adultos que bebem afirmaram já não terem sido capazes de conseguir parar de beber em alguma ocasião; 10% disseram que não sabem já se machucou em consequência do seu consumo de álcool; 8% admitiram que o uso de álcool já teve um efeito prejudicial no seu trabalho; e 9% relataram que houve o prejuízo à família ou ao relacionamento.

Para Laranjeira, o aumento no consumo excessivo de



A dona de casa Sueli, 46, que foi alcoólatra por 16 anos

álcool pela população brasileira reflete o aumento da renda nos últimos anos, principalmente entre as classes mais baixas.

Enquanto na classe A o consumo "binge" se manteve o mesmo, nas classes C, D e E, houve, respectivamente, um aumento de 43%, 43% e 48% nesse tipo de consumo.

Os editais da "Lei Seca" também já podem ser percebidos: houve diminuição de 2% na proporção de pessoas que relatam terem dirigido após o consumo de álcool no último ano.

Segundo Ilano Pinsky, professor da Unifesp que também participou do levantamento, entre as medidas que podem ajudar a reduzir a con-

### DEPOIMENTO

'Engravidei na balada e não sei quem é o pai'

DE SÃO PAULO

Após 16 anos de alcoolismo, inclusive durante duas gestações, a dona de casa Sueli, 46, conseguiu abandonar o vício.

"Fui abandonada pela minha mãe aos seis anos e passei a ser criada pela minha avó. Era uma família que não consumia álcool, mas meus pais, minha mãe e meu irmão, todos eram alcoólatras. Minha irmã morreu de overdose."

Comecei a beber cedo, com 15, 16 anos. Já nos bailes nos fins de semana, mas era tímida, tinha vergonha de namorar, de dançar. Já descobri que, depois de alguns cervejas, me tornava poderosa.

Aos poucos, comecei a beber a partir de quinta-feira. Aos 21, engravidei na balada. Não me lembro de nada. Não sei quem é o pai da minha filha. Mesmo grávida, continuei bebendo.

Tive minha filha, mas não cuidava. Largava com a minha avó alcoólatra e ia para as baladas beber.

Quando minha filha tinha nove meses, resolvi montar com um homem que mal conhecia. Tive sorte, foi um homem que me acolheu, que falou: 'Pare de trabalhar e cuide da sua filha'.

Mas em vez de cuidar dela, passei a beber mais. Só que em casa. Meu vizinho

USO DE ALCOOL NA POPULAÇÃO

16% dos adultos tomam 4 doses ou mais por ocasião

32% bebem moderadamente

52% dos adultos não bebem



culdavam dela.

Conseguiram as brigas, físicas e verbais. Meu marido chegava em casa do trabalho e queria a esposa. Encontrava uma bebida.

Quatro anos depois, nasceu minha segunda filha. Também a gerei no álcool. A partir daí, o descontrole foi total. Era minha filha maior que cuidava da casa, de mim e da casa.

Eu deixava a menor na escotilha, às 10h da manhã. Depois, passava na quitanda, comprava bebida (no começo era cerveja, depois passou a ser pinga com açúcar), começava a beber em casa e apagava.

Um dia, minha filha menor quebrou uma garrafa de vinho e bati tanto que ela ficou dois dias de cama (começo a chorar completamente). No dia seguinte, eu não me lembrava de nada.

E ela dizia: 'Eu odio a senhora, não tenho mãe'. Até hoje ela não me perdona.

Já a maior conseguiu entender que tudo o que eu fiz era por causa de uma dor chamada alcoolismo, não foi por maldade.

No dia 31 de janeiro de 1998, decidi dar um novo rumo à minha vida. Liguei para o AA [Alcoólicos Anônimos]. No dia seguinte, ingressei na imandade.

A partir daí, comecei a ser mãe de fato. Depois disso, tive mais dois filhos, que hoje têm 14 e 11 anos. Eles dizem: 'Mãe, eu te amo'. Das filhas mais velhas, nunca ouvi isso."

Leia depoimentos na íntegra: [folha.com/saude](http://folha.com/saude)

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abr. de 2013. Ciência + Saúde, C5.

O Evento Principal da notícia acima aparece na Manchete ("Consumo excessivo de álcool cresce 24% entre as mulheres") e Linha Fina ("Entre 2006 e 2012, aumentou para 18,5% a parcela de brasileiras que tomam quatro doses ou mais em duas horas") e é retomado no *Lead*, que é realizado de maneira prototípica, no primeiro e segundo parágrafos.

A variação relevante na **estrutura composicional** - disposição dos elementos no texto - refere-se à maneira como a foto que acompanha a notícia aparece, mostrando apenas o contorno da mulher entrevistada, que possui sua imagem escurecida, impossibilitando sua identificação. A mulher aparece dessa maneira porque sua imagem está relacionada ao alcoolismo, um vício que, na nossa sociedade, é mais condenado do que o vício dos fumantes, por exemplo, e o preconceito é maior com as mulheres.

É importante observar que o nome da mulher na foto também não é posto de forma completa no texto escrito. Ou seja, há uma variação (geralmente se apresentam os nomes completos e a imagem nítida nas fotos) em função da perspectiva ideológica do jornal e da sociedade sobre alcoolismo e, sobretudo, sobre mulheres alcoólatras.

Além disso, outra variação é a Manchete e a primeira Linha Fina ao centro, acompanhadas de um infográfico (com cores destacadas) que aparece antes da notícia e que ocupa um espaço maior que esta. As imagens são bastante ilustrativas e explicam (função **mostrar como funciona**) por si o Evento Principal, que é o aumento do consumo de álcool pelas mulheres entre 2006 e 2012. A cor vinho no título do caderno (*Saúde + ciência*) com o fundo em azul marca a identidade visual, assim como a cor laranja no caderno *Esporte*, também com o fundo em azul.

Os parágrafos seguintes ao *Lead* trazem detalhes do estudo realizado com os brasileiros em relação ao consumo de bebida alcoólica e traz Comentário em reação verbal de um psiquiatra, autoridade no assunto abordado.

Essa notícia em questão realiza, além da ação de informar a população sobre o abuso de álcool entre os brasileiros e entre as mulheres, a ação de expor um estudo feito sobre o alcoolismo. Não há variação que revele a influência contextual de outra ação/objetivo, como de orientar/aconselhar ou vender, conforme já mostramos em outras notícias, pois não há marcas na superfície linguística, como uso de imperativo, que nos mostre um objetivo de venda, de orientação ou de defesa explícita de um ponto de vista, conforme observamos na transcrição da notícia a seguir.

1º parágrafo: *Lead* - dissertação (exposição da conclusão do estudo realizado pela Unifesp)

*As mulheres estão bebendo mais e com mais frequência. Nos últimos seis anos, a proporção das que consomem álcool de forma excessiva aumentou 24%, passando de 14,9% para 18,5% das brasileiras.*

2º parágrafo: *Lead* - dissertação (exposição da conclusão do estudo realizado pela Unifesp)

*É o que revela o segundo levantamento nacional de álcool, divulgado ontem pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).*

3º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada (explicação de como foi feito o estudo)

*Foram entrevistadas 4.607 pessoas com 14 anos ou mais em 149 municípios brasileiros. Desse total, 1.157 eram adolescentes.*

4º parágrafo: Background Passado, em discurso indireto, por meio da citação do discurso de uma autoridade no assunto (dissertação presente) e Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal, no segundo período (dissertação presente).

*Segundo Ronaldo Laranjeira, professor titular de psiquiatria da Unifesp e coordenador do levantamento, o aumento do consumo de álcool por mulheres reflete a maior frequência do ato de beber socialmente, e não em casa. “Mulheres que socializam como homens estão bebendo tanto quanto eles.”*

5º parágrafo: Detalhes do EP – dissertação (explicação de conceitos relacionados à pesquisa realizada)

*Esse consumo excessivo de álcool é o que os especialistas chamam de “binge”, isto é, a ingestão de quatro unidades ou mais de bebida, para mulheres, e cinco unidades ou mais, para homens, em um período curto de tempo (duas horas).*

6º parágrafo: Detalhes do EP – dissertação (explicação de conceitos relacionados à pesquisa realizada)

*Na pesquisa, uma unidade de álcool equivale a uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de vodka.*

7º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada (da espécie não história), usada em intercâmbio para fazer um comentário dissertativo (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*Entre 2006 e 2012, houve um aumento de 31% nessa forma de consumo entre os brasileiros que bebem.*

8º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada (da espécie não história), usada em intercâmbio para fazer um comentário dissertativo (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*Dentro desse universo, aumentou de 51% para 66% a parcela dos homens com consumo excessivo. Entre as mulheres que bebem, esse padrão de consumo cresceu de 36% para 49%.*

9º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada (da espécie não história), usada em intercâmbio para fazer um comentário dissertativo (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*No mesmo período, entre as mulheres que bebem, o índice de consumo frequente cresceu 34,5%, passando de 29% (2006) para 39% (2012).*

10º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada (da espécie não história), usada em intercâmbio para fazer um comentário dissertativo (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*Os dados mostram que, no geral, houve um aumento de 20% na proporção de bebedores frequentes (uma vez por semana ou mais).*

### **Subtítulo: Encher a lata**

1º parágrafo: Detalhes do EP – dissertação (explicação de fatos relacionados à pesquisa)

*Segundo Laranjeira, o brasileiro tem um comportamento diferente em relação à bebida do observado em outras partes do mundo.*

2º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – dissertação presente (explicação dos resultados da pesquisa realizada) e narração não história

*“Na Europa e nos EUA, temos uma taxa baixa de abstêmios e uma taxa alta de bebedores moderados. Aqui, há muitos abstêmios e, comparando com o levantamento de 2006, quem já bebia passou a beber mais e com maior frequência”, disse o psiquiatra.*

3º parágrafo: Detalhes do EP – dissertação (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*O levantamento mostra que quase um em cinco bebedores frequentes consome álcool de forma abusiva e tem um comportamento compatível com dependência.*

4º parágrafo: Detalhes do EP – dissertação (explicação dos resultados da pesquisa realizada)

*Os dados também mostram que 32% dos adultos que bebem afirmaram já não terem sido capazes de conseguir parar de beber em alguma ocasião; 10% disseram que alguém já se machucou em consequência do seu consumo de álcool; 8% admitem que o uso de álcool já teve um efeito prejudicial no seu trabalho e 9% relataram que houve prejuízo à família e ao relacionamento.*

5º parágrafo: Background Passado, em discurso indireto, com citação da fala de uma autoridade no assunto – dissertação (explicação da causa do aumento no consumo de álcool)

*Para Laranjeira, o aumento no consumo excessivo de álcool pela população brasileira reflete o aumento da renda nos últimos anos, principalmente entre as classes mais baixas.*

6º parágrafo: Background Passado, em discurso indireto da fala de uma autoridade no assunto – dissertação (explicação da causa do aumento no consumo de álcool)

*Enquanto na classe A o consumo “binge” se manteve o mesmo, nas classes C, D e E, houve, respectivamente, um aumento de 43%, 43% e 48% nesse tipo de consumo.*

7º parágrafo: Evento Secundário – dissertação (explicação dos efeitos da Lei Seca na diminuição do número de pessoas que bebem e dirigem)

*Os efeitos da “Lei Seca” também já podem ser percebidos: houve diminuição de 21% na proporção de pessoas que relatam terem dirigido após o consumo de álcool no último ano.*

8º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa, em discurso indireto de uma autoridade no assunto – dissertação

*Segundo Ilana Pinsky, professora da Unifesp que também participou do levantamento, entre as medidas que podem ajudar a reduzir o consumo estão o aumento de preços das bebidas e a restrição dos locais de venda e da publicidade.*

9º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa, em discurso indireto de uma autoridade no assunto, no primeiro período, e em reação verbal no segundo período – dissertação *O professor da Unifesp vê omissão do Ministério da Saúde em relação ao problema do álcool. “Não há políticas públicas nem de tratamento nem de prevenção”.*

Na notícia acima, outra variação significativa, além da foto escurecida, é o uso de discurso indireto no Background Passado, para mostrar as causas do EP, que se refere ao aumento no consumo de álcool na sociedade brasileira. A partir da citação de uma autoridade no assunto, o jornalista dá mais credibilidade ao que está afirmando, uma vez que não é ele mesmo quem explica o fato, mas o próprio pesquisador do estudo. O recurso ao discurso indireto aparece também na categoria Comentários, em que as afirmações dos pesquisadores são citadas pelo jornalista, tanto para avaliar a situação quanto para fazer prospecções sobre possíveis soluções, como ocorre nos dois últimos parágrafos.

Também relacionada à estrutura composicional, outra variação relaciona-se ao tipo dissertativo preenchendo a categoria Detalhes do Evento Principal, pois o jornalista expõe ao leitor o estudo realizado pela Unifesp, explicando fatos, conceitos e resultados das entrevistas aos brasileiros.

A dissertação também aparece na categoria do Background Passado, quando o locutor da notícia mostra as causas do EP a partir da citação do discurso do pesquisador, como no quarto parágrafo e no quinto e sexto parágrafos após o subtítulo. Temos, portanto, as categorias Comentário e Detalhes do EP como predominantemente dissertativas, e não narrativas, como ocorre nas notícias mais prototípicas.

É significativa também a importância dada ao infográfico, que ocupa mais espaço na página do jornal em relação à notícia. Essa é uma característica que podemos relacionar ao caderno *Saúde+ciência*, em que os infográficos são grandes, coloridos e explicam o Evento Principal, podendo o leitor deixar de ler a notícia, pois não terá prejuízo de conhecimento.

A partir de um lugar ideológico que condena as mulheres alcoólatras, a notícia é publicada com uma variação em um elemento da estrutura composicional, a saber: a foto escurecida, impossibilitando a identificação da mulher. Além disso, o uso de discurso indireto na categoria Background e o tipo dissertativo na categoria Detalhes do EP também são

variações em relação a notícias mais prototípicas. Essas variações constam no quadro-resumo abaixo.

Quadro 30 – Características composicionais da notícia em (36).

<p><b>MANCHETE:</b> Consumo excessivo de álcool cresce 24% entre as mulheres</p> <p><b>LINHA FINA 1:</b> Entre 2006 e 2012, aumentou para 18,5% a parcela de brasileiras que tomam quatro doses ou mais em duas horas</p> <p><b>LINHA FINA 2:</b> Números são de estudo nacional sobre consumo de álcool que entrevistou mais de 4.600 brasileiros</p>	
<p><b>Co</b></p> <p><b>Te</b></p>	<p>Segundo estudo nacional sobre consumo de álcool entre os brasileiros, aumentou em 24% o consumo de álcool entre as mulheres.</p>
<p><b>Estrutura</b></p> <p><b>a</b></p>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º e 2º <i>Lead</i>; 3º Detalhes do EP; 4º Background Passado; 5º ao 10º Detalhes do EP; Após subtítulo: 1º Detalhes do EP, 2º Comentário; 3º e 4º Detalhes do EP; 5º e 6º Background Passado; 7º Evento Secundário; 8º e 9º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Predominantemente dissertativa, com alguns narrativos nas explicações do estudo, como em “... 32% dos que beberam afirmaram já não terem sido capazes de conseguir parar de beber em alguma ocasião...” (4º parágrafo, após o subtítulo)</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico com imagens e números.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> disposição atípica do layout da notícia, com Manchete, uma Linha Fina e infográfico em posição de destaque, acima da notícia. Foto com legenda no meio do texto, mas sem a possibilidade de identificação da</p>
<p><b>Estilo</b></p>	<p>peessoa, cujo nome não aparece completo nem abaixo da foto nem no corpo da notícia.</p>
<p><b>Função sociocomunicativa</b></p>	<p>Linguagem clara, sem termos específicos, procurando atingir um maior número de pessoas.</p>

O objetivo é, além de informar, expor e divulgar um estudo realizado

sobre o alcoolismo na sociedade brasileira.

Temos, portanto, que a categoria contextual Eu-mesmo, a partir do lugar ideológico, que marca um valor negativo para as mulheres alcoólatras, influencia no aparecimento de uma foto escurecida de uma mulher que foi viciada em álcool por 16 anos. Além disso, como possui o objetivo, no nível micro, de expor um estudo realizado, a notícia é, de forma bastante atípica, predominantemente dissertativa e possui muitas falas de autoridades no assunto.

Ao lado da notícia é publicado um depoimento (como podemos visualizar melhor em 37, após o quadro 31) da mulher citada, que funciona como uma espécie de alerta em relação às consequências que o alcoolismo pode trazer. Percebemos que no caderno *Saúde+ciência* há uma ideologia relacionada ao bem-estar físico e emocional, que parte de um lugar de quantidade, comparando com os *topoi* argumentativos, ou seja, quanto mais saúde, melhor. Em decorrência disso, são condenados nesse caderno hábitos que a sociedade considera como vícios e prejudiciais; e o caderno funciona como um “conselheiro” do leitor e tende a orientá-lo a ter mais saúde.

Já mostramos aqui uma notícia desse caderno, mas que é influenciada pelos objetivos do locutor, e realiza a ação de orientação e aconselhamento sobre o uso de antibióticos (exemplo 25). Isso comprova o que afirmamos sobre os cadernos serem apenas uma primeira evidência de contextos distintos que influenciam na composição das notícias; assim como a dinâmica de funcionamento das categorias contextuais. Além disso, o fato de num mesmo caderno encontrarmos notícias com ações e objetivos no nível micro que são diferentes justifica nossa opção pela organização de nossos resultados por categorias contextuais que influenciam a notícia, e não por cadernos. Sobre as categorias contextuais, o quadro abaixo nos mostra suas atuações.

Quadro 31 – Categorias de contexto na notícia em (36)

<p><b>AMBIENTE</b> <b>(tempo espaço)</b></p>	<p>O jornal-instituição evidencia uma preocupação com o consumo nacional de álcool entre homens e mulheres, compartilhando valores sociais que prezam pela saúde e qualidade de vida das pessoas na sociedade.</p>
<p><b>PARTICIPANTES</b></p>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de divulgador de uma pesquisa científica relacionada a questões de saúde e bem-estar.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento social e especializado que é divulgado.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação</p>

	semelhante àquela existente entre médico e paciente, em que o primeiro orienta o segundo sobre como ter mais saúde.
<b>EU-MESMO</b> Possui a	intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de divulgar uma pesquisa científica e alertar os leitores sobre o consumo excessivo de álcool.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de divulgar um estudo, o objetivo de alertar a população sobre o abuso de bebida alcoólica.

(37)

**Números são de estudo nacional sobre consumo de álcool que entrevistou mais de 4.600 brasileiros**

**CLÁUDIA COLLUCCI**  
DE SÃO PAULO  
**FERNANDO TADEU MORAES**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

As mulheres estão bebendo mais e com mais frequência. Nos últimos seis anos, a proporção das que consomem álcool de forma excessiva aumentou 24%, passando de 14,9% para 18,5% das brasileiras.

É o que revela o segundo levantamento nacional de álcool, divulgado ontem pela Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Foram entrevistadas 4.607 pessoas com 14 anos ou mais em 149 municípios brasileiros. Desse total, 1.157 eram adolescentes.

Segundo Ronaldo Laranjeira, professor titular de psiquiatria da Unifesp e coordenador do levantamento, o aumento do consumo de álcool por mulheres reflete a maior frequência do ato de beber socialmente, e não em casa. "Mulheres que socializam como homens estão bebendo tanto quanto eles."

Esse consumo excessivo de álcool é o que os especialistas chamam de "binge", isto é, a ingestão de quatro unidades ou mais de bebida, para mulheres, e cinco unidades ou mais, para homens, em um período curto de tempo (duas horas).

Na pesquisa, uma unidade de álcool equivale a uma lata de cerveja, uma taça de vinho ou uma dose de vodca.

Entre 2006 e 2012, houve um aumento de 31% nessa

forma de consumo entre os brasileiros que bebem.

Dentro desse universo, aumentou de 51% para 66% a parcela dos homens com consumo excessivo. Entre as mulheres que bebem, esse padrão de consumo cresceu de 36% para 49%.

No mesmo período, entre as mulheres que bebem, o índice de consumo frequente cresceu 34,5%, passando de 29% (2006) para 39% (2012).

Os dados mostram que, no geral, houve um aumento de 20% na proporção de bebedores frequentes (uma vez por semana ou mais).

**ENCHER A LATA**

Segundo Laranjeira, o brasileiro tem um comportamento diferente em relação à bebida do observado em outras partes do mundo.

"Na Europa e nos EUA, temos uma taxa baixa de abstêmios e uma taxa alta de bebedores moderados. Aqui, há muitos abstêmios e, comparando com o levantamento de 2006, quem já bebia passou a beber mais e com maior frequência", disse o psiquiatra.

O levantamento mostra que quase um em cinco bebedores frequentes consome álcool de forma abusiva e tem um comportamento compatível com dependência.

Os dados também mostram que 32% dos adultos que bebem afirmaram já não terem sido capazes de conseguir parar de beber em alguma ocasião; 10% disseram que alguém já se machucou em consequência do seu consumo de álcool; 8% admitem que o uso de álcool já teve um efeito prejudicial no seu trabalho e 9% relataram que houve o prejuízo à família ou ao relacionamento.

Para Laranjeira, o aumento no consumo excessivo de

**DEPOIMENTO**

**'Engravidei na balada e não sei quem é o pai'**

DE SÃO PAULO

Após 16 anos de alcoolismo, inclusive durante duas gestações, a dona de casa Suelli, 46, conseguiu abandonar o vício. (CC)

★

"Fui abandonada pela minha mãe aos seis anos e passei a ser criada pela minha avó. Era uma família que não gerava amor, gerava álcool. Meus avós, minha mãe e meu irmão, todos eram alcoólatras. Minha irmã morreu de overdose.

Comecei a beber cedo, com 15, 16 anos. Ia aos bailes nos fins de semana, mas era tímida, tinha vergonha de namorar, de dançar.

Aj descobri que, depois de algumas cervejas, me tornava poderosa.

Aos poucos, comecei a beber a partir de quinta-feira. Aos 21, engravidei na balada. Não me lembro de nada. Não sei quem é o pai da minha filha. Mesmo grávida, continuei bebendo.

Tive minha filha, mas não cuidava. Largava com a minha avó alcoólatra e ia para as baladas beber.

Quando minha filha tinha nove meses, resolvi morar com um homem que mal conhecia. Tive sorte, foi um homem que me acolheu, que falou: 'Pare de trabalhar e cuide da sua filha'.

Mas em vez de cuidar dela, passei a beber mais. Só que em casa. Meus vizinhos

**A dona de casa Suelli, 46, que foi alcoólatra por 16 anos**

álcool pela população brasileira reflete o aumento da renda nos últimos anos, principalmente entre as classes mais baixas.

Enquanto na classe A o consumo "binge" se manteve o mesmo, nas classes C, D e E, houve, respectivamente, um aumento de 43%, 43% e 48% nesse tipo de consumo.

Os efeitos da "Lei Seca" também já podem ser percebidos: houve diminuição de 21% na proporção de pessoas que relatam terem dirigido após o consumo de álcool no último ano.

Segundo Ilana Pinsky, professora da Unifesp que também participou do levantamento, entre as medidas que podem ajudar a reduzir o con-

sumo estão o aumento de preços das bebidas e a restrição dos locais de venda e da publicidade.

O professor da Unifesp vê omissão do Ministério da Saúde em relação ao problema do álcool. "Não há políticas públicas nem de tratamento nem de prevenção".

**“Tive minha filha, mas não cuidava. Largava com a minha avó alcoólatra e ia para as baladas beber”**

SUELLI, 46  
Dona de casa

cuidavam dela.

Começaram as brigas, físicas e verbais. Meu marido chegava em casa do trabalho e queria a esposa. Encontrava uma bêbada.

Quatro anos depois, nasceu minha segunda filha. Também a gerei no álcool. A partir daí, o descontrole foi total. Era minha filha maior que cuidava da caçula, de mim e da casa.

Eu deixava a menor na escolinha, às 10h da manhã. Depois, passava na quitanda, comprava bebida [no começo era cerveja, depois passou a ser pinga com açúcar], começava a beber em casa e apegava.

Um dia, minha filha menor quebrou uma garrafa de vinho e bati tanto que ela ficou dois dias de cama [começa a chorar compulsivamente]. No dia seguinte, eu não me lembrava de nada.

E ela dizia: 'Eu odeio a senhora, não tenho mãe'. Até hoje ela não me perdoa.

Já a maior conseguiu entender que tudo o que eu fiz foi por causa de uma doença chamada alcoolismo, não foi por maldade.

No dia 13 de janeiro de 1998, decidi dar um novo rumo na minha vida. Liguei para o AA [Alcoólicos Anônimos]. No dia seguinte, ingressei na irmandade.

A partir daí, comecei a ser mãe de fato. Depois disso, tive mais dois filhos, que hoje têm 14 e 11 anos. Eles dizem: 'Mamãe, eu te amo'. Das filhas mais velhas, nunca ouvi isso."

**Leia depoimentos na íntegra**  
folha.com/saude

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abr. de 2013. Ciência + Saúde, C5.

Ainda em relação à ideologia do locutor, percebemos na notícia de (38) abaixo que, apesar de o jornalista não afirmar explicitamente que acha um ato de desonestidade a reforma feita no apartamento que será ocupado pelo presidente da corte, a seleção das informações apresentadas nos revela sua posição ideológica sobre esse evento.

(38)

**O BANHEIRO DE BARBOSA**  
Quanto custam nas lojas os itens previstos no edital

**Chuveiro (mais equipamentos) R\$ 1,16 mil**  
• Produtos de boa qualidade podem custar R\$ 330, segundo pesquisa da Folha

**Cuba para pia R\$ 563**  
• No mercado, cuba de boa qualidade custa R\$ 220. Modelos mais simples saem por R\$ 40

**Tampa do vaso sanitário R\$ 396**  
• Modelo semelhante foi achado por R\$ 267. Preço vai de R\$ 20 a R\$ 75 para outras marcas

Fonte: quatro lojas especializadas de Brasília

**STF gasta R\$ 90 mil em reforma para Barbosa**  
Custo se refere a obra nos quatro banheiros de imóvel que será usado por presidente da corte

**RUBENS VALENTE ANDREZA MATAIS DE BRASÍLIA**

O STF (Supremo Tribunal Federal) gastará R\$ 90 mil para reformar, com material de "primeira qualidade", os quatro banheiros do apartamento funcional que o presidente da corte, Joaquim Barbosa, ocupará a partir de julho.

O presidente do STF decidiu mudar do apartamento funcional que já ocupa na Asa Sul, em Brasília, para um mais amplo, de 523 metros quadrados, na mesma região. A futura residência do ministro, com cinco quartos, quatro salas, biblioteca e adega, era ocupada até o final do ano passado pelo ministro Ayres Britto, que se aposentou do STF em novembro.

Do total da obra, R\$ 78 mil serão pagos à empresa que venceu um pregão eletrônico na semana passada e outros R\$ 12 mil sairão de contratos com outras empresas já em andamento, na instalação de vidros, espelhos e uma banheira, que será adquirida, segundo o STF, com recursos próprios de Barbosa.

O primeiro valor equivale ao custo total da construção de uma residência de 32 metros quadrados do programa Minha Casa Minha Vida.

O edital do pregão prevê a aquisição de 23 peças em mármore e granito por R\$ 15,5 mil. Um terço desse valor irá para uma prateleira e uma bancada. Assento e tampo dos quatro vasos sanitários custarão R\$ 396 cada.

Na presidência do STF e do CNJ, Barbosa adota um rigoroso discurso de contenção de despesas do Judiciário.

Na semana passada, envolveu-se em polêmica com entidades de juízes, ao criticar gastos desnecessários com a criação de Tribunais Regionais Federais.

Segundo o STF, a reforma será feita por conta do "desgaste pelo tempo de uso". A corte nega que tenha partido de Barbosa a ordem para a reforma, mas não apontou o responsável pelo lançamento do edital, ocorrido durante a atual gestão.

De acordo com a assessoria, a exigência de materiais de "primeira qualidade, sem manchas, defeitos ou imperfeições" foi feita "para evitar o fornecimento de materiais inadequados ou de qualidade duvidosa".

Folha de S. Paulo, S. Paulo, 20 de abril de 2013. Poder, A6.

A notícia acima possui a seguinte organização de superestrutura: 1º parágrafo: *Lead* – narração futura

*O STF (Supremo Tribunal Federal) gastará R\$ 90 mil para reformar, com material de "primeira qualidade", os quatro banheiros do apartamento funcional que o presidente da corte, Joaquim Barbosa, ocupará a partir de julho.*

2º parágrafo: Background Passado – narração passada

*O presidente do STF decidiu mudar do apartamento funcional que já ocupa na Asa Sul, em Brasília, para um mais amplo, de 523 metros quadrados, na mesma região.*

3º parágrafo: Background Passado – narração passada e descrição (sublinhada)

*A futura residência do ministro, com cinco quartos, quatro salas, biblioteca e adega, era ocupada até o final do ano passado pelo ministro Ayres Britto, que se aposentou do STF em novembro.*

4º parágrafo: Detalhes do EP – narração futura

*Do total da obra, R\$ 78 mil serão pagos à empresa que venceu um pregão eletrônico na semana passada e outros R\$ 12 mil sairão de contratos com outras empresas já em andamento, na instalação de vidros, espelhos e uma banheira, que será adquirida, segundo o STF, com recursos próprios de Barbosa.*

5º parágrafo: Detalhes do EP - descrição

*O primeiro valor equivale ao custo total da construção de uma residência de 32 metros quadrados do programa Minha Casa Minha Vida.*

6º parágrafo: Detalhes do EP – narração futura

*O edital do pregão prevê a aquisição de 23 peças em mármore e granito por R\$ 15,5 mil. Um terço desse valor irá para uma prateleira e uma bancada. Assento e tampo dos quatro vasos sanitários custarão R\$ 396 cada.*

7º parágrafo: Comentário (avaliação)- dissertação

*Na presidência do STF e do CNJ, Barbosa adota um rigoroso discurso de contenção de despesas do Judiciário.*

8º parágrafo: Evento Secundário – narração passada

*Na semana passada, envolveu-se em polêmica com entidades de juízes, ao criticar gastos desnecessários com a criação de tribunais Regionais Federais.*

9º parágrafo: Background Passado – narração futura e narração presente (segundo período)

*Segundo o STF, a reforma será feita por conta do “desgaste pelo tempo de uso”. A corte nega que tenha partido de Barbosa a ordem para a reforma, mas não apontou o responsável pelo lançamento do edital, ocorrido durante a atual gestão.*

10º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação, em reação verbal – narração passada

*De acordo com a assessoria, a exigência de materiais de “primeira qualidade, sem manchas, defeitos ou imperfeições” foi feita “para evitar o fornecimento de materiais inadequados ou de qualidade duvidosa.*

A notícia acima é predominantemente argumentativa, embora a tese defendida pelo jornalista não esteja explícita na superfície linguística, mas pode facilmente ser inferida pelo leitor, principalmente a partir da leitura dos parágrafos 7º e 8º. O ponto de vista presente é de que o presidente da corte, Joaquim Barbosa, apesar de proferir discursos sobre gastos desnecessários, está de acordo (a notícia não deixa claro quem pediu a reforma – cf. parágrafo 9º) com o gasto de R\$ 90 mil reais para reformar quatro banheiros de seu apartamento.

Na construção da notícia, o jornalista apresenta dados e fatos que vão construindo uma identidade negativa, relacionada à desonestidade, ao personagem da notícia. A descrição do apartamento no terceiro parágrafo inicia o tom argumentativo, mostrando uma certa ostentação por parte dos que ocupam o imóvel. Em seguida, no quarto parágrafo, a descrição

de como serão gastos os R\$ 90 mil da reforma - R\$ 78 mil para uma única empresa e R\$ 12 mil para outras empresas – sugere que essas empresas, principalmente a que ficará com a maior parte do dinheiro, estão sendo beneficiadas com a reforma.

O quinto parágrafo causa uma certa indignação ao afirmar que o valor de R\$ 78 mil que a única empresa que venceu o pregão ganhará equivale à construção de uma residência do programa Minha Casa Minha Vida. O parágrafo seguinte segue no mesmo tom, ao afirmar que um terço de R\$15,5 mil serão gastos com uma prateleira e uma bancada.

Vale ressaltar que, logo no primeiro parágrafo, as aspas (elemento do **estilo verbal**) usadas na expressão “primeira qualidade”, além de se referir à fala da assessoria do STF, carregam uma ironia e já anunciam a linha argumentativa da notícia, que condena a reforma anunciada.

A defesa do ponto de vista do jornal fica bem clara na leitura do infográfico ao lado da notícia, que tem como título: “**O banheiro de Barbosa**” (bastante irônico!). Usando a linguagem não verbal (**estrutura composicional**) nas imagens dos itens que serão reformados no banheiro, há uma comparação entre os preços desses itens em algumas lojas de Brasília e o preço que foi pago na reforma. O jornal reforça que os produtos mais baratos também são de boa qualidade, conforme “apurou pesquisa da Folha”.

Portanto, temos a influência do lugar ideológico do Eu-mesmo na composição da notícia, que se mostra predominantemente narrativa com propósito argumentativo, defendendo um ponto de vista sobre o fato noticiado, a partir da seleção das informações que compõem os parágrafos, do uso da ironia e da junção da linguagem verbal e não verbal (infográfico).

Vale ressaltar que esse tipo de notícia, mais argumentativa, é exceção nos cadernos *Poder* e *Mundo* (constituídos na maioria por notícias prototípicas), sendo a notícia acima uma variação do primeiro caderno, em que o jornal procura ocultar mais as marcas de subjetividade e de posição ideológica.

Quadro 32 – Características composicionais da notícia em (38).

<b>MANCHETE:</b> STF gasta R\$ 90 mil em reforma para Barbosa	
<b>LINHA FINA:</b> Custo se refere a obra nos quatro banheiros de imóvel que será usado por presidente da corte	
<b>Conteúdo Temático</b>	Serão gastos R\$ 90 mil para reformar quatro banheiros de um imóvel que será ocupado por Barbosa, presidente da corte.

<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º <i>Lead</i>; 2º e 3º Background Passado; 4º ao 6º Detalhes do EP; 7º Comentário; 8º Evento Secundário; 9º Background passado; 10º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Predominantemente argumentativa, sendo que a narração, a descrição e a dissertação estão compondo a linha argumentativa defendida.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> infográfico com forte peso na argumentação construído com linguagem verbal e não verbal.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> disposição típica do layout da notícia, com Manchete e Linha Fina acima do texto, em posição de destaque.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Linguagem clara, sem termos específicos.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, argumentar sobre o fato noticiado, defendendo uma tese desfavorável ao presidente da corte.

As variações acima são justificadas pelo objetivo do Eu-mesmo, que consta no quadro abaixo.

Quadro 33 – Categorias de contexto na notícia (38).

<b>AMBIENTE (tempo espaço)</b>	Momento de discussão sobre corrupção e o julgamento do “ <b>mensalão</b> ”, cujo relatório foi divulgado em edição do dia anterior ao da notícia em questão.
<b>PARTICIPANTES</b>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de denunciador de uma injustiça social.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento social que é divulgado.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> é estabelecida uma relação de poder, em que o jornalista, dotado de um senso crítico, se coloca como <b>denunciador</b>, “<b>alertando</b>” o leitor sobre uma injustiça social.</p>
<b>EU-MESMO</b>	Possui a intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de defender um ponto de vista sobre o fato noticiado.
<b>AÇÕES/EVENTOS</b>	Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de argumentar e defender um ponto de vista.

Também na estrutura composicional, observamos a influência de aspectos ideológicos, no que se refere à organização da notícia na página do jornal e à escolha da foto para ilustrar, como mostramos a seguir na análise da notícia em (39), que foi publicada no *Estado de S. Paulo*, em 20 de agosto de 2011, no caderno *Política*.

Apesar da notícia abaixo não fazer parte do jornal cujas notícias constituem a quase totalidade de nosso *corpus* de análise, é pertinente mostrarmos a sua construção, pois trata-se de um tipo de variação em termos da disposição dos elementos no texto que não encontramos no recorte que fizemos na *Folha de S. Paulo*.

No exemplo que segue abaixo, há uma notícia com a Manchete “Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidaturas”, e a foto de Dilma, que parece fazer parte dessa notícia, acompanhando o texto. Porém, após a leitura do texto noticioso e da legenda abaixo da imagem, percebemos que se trata de textos distintos.

A foto de Dilma, na verdade, faz parte do texto “Honras Militares”, publicado abaixo da imagem, mas a disposição gráfica da página do jornal nos leva a interpretar a foto de uma **espada “atravessando” a presidente como constituinte** da notícia “Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidatura”.

A leitura da imagem caminha para a construção de uma depreciação do governo vigente e da então presidente da república, sentido que é velado (mas pretendido) no texto verbal. O texto da notícia comenta a opção dos peemedebistas de escolherem candidatos próprios para as eleições presidenciais de 2014, uma vez que o partido não confia mais na aliança com o PT. Já a imagem, que fala por si, mostra-nos a presidente da república sendo “atravessada” por uma espada, ou seja, acompanhada da notícia, tenta construir uma fragilidade do atual governo, tendo em mente o contexto histórico da publicação: as crises em cinco ministérios, que foram alvo da mídia durante todo o ano de 2011 e 2012.

(39)

Descontentes com tratamento do PT e receosos sobre empenho da presidente para manter aliança, dirigentes preparam candidaturas

João Domingos / BRASÍLIA

Nas reuniões com dirigentes estaduais e municipais do PMDB Brasilafora, o presidente interino do partido, senador Valdir Raupp (RO), insiste em dizer que todos devem estar preparados para a possibilidade de trabalhar por um candidato da legenda à sucessão da presidente Dilma Rousseff.

"Nós temos de construir nomes para a sucessão em 2014", disse Raupp ao Estado. "Temos vários, mas outros podem surgir." Os peemedebistas, que já se movimentam para 2014, têm três nomes neste momento. Um deles é o do vice Michel Temer (SP). Os outros são os do ex-ministro Nelson Jobim (Defesa) e do governador do Rio, Sérgio Cabral.

Por trás dessa defesa da candidatura própria há dois recados do PMDB. Um, dirigido aos peemedebistas descontentes com a forma como julgam estar sendo



### Honras militares

Recebida em solenidade de gala, na Academia de Agulhas Negras, a presidente Dilma Rousseff assistiu ontem à entrega de espadas a 441 cadetes que cursam o primeiro dos quatro anos da escola de formação de oficiais.

São F

Em fa  
Minisi  
Paulo  
públic

• [  
sua p  
Técni  
docur

• [

Sente

1.  
se en  
ção d  
dos c  
Coor  
PUC-

2.  
Contr  
Minisi

zoom: x3

Estado de S. Paulo, São Paulo, 20 de agosto de 2011. Política.

Desse modo, o jornal-instituição tenta construir uma verdade através da junção da imagem ao texto verbal, explorando a disposição gráfica da mídia. Esse procedimento, que pode passar despercebido dos leitores, revela o descontentamento do próprio jornal em relação ao governo, mostrando uma determinada posição ideológica dessa mídia: sua oposição à atual presidente.

Isso foi possível porque houve uma mudança contextual. O evento comunicativo do qual faz parte a imagem envolve participantes e objetivos totalmente diversos do evento produzido pelo jornal. Na verdade, a foto é apenas uma de uma sequência (Veja em 40), que faz parte de uma cerimônia militar, da qual participou a presidente da república.

(40)







Sequência de imagens tiradas pelo jornalista Wilton Júnior, da Agência Estado.

Nesse contexto, a espada “perpassada” possui um sentido completamente diferente do produzido pelo jornal, que recortou a terceira imagem de uma sequência, provocando então o sentido que se refere à fraqueza do PT. Há nesse caso a influência do lugar ideológico do Eu-mesmo, na escolha e disposição dos elementos na página do jornal, um elemento de estrutura composicional. Em termos de realização de superestrutura, temos a seguinte divisão:

1º parágrafo: Lead – narração presente

*Nas reuniões com dirigentes estaduais e municipais do PMDB Brasil afora, o presidente interino do partido, senador Valdir Raupp (RO), insiste em dizer que todos devem estar preparados para a possibilidade de trabalhar por um candidato da legenda à sucessão da presidente Dilma Rousseff.*

2º parágrafo: Comentário, do tipo expectativa, em reação verbal injuntiva (sublinhado) e Detalhes do EP – narração presente

*"Nós temos de construir nomes para a sucessão em 2014", disse Raupp ao Estado. "Temos vários, mas outros podem surgir." Os peemedebistas, que já se movimentam para 2014, têm três nomes neste momento. Um deles é o do vice Michel Temer (SP). Os outros são os do ex-ministro Nelson Jobim (Defesa) e do governador do Rio, Sérgio Cabral.*

3º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – dissertação

*Por trás dessa defesa da candidatura própria há dois recados do PMDB. Um, dirigido aos peemedebistas descontentes com a forma como julgam estar sendo tratados pelo PT na aliança, com denúncias de corrupção nos ministérios em que atuam. O outro recado é destinado à presidente Dilma Rousseff, uma esfinge que o partido não consegue decifrar.*

4º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – há uma tese (sublinhada) construída com texto dissertativo e narração

*De acordo com dirigentes do PMDB, o que o partido hoje pergunta é se Dilma é capaz de chefiar uma aliança como a que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva conduziu. Será Dilma uma parceira confiável para a manutenção da aliança? Ou será preciso construir alternativas? O PMDB tem queixas quanto ao peso do que seus dirigentes chamam de "chicote do PT". O partido sempre reivindicou um lugar no conselho político da presidente, para influenciar no dia a dia do governo. Mas não conseguiu. Quis a divisão do governo em partes iguais. O PT não aceitou.*

5º parágrafo: Comentário, do tipo avaliação – descrição e dissertação

*Números. Para mostrar sua importância, o PMDB gosta de exibir números. Tem o vice-presidente, 5 ministros, 5 governadores, 8 vice-governadores, 80 deputados, 20 senadores e 2.324.339 filiados. Ainda assim, tem gente que não acredita que o PT cumpra o acordo pelo qual o deputado Henrique Alves (RN) seja o sucessor de Marco Maia (PT) na presidência da Câmara, em 2013.*

6º parágrafo: Detalhes do EP – narração passada

*Em quase todas as eleições passadas, uma ala do PMDB sempre tentou lançar candidato à Presidência, mas o apego a coligações predominou. Em 2002, fez aliança com o tucano José Serra e a deputada Rita Camata (PMDB-ES) entrou como vice. Dois anos depois, aderiu ao governo Lula, ganhou ministério e estatais. Em 2006, continuou com ele e, em 2010, fez a aliança com Dilma e elegeu o vice-presidente.*

7º parágrafo: Detalhes do EP - descrição

*Os dissidentes são raros, como o senador Jarbas Vasconcelos (PE). No setor independente estão os senadores Pedro Simon (RS), Luiz Henrique (SC), Casildo*

*Maldaner (SC), Eduardo Braga (AM), Roberto Requião (PR) e Ricardo Ferraço (ES). Se o assunto for um candidato próprio em 2014, eles se unem.*

Pela leitura dos parágrafos acima, percebemos que o lugar ideológico também influencia na estrutura composicional da notícia, que se mostra predominantemente argumentativa, pois usa a narração e a descrição para sustentar o ponto de vista de que o PT tem se mostrado um partido pouco confiável para estabelecer uma aliança.

A argumentação mostra-se mais marcante no quarto parágrafo, em que as perguntas giram em torno da desonestidade do PT e da presidente da república, configurando uma tese. **O terceiro parágrafo, que comenta o “recado” que é dado a partir da atitude dos peemedebistas, já anuncia a opinião que está sendo defendida, sendo a expressão “esfinge” (estilo verbal) usada para se referir à presidente indicativa de depreciação.**

Há portanto, semelhantemente à notícia de (38), uma variação na estrutura composicional, no que se refere à disposição dos elementos no texto e ao tipo textual **predominante, assim como no que se refere ao estilo verbal, no uso do termo “esfinge”,** denotando ironia.

Percebemos que a posição ideológica do jornalista e do jornal influenciam a prática desses profissionais no que se refere à construção do gênero notícia, mesmo que seja de uma maneira mais implícita, como na seleção da matéria a ser publicada e na organização dos textos e elementos não verbais na página impressa.

### **6.3 Variação da notícia em decorrência da categoria Ambiente**

A influência do contexto em que estão inseridos leitor e jornalista, especificamente da categoria Ambiente, pode ser percebida, principalmente, no caderno de *Turismo*, em que os lugares que são temas das notícias e de outros gêneros, geralmente, estão sendo alvo de muitos comentários no momento da edição do jornal.

Não nos esqueçamos, também, da influência ideológica na própria construção da imprensa daquilo que merece destaque, ou seja, ao mesmo tempo em que o jornal divulga temas que estão em voga no momento, ele ajuda na constituição dos temas que entram para o cenário de divulgação.

Desse modo, apesar de afirmarmos que a categoria Ambiente influencia no conteúdo temático das notícias em geral, não estamos excluindo o fato de que tudo o que é publicado é de interesse da “empresa jornalística” (Marshall, 2015).

(41)

★  
★  
★

FOLHA DE S. PAULO  
QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 F1

**turismo**

Mesquita Nova, às margens do Chifre de Ouro

**DUTY FREE**  
Veja as diferenças de preço entre loja do aeroporto e supermercados  
Pág. F8 ▶

**MALVINAS**  
Roteiros lembram a guerra travada por Margaret Thatcher  
Págs. F10 a F12 ▶

**ISTAMBUL**  
além da novela

Conheça as atrações da cidade da **Turquia** que a trama “Salve Jorge”, em parte ambientada lá, pouco explora

**MARINA DELLA VALLE**  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA  
EM ISTAMBUL

Istambul, a maior cidade da Turquia, acaba de ser eleita o melhor destino da Europa em uma votação on-line, promovida pela organização sem fins lucrativos European Consumers Choice.

Mas a cidade não está em alta apenas entre os turistas do velho continente.

Entre 2010 e 2012, o número de brasileiros que foram a Istambul aumentou 36% —passou de 65,2 mil para 88,9 mil em dois anos.

A partir de julho, em resposta ao interesse crescente dos brasileiros, a Turkish Airlines passa a voar diariamente de São Paulo para Istambul —atualmente, são quatro voos por semana.

Embora não existam dados mais recentes, é razoável su-

por que a novela global “Salve Jorge”, parcialmente filmada na cidade turca, tenha atraído ainda mais a curiosidade dos brasileiros.

Quem acha, porém, que Istambul se resume ao que se vê no folhetim está enganado, bem enganado.

Na trama de Gloria Perez, cujo íbopse subiu nas últimas semanas, aparecem pontos turísticos imperdíveis, como a mesquita Azul e a basílica

de Santa Sofia.

Por outro lado, locais como a mesquita Nova e o bazar de Especiarias mal são explorados pela novela.

Assim como a torre de Gálata, que costuma ser vista apenas em breves imagens panorâmicas. É, no entanto, um ponto obrigatório, onde o turista tem a melhor vista de Istambul.

A torre fica diante do Sultane Mehmet, o bairro histórico, e dali é possível avistar cúpulas de palácios e templos —a mesquita Nova fica em primeiro plano. Do outro lado da ponte de Gálata, a mesquita de Süleymaniye se impõe na paisagem.

Do alto, dá para ver a junção do Chifre de Ouro (braço de mar que divide a parte europeia da cidade) com o estreito de Bósforo (que separa as porções asiática e europeia) e o mar de Mármara.

Após visitar a torre, desça e faça um passeio pela região de Gálata. Ao longo do Chifre de Ouro, do lado direito da ponte, há quiosques de guloseimas e restaurantes que servem sanduíche de peixe, uma iguaria local.

Definitivamente, Istambul vai muito além da novela.

Colaborou **CAICO FELITTI**

▶ **LEIA MAIS** nas págs. F2 a F7

Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 de abr. de 2013. Turismo, F1.

A notícia de (41) foi publicada na época em que estava sendo transmitida pela TV **Globo a novela “Salve Jorge”, que foi filmada também na Turquia. Todo o caderno** dessa edição foi dedicado a várias cidades desse país, como Istambul, apresentando os principais pontos turísticos e atrações desse local.

Por que esse país e não outro? A referência à novela aparece na capa, na Manchete: “Istambul além da novela”, mostrando a relação com o momento de produção do texto, ou seja, o Tempo e o Espaço – categorias contextuais - favoreceram aquela notícia, e não outra, exercendo uma influência no **conteúdo temático** do gênero.

A notícia é predominantemente argumentativa, uma vez que procura mostrar ao leitor argumentos que comprovam sua tese principal: Istambul tem muito mais atrativos além daqueles que são exibidos na novela. Essa tese aparece na Manchete e possui um reforço no último parágrafo. Além disso, há variação na superestrutura textual, cuja realização apresentamos abaixo.

1º parágrafo: Evento Secundário 1, relacionado ao EP – narração presente

*Istambul, a maior cidade da Turquia, acaba de ser eleita o melhor destino da Europa em uma votação on-line, promovida pela organização sem fins lucrativos European Consumers Choice.*

2º parágrafo: Comentário (tese 1) - argumentação

*Mas a cidade não está em alta apenas entre os turistas do velho continente.*

3º parágrafo: Comentário (argumento da tese 1) – narração passada

*Entre 2010 e 2012, o número de brasileiros que foram a Istambul aumentou 36% - passou de 65,2 mil para 88,9 mil em dois anos.*

4º parágrafo: Evento Secundário 2 – narração presente

*A partir de julho, em resposta ao interesse crescente dos brasileiros, a Turkish Airlines passa a voar diariamente de São Paulo para Istambul – atualmente, são quatro voos por semana.*

5º parágrafo: Comentário - dissertação /argumentação

*Embora não existam dados mais recentes, é razoável supor que a novela global “Salve Jorge”, parcialmente filmada na cidade turca, tenha atizado ainda mais a curiosidade dos brasileiros.*

6º parágrafo: Comentário (tese 2) - argumentação

*Quem acha, porém, que Istambul se resume ao que se vê no folhetim está enganado, bem enganado.*

7º parágrafo: Comentário – dissertação / argumentação (argumentos para tese 2)

*Na trama de Glória Perez, cujo lobo subiu nas últimas semanas, aparecem pontos turísticos imperdíveis, como a mesquita Azul a basílica de Santa Sofia.*

8º parágrafo: Comentário – dissertação / argumentação (argumentos para tese 2)

*Por outro lado, locais como a mesquita Nova e o bazar de Especiarias mal são explorados pela novela.*

9º parágrafo: Comentário – dissertação / argumentação (argumentos para tese 2)

*Assim como a torre de Gálata, que costuma ser vista apenas em breves imagens panorâmicas. É, no entanto, um ponto obrigatório onde o turista tem a melhor vista de Istambul.*

10º parágrafo: Comentário – descrição / argumentação (argumentos para tese 2)

*A torre fica diante do Sultanameht, o bairro histórico, e dali é possível avistar cúpulas de palácios e templos – a mesquita Nova fica em primeiro plano. Do outro lado da ponte Gálata, a mesquita de Suleymaniye se impõe na paisagem.*

11º parágrafo: Comentário – descrição / argumentação (argumentos para tese 2)

*Do alto, dá para ver a junção do chifre de Ouro (braço de mar que divide a parte europeia da cidade) com o estreito de Bósforo (que separa as porções asiática e europeia) e o mar de Mármara.*

12º parágrafo: Comentário – descrição / injunção (sublinhado) argumentação (argumentos para tese 2)

Após visitar a torre, desça e faça um passeio pela região de Gálata. Ao longo do Chifre de Ouro, do lado direito da ponte, há quiosques de guloseimas e restaurantes que servem sanduíche de peixe, uma iguaria local.

13º parágrafo: Comentário - dissertação / reforço da tese 2 (argumentação)

*Definitivamente, Istambul vai muito além da novela.*

Antes de apresentar no texto a tese principal, no sexto parágrafo, o jornalista expõe outra tese, no segundo parágrafo, que funciona como argumento para a tese principal. Nesse sentido, ao afirmar na tese 2 que a cidade de Istambul não está em alta apenas entre os europeus, apresentando argumentos no sexto e sétimo parágrafos que comprovam essa afirmação, o jornalista ganha mais facilmente a adesão do leitor à sua tese principal.

Ora, se Istambul foi eleita o melhor destino da Europa (1º parágrafo), está sendo muito visitada pelos brasileiros (3º parágrafo) e haverá voos de São Paulo para Istambul diariamente (4º parágrafo); fica difícil não concordar (a uma leitura ingênua!) com a ideia de que Istambul possui ótimos atrativos, muito mais além daquilo que é mostrado na novela.

Do 7º ao 12º parágrafos, são apresentados os argumentos de exemplo (FIORIN 2005) que sustentam a tese afirmada no sexto parágrafo, e o jornalista apresenta uma série de opções e atrativos turísticos do local.

A notícia de (41), portanto, influenciada pela categoria Ambiente (Tempo de Espaço), apresenta um conteúdo temático que possui uma relação significativa com seu contexto de produção e com um tema que é de interesse da própria mídia que seja muito comentado e divulgado. Esse EP é, de forma atípica, predominantemente descritivo (Manchete) e injuntivo (Linha Fina: “Conheça as atrações que a cidade da Turquia que a novela ‘Salve Jorge’, em **parte ambientada lá, pouco explora**”).

Além de influenciar a temática da notícia, a categoria contextual citada acima também influencia a realização da superestrutura textual, pois há o predomínio da categoria Comentário, a qual é preenchida pelo tipo argumentativo realizado muito comumente por descrições, pois o que é pretendido pelo jornalista e pelo jornal é promover o lugar que é tema da notícia. Isso é comum no caderno de *Turismo*, como já afirmamos.

Há, assim, a defesa do ponto de vista que valoriza a cidade de Istambul, na tentativa de convencer o leitor a visitar o local. Não fosse a estreita relação com o momento de produção - há na Linha Fina e no corpo da notícia, no quinto parágrafo, a referência à novela, - essa notícia poderia compor os exemplos daquelas influenciadas pelo objetivo de vender.

Uma variação no estilo verbal que ocorre apenas na Linha Fina e no último parágrafo, mas que é recorrente no caderno de *Turismo*, é a presença de verbo no imperativo, mostrando o apelo direto ao leitor para que se concretize a visita ao local. O uso do imperativo gera um EP, e um conteúdo temático, também nesse modo verbal, outra variação típica desse caderno. Resumimos as características da notícia (41) no quadro abaixo.

Quadro 34 – Características composicionais da notícia em (41).

<b>MANCHETE:</b> Istambul além da novela	
<b>LINHA FINA:</b> Conheça as atrações da cidade da Turquia que a trama “Salve Jorge”, em parte ambientada lá, pouco explora	
<b>Conteúdo Temático</b>	Conheça as atrações da Turquia que a novela “Salve Jorge” pouco mostra
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º Evento Secundário; 2º e 3º Comentário; 4º Evento Secundário; 5º ao 12º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Predominantemente argumentativa, com tese, argumentos e reforço da tese no último parágrafo.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem de Istambul no início, ocupando quase todo o espaço da capa.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> disposição atípica do layout da notícia, com a imagem antes do texto da notícia.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Linguagem clara, sem termos específicos e menos dependente da imagem do leitor.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, argumentar e convencer o leitor de que Istambul é o melhor lugar da Europa para ser visitado.

Outro exemplo da influência da categoria Ambiente na delimitação do assunto da notícia é o texto em (42), capa do caderno *Turismo*, que transcrevemos abaixo, com destaque nosso nas referências ao contexto de produção.

1º parágrafo: Comentário (avaliação) – argumentação (tese)

*Fiordes da Noruega: ao lado de Alhambra (Espanha), da Capadócia (Turquia), de Fernando de Noronha, de Torres Del Paine (Chile) ou do Pantanal, uma paisagem para figurar em qualquer lista de lugares a visitar antes de morrer. Desde sempre, não é só por causa do filme “Frozen”.*

2º parágrafo: Comentário (avaliação) - dissertação / argumentação (argumento)

***Os magos animadores da Disney foram quase realistas na representação desses conjuntos de montanhas, cachoeiras e mar. Os fiordes, afinal, não precisam de Hollywood para dar espetáculo.***

3º parágrafo: Comentário (avaliação) - narração passada/ argumentação (argumento)

***Nem da declaração de patrimônio natural dada pela Unesco ao fiordes d' Geiranger e d' Naeroy, em 1995.***

4º parágrafo – Comentário (avaliação) – dissertação, narração /argumentação (argumento)

***Nem da referência na série de livros “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, de Douglas Adams (1979), em que o designer de planetas Slartibartfast ganha um prêmio por ter projetado os fiordes noruegueses. Para serem verdadeiramente cinematográficos, os fiordes só precisam ser vistos. A olho nu.***

Em termos de superestrutura, a notícia acima é bastante semelhante à de (41), pois também é predominantemente argumentativa. O ponto de vista defendido pode ser percebido na Linha Fina: **“Os Fiordes da Noruega estão no último filme da Disney, ‘Frozen’, e em série de livros Cult, mas só indo ao país para compreender a beleza desses cenários”**. Ou seja, é argumentado que, apesar de os fiordes terem sido retratados no filme da Disney e em livros, é preciso ir até o local para conhecer a sua verdadeira beleza. Essa tese é reforçada no último parágrafo, nos dois últimos períodos.

No primeiro parágrafo, após comentário do jornalista, temos a tese, no último período: o fato de que os fiordes desde sempre merecem serem visitados, e não apenas por causa do **filme “Frozen”**. Essa referência ao contexto de produção negando o valor da mídia que está divulgando o local é uma estratégia argumentativa que apareceu também na notícia (41) e que na (42) conduz toda a argumentação do texto.

Nos parágrafos seguintes, o locutor enumera tudo aquilo de que os fiordes não precisariam para serem espetaculares. Ao fazer essa negação, o jornalista utiliza uma estratégia argumentativa para introduzir e ressaltar os fatos que são usados como argumentos a favor de se conhecer o lugar em foco. Na verdade o jornalista reforça o valor de todos os **elementos que são “dispensáveis” para comprovar** o valor dos fiordes: representação por

Hollywood, declaração de patrimônio cultural, referência na série de livros de Douglas Adams.

O EP (bastante atípico), assim como nas notícias do caderno *Ilustrada*, é mínimo, pois é registrado apenas na Manchete (composta de três palavras, sem verbo) e Linha Fina, principalmente nesta segunda, em que há a justificativa para que o leitor infira uma determinação do tipo injuntivo, a saber: vá até a Noruega e verá como os fiordes são maravilhosos.

O quadro abaixo resume a composição da notícia em (42), cuja temática, relacionada aos fiordes noruegueses, está na maioria dos textos do caderno, conforme os anexos (13) e (14).

Quadro 35 – Características composicionais da notícia em (42).

<b>MANCHETE:</b> Realidade ou ficção?	
<b>LINHA FINA:</b> Os fiordes da Noruega estão no último filme da Disney, Frozen, e em série de livros Cult, mas só indo ao país para compreender a beleza desses cenários.	
<b>Conteúdo Temático</b>	A beleza do cenário dos fiordes da Noruega é tamanha que só indo ao local para compreender e conferir.
<b>Estrutura Composicional</b>	<p><b>1. SUPERESTRUTURA TEXTUAL:</b> 1º ao 4º Comentário.</p> <p><b>2. TIPO:</b> Predominantemente argumentativa (com narração e dissertação), com tese e argumentos.</p> <p><b>3. USO DE VÁRIAS LINGUAGENS:</b> imagem dos fiordes, fonte maior e em negrito em algumas palavras da Linha Fina, destacando o EP.</p> <p><b>4. DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO TEXTO:</b> disposição atípica do layout da notícia, com a imagem antes do texto da notícia, em posição de destaque.</p>
<b>Estilo verbal</b>	Linguagem clara, sem termos específicos e menos dependente da imagem do leitor. Manchete sem verbo.
<b>Função sociocomunicativa</b>	O objetivo é, além de informar, argumentar e convencer o leitor a visitar os fiordes da Noruega para conferir sua extraordinária beleza.

Ressaltamos que a categoria Ambiente está presente na delimitação do assunto de praticamente todas as notícias que são publicadas em determinada edição do jornal; porém, essa categoria pode se mostrar mais evidente, influenciando significativamente a escolha das

notícias, como nos exemplos (41) e (42), que se referem de forma explícita ao momento/contexto de produção. O quadro abaixo mostra outras categorias do contexto nessas notícias.

Quadro 36 – categorias de contexto nas notícias em (41) e (42).

<p><b>AMBIENTE</b> (tempo espaço)</p>	<p>(41) Momento em que o canal aberto mais assistido pela população <b>(Rede Globo) exibe a novela “Salve Jorge”, ambientada também na Turquia, além do Brasil.</b></p> <p>(42) Momento de divulgação do filme de animação <b>“Frozen”, da Disney, ambientado na Noruega.</b></p>
<p><b>PARTICIPANTES</b></p>	<p><b>Jornalista:</b> assume o papel social de guia turístico, conhecedor do local divulgado.</p> <p><b>Leitor:</b> é visto como quem não compartilha o conhecimento social que é divulgado e como um turista, interessado em conhecer novos lugares. Há ainda uma identidade do leitor relacionada a pessoas que possuem alto poder aquisitivo, haja vista o custo elevado da maioria das viagens divulgadas no caderno <i>Turismo</i>.</p> <p><b>Relação entre os participantes:</b> assim como em algumas notícias com o objetivo de venda, há uma aparente relação de amizade, que esconde na verdade o interesse do jornal em promover o local divulgado.</p>
<p><b>EU-MESMO</b> Possui a</p>	<p>intenção-de-ação de escrever uma notícia, com o objetivo de promover determinado local e convencer o leitor a visitá-lo.</p>
<p><b>AÇÕES/EVENTOS</b></p>	<p>Ato de fala realizado: percebemos, para além da ação de informar, a ação de argumentar, apresentando justificativas que induzem o leitor a visitar o local.</p>

(42)

FOLHA DE SÃO PAULO  
QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2014 F1

**turismo**

**DURMA SEM ESSA**  
Confira dicas  
para identificar  
percevejos e se  
livrar deles  
Pag. F7 ▶

À esq., pedra Trolltunga,  
na região do fiorde  
Hardanger, na Noruega



**realidade?  
ou ficção?**

Os **fiorde**  
da **Noruega**  
estão no último  
filme da Disney,  
'**Frozen**', e em  
série de livros cult,  
mas só indo ao país  
para compreender  
a **beleza**  
desses cenários

**MARCELO LEITE**  
ENVIADO ESPECIAL À NORUEGA

Fiorde da Noruega: ao lado de Alhambra (Espanha), da Capadócia (Turquia), de Fernando de Noronha, de Torres del Paine (Chile) ou do Pantanal, uma paisagem para figurar em qualquer lista de lugares a visitar antes de morrer. Desde sempre, e não é só por causa do filme "Frozen". Os magos animadores da Disney foram quase realistas na representação desses conjuntos de montanhas, cachoeiras e mar. Os fiorde, afinal, não precisam de Hollywood para dar espetáculo.

Nem da declaração de patrimônio natural dada pela Unesco ao fiorde de Geiranger e de Nærøy, em 1995. Nem da referência na série de livros "O Guia do Mochileiro das Galáxias", de Douglas Adams (1979), em que o designer de planetas Slartibartfast ganha um prêmio

por ter projetado os fiorde noruegueses. Para serem verdadeiramente cinematográficos, os fiorde só precisam ser vistos. A olho nu.

O jornalista viajou a convite do escritório de turismo Innoventis Norway Visit Norway

LEIA MAIS nas págs. F4 a F6

SAIBA MAIS  
FORMAÇÃO É  
LONGO VALE QUE  
LEMBRA LETRA 'U'  
Fiorde nada mais são que longos vales em formato de "U" escavados no caminho de geleiras, imensos rios de gelo que levam séculos, milênios, para se formar. Embora sofram marés e tenham correntes poderosas na sua boca para o oceano, eles se parecem mais com longos lagos de águas tranquilas — porém salgadas.

Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 de julho de 2014. *Turismo*. Capa.

## 7. AS VARIAÇÕES E SUAS RELAÇÕES

A partir das análises apresentadas no capítulo anterior, propomos algumas generalizações sobre as variações encontradas em nosso *corpus*. Toda variação está relacionada à ação pretendida pelo locutor, bem como aos objetivos, ambos no nível micro. Se é pretendido vender algo além de informar, por exemplo, são apresentadas ao leitor características e fatos que constroem uma imagem positiva daquilo que o jornal pretende vender, seja um CD, um livro ou até mesmo um comportamento social, como no caso do exemplo (16).

Nesse sentido, os elementos da estrutura composicional, do estilo verbal e do conteúdo temático estão em estreita relação com os elementos contextuais, entendidos na perspectiva sociocognitiva assumida neste trabalho como o modelo de contexto que controla a produção e a compreensão dos gêneros textuais. Se o objetivo é vender, por exemplo, a notícia pode ser constituída pela conjugação da narração, descrição e dissertação, que podem ter função argumentativa, além de realizar, principalmente, as categorias de superestrutura textual Comentário e Detalhes do EP.

Desse modo, as categorias de superestrutura textual estão intimamente relacionadas ao contexto de produção e às ações pretendidas. Como afirma Van Dijk (1983):

[...] podemos suponer que determinadas propiedades cognitivas e sociales de lós contextos están relacionadas com categorias específicas em las superestructuras (VAN DIJK, 1983, P. 150)

[...]

**De esto, parece poder deducirse que el ‘hallar’ determinadas categorías para** la descripción de las superestructuras puede ser determinado, aunque, em sentido estricto, indiretamente, por um análisis de las posibles funciones que tienen estas categorías em el contexto comunicativo (VAN DIJK, 1983, P. 150)

[...]

Al buscar uma base común para las estructuras globales no nos queda más remedio que tener presente que lós esquemas muy probablemente no son arbitrarios y que están em estrecha relación com los aspectos semânticos y pragmáticos de los textos y de la comunicación o que, como mínimo, em um principio, existia esta relación (VAN DIJK, 1983, P. 150).

O autor afirma, em obra anterior à que define o contexto, a relação entre as categorias de superestrutura e os aspectos pragmáticos e sociais, os quais nos remetem às ações e objetivos do Eu-mesmo no momento de produção do gênero. Essa é a ponte, portanto, entre o texto concreto, a marcas linguísticas, e os elementos sociais/contextuais que estão presentes na produção e na compreensão dos gêneros textuais.

Em relação às notícias em que há a influência da categoria Eu-mesmo, em função dos objetivos, em que há o **objetivo de vender**, temos como principais resultados de nossa análise<sup>26</sup>:

1. Em relação à **estrutura composicional**, a notícia:

a) deixa de ser predominantemente narrativa, e passa a ser constituída pelo cruzamento da narração, descrição e injunção com a argumentação;

b) realiza, predominantemente, as categorias Comentário, seguida de Detalhes do EP, preenchidas por narração e descrição, que mostram uma imagem positiva do que é noticiado;

c) o tipo narrativo possui a função de agregar valor ao que é noticiado, e não apenas elencar uma sucessão de fatos numa sequência temporal;

2. Em relação aos elementos de **superfície linguística, ou estilo verbal**, a notícia:

a) apresenta valores e formas de pagamento do objeto noticiado;

b) apresenta verbos no imperativo, que pode aparecer inclusive na Manchete e Linha Fina;

c) possui muitos adjetivos, que ajudam na construção de uma imagem positiva do objeto que é tema da notícia, assim como ocorre com os verbos no passado que marcam o tipo narrativo.

3. Em relação ao **conteúdo temático**, que está relacionado ao **EP**, a notícia:

a) pode apresentar **um EP que conjuga a narração e a injunção, como em “Pague para ver os filmes dos cineastas” (14) e em “Conheça as atrações da Turquia ...” (41)**. No caso das notícias em que a ação de venda pode ser uma ação posterior à de aconselhamento/orientação, o EP é predominantemente descritivo, como em: “Capital e arredores...(23), “Passeios mostram...” (3), “Yo é...” (24).

Nas notícias com o objetivo de vender, o locutor, na figura do jornalista, assume também o papel social de publicitário, pois faz uma promoção do objeto da notícia, na tentativa de convencer e persuadir. Nesse processo de tentativa de estabelecimento da ação de

<sup>26</sup> Ressaltamos que, como nossa pesquisa tem um caráter qualitativo, e não quantitativo, não procuramos, em nosso procedimento de análise, atingir um número determinado de recorrência de variação, sendo apenas uma amostra de mudança na composição de algum elemento do gênero suficiente para verificarmos a variação da notícia em decorrência de alguma categoria contextual.

venda, há uma relação entre jornalista e leitor marcada por uma aparente simetria, em que o primeiro se coloca como um facilitador daquilo que é noticiado, mas na verdade há a tentativa de convencer o leitor, visto como um consumidor, a consumir o que é noticiado/vendido.

Nas notícias em que há o objetivo de **orientar/aconselhar**, temos como principais resultados:

1. Em relação à **estrutura composicional**:

a) a notícia é predominantemente descritiva ou dissertativa, podendo haver ainda a argumentação;

b) há, principalmente, a categoria Detalhes do EP, seguida de Comentário;

c) a categoria Detalhes do EP pode aparecer em reação verbal, como na notícia (30). Isso ocorre com o objetivo de dar mais crédito à descrição realizada, o que em (30) contribui para a venda das Letras de Crédito que são tema da notícia;

d) a categoria Comentário pode aparecer em reação verbal, com a função de dar mais credibilidade ao que está sendo exposto na notícia. Nos casos mais típicos, essa categoria, quando aparece em reação verbal, tem a função de tirar a responsabilidade do jornal sobre o comentário realizado;

e) a categoria Background Passado pode ser realizada com o tipo dissertativo, e não com o narrativo. Isso ocorre na notícia de (25), em que o Background expõe conceitos relacionados à pesquisa feita por cientistas, com o objetivo de orientar o leitor sobre o processo de formação das super-bactérias;

f) especificamente nos cadernos *Mercado* e *Infovest*, há mais tabelas e gráficos e pouca foto, sendo esta apenas de personalidades do mundo *business*.

g) especificamente nos cadernos *Tec* e *Saúde+ciência*, os infográficos possuem posição de destaque na página, aparecendo antes da Manchete e, principalmente, com as funções de mostrar conceito e mostrar como funciona.

2. Sobre os elementos de **superfície linguística**:

a) no caderno *Folhainvest*, há um léxico específico, que revela a imagem do leitor como alguém que compartilha do conhecimento cultural de uma comunidade epistêmica;

b) o tom de orientação é dado, principalmente, por estruturas sintáticas modalizadoras, e menos imperativas, como: “é recomendado”, “precisa ficar atento”, “outra possibilidade”, dentre outras. Isso nos mostra que a injunção é mais do subtipo conselho e menos do subtipo ordem.

3. Sobre o **conteúdo temático**, as notícias que realizam a ação de orientação/aconselhamento foram encontradas nos cadernos *Turismo*, *Saúde+ciência*,

*Folhainvest e Tec*, sendo, portanto, os assuntos relacionados a lugares turísticos, saúde da população, investimentos financeiros e objetos e novidades tecnológicas, respectivamente. Sobre o **EP** dessas notícias, uma variação significativa é a sua composição pelo tipo injuntivo, geralmente em conjugação com a descrição.

De modo geral, as relações estabelecidas entre os participantes nas notícias que orientam e aconselham são marcadas pela diferença de conhecimento entre os interlocutores, com algumas especificidades. No caderno *Turismo*, o locutor da notícia possui mais conhecimento porque já foi ao local divulgado, fato comprovado pela afirmação - que pode vir no final da notícia ou em outro local da página do jornal - de que o jornalista foi enviado ao lugar.

Nos cadernos *Mercado e Folhainvest*, o locutor possui mais conhecimento porque se coloca como um especialista no assunto, sendo as falas de autoridades (na categoria Comentário, em reação verbal ou em discurso indireto) usadas para comprovar o que próprio jornalista já afirmou.

Já nos cadernos *Tec* e *Saúde+ciência*, o jornalista não se coloca como um especialista, mas como um divulgador do conhecimento de especialistas, o que é percebido pela grande ocorrência das categorias Comentário e Detalhes do EP em reação verbal ou em discurso indireto, em que o locutor não assume ser a fonte do conhecimento.

Nas notícias com o **objetivo de comentar um evento cultural**, que encontramos apenas no caderno *Ilustrada*, temos como principais variações:

1. Na **estrutura composicional**, o EP, apesar de predominantemente narrativo, é mínimo, aparecendo apenas na Manchete e Linha Fina, pois toda a notícia, ou a maioria dela, tece comentários sobre o evento noticiado. Em função disso, a categoria Comentário é a que mais ocorre, seguida de Detalhes do EP. Os tipos predominantes são a dissertação e a argumentação. Além disso, o EP aparece também em pequenos infográficos, que trazem principalmente as funções de **mostrar quem ou o que** e **mostrar quando**.

2. Nos elementos de **superfície linguística**, a ausência de verbos na Manchete é uma variação marcante, assim como nas notícias dos cadernos *Turismo* e *Tecnologia*, que possuem outros objetivos e intenções-de-ações.

3. Em relação ao **conteúdo temático**, encontramos uma notícia (exemplo 31) que traz uma biografia de um escritor, após os comentários feitos sobre o evento. Isso também ocorreu na notícia (22), que realiza a ação de venda, também no caderno *Ilustrada*, e que tem como EP a divulgação da Coleção Folha sobre compositores clássicos para crianças. Acreditamos, portanto, que a presença de biografia na notícia está relacionada ao conteúdo temático, e não

aos objetivos e ações da notícia, pois, nos dois casos que encontramos, a notícia trata de objeto cultural.

A relação estabelecida entre os interlocutores nas notícias que comentam um objeto cultural é marcada por uma assimetria, em que o jornalista se coloca como especialista no assunto e como detentor de um conhecimento específico sobre o evento.

Sobre as notícias que têm o objetivo de **comentar um evento esportivo**, específicas do caderno *Esporte*, temos como principais resultados:

1. Na **estrutura composicional**:

a) há “**personagens**” **típicos, relacionados a competições esportivas**;

b) predomina a categoria Comentário, do tipo avaliação e expectativa;

c) a notícia é predominantemente dissertativa, ou dissertativo-argumentativa, variando em relação ao grau de explicitude da argumentação;

2. Na **superfície linguística**, há o uso de léxico específico relacionado aos esportes em foco, o que evidencia o compartilhamento de um conhecimento entre jornalista e leitor.

Sobre as relações entre os participantes, pode haver uma relação de amizade/camaradagem, quando a notícia é mais dissertativa; ou uma relação mais assimétrica, entre um especialista e um leitor que compartilha do conhecimento de determinada comunidade, quando o texto é mais argumentativo.

Nas notícias em que as variações estão relacionadas à categoria do Eu-mesmo, em função do **lugar ideológico**, percebemos mudanças na **estrutura composicional**, em relação à disposição e apresentação dos elementos no texto e na página do jornal ocupada pela notícia. Desse modo, a partir de crenças e valores sociais compartilhados pelo jornalista e pelo jornal, pode haver variação na maneira como uma foto é apresentada ao leitor (36), um aspecto que a princípio parecia alheio a qualquer mudança.

Além disso, a organização da categoria *Headline* (Manchete e Linha Fina), do corpo da notícia e de outros textos e imagens em uma mesma página podem direcionar a leitura para um determinado ponto de vista, de uma maneira que muitos leitores nem percebam, como mostramos no exemplo (39).

Em relação à superestrutura e ao tipo textual, a ideologia presente no modelo de contexto do jornalista pode influenciar na realização de mais categorias como Comentário, que pode ser preenchida pela dissertação, pela descrição e pela narração com um direcionamento argumentativo. Ressaltamos que a argumentação que defende uma determinada crença e lugar ideológico ocorre de forma mais velada, como no exemplo de

(38), em que não há uma tese explícita e a argumentação é mais marcada pela sequência das informações aparentemente objetivas e pelas imagens e dados do infográfico.

Sobre os participantes e suas relações, há uma relação de poder, marcada pelo uso da linguagem para defender um ponto de vista de forma mais velada, sem que o leitor perceba que está sendo influenciado pela ideologia do jornal.

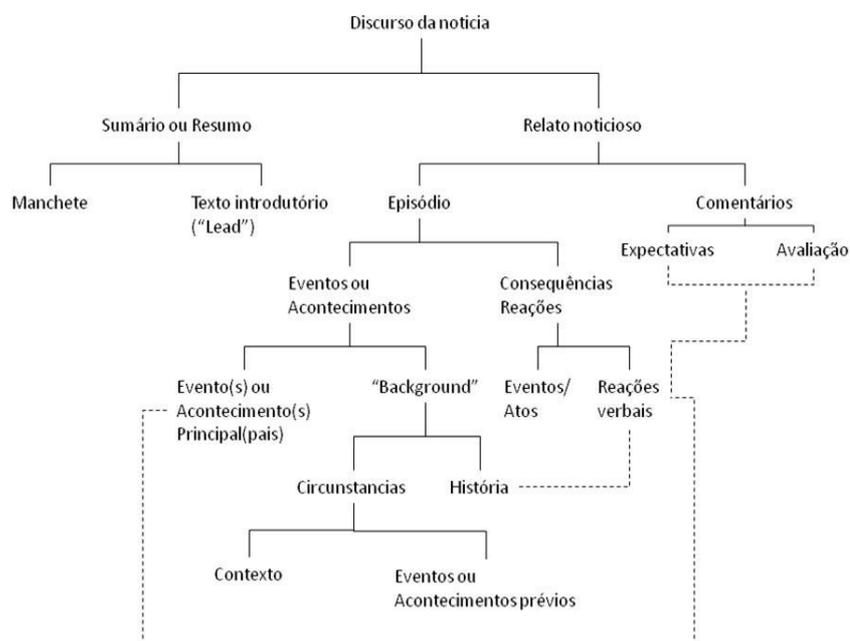
Por fim, nas notícias influenciadas pela categoria contextual denominada **Ambiente**, a principal variação ocorre na estrutura composicional. Nas notícias que mostramos no capítulo anterior, há o predomínio da argumentação e a realização, principalmente, da categoria Comentário. Desse modo, o jornalista assume um papel social de guia turístico e pretende convencer o leitor a visitar os locais noticiados.

Na **superfície linguística**, é marcante o uso do modo imperativo, que pode aparecer na Linha Fina, como em “Conheça as atrações da cidade da Turquia...” (exemplo 41) , evidência do apelo direto ao leitor, que é visto como alguém interessado em viagens e passeios turísticos. Há uma presença significativa da descrição e de elementos que a caracterizam, como adjetivos.

O caderno *Turismo* é o que mais recebe a influência da categoria Ambiente, pois a escolha sobre o **conteúdo temático**, sobre que lugares divulgar, passa pelo critério relacionado à discussão e divulgação do tema no momento. O **EP** das notícias desse caderno é bastante atípico, podendo apresentar como tipo predominante a injunção.

A partir de nossos resultados, propomos uma redefinição da superestrutura textual da notícia, pois percebemos que categorias como Detalhes do EP e Background Passado também podem aparecer em reação verbal, a partir da citação direta da fala de uma autoridade no assunto noticiado. Propomos a superestrutura abaixo para a notícia, a partir de Van Dijk (1986):

Esquema 8 – Superestrutura da notícia, com recursividade nas categorias Eventos Principais e Background Passado (História).



Sobre os infográficos, percebemos algumas regularidades em relação aos cadernos, sendo que no *Tec*, eles possuem a função principal de **mostrar como funciona**, além de **mostrar definições** e **quem ou o que**. O anexo 15 mostra a explicação do funcionamento do processo de análise e de exclusão de conteúdo do *facebook*.

No caderno *Saúde+ciência*, os infográficos têm a função principal de explicar, de forma mais didática, o conteúdo presente em todo o corpo da notícia, apresentando, principalmente, as funções de **mostrar conceitos** (relacionados a resultados de pesquisas) e **mostrar quem ou o que**. O anexo 16 mostra um infográfico que possui uma posição de destaque e mostra ao leitor, a partir de imagens, números e gráficos, a relação entre o aumento de casos de problemas do coração e as regiões brasileiras.

Os cadernos *Poder* e *Mundo* apresentam infográficos que, com mais frequência, trazem as funções de **mostrar quem**, como os anexos 17 e 18, que mostram, respectivamente, quem são os beneficiados e os perdedores com a criação de um novo partido político e quem são os brasileiros cujo desaparecimento na época da ditadura será investigado.

No caderno de *Turismo* a regularidade está relacionada à função de **mostrar onde**, a partir de mapas e rotas turísticas, como mostra o anexo 19. Já no *Ilustrada*, a partir das funções **mostrar quando** e **mostrar o que ou quem**, com frequência há uma prospecção

futura, em comparação ao que já é fato no presente, como mostra o anexo 20, que traz sob o tópico “Já lançados” (em azul) os livros sobre minisséries que já estão no mercado e sob o tópico “Em breve” (em vermelho) os futuros lançamentos.

Ressaltamos novamente que os cadernos, apesar de apresentarem, em sua maioria, notícias mais atípicas, também realizam textos mais prototípicos, como o que segue abaixo em (43), do caderno *Ilustrada*, cujo texto está transcrito no anexo 21.

Percebemos que, quanto mais a notícia representa o objetivo do Eu-mesmo no nível macro, relacionado a informar, mais seu conteúdo temático está relacionado à política e à economia. Quanto mais específico se torna o objetivo, mais a notícia apresenta variações, tanto em seu conteúdo temático quanto em sua superestrutura, na superfície linguística e em relação ao tipo textual que a compõe.

(43)

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ ilustrada E5

## Câmara aprova mudança na Lei Mendonça

Proposta aumenta de 70% para 100% a devolução do investimento de patrocinadores em projetos culturais de SP

**Juca Ferreira, secretário de Cultura de SP, diz que medida é “retrocesso”; projeto ainda passará por segunda discussão**

JULIANA GRAGNANI  
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

A Câmara de São Paulo aprovou, numa primeira discussão, mudanças na Lei Mendonça, mecanismo de fomento à cultura que deve distribuir neste ano R\$ 4,2 milhões via renúncia fiscal.

O secretário municipal de Cultura, Juca Ferreira, classifica como “retrocesso” um dos pontos da proposta: a devolução de 100% do total investido pelo patrocinador via isenção fiscal —este percentual, hoje, é de 70%.

O projeto de lei, de autoria do vereador Andrea Matarazzo (PSDB), foi aprovado numa espécie de “pacotão” —93 projetos foram aprovados em bloco na Casa nas últimas duas semanas.

Agora, a proposta de mudança da Lei Mendonça deve seguir para segunda discussão e, se aprovada, precisa passar pela sanção do prefeito Fernando Haddad (PT).

A Folha apurou que Haddad não deve vetar a proposta para evitar ônus político. Quando ministro da Cultura (2008 a 2010), Juca tentou reformar a Lei Rouanet justamente no sentido oposto.

“Se a empresa recebe 100% [de isenção], não precisa de parceria público-privada —o Estado pega esse dinheiro e aplica diretamente. Eu não concordo com isso”, diz Juca.

A proposta de retirar da Rouanet o retorno dos 100% caiu durante a tramitação da reforma no Congresso por pressão de produtores culturais e patrocinadores —que temem a migração de recursos para mecanismos que garantem devolução total, como a Lei de Incentivo ao Esporte.

Matarazzo defende que a participação das empresas é importante porque fiscaliza os itens propostos pelos produtores culturais, algo que, para o vereador, o poder público não consegue realizar.

O texto de Matarazzo pretende aumentar o valor destinado à Lei Mendonça —definido anualmente no Orçamento —, fixando-o em 0,3% da receita dos tributos municipais ISS e IPTU.

Em 2012, a secretaria municipal de Cultura de São Paulo autorizou a captação de R\$ 6,4 milhões, aproximadamente 0,05% do valor total da receita municipal com o ISS e IPTU naquele ano (quase R\$ 15 bilhões).

**JOSÉ SIMÃO**  
A coluna não é publicada hoje excepcionalmente

**REFORMA DA LEI MENDONÇA**  
Veja o que pode mudar no incentivo municipal à cultura caso o projeto de lei seja aprovado

COMO É HOJE	DEVOÇÃO	O QUE MUDA
Empresas recebem 70% do valor investido em projetos via renúncia fiscal	%	Empresas recebem 100% do valor investido em projetos via renúncia fiscal
Em 2012, foi de aproximadamente 0,05% (R\$ 6,4 mi)		0,3% (R\$ 45 mi)
Dez vezes o valor recebido via incentivo, em caso de descumprimento da lei	Multa	Valor equivalente ao recebido via incentivo, em caso de descumprimento da lei

Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 de abril de 2013. Ilustrada, E 5.

Precisamos registrar ainda que todas as variações que apresentamos em nossos resultados podem ser consideradas espécies de notícia, segundo proposta tipológica de Travaglia (2007a, 2007b) constante do capítulo 2. Segundo o autor, uma espécie caracteriza-se por apresentar uma variação de forma e/ou conteúdo, o que mostramos em nossos resultados em relação ao gênero notícia.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, elencamos algumas questões que foram motivação para nossa pesquisa e para as quais estivemos em busca de respostas:

1. De que maneira o contexto influencia as notícias do jornal impresso?
2. Como a composição das notícias, entendidas como gêneros, reflete o contexto em que estão inseridos leitor e jornalista?
3. Se os gêneros são reflexos de atividades e esferas sociais, de que maneira podemos perceber esse aspecto social na constituição do gênero notícia?
4. Por outro lado, como podemos perceber os aspectos contextuais/sociais a partir da notícia impressa no jornal?

Sobre nosso primeiro questionamento, afirmamos que o contexto influencia as notícias do jornal impresso a partir de uma perspectiva sociocognitiva, em que há um modelo de contexto que é responsável pelo processo de produção e compreensão dos gêneros textuais.

O modelo de contexto, entendido como as categorias que os participantes consideram como mais relevantes no momento da interação comunicativa, é responsável pela adequação do discurso à situação social e aos objetivos e intenções do locutor. Desse modo, é esse modelo de contexto que seleciona as informações, o gênero textual a ser construído e a maneira como esse gênero deve ser constituído, desde a seleção do conteúdo até os aspectos lexicais e sintáticos.

Nesta pesquisa, atentamo-nos à influência do contexto na variação de um mesmo gênero, o que consideramos um avanço em relação à teoria proposta por Van Dijk na obra *Contexto e Discurso*, em que o autor analisa a influência do contexto na escolha de um único gênero, não mostrando as variações que um único gênero pode apresentar, a partir da influência do contexto, como fizemos.

Verificamos que há uma via de mão dupla: o contexto, os aspectos sociais influenciam a composição da notícia e geram variações em sua estrutura composicional, em seu conteúdo temático e em seus elementos de superfície linguística. Por outro lado, ao analisarmos o gênero em si, suas marcas linguísticas, podemos perceber os aspectos contextuais, como os

objetivos e o lugar ideológico do Eu-mesmo como responsáveis pelas modificações na estruturação da notícia, o que nos dá a resposta para os questionamentos de 2 a 4 acima.

Sobre nossos objetivos, os quais expusemos na Introdução deste trabalho, detalhamos e resumimos os principais resultados, apontando quais categorias do contexto, entendido como um modelo de contexto, influenciam a composição do gênero notícia em vários aspectos.

Verificamos, pois, que a notícia apresenta variações em sua constituição, a partir das categorias contextuais denominadas por Van Dijk (2012) de Eu-mesmo, Ambiente e Ações/Eventos, passando pelas relações estabelecidas entre os Participantes (jornalista e leitor). Essa variação pode se dar em **termos de estrutura composicional** — como categorias de superestrutura, tipo textual, disposição dos elementos no texto, uso de várias linguagens e **presença de “personagens” típicos** —, bem como em relação ao conteúdo temático e aos elementos de superfície linguística (como itens lexicais e construções sintáticas).

O que procuramos mostrar em nossa análise pauta-se no fenômeno de que os elementos contextuais, como os objetivos e intenções do produtor do discurso, não determinam diretamente a composição de um gênero textual, mas influenciam a sua construção a partir das categorias contextuais consideradas mais relevantes no momento de produção da notícia.

Como a relevância das categorias muda de acordo com as situações de comunicação e mesmo durante uma mesma situação, ora o jornalista coloca em primeiro lugar sua intenção-de-ação de venda, ora entra em cena seu objetivo principal, no nível macro, de informar. Essa dinâmica acontece tanto em um mesmo caderno quanto se compararmos os cadernos em si, o que gera notícias típicas e atípicas em todos os cadernos.

Acreditamos que cada caderno do jornal analisado constrói um contexto de rotina, que ao mesmo tempo em que evidencia uma variação na maneira de escrever uma notícia padroniza essa variação, enfatizando um ou mais aspectos contextuais relevantes no momento.

Ressaltamos que a análise apresentada aqui não esgota as variações possíveis para o gênero notícia, pois outras edições do jornal, em outros momentos, podem apresentar modificações diferentes, em decorrência da mudança no modelo de contexto quando da produção das notícias.

Porém, os resultados ora apresentados nos mostram que a composição do gênero notícia, apesar de parecer simples e objetiva como registrado nos manuais de redação e estilo

dos jornais e por alguns teóricos, é bastante complexa, haja vista a grande possibilidade de variação que registramos nos capítulos 6 e 7.

A visão reducionista proposta pelos manuais e reafirmada por alguns estudiosos não corresponde à realidade se observarmos como de fato as notícias são constituídas nos jornais impressos. Acreditamos que essa visão limitada do que é notícia, bem como de sua composição, ocorre devido ao recorte que geralmente é feito na maioria dos estudos sobre esse gênero, em que são analisadas apenas notícias de tema político e econômico, ignorando aquelas que tratam de cultura, lugares turísticos, esportes, tecnologia, saúde e outras temáticas.

Também os livros didáticos reproduzem essa visão limitada de notícia composta por um conteúdo temático relacionado ao âmbito político-econômico, o que gera uma estrutura **composicional “engessada” e que não mostra aos alunos as várias formas de composição** desse gênero.

Desse modo, acreditamos que nosso trabalho também possui uma contribuição pedagógica, na medida em que pode auxiliar na construção de práticas escolares, entendidas também como práticas sociais, mais condizentes com a realidade social em que estão inseridos alunos e professores.

A extensão e aprofundamento de pesquisas na linha desenvolvida aqui (não apenas referir o contexto como uma possibilidade de influência, mas buscar efetivamente a verificação de como essa influência se dá) muito possivelmente nos revelarão muitos aspectos interessantes não só sobre a constituição da notícia, mas de muitos outros gêneros, apesar das dificuldades que tal verificação oferece.

## 9. BIBLIOGRAFIA

ABREU, A. S. **A Arte de Argumentar**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

ARAGÃO, I.; CARVALHO, J.. Infografia: Conceito e prática. **Infodesign**. São Paulo, vol. 9, n. 3, 2012 p. 160-177.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer** – palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Fratechi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BONINI, A. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de Comunicação no Brasil? **Linguagem em (Dis)curso**, Florianópolis, v. 4, n. 1, jul./dez. 2003. Disponível em: <<http://br.geocities.com/adbonini/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2006.

CARVALHO, Carmem. **Jornalismo especializado em turismo: o gênero jornalístico e o mercado nos suplementos de turismo dos jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo**. 2003. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2003.

CARVALHO, Carmen. **Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado**. In: V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo: Intercom, 2007. p. 62-63.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. Contribuição a uma tipologia textual, **Letras & Letras**, Uberlândia, vol. 3, n. 1, p. 3–10, jun., 1987.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I, V. **Linguística Textual: Introdução**. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1988.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Manual de Redação**. São Paulo, 1992.

- KOCH, I. V. **A coesão textual**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1991.
- KOCH, I.V; MORATO, E.M.; BENTES, A. C. Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. **Revista ALED**. Venezuela, vol.11, n.1, p. 79-91, 2011. <https://doi.org/10.35956/v.11.n1.2011.p.79-91>
- KRESS, G. Multimodality. In: COPE, B. & KALANTZIS, M. **Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures**. London: Routledge, 2000.
- LAGE, N. **A reportagem, teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.
- MANUAL GERAL DA REDAÇÃO. 2ª ed. São Paulo: Folha de São Paulo, 1987.
- MANUAL DA FOLHA. Disponível em: <[http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_projeto\\_p.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_projeto_p.htm)>. Acesso em 09 jan. 2014.
- MARCUSCHI, L.A **Linguística de texto: o que é, como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.
- MARCUSCHI, L.A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: **Linguagem & Ensino**, v. 4, n. 1, 2001, p. 79-11.
- MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M; MACHADO, A. R. (orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L.A. Questão do Suporte dos Gêneros Textuais, **Outras Palavras 1**, João Pessoa, UFPB, 2003. No prelo.
- MARSHALL, L. **O Jornalismo na Era da Publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.
- MEDINA, C. A. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão, **Revista Simposim**, Pernambuco, ano 5, n. 1, 2001.
- MELO, J. M. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MELO, J. M. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FDT, 1992.
- MONTEMOR, M. W. Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras. **Letras & Letras**. Uberlândia-MG. V. 26, n.2, p. 469-476, jul/dez 2010.

- O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de Redação e Estilo**. São Paulo, 1990.
- PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da Argumentação – A nova Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- QUADROS, C. I.; SPONHOLZ, L. Deu no blog jornalístico: é notícia? **Texto**, v. 15, pp. 1-15, 2006.
- REBELO, J. **O discurso do jornal: o como e o porquê**. Lisboa: Editorial Notícias, 2000.
- ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica a linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: **Gêneros: teorias, métodos, debates**. MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- SILVA, P. H. **Os gêneros jornalísticos e as várias faces da notícias**. 2007. 222f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, 2007.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- SPONHOLZ, L. O que é mesmo um fato? Conceitos e suas consequências para o jornalismo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 56-69, dez. 2009.
- SWALES, John M. **Genre Analysis – English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAVAGLIA, L.C. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. 1991. 454 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1991.
- TRAVAGLIA, L.C.. Superestrutura dos textos injuntivos. In: **Anais de Seminário do Grupo de Estudos linguísticos do Estado de São Paulo**, Jaú, v. 2, 1992, p.1290-1297.
- TRAVAGLIA, L.C..Gêneros definidos por atos de fala. In: ZANDWAIS, Ana (org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2002, p. 129-153.
- TRAVAGLIA, 2004 Tipologias textuais literárias e linguísticas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 146-157, jan./jun. 2004.
- TRAVAGLIA, L.C. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa Maria O. Barbosa. **Língua Portuguesa e Ensino**. São Paulo: Cortez, EDUC, 2007a.
- TRAVAGLIA, L.C.. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 51, p. 39-79, 2007b.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Sobre a possível existência de subtipos. In: **Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN**. Organizador: Dermeval da Hora. João Pessoa: ABRALIN / UFPB, 2009. p. 2632-2641. ISBN 978-85-7539-446-5. Disponível em: [www.ileel.ufu.br/travaglia](http://www.ileel.ufu.br/travaglia).

VAN DIJK, T. A. News Schemata. In: COOPER, Charles R. e GREENBAUM, Sidney (eds). **Studying writing: linguistic approaches**. London/Beverly Hills/New Delhi: Sage Publications, 1986, p. 155-185.

VAN DIJK, T. A. **La ciência del texto – Um enfoque interdisciplinario**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1983.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e Contexto**. São Paulo: Contexto, 2012.

WEINRICH, Harald. **Estructura y función de los tiempos en el lenguaje**. Madrid: Gredos, 1968.

## ANEXOS

Anexo 1 – Notícia do caderno *Ilustrada*: Guerra e ansiedade afligem personagens de “Mad Men”

FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 2013 ★ ★ ★ **ilustrada E3**

**MAD MEN E A HISTÓRIA**  
Fatos importantes retratados na série



**Assassinato de John F. Kennedy (3ª temporada)**  
Imagens da morte do ex-presidente americano são exibidas aos personagens, que ficam abalados com o noticiário

# Guerra e ansiedade afligem personagens de “Mad Men”

Em meio a fortes mudanças sociais, protagonista tenta fugir da obsolescência

**‘Don Draper é como um velho leão que um dia dominou orgulhoso’, diz ator Jon Hamm sobre seu personagem**

DE LOS ANGELES

Quase nada se sabe a respeito do futuro dos publicitários e de suas mulheres em “Mad Men”, mas no presente da trama, no final dos anos 1960, suas vidas começam a balançar, iluminando cenas com os novos costumes e as músicas da época.

“Precisaria de uns dez anos de terapia e alguma hipnose para explicar por que escolhi esse período. Talvez seja porque cresci à sua sombra”, diz Matthew Weiner, 47, criador do programa e ganhador de nove Emmys por “Mad Men” e por seu trabalho como produtor e roteirista da série “Família Soprano”.

Weiner acredita que o espírito dos novos episódios captura também parte do clima dos EUA de hoje — 1968 foi um ano crucial na Guerra do Vietnã (1955-1975), com o maior número de baixas entre os americanos, acirrando

discussões políticas e mudanças sociais.

“É um estado de ansiedade. Tivemos um duro golpe em nossa autoestima e temos um monte de problemas que parecem sem solução.”

Por isso, um dos temas dessa temporada, ele conta, são os personagens fazendo qualquer coisa para aliviar as tensões.

“Não é à toa que bebem tanto”, continua Weiner. “Não temos um gênero definido. Talvez ‘Mad Men’ seja novela. Não me importo, amo boas novelas.”

O criador gosta de dizer que Draper é sua espécie de “herói existencial”. Numa sociedade que muda a passos largos e privilegia cada vez mais a cultura jovem, ele está à procura de relevância e fugindo da obsolescência.

Não à toa, a mortalidade se torna cada vez mais presente em suas divagações — mesmo enquanto apresenta uma campanha publicitária a um dos seus clientes.

Para Jon Hamm, que vive o personagem, Draper é como um “velho leão que um dia dominou orgulhoso”. “Mas admito sua incrível capacidade criativa, é algo que me inspira. Ele nunca fica satisfeito com mediocridades.”

Galá da série, Hamm alega não entender como o executivo consegue ser tão sedutor depois de ter causado tanto estrago entre as mulheres.

**ALAVANCA**  
O ator, indicado a cinco

Globos de Ouro e vencedor em 2008 pelo papel, teve a vida profissional alavancada com o seriado, participando de mais filmes.

Outros colegas também aproveitaram a fama do programa, como a atriz canadense Jessica Paré, sensação ao cantar “Zou Bisou Bisou” na pele de Megan Draper. Ela gravou um single e chegou a sair em turnê com a banda The Jesus and Mary Chain.

January Jones, que vive a ex-mulher de Don, Betty, virou super-heroína de cinema, com “X-Men: Primeira Classe” (2011), mas diz que a maior mudança veio ao transformar sua personagem de “Mad Men” numa dona de casa obesa, na temporada anterior.

A canseira das seis horas de maquiagem valeu a pena para aliviar a fama de antipática de Betty.

“Amei a reação do público. Os espectadores ficaram mais compreensivos não sei o porquê. Só sei que foi ótimo não ser mais tão odiada nas ruas”, diz Jones. (FERNANDA EZABELLA)

**SPOLIER O DEDO DURO**

Cada vez mais na morte. Fazendo o papel de um jornalista, o ator de Don também aparece em uma matéria sobre o assassinato de John F. Kennedy (John Saltery), que chora apenas pelo segundo, o porquê não é explicado. A trama no primeiro episódio aterrorizante, mas pessoas morrem. (Jessica Paré) começa a fazer a carreira de atriz de Mad Men. (John Saltery) também faz parte da trama com a atriz Hare Krishna. (Linda Cardellini) enquanto ela inicia com ele todo um lado a recua a nova temporada. (Donna Draper) deixa de ser a esposa de Don.

**MAD MEN**



**Drugs e Hare Krishna (5ª temporada)**  
Roger Sterling toma LSD num dos episódios mais viajantes da série. Na mesma temporada, um antigo funcionário da agência reaparece como Hare Krishna



**Beatles e Rolling Stones (5ª temporada)**  
Don Draper ouve “Revolver”, dos Beatles, lançado em 1966. Ele vai aos bastidores do show dos Stones para convencer o grupo a fazer um jingle

**Guerra do Vietnã (6ª temporada)**  
Na nova temporada, o vizinho de Don comenta sobre a invasão da embaixada americana em Saigona, então capital do Vietnã do sul

**Tensão racial (várias temporadas)**  
Lane Pryce arranja uma amante negra, deixando seu pai indignado, na quarta temporada. Na seguinte, a agência contrata a primeira funcionária negra, Dawn

**“Don Draper nunca fica satisfeito com mediocridades”**

**JON HAMM**  
ator

**NA TV**  
**Mad Men**  
Estreia da 6ª temporada QUANDO amanhã, às 21h, na HBO CLASSIFICAÇÃO não informada

**NA TV**  
**Mad Men**  
Estreia da 1ª temporada QUANDO quarta, às 22h, na Cultura CLASSIFICAÇÃO não informada

**evoluKit** .com.br

**LEILÃO DE ARTE**  
Presencial e Online  
EXPOSIÇÃO HOJE  
www.tableau.com.br  
(11) 5061-2800

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abril de 2013. Ilustrada, E3.

## Anexo 2 – Exemplo de sub-retranca, ou retranca: “Golpista mentiu para os próprios advogados”, extraído de Silva (2007).

**GOLPE** Indiciado em 11 inquéritos, homem deu o nome de outra pessoa e desapareceu.

# Estelionatário engana até a polícia

ALEXANDRE HISAYASU  
DA REPORTAGEM LOCAL

O homem acusado de ser um dos principais estelionatários dos Jardins, em São Paulo, aplicou mais um golpe: enganou a polícia. Ao ser indiciado em 11 inquéritos, no final de setembro, deu o nome de outra pessoa e desapareceu.

O golpista foi detido por duas vezes no 78º DP (Jardins), na zona leste da cidade, identificou-se como sendo o publicitário mineiro Mário Luiz Dióris Moreira e negou todas as acusações.

Como foi reconhecido pelas vítimas, a polícia solicitou sua prisão temporária, mas a Justiça de São Paulo negou, por considerar que o acusado poderia aguardar o julgamento em liberdade.

Dois meses depois, a polícia descobriu que os documentos apresentados pelo sujeito eram falsos. O verdadeiro Moreira mora em Belo Horizonte e trabalha como auxiliar administrativo. Nunca esteve em São Paulo ou Santa Catarina. Estado onde também seu nome foi utilizado em golpes pelo estelionatário.

Moreira descobriu “que era um estelionatário” no dia 23 de outubro, em um colégio eleitoral da cidade, quando foi votor no referendo sobre o comércio de armas de fogo no país.

“Ao chegar para votar, ele teve o

**Golpista mentiu para os próprios advogados**

DA REPORTAGEM LOCAL

Os advogados Roberto Clancini e César Mormile, que defenderam o estelionatário nas duas vezes em que foi detido, souberam por meio da Folha que o cliente enganou a polícia.

“Posso dizer que fomos enganados também, porque não tínhamos conhecimento desse golpe [contra a polícia]”, afirmou Clancini.

“Não se mente nem para médico nem para advogado. Se ele fez isso, é porque é uma daquelas pessoas que dão no em pingão d’água”, afirmou Mormile. Os honorários foram pagos em

dia, separando eles. O estelionatário está desaparecido.

O Dipo (Departamento de Inquéritos Policiais), por meio da assessoria do Tribunal de Justiça de São Paulo, informou que analisa cada um dos 11 inquéritos em que Mario Luiz Dióris Moreira foi indiciado para pedir, posteriormente, o cancelamento do indiciamento à Vara de Execuções Criminais.

A assessoria do Tribunal de Justiça de Santa Catarina informou que a 2ª Vara Criminal de Florianópolis pediu ao 78º DP (Jardins) informações sobre o caso para tomar as providências cabíveis.

Já a delegada Kelly Cristina de Andrade disse que o Judiciário e o Instituto de Identificação foram avisados para que o indiciamento de Moreira seja cancelado.

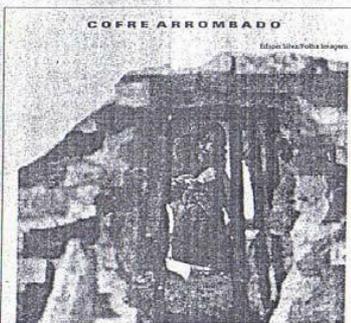
dos dos jornais e se apresentava como juiz. A partir daí, conseguia convencê-los a comprar eletrodomésticos “aprendidos na Justiça Federal”, como TVs de plasma, por um preço bem abaixo do mercado. A vítima pagava, não recebia e o falso juiz sumia.

Ao ser detido em São Paulo, o golpista teve as impressões digitais colhidas pela polícia. A delegada Kelly Cristina de Andrade, do 78º DP (Jardins), afirma que, ao confrontá-las no sistema de identificação, não deu para perceber que se tratava de uma identidade falsa. Isso porque não há um cadastro nacional de identificação — de modo que o estelionatário pode utilizar o nome do morador de Minas Gerais sem ser descoberto.

**A vítima**

Segundo o advogado Souza, o verdadeiro Moreira também foi vítima do falso juiz. Em 2003, em Belo Horizonte, o golpista o procurou após a sua família anunciar a venda de uma picape Toyota e furtou os seus documentos.

O verdadeiro Moreira registrou quebra de furto no 7º DP de Belo Horizonte. Ele estuda a possibilidade de processar os Estados de São Paulo e de Santa Catarina pelo erro. Acha que merece ser indenizado. O falso Moreira, por sua vez, não deixou rastros.



Funcionários da agência vistos por buraco aberto por ladrões

## Criminosos fazem buraco e furtam banco

Alvo foi agência da CEF no interior de SP

DA FOLHA ABBEIRÃO

Ladrões invadiram no fim de semana uma marcenaria instalada em um prédio vizinho a uma agência da Caixa Econômica Federal (CEF) em Ribeirão Preto (314 km de SP), de onde abriram um buraco na parede para entrar no banco.

Os criminosos arrombaram

o cofre e levaram cerca de R\$ 40 mil em dinheiro, além de cheques em valor não calculado.

Ao saírem, os ladrões deixaram na parede a inscrição: “Essa foi mamão”, em alusão à facilidade da ação.

Segundo o banco, nos finais de semana não há vigia de plantão. A fita do circuito interno de segurança será analisada.

Folha de São Paulo, São Paulo, 22 nov. 2005. Cotidiano, capa.

## Anexo 3 - Exemplo de chamada, extraído de Silva (2007).

**Assalto ao BC  
Mulher de preso  
é seqüestrada**

●● Bando obrigou mulher a indicar onde estava dinheiro do roubo. ●● PÁG. C1

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Capa.

**Anexo 4 - Exemplo de “Frases”, extraído de Silva (2007).**



**“Se nós tivéssemos 180 milhões de Franciscos, certamente o dinheiro do Brasil daria para a gente fazer muito mais coisas para o povo pobre deste país.”**

*Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República, referindo-se ao faxineiro Francisco Cavalcante, que devolveu uma carteira com 10 000 dólares que encontrou num banheiro do aeroporto onde trabalha*

Veja, n. 31, p. 53, ago. 2005.

**Anexo 5 - Exemplo de Nota, extraído de Silva (2007).**



**A PRAIA DO FLUMINENSE**  
O secretário de Energia do estado do Rio. **Wagner Victor**, an-

dou intrigado com o armador Norskan, que chamou um navio de *Botafogo* e outro de *Flamengo*. Fanático pelo Fluminense, cobrou uma homenagem ao seu time. O Norskan respondeu que só batizava navios com nomes de praias. Victor tanto fez que a prefeitura de Mangaratiba, no sul do estado, resolveu criar uma tal Praia do Fluminense. O próximo navio do armador, orçado em 100 milhões de reais, terá o nome do tricolor.

Veja, n. 31, p. 43, ago. 2005.

Anexo 6 - Exemplo de *Fait-Divers*, extraído de Silva (2007).



Veja, n. 31, p. 43, ago. 2005.

Anexo 7 – Exemplo de Memorial (“João XXIII condena a corrida armamentista”)

HÁ 50 anos 11.abr.1963 Veja o arquivo digital da **Folha** em [acervo.folha.com.br](http://acervo.folha.com.br)

---

**Aviões e lanchas piratas roubam areia monazítica**

**FOLHA DE S. PAULO**  
Um jornal a serviço do Brasil

**João XXIII condena a corrida armamentista**

VATICANO. O papa João XXIII, em sua encíclica "Paz na Terra", condenou a corrida armamentista, descrevendo-a como "furação" que pode destruir a humanidade. Para ele, os países devem agir "com sinceridade para dissolver essa psicose de guerra", relacionando-se com justiça, verdade e solidariedade. A encíclica também louva a Organização das Nações Unidas (ONU) e reza para que a entidade consiga garantir os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

**Papa João 23 faz apelo pelo fim de disputas bélicas e destaca a ONU**

**DO BANDO DE DADOS** - Foi publicada ontem a encíclica "Paz na Terra" com apelos do papa João 23 pelo fim da corrida armamentista, descrita como o "furação" que pode destruir a humanidade. Para ele, os países devem agir "com sinceridade para

---

**GRUPO FOLHA \* FOLHA DE S.PAULO \* UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL**

Redação São Paulo  
Al. Barão de Limeira, 425, Campos Elíseos,  
CEP 01202-900 Tel.: 0/xx/11/3224-3222

Atendimento ao assinante  
0/xx/11/3224-3090 e 0800-775-8080  
saa@grupofolha.com.br

[www.folha.com.br/fsp/sobre](http://www.folha.com.br/fsp/sobre)  
endereços | telefones | e-mails | sucursais |  
ombudsmen | publicidade | assinaturas

**PREÇOS** Assinatura semestral à vista com entrega domiciliar diár

Em R\$	MG, PR, RJ, SP	DF, SC	ES, GO, MT, MS, RS	AL, BA, PE, SE, TO	Outros Ests
	427,90	530,80	673,60	736,50	907,90

Folha de S. Paulo, S. Paulo, 11 de abril de 2013. Cotidiano, C2.

**Anexo 8 - Exemplo de Texto-Legenda, extraído de Silva (2007).**

O Estado de São Paulo, São Paulo, 27 nov. 2005. Capa

## Anexo 9 – Notícia prototípica

# Cartas com veneno são enviadas a autoridades

Teste aponta ricina em envelopes mandados a Obama e senadores

**Prédios do Congresso e tribunal em Boston são esvaziados; FBI não vê indícios de ligação com o atentado à maratona**

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Dois dias depois do atentado na maratona de Boston, as autoridades dos EUA interceptaram uma carta dirigida ao presidente Barack Obama que, segundo testes preliminares, continha ricina, substância altamente tóxica.

O veneno é, aparentemente, o mesmo encontrado em um envelope endereçado ao senador republicano Roger Wicker, do Mississippi, e interceptado antontem antes que chegasse ao Congresso.

Em comunicado, o portavoz do Serviço Secreto dos EUA, Edwin Donovan, afirmou que o local onde a carta para Obama foi interceptada é distante da Casa Branca.

“São instalações em que, rotineiramente, são identificadas cartas ou encomendas que exigem uma segunda triagem ou testes científicos antes da entrega”, disse ele.

Embora o FBI (polícia federal americana) tenha se apressado em dizer que não há indício de conexão entre os envelopes e as bombas na maratona, as circunstâncias lembram os ataques com antraz que, em 2001, foram registrados logo depois dos atentados do 11 de Setembro.

Nas épocas, cinco pessoas morreram e 17 ficaram doentes após receber cartas com a bactéria. Investigação do governo apontou como único suspeito no caso o cientista do Exército americano Bruce Ivins, que se matou em 2008.

O FBI afirmou ainda que a investigação sobre as cartas enviadas ao presidente e ao senador prossegue e que “só análise completa em laboratório credenciado pode confirmar a presença de um agente biológico como a ricina. Os testes estão sendo feitos e levam de 24 a 48 horas”.

## PACOTES NO CONGRESSO

Ainda ontem, partes de dois prédios do Senado americano, em Washington, fo-

ram esvaziadas depois que a polícia do Congresso encontrou três pacotes considerados suspeitos. Dois deles foram deixados nos escritórios de senadores, e outro foi encontrado no átrio do primeiro andar de um dos prédios.

Os prédios do Senado foram reabertos pouco tempo depois. O conteúdo dos pacotes não havia sido revelado até a conclusão desta edição.

Um outro senador, o democrata Carl Levin, disse também ter recebido uma “carta suspeita” em seu escritório no Estado de Michigan.

Em Boston, os funcionários de um tribunal federal também foram obrigados a sair do prédio da corte por mais de uma hora, em razão de uma ameaça de bomba.

Os rumores —depois desmentidos— de que um suspeito do ataque à maratona teria sido identificado atraíram jornalistas e curiosos para as ruas perto do tribunal.

Alguns jornalistas estavam dentro da corte quando o sistema de som anunciou que um “código vermelho” estava em vigor. O edifício foi rapidamente esvaziado para a entrada de agentes com cães farejadores; nenhuma bomba, porém, foi encontrada.

## SAIBA MAIS

Produto vem da mamona e não é ‘arma química’

DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS

Extraída da mamona, planta da qual se obtém o óleo de ricino, a ricina não é considerada substância capaz de atingir várias pessoas numa guerra química.

“É um tipo de veneno”, afirma o especialista em bioterrorismo Milt Lettenberg —mortal quando inalado, mas não contagioso. Hoje, o governo dos EUA tem registro de apenas uma morte por ricina: a de um dissidente búlgaro que, em 1978, recebeu uma injeção contendo o veneno.

Anexo 10 – Notícia do caderno *Mercado* com foto.

B2 mercado ★★ ★ QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## MERCADO ABERTO

MARIA CRISTINA FRIAS [cristina.frias@uol.com.br](mailto:cristina.frias@uol.com.br)

### Micro e pequenas indústrias de SP estão em compasso de espera, diz pesquisa

A maioria das micro e pequenas indústrias do Estado de São Paulo não pretende contratar nem demitir no futuro próximo, assim como não prevê investimentos em produção e ampliação de suas instalações.

A expectativa de boa parte do empresariado de que a economia e as condições de mercado se manterão como estão ajudam a explicar a falta de apetite para expansão. Os dados são da primeira pesquisa do Indicador de Atividade das Micro e Pequenas Indústrias do Estado de São Paulo, realizada pelo Datafolha, a pedido do Simpi-SP

(sindicato do setor).

O levantamento se estenderá ao longo de 11 meses, e as informações farão parte de um índice inédito, que medirá o nível de atividade desse segmento da indústria.

A KPMG fará uma análise internacional e a Universidade Mackenzie realizará estudos nas áreas econômica e jurídica, além de sugestões de políticas para o segmento.

Para Joseph Couri, presidente do Simpi, saltam aos olhos os problemas do setor, como a concorrência desleal, apontada por 72%.

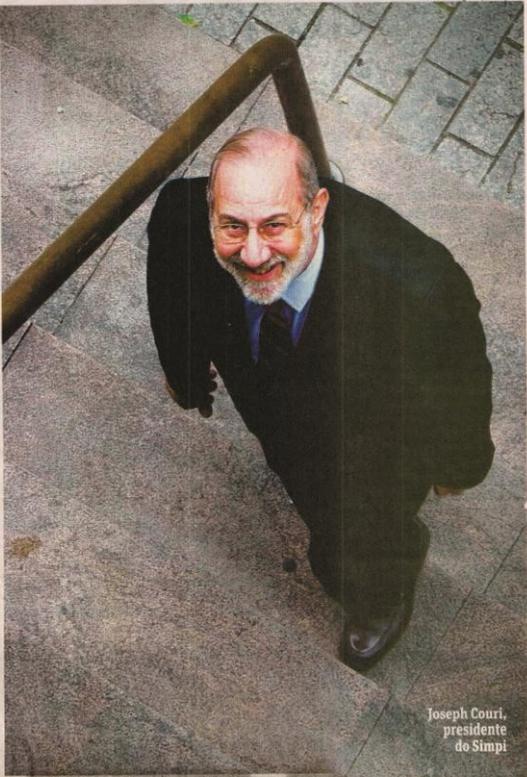
"As pessoas não estão desesperançosas, mas estão di-

vididas quanto ao crescimento e preocupadas com a inflação", diz Couri. No setor, 55% afirmam que a inflação vai subir, contra 45% da população em geral.

O presidente do Simpi destaca ainda a inadimplência extremamente elevada no segmento, com 39% das empresas bem endividadas.

A avaliação de governantes também é diferente da observada na média nacional. O desempenho da presidente Dilma é considerado como ótimo e bom para 65% da população em geral. Entre os empresários do setor, a avaliação cai para 39%.

Marlene Bergamo/Folhapress



Joseph Couri, presidente do Simpi

#### ANÁLISE

**Avaliação da empresa em fevereiro, em %**

Classificação	Total	Micro	Pequena
Ótima/boa	46	43	63
Regular	34	35	28
Ruim/péssima	20	22	9

**Expectativa para abril, em %**

Expectativa	Total	Micro	Pequena
Melhorará muito	15	13	27
Melhorará um pouco	29	29	24
Ficará como está	48	49	41
Piorará	4	3	7

**Situação econômica do país, do Estado e do setor, segundo as empresas**

	Ótimo/bom			Regular			Ruim/péssimo		
	Total	Micro	Pequena	Total	Micro	Pequena	Total	Micro	Pequena
Brasil	26%	25%	29%	46%	47%	44%	26%	26%	26%
Estado de SP	33%	33%	36%	45%	44%	47%	21%	23%	14%
Setor	35%	34%	45%	37%	37%	36%	25%	26%	20%

Fonte: Simpi

Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 de abril de 2013. Mercado, B2.



**Anexo 12 – Sub-retranca da notícia em (34), com termo torcedor no quinto parágrafo****RAFAEL REIS**

DE SÃO PAULO

O São Paulo foi abandonado por seus torcedores do interior no Paulista.

Apesar de ter feito a melhor campanha da primeira fase, o time viu diminuir o público nas partidas em que atuou como visitante e longe da capital, já excluindo os clássicos.

Dono da melhor média fora de casa em 2012 (9.995 pagantes, durante a primeira fase), foi ultrapassado por Corinthians e Santos, que cresceram neste ano. Perdeu 16,5% dos espectadores e atraiu 8.313 pessoas por jogo.

“As pesquisas mostram o contrário: temos um crescimento constante no interior”, afirmou o vice de futebol do São Paulo, João Paulo de Jesus Lopes.

Para ele, a explicação pode passar pelo uso frequente dos reservas. Sem Rogério, Jadson, Osvaldo e Ganso, mesmo o torcedor que tem chances raras de ver seu time, como o do interior, tem menos vontade de frequentar estádios.

Hoje, contra o Mogi Mirim, (às 16h, com Band e Globo), o técnico Ney Franco vai usar mais uma vez uma equipe com mais atletas reservas que titulares.

Os principais nomes, à exceção do atacante Luis Fabiano, que se recuperou de dores na panturrilha esquerda, serão poupados para a fase decisiva da Libertadores.

Com o topo da tabela assegurado, o São Paulo vai saber se pega Penapolense ou Linense nas quartas.

## Anexo 13 – Exemplo de notícia que se refere ao contexto de produção.

F4 turismo ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2014

FOLHA DE S. PAULO

# sequência de cinema

Embora muitos turistas cheguem aos **fiordes da Noruega** de navios de cruzeiro, o melhor jeito de abordá-los é aproximar-se aos poucos, de **trem**

DO ENVIADO À NORUEGA

Muitos turistas chegam aos fiordes da Noruega a bordo de navios de cruzeiro, como faziam os primeiros turistas alemães ainda no século 19. Navegar por suas águas tranquilas, entre escarpas abruptas, é uma experiência ímpar, mas não necessariamente o ângulo mais favorável para abordá-los.

O melhor ponto de vista para deslumbrar-se com um fiorde é do alto, aproximando-se deles aos poucos, para saborear sua grandiosidade. Com esse objetivo, em especial para quem chega de avião à capital Oslo, recomenda-se optar por outro meio de transporte: o trem.

Foi o que fiz em meados de maio, na companhia de um grupo de jornalistas brasileiros, pela estrada de ferro que toma o rumo da cidade de Bergen. O percurso foi eleito pelo guia "Lonely Planet" em 2012 como a segunda melhor viagem de trem na Europa (a primeira, Rauma, também fica na Noruega).

A passagem normal Oslo-Bergen custa cerca de € 100 (R\$ 300), e são oferecidos pelo menos três horários por dia em cada sentido. Há várias combinações tarifárias possíveis, com paradas para pernoites na região dos fiordes. O viajante também pode combinar o bilhete ferroviário com trechos em ônibus ou barco (mais informações em fjordtours.com).

#### DE TREM E DE BARCO

Deixando o nível do mar, a linha para Bergen parte no rumo oeste através do planalto Hardanger (Hardangervidda, em norueguês), sempre subindo, até uma altitude de 1.200 m. Sugestão: reserve lugares do lado esquerdo do trem, que oferece vistas mais acachapantes.

As composições têm tomadas de eletricidade para carregar o celular, acima dos bancos, e wi-fi (pago à parte e um pouco lento). A lanchonete é bem razoável. Há um vagão para famílias, com uma espécie de playground todo estofado em plástico cor de laranja.

Em plena primavera, a sequência de típicos celeiros de madeira vermelha, lagos espelhados de azul e montanhas cobertas de verde cede lugar para o branco dos campos de neve. No inverno, as nevascas são poderosas, e manter a linha aberta o ano inteiro é um desafio técnico que a Noruega enfrenta há mais de um século (a ferrovia foi inaugurada em 1909).

Depois de passar por Finse, a estação mais alta (1.222 m, 2°C), a ferrovia desce três centenas de metros para Myrdal (866 m). A parte mais espetacular da jornada ainda vai começar, com a baldeação para a linha de Flam (ou Flåmsbana; pronuncia-se algo como "flõmsbana").

É uma das ferrovias de montanha mais íngremes do mundo, que segue de Myrdal para Flam à taxa de 1 m para cada 18 m percorridos.

São 20 túneis, alguns através da rocha e outros simples coberturas de madeira para proteger a composição das avalanches de neve e de pedra. Aqui não há lado preferível no vagão. Quase ninguém fica sentado durante uma hora de percurso. Os turistas zanzam de uma janela à outra, no afã de tirar fotos das paisagens de cortar o fôlego: vales profundos, rios e cachoeiras de degelo, fazendas que parecem maquetes.

Após apenas 20 km chegamos a Flam, estação na ponta do fiorde Aurland, um dos dois braços finais em que se divide o fiorde Sogne (que tem 204 km de extensão e alcança profundidade de 1.308 m). O outro é o fiorde Naeroy, consagrado pela Unesco.

#### COM OU SEM EMOÇÃO?

Contornamos o "V" dos dois braços, até Gudvangen, num bote de borracha com bancos. Um "safári" que custa € 55 (R\$ 165) e obriga o turista a se enfiar, com roupa e tudo, em trajes especiais para sobrevivência nas águas geladas. Não sem algum exagero, no nome e na precaução, pois o percurso é feito em total segurança e sem "emoção", como diriam bugueiros de Natal ou Fortaleza.

Porém, é impossível não se

Paisagens de tirar o fôlego emolduram viagem de trem por Flam



Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 de julho de 2014. *Turismo*, F5.

Anexo 14 - Exemplo de notícia que se refere ao contexto de produção (continuação do texto anterior).

FOLHA DE S. PAULO

QUINTA-FEIRA, 10 DE JULHO DE 2014 ★ ★ ★ turismo F5

Divulgação/Visit Flam



emocionar encarando o fiorde Naeroy desde a sua superfície plácida. Não tem igual a combinação majestosa do azul da água (e do céu nela refletido) com o verde da floresta e o marrom acinzentado das rochas.

Não foi a primeira vez em que atravesssei um fiorde, mas me vi mais uma vez assaltado pela estranheza de cachoeiras despencando diretamente no mar.

Há algo de contraditório nessa paisagem, ao menos para um brasileiro. São dezenas, centenas de quedas — algumas simples fios d'água, outras gigantes que se projetam no abismo.

O ônibus que esperava em Gudvangen nos conduz para a surpresa seguinte, tão sensacional quanto a anterior: 15 minutos de helicóptero da empresa Helliift (€ 1.300, por hora; R\$ 3.900), por cima de uma geleira e em meio a nesgas de sol entre nuvens, até os jardins impecáveis do hotel Ullensvang, em Lofthus, na beira do não menos fotogênico fiorde Hardanger.

Um dia para não esquecer. (MARCELO LEITE)

Mar da Noruega

Oslo

Arendal

Mar do Norte

DINAMARCA

NORUEGA

Sete Irmãs

Stryn

Fiorde de Geiranger

Djupvasshyta

Lago Loen

Glaciar Kjenndal

Fiorde Nord

Lago Jolster

Fiorde Naeroy

Fiorde de Hardanger

Planalto de Hardangervidda

Bergen

**PACOTES**

**R\$ 6.680**  
Oito noites na Noruega e na Dinamarca, com café, traslados, dois jantares, cruzeiro de Copenhague a Oslo, ferry cruzando fiordes, e outros passeios. Sem aéreo. Na Agaxtur: (11) 3067-0900; agaxtur.com.br

**US\$ 3.198 (R\$ 7.067)**  
Seis noites na Noruega, com hospedagens em Bergen, Skei, Alesund e Oslo. Com aéreo, café e um jantar, cruzeiro por fiordes e ida ao glaciar Briksdals, entre outros passeios. Na ADVtour: (11) 2167-0633; advtour.com.br

**€ 2.376 (R\$ 7.137)**  
Pacote de 14 noites, sem aéreo, entre Dinamarca, Noruega, Suécia, Letônia, Estônia e Finlândia, com café e três jantares. Inclui cruzeiro noturno e outros passeios. Na Freeway: (11) 5088-0999; freewayviagens.tur.br

**US\$ 4.118 (R\$ 9.100)**  
Dez noites, sem aéreo, passando por Noruega, Dinamarca e Suécia, com café, tours e cruzeiro noturno. Na New Age: (11) 3138-4888; newage.tur.br

**US\$ 5.389 (R\$ 11.908)**  
Pacote da Disney para sete noites, passando por Bergen, Flam, Geiranger e Oslo. Inclui sete cafés, seis almoços, cinco jantares e passeios. Não inclui aéreo (o tour pega o turista no aeroporto de Bergen e o leva para embarcar em Oslo). Em setembro. Reservas: (1) 800-5430865.

Marcelo Leite/Folhapress



**Fiorde Naeroy, uma das paisagens declaradas patrimônio da humanidade pela Unesco**

Folha de S. Paulo, São Paulo, 10 de julho de 2014. *Turismo*, F5.

## Anexo 15 – Exemplo de infográfico com a função principal de mostrar como funciona

FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 2014 ★ ★ ★ tec F3

# patrulha na REDE

Quais princípios definem o que **pode** e o que **não pode** no Facebook? Entenda como funciona o processo de **análise e exclusão** de conteúdo

**STEFANIE SILVEIRA**  
DE SÃO PAULO

Casos de remoções de postagens no Facebook ocorrem a todo instante. A rede avisa que tira do ar conteúdo que considera inadequado por violar seus termos de uso.

Nessa categoria, já entraram a capa do disco "Nevermind", do Nirvana (é ilustrada por um bebê nu), o quadro "A Origem do Mundo", de Gustave Courbet (mostra a genitália feminina), além de imagens que hoje seriam permitidas—seios durante amamentação; beijo entre homens; e mulheres mastectomizadas (que passaram por remoção de mama).

Em dezembro de 2013, a Folha teve dois posts deletados, por exemplo. O primeiro tinha mulheres seminuas em um protesto do Femen. O segundo, um "toplessaço". Segundo o Facebook, para avaliar o material publicado, a equipe de monitoramento adota um conjunto de padrões que inclui reação dos usuários, leis locais, práticas de empresas do setor e recomendações de entidades globais e de direitos humanos.

O número de denúncias não influencia na retirada de um conteúdo, diz a rede. Se a postagem violar os termos do serviço, um alerta é o suficiente. Após recebida, a denúncia passa por uma triagem, em que é classificada de acordo com as regras (facebook.com/communitystandards) e a urgência do caso.

## O CAMINHO DA POSTAGEM

O passo a passo até chegar à remoção de conteúdo no Facebook

**POST**

**POSSIBILIDADE 1**

Para fazer uma denúncia basta clicar no link ao lado da publicação. É possível verificar o status no Painel de Suporte, assim como suspendê-la

Caso você tenha feito **tudo certo** e não infringiu nenhuma regra do serviço, o conteúdo é exibido na linha do tempo e seus contatos podem ter acesso a ele

Uma postagem pode ser retirada do ar sem aviso, caso a infração seja clara (veja ao lado), ou ser submetida à análise de uma equipe multidisciplinar que, segundo a rede social, trabalha 24 horas, sete dias por semana, em mais de um lugar do mundo (o tamanho e perfil da equipe são mantidos em sigilo).

No mês passado, o Facebook modificou um trecho de suas diretrizes, indicando que o contexto das imagens é importante em uma remoção, e que decidiu liberar seios em fotos de amamentação e de mulheres que tenham passado por mastectomia, por exemplo.

Grupos defendem mais liberações, como a de partos normais e obras de arte com nudez.

**POSSIBILIDADE 2**

O conteúdo que você publicou **infringiu** alguma regra do Facebook e foi **denunciado** por outros usuários. As denúncias são **anônimas**

Independente de ocorrer uma denúncia, o Facebook pode **remover qualquer conteúdo** se julgar que **viola as políticas** da empresa

O perfil responsável pelo conteúdo impróprio não sabe de onde partiu o alerta para o Facebook. Enquanto o material é **analisado** pela equipe responsável, a **postagem fica no ar**

Se o conteúdo foi considerado **impróprio** após a verificação da denúncia pela equipe responsável, você será **avisado** e poderá se **justificar** para a rede

Se após a análise for concluído que não houve infração, o conteúdo **fica no ar**

Se após a **justificativa** a equipe considerar que seu conteúdo não viola as regras do serviço ele **pode continuar no ar**

Se mesmo após a **justificativa** o Facebook considerar que a postagem viola os termos do serviço, ela é **retirada do ar**

O usuário que **violar** repetidamente os direitos de propriedade intelectual de outra pessoa poderá ter a **conta suspensa** ou até **excluída**

**POST NO AR**

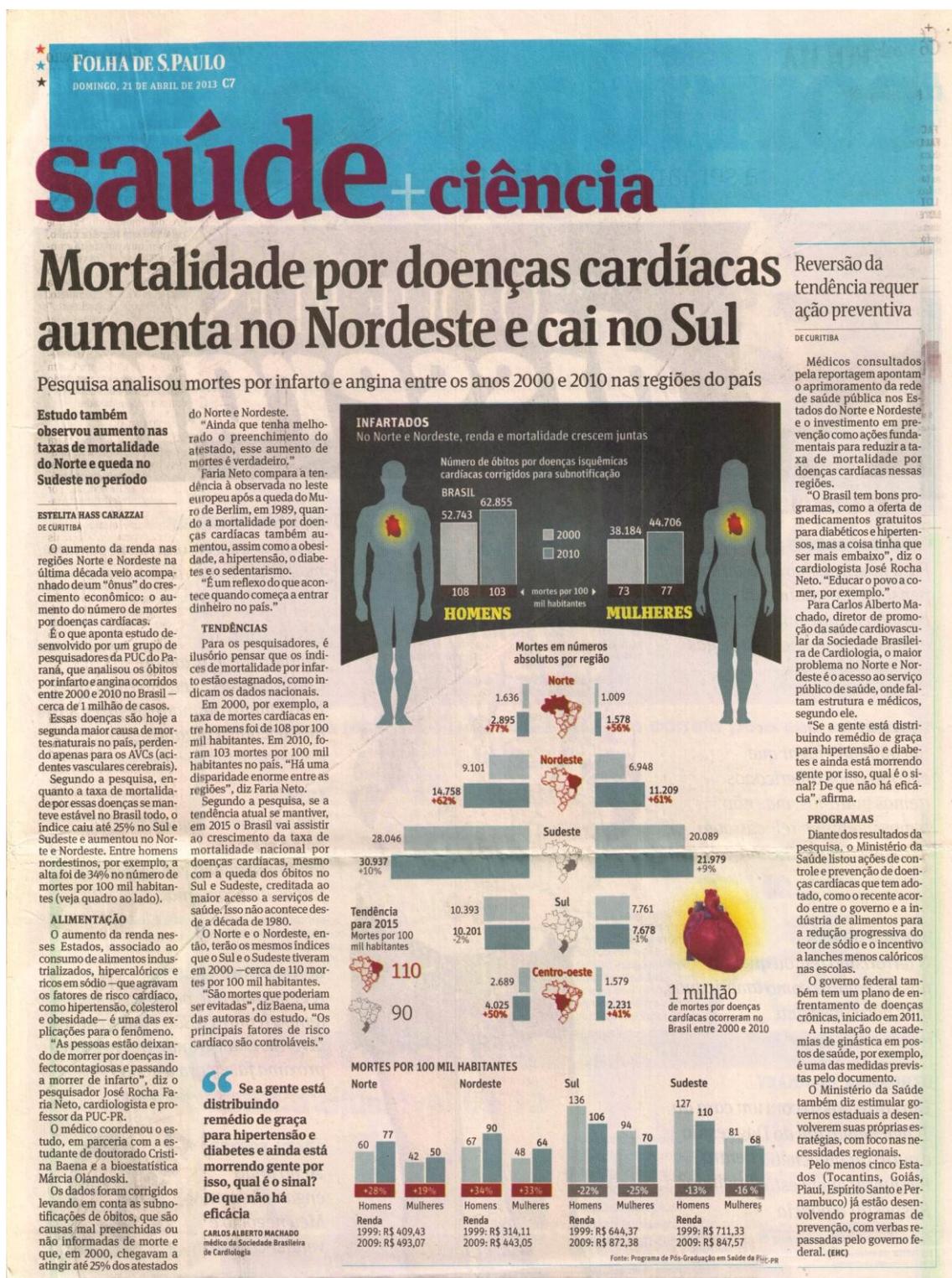
**POST FORA DO AR**

**f REGRAS**  
O que pode ser alvo de denúncia no Facebook

- **DISCURSO DE ÓDIO**  
Conteúdos que ataquem pessoas com base em sua raça, etnia, nacionalidade, religião, gênero, orientação sexual, deficiência ou doença
- **BULLYING E ASSÉDIO**  
Comportamento abusivo direcionado a pessoas em particular
- **AUTOFLAGELO**  
Conteúdos que promovam ou encorajem automutilação, distúrbios alimentares e abuso de drogas
- **VIOLENCIA E AMEAÇAS**  
Conteúdos que demonstrem risco real de lesões físicas ou ameaças à segurança pública
- **NUDEZ E PORNOGRAFIA**  
Qualquer postagem pornográfica, com material sexualmente explícito ou de pedofilia
- **IDENTIDADE**  
Contas falsas ou múltiplas
- **PROPRIEDADE INTELLECTUAL**  
Postagens que violem direitos autorais
- **TRANSAÇÕES COMERCIAIS**  
Comercialização de objetos relacionados a armas de fogo, álcool, tabaco ou produtos de conteúdo adulto
- **SPAM**  
Contatos comerciais sem o consentimento dos usuários

Fonte: Facebook

## Anexo 16 - Exemplo de infográfico com a função principal de mostrar conceito (resultado de pesquisa)



Anexo 17 – Exemplo de infográfico com função de mostrar quem (“Quem ganha e quem perde”).

A8 poder ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 18 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

# Novo partido pode deflagrar disputa judicial

PSD de Kassab ameaça ir à Justiça contra a possível migração de deputados para a sigla criada com a fusão PPS-PMN

**Batizada de Mobilização Democrática, legenda teve processo acelerado para escapar de projeto que inibe novas siglas**

DE BRASÍLIA

A criação do MD (Mobilização Democrática), fruto da união formalizada ontem entre PPS e PMN, tem potencial para gerar uma nova briga de partidos políticos na Justiça. A fusão foi antecipada depois que PT e PMDB, as duas maiores legendas governistas, passaram a pressionar a aprovação, na Câmara, de uma lei que dificulta a criação de siglas.

A proposta restringe o acesso ao fundo partidário e ao tempo de propaganda na TV, que são vitais para o funcionamento financeiro dos partidos e para a visibilidade dos candidatos.

PPS e PMN querem formar uma nova força de oposição ao governo Dilma e ensaiam dar fôlego a eventual campanha do governador de Per-

nambuco, Eduardo Campos (PSB), ao Planalto em 2014.

O MD terá inicialmente 13 deputados federais, mas trabalha para atrair mais parlamentares. A estratégia é buscar especialmente nomes do PSD, antigos opositores que embarcaram no projeto do ex-prefeito de São Paulo Gilberto Kassab, que já articula apoio a reeleição da presidente Dilma.

Com a criação do MD abre-se um prazo de 30 dias para que os políticos mudem para o partido sem o risco de perder o mandato. No radar dos integrantes do MD está a possibilidade de o ex-governador José Serra deixar o PSDB para ingressar na nova sigla.

Advogados do PSD já avaliam a possibilidade de questionar na Justiça a saída de deputados, isso apesar de a legislação prever a fusão como causa justa para um filiado deixar uma legenda sem sofrer punição.

**REDE**

A proposta de restringir a criação de partidos ganhou força diante do movimento

da ex-senadora Marina Silva, que trabalha para tirar do papel o Rede Sustentabilidade e, com isso, disputar as eleições presidenciais de 2014.

Com aval do governo, a ideia é engessar essa articulação. Atualmente, o rateio do fundo partidário e do tempo de propaganda na TV é proporcional ao tamanho das bancadas na Câmara.

Pela proposta que estava em discussão no plenário da Câmara até a conclusão desta edição, mesmo que haja troca-troca entre as legendas, com alteração de suas composições, o rateio não mudará. Isso reduz o interesse político na troca de partido por parte dos deputados.

Provável candidato do PSDB à corrida presidencial, o senador Aécio Neves (MG) criticou o projeto. Segundo ele, Dilma está querendo anular adversários em 2014.

“A presença de outras candidaturas eleva o debate. Num democracia como o Brasil, ninguém pode querer ganhar eleição no W.O”, afirmou o senador tucano. (MÁRCIO FALCÃO E ERICH DECAT)

**QUEM GANHA E QUEM PERDE**  
Projeto dificulta a criação de partidos

GANHAM	PERDEM
 <b>Dilma Rouseff (PT)</b> Favorita à reeleição em 2014, a presidente pode perder votos para candidatas de novas siglas, dificultando uma vitória no primeiro turno.	 <b>Eduardo Campos (PSB)</b> O governador de Pernambuco está em busca de apoio para se lançar presidente e julga que novos partidos podem ajudá-lo na disputa.
 <b>Gilberto Kassab (PSD)</b> O ex-prefeito de São Paulo teme que membros do partido que criou em 2011 fujam para a nova legenda criada pelo PPS e pelo PMN.	 <b>Marina Silva (Rede)</b> A ex-ministra está tentando organizar uma nova sigla, a Rede Sustentabilidade, para se lançar novamente à Presidência da República.

**‘Está perdendo a noção’, diz Cid sobre Campos**

DE BRASÍLIA

O governador Cid Gomes (PSB-CE) disse ontem que Eduardo Campos (PSB-PE) está “perdendo a noção”.

A crítica foi uma reação a Campos, que antontem havia dito não ser um “desastre” aumentar os juros para conter a inflação.

O tema é sensível para a presidente Dilma, acusada pelo PSDB de ser “leniente” com a inflação.

“Quem defende elevação de taxa de juro é banqueiro. Ele está encantado pela direita”, disse Cid.

O deputado Beto Albuquerque (PSB-RS) saiu em defesa de Campos. “Desde quando aumentar juro é coisa de direita. Dilma e Lula aumentaram juros e não são de direita”, afirmou. (NATUZA NERY)

Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 de abril de 2013. Poder , A 8.

## Anexo 18 - Exemplo de infográfico com função de mostrar quem.

6 poder 2 ★ ★ ★ SÁBADO, 20 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

## APURAÇÃO EXTERNA

Comissão da Verdade investiga desaparecimento de brasileiros na Argentina

**Entenda o caso**  
A Comissão da Verdade recebeu do governo argentino 60 caixas de documentos sobre brasileiros perseguidos no país. Foi para lá investigar o caso de 11 desaparecidos

# Argentina repassa a comissão dados sobre casos de brasileiros

Edmur Péricles Camargo  
Desaparecimento 16.jun.1971  
> Dirigente do M3G. Documentos apontam que foi sequestrado pela polícia argentina — em operação com militares brasileiros

Francisco Tenório Cerqueira Jr.  
Desaparecimento 18.mar.1976  
> Pianista da banda de Vinicius de Moraes, desapareceu durante uma turnê do conjunto pela Argentina

Sidney Fix Marques dos Santos  
Desaparecimento 15.fev.1976  
> O dirigente do PORT desapareceu em Buenos Aires. Papéis indicam que foi morto por uma milícia anticomunista do país

Maria Regina Marcondes Pinto  
Desaparecimento 8.abr.1976  
> Brasileira com militância junto ao grupo de esquerda MIR, do Chile, foi sequestrada em Buenos Aires

Joaquim Pires Cerveira  
Desaparecimento 6.dez.1973  
> Fundador da FLN. Segundo documentos, foi sequestrado em ação orquestrada entre forças do Brasil e da Argentina

Sérgio Fernando Tula Silberbeg  
Desaparecimento 8.abr.1976  
> Professor de educação física, foi sequestrado em sua casa, em Buenos Aires, por agentes da PF argentina

João Batista Rita Pereda  
Desaparecimento 6.dez.1973  
> Também militante do M3G, foi sequestrado junto com Joaquim Cerveira. Em 1974, teria sido visto no DOI-Codi do Rio

Walter Kenneth Nelson Fleury  
Desaparecimento 9.ago.1976  
> Trabalhava na Ford. Foi levado do hotel onde morava por policiais vestidos de civis

Roberto Rascado Rodríguez  
Desaparecimento 17.fev.1977  
> Estudante de arquitetura, foi preso por agentes da repressão da Marinha argentina

Luiz Renato do Lago Faria  
Desaparecimento 7.fev.1980  
> Vivia na Argentina desde 1973, onde estudava medicina da Universidade de Buenos Aires

## Comissão da Verdade deve se concentrar nos casos dos 11 brasileiros mortos na Argentina entre os anos 70 e 80

Serão analisadas pelos investigadores do Brasil mais de 60 caixas de documentos hoje nos arquivos do país vizinho

dindo a residência entre a Argentina e a Colômbia.

**COOPERAÇÃO**  
São conhecidos os casos de 11 brasileiros mortos na Argentina entre os anos 70 e 80. A lista já havia sido divulgada pela Conadep (Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas), que investigou os crimes da repressão durante a gestão Raúl Alfonsín. Porém, faltam detalhes sobre as condições de suas mortes. "Há imensa boa vontade do lado argentino. Nós também nos propusemos a ajudar a investigar as desapareções de argentinos em território brasileiro no período", disse Pinheiro.

Existem, pelo menos, cinco casos de militantes argentinos que sumiram no Brasil. Além dos documentos, a comissão pediu acesso a detalhes do julgamento da Esma (Escola Mecânica da Armada), que terá desenlace neste ano, que possam revelar detalhes sobre os casos brasileiros.

O caso mais famoso é o do pianista Tenório Jr., o Tenorinho, músico da banda de Vinicius de Moraes, desaparecido em 18 de março de 1976, poucos dias antes do golpe militar no país.

Depois da Argentina, a comitiva ainda visitará o Paraguai, o Uruguai, o Chile e outros países onde são conhecidos casos de brasileiros desaparecidos.

"É preciso reforçar, apenas, que há muita diferença entre o caso argentino e o brasileiro. Aqui, eles vêm investigando para julgar, o que não é o nosso caso, que é apenas esclarecer", afirmou Paulo Sérgio Pinheiro.

Desde os anos 80, e com especial ênfase nos governos Kirchner, a Argentina levou aos tribunais mais de 700 casos, entre eles o de ex-ditadores como Jorge Rafael Videla, que hoje cumpre pena de prisão perpétua.

**Os documentos podem ajudar a esclarecer a morte de brasileiros aqui no tempo em que ambos os países viviam ditaduras. Também podem dar pistas sobre sistemas de colaboração entre os governos militares**

PAULO SÉRGIO PINHEIRO  
coordenador da Comissão da Verdade

Sylvia Colombo  
DE BUENOS AIRES

O coordenador da Comissão da Verdade, Paulo Sérgio Pinheiro, disse ontem em Buenos Aires que serão investigadas mais de 60 caixas com documentos relevantes para a apuração de crimes cometidos contra brasileiros pelas ditaduras dos dois países. Os papéis encontram-se atualmente na chancelaria e nos arquivos argentinos.

"Os documentos podem ajudar a esclarecer a morte de brasileiros aqui no tempo em que ambos os países viviam ditaduras. Também podem dar pistas sobre sistemas de colaboração entre os governos militares", disse, em entrevista a jornalistas.

Pinheiro e uma equipe de investigadores foram recebidos nos últimos dias por autoridades argentinas e por entidades relacionadas a direitos humanos, como as Mães e as Avós da Praça de Maio, e pelo ex-juiz espanhol Baltasar Garzón, atualmente divi-

Folha de S. Paulo, São Paulo, 20 de abril de 2013. Poder 2, p. 6.

## Anexo 19 – Exemplo de infográfico com função de mostrar onde (“Por dentro do jardim do Brasil”).

F6 turismo ★ ★ ★ QUINTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2013 FOLHA DE S. PAULO

# Grutas guardam desenhos de cerca de 10 mil anos

Além de pinturas rupestres, serra abriga espécies endêmicas da flora e fauna

**Entre as flores, há a canela-de-ema gigante, que atinge até seis metros de altura; mico também pode ser visto**

COLABORAÇÃO PARA A FOLHA, NA SERRA DO CIPÓ

O turista que vai à serra do Cipó pode conferir pinturas rupestres em grutas.

Os registros mostram que houve ocupação humana há mais de 10 mil anos na região, que hoje divide duas importantes bacias hidrográficas do país: a do rio São Francisco e a do rio Doce.

Alguns desenhos rupestres sofreram vandalismo por parte de visitantes, outros estão intactos.

Marcelo Amend/Folhapress



**Inscrição rupestre encontrada na serra do Cipó**

E pesquisadores acreditam que deva haver mais inscrições espalhadas na serra.

Além das inscrições nas rochas, o turista ainda tem a chance de ver espécies endêmicas da fauna e da flora brasileiras na serra, que fica ao sul da cadeia do Espinhaço, a única cordilheira do país.

A diversidade da região onde a serra está — que possui várias espécies de plantas e animais ameaçadas de extinção — faz com que a área seja protegida pela Unesco e reconhecida pelo órgão como uma das seis reservas de biosfera do Brasil.

O mico-leão-dourado, endêmico da mata atlântica brasileira, ou o tamanduá-bandeira, existente só nas Américas Central e do Sul, são encontrados em grande número na serra. Mais difícil é se deparar com veados, cachorros-do-mato e onças-pardas, mas não impossível.

A planta mais interessante é a canela-de-ema gigante, que alcança até seis metros de altura. Em seus troncos, encontram-se bromélias e orquídeas, além de vários tipos de fungos. (CARLOS BOZZO JUNIOR)



**POR DENTRO DO 'JARDIM DO BRASIL'**  
Burlle Marx deu esse apelido à serra do Cipó; o parque nacional de mesmo nome fica a 100 km de BH

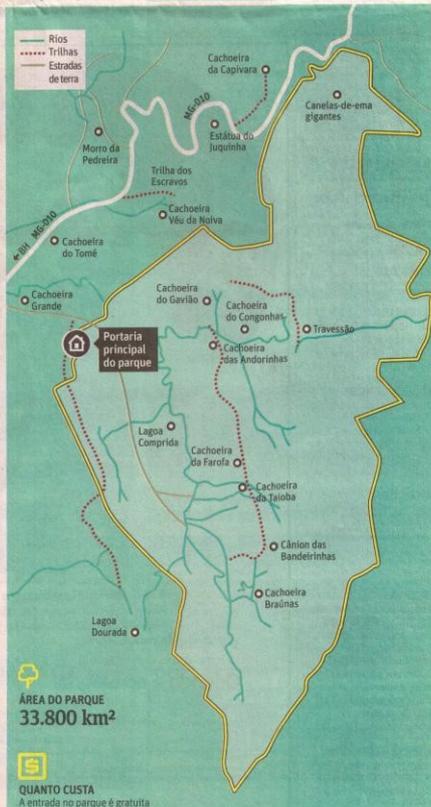
**COMO CHEGAR**

Pela rodovia MG-010, a partir de Belo Horizonte, são quase 100 km de carro, seguindo no sentido serra do Cipó.

As empresas Siero (siero.com.br) e Satiitir (satiitir.com.br) fazem o trajeto de ônibus; ida e volta sai, respectivamente, R\$ 51,20 e R\$ 46,90



**O PARQUE**



— Rios  
..... Trilhas  
—— Estradas de terra

Cachoeira da Capivara  
Canelas-de-ema gigantes  
Estádio do Juquinha  
Morro da Pedreira  
Tribuna dos Escravos  
Cachoeira Vêu de Noiva  
Cachoeira do Tomé  
Cachoeira Grande  
Cachoeira do Gavião  
Cachoeira do Congonhas  
Travessão  
Portaria principal do parque  
Cachoeira das Andorinhas  
Lagoa Comprida  
Cachoeira da Farofa  
Cachoeira da Taloba  
Cânion das Bandeirinhas  
Cachoeira Braúnas  
Lagoa Dourada

ÁREA DO PARQUE 33.800 km<sup>2</sup>

QUANTO CUSTA  
A entrada no parque é gratuita

## Guias Visuais de Bolso

Guia e mapa: a cidade na palma da mão

Milão, Lisboa, Las Vegas, Praga, Nova York e outros destinos incríveis detalhados em guias práticos e baratos

<b>NOVA YORK</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>PARIS</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>LONDRES</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>PRAGA</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO
<b>TORONTO</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>VENEZA</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>VANCOUVER</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO	<b>SÃO FRANCISCO</b> GUIA E MAPA A CIDADÃO NA PALMA DA MÃO

De: R\$ 21,90  
Por: R\$ 18,50 cada

www.livrariadafolha.com.br/guidebolso  
Tele vendas 0800-140090

**LIVRARIA DA FOLHA**  
www.livrariadafolha.com.br

## Anexo 20 – Infográfico (“Veja a série, leia o livro”) com as funções de mostrar quando e mostrar quem ou o que

E4 ilustrada ★ ★ ★ DOMINGO, 21 DE ABRIL DE 2013

FOLHA DE S. PAULO

# Editoras apostam em livros sobre séries televisivas

Casas ficam atentas a sucessos da TV, antes mesmo de suas estreias, em busca de guias e tramas derivadas

**“The Walking Dead” e “Game of Thrones” estão entre produções cujos bastidores serão contados em livros**

RAQUEL COZER  
COLUNISTA DA FOLHA

O editor Daniel Lameira, 25, responsável pela seleção de livros a serem publicados pela editora Novo Século, passou dois meses no início deste ano acompanhando com avidez sites de cultura pop em horário de serviço.

Ele precisava descobrir se Hugh Laurie (da série “House”) aceitaria ou não interpretar o pirata Barba Negra na série “Crossbones”, cuja produção acabara de ser anunciada pelo canal NBC.

Com Laurie, o sucesso da série estaria garantido antes mesmo do início das gravações. E o livro “The Republic of Pirates”, de Colin Woodard, usado como base para a produção, viraria uma boa aposta editorial. Era nele que Lameira estava de olho.

“O protagonista era informação importante. Assim que o anunciassem, outras editoras iriam atrás do livro, e o valor da compra dos direitos de publicação iria às alturas.

Acabamos arriscando e comprando antes do anúncio.”

A má notícia foi que, logo depois, Hugh Laurie declinou do convite da NBC. A ótima notícia veio na sequência, com John Malkovich anunciado para o papel. Agora, a Novo Século espera a série estreiar para publicar o livro.

Comprar potenciais sucessos de vendas à espera da estreia de suas adaptações para o cinema é procedimento antigo de editoras. Nos últimos anos, elas descobriram o filão das séries de TV, cada vez mais bem-sucedidas.

“Pesquisamos as séries para ter uma ideia de sua força, verificamos como foram no país de origem. Isso ajuda a balizar a compra de um original”, diz Roberta Machado, diretora comercial da Record.

Em 2011, a editora apostou em dois títulos relacionados a “Mad Men”, cuja sexta temporada estreia amanhã na HBO. Juntos, “Mad Men”, de Jerry Della Femina, best-seller dos anos 1970 que inspirou a série, e “O Guia Não Oficial de Mad Men”, venderam cerca de 5.000 exemplares.

“Livros de séries com público mais amplo, como o juvenil, vendem bem mais”, diz Roberta. Foi o caso de dois volumes baseados nas HQs e na série “Walkie Dead”, ex-

bida na Fox. Também lançados pela Record, já passam as 150 mil cópias vendidas.

A série sobre zumbis é ainda outra aposta da Novo Século, que prevê para maio “Bastidores de The Walking Dead”, de Paul Ruditis. É tendência mais recente de livros sobre série: os de imagens e informações de bastidores.

Nessa linha, a Intrínseca lançou o multicolorido “O Mundo de Downton Abbey” (GNT). Para junho, a LeYa — que já vendeu 1,4 milhão de livros de “Crônicas de Gelo e Fogo”, origem da série “Game of Thrones” (HBO) — planeja “Por Dentro da Série da HBO - Game of Thrones”.

Sairá com “tiragem limitada para colecionadores”, o que, na média superlativa de tudo o que diz respeito ao fenômeno “Game of Thrones”, quer dizer 50 mil exemplares.

E as apostas continuam. Nos últimos dias, dois títulos sobre séries foram disputados por editoras. “Homeland” ficou com a Intrínseca, e “Revenge”, com a Planeta.

“Livros sobre bastidores ou spin-offs [histórias derivadas] são decorrência da força que elas ganharam”, diz Daniel Lameira. A própria estrutura das séries ajuda: cada vez mais complexas, estimulam livros que as investuem.

### VEJA A SÉRIE, LEIA O LIVRO

Lançamentos relacionados a sucessos da TV

#### JÁ LANÇADOS

**“The Walking Dead”**  
(Galera Record; R\$ 34,90 cada um), de Robert Kirkman e Jay Bonansinga  
Livros baseados nos quadrinhos e na série de TV sobre zumbis. Os dois primeiros títulos venderam, juntos, mais de 150 mil exemplares

**“O Guia Não Oficial de Mad Men”** (Best Sellers; R\$ 29,90), de Jesse McLean  
Traz bastidores, guia dos episódios, biografias dos atores e histórico das campanhas publicitárias inseridas no roteiro, como a da Volkswagen e a da disputa Nixon x Kennedy

**“Mad Men - Comunicados do Front Publicitário”** (Record; R\$ 32,90), de Jerry Della Femina  
Original de 1970 e até 2011 inédito no Brasil, a obra virou um best-seller cult sobre publicidade nos EUA antes de inspirar a série “Mad Men”



**“The Killing”**  
(Record; R\$ 69,90), de David Hewson  
O romance é baseado no roteiro da série policial dinamarquesa, cuja versão americana acaba de ter a terceira temporada confirmada pelo Netflix

**“O Mundo de Downton Abbey”**  
(Intrínseca; R\$ 49,90), de Jessica Fellowes  
Guia das duas primeiras temporadas da série sobre a aristocrática família Crawley e seus criados, vencedora do Globo de Ouro

#### EM BREVE



**“Bastidores de The Walking Dead”**, de Paul Ruditis  
Bastidores da série, cuja terceira temporada, recém-exibida pela Fox, passa atualmente na Band. Será lançado pela Novo Século em maio



**“Por Dentro da Série da HBO - Game of Thrones”**, de Bryan Cogman  
Guia oficial da série, hoje na terceira temporada. Sai em junho pela LeYa, com prefácio de George R.R. Martin e tiragem inicial de 50 mil cópias

**“The Republic of Pirates”**, de Colin Woodard  
Não ficção em que se baseia a série “Crossbones”, em pré-produção na NBC, com John Malkovich. Sai pela Novo Século em 2014

**“Once Upon a Time”**, de Odette Beane  
A adaptação da primeira temporada, exibida no Brasil pela Sony, acaba de ter os direitos comprados pela Planeta, que a prevê para julho

Folha de S. Paulo, São Paulo, 21 de abril de 2013. Ilustrada, E4.

## **Anexo 21 – Texto da notícia em (43), sem Manchete e Linha Fina**

A Câmara de São Paulo aprovou, numa primeira discussão, mudanças na Lei Mendonça, mecanismo de fomento à cultura que deve distribuir neste ano R\$ 4,2 milhões via renúncia fiscal.

**O secretário municipal de Cultura, Juca Ferreira, classifica como “retrocesso” um dos pontos da proposta:** a devolução de 100% do total investido pelo patrocinador via isenção fiscal – este percentual, hoje, é de 70%.

O projeto de lei, de autoria do vereador Andrea Matarazzo (PSDB), foi aprovado **numa espécie de “pacotão”** – 93 projetos foram aprovados em bloco na Casa nas duas últimas semanas.

Agora, a proposta de mudança na Lei Mendonça deve seguir ara segunda discussão e, se aprovada, precisa passar pela sanção do prefeito Fernando Haddad (PT).

A Folha apurou que Haddad não deve vetar a proposta para evitar ônus político.

Quando ministro da Cultura (2008 a 2010), Juca tentou reformar a Lei Rouanet justamente no sentido oposto.

**“Se a empresa recebe 100% [de isenção], não precisa de parceria público-privada – o Estado pega esse dinheiro e aplica diretamente. Eu não concordo com isso”, diz Juca.**

A proposta de retirar da Rouanet o retorno dos 100% caiu durante a tramitação da reforma no Congresso por pressão de produtores culturais e patrocinadores – que temem a migração de recursos para mecanismos que garantem devolução total, como a Lei de Incentivo ao Esporte.

Matarazzo defende que a participação das empresas é importante porque fiscaliza os itens propostos pelos produtores culturais, algo que, para o vereador, o poder público não consegue realizar.

O texto de Matarazzo pretende aumentar o valor destinado à Lei Mendonça – definido anualmente no Orçamento-, fixando-o em 0,3% da receita dos tributos municipais ISS e IPTU.

Em 2012, a secretaria municipal de Cultura de São Paulo autorizou a captação de R\$ 6,4 milhões, aproximadamente 0,05% do valor total da receita municipal com o ISS e IPTU naquele ano (quase R\$ 15 bilhões).